REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

3º TRIMESTRE DE 1867

BRASIL E OCEANIA

Memoria apresentada ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro e lida na augusta presença de Sua Magestade Imperial

POR

A. GONÇALVES DIAS

INTRODUCÇÃO

Descrever o estado physico, moral e intellectual dos indigenas do Brasil, no tempo em que pela primeira vez se acharam em contacto com os seus descobridores, e ver que probabilidade ou facilidade offereciam n'essa epocha a empreza da catechese ou da colonisação, eis a primeira parte do problema que devo desenvolver.

Não serão precisos encarecimentos para fazer comprehender quão difficil é a tarefa, principalmente pelo decurso de mais de tres seculos, acompanhados de uma tal multiplicidade e variedade de successos, que ou puzeram em esquecimento aquellas primeiras paginas da nossa historia, ou as tornaram mais confusas.

Longe de mim a louca presumpção de deixar por uma vez aclarados e definidos factos relatados de maneira tão diversa, observações tão disparatadas e tão pouco congruentes de autoridades igualmente respeitaveis. Só com o tempo se poderão resolver algumas d'essas questões, que, parecendo affectar exclusivamente aos nossos indigenas, dizem por ventura respeito á infancia de todos os povos.

Pela minha parte, contentei-me de colligir, de confrontar e de combinar no que pude o que a tal respeito achei escripto, tirando conclusões que me pareceram justas e formando conjecturas que se me antolharam como as mais plausiveis, se não são verdadeiras. Mas, ainda assim, não será inutil este trabalho ou extracto, se o quizerem, de chronicas antigas, de livros pouco vulgares, de memorias e relações pouco lidas, e com difficuldade encontradas.

Os que se applicarem a éstes estudos agradecer-me-hão talvez o empenho de resumir em um só corpo as observações e asserções dos primeiros viajantes, credores por isso de maior conceito, apresentando-as como um só todo, cuja unidade se descortina ao través da diversidade de materias de que me tenho de occupar.

MEMORIA

CAPITULO I

EMIGRAÇÃO DOS INDIGENAS DO BRASIL

Tendo de me occupar com os homens que habitavam a porção da America Meridional, que chamamos Brasil, na épocha em que pela primeira vez se acharam em contacto com os européos, não seria fóra de proposito tratarmos primeiro que tudo da sua historia anterior, se tal nome póde caber a alguns factos desconnexos, e de algumas hypotheses que por mais bem fundadas que pareçam mal chegam áquelle limite duvidoso onde o verdadeiro e o verosimil se amalgamam.

Pouco se poderá dizer de um povo sem meios nem possibilidade de transmittir os seus actos á posteridade, — e cujas recordações não passam além da memoria de um homem, ou das tradições de uma familia ; tradições que de ordinario reciprocamente se contradizem e combatem nas relações de tribus, havia muito, dispersas e separadas ; ou limitrophes, se contrapunham n'umestado de hostilidade permanente e de odios reciprocos, que, longe de se abrandarem com o tempo, se encrudesciam cada vez mais pelo proprio facto da vizinhança. Acharemos comtudo com o Sr. Ferdinand Denis, que, na falta de dados positivos e seguros, e dos documentos que usamos consultar quando se trata da historia de um povo policiado ; as considerações tiradas do estado em que achamos os habitantes d'esta parte do novo mundo, a semelhança de linguagem e de crenças, a identidade de indole e de costu-

mes, nos podem conduzir á probabilidade historica, o maximo ponto a que nos é permittido chegar ao menos por emquanto.

O povo, corpo collectivo de individuos,é com razão assemelhado a cada uma das unidades de que se compõe. Ora, assim como o individuo conserva sempre resquicios da sua primeira educação, e, seu máo grado, se deixa influenciar das pessoas e cousas, que na sua infancia o cercaram ; assim tambem o povo, á semelhança d'aquellas nuvens que, segundo a expressão do poeta, vão tomando a configuração dos lugares por onde passaram, não se podendo nunca desquitar completamente da lembrança do seu passado, conserva os traços da sua educação politica e social, d'onde com o andar dos tempos,quando porventura se chega a converter e constituir uma nação, se vão formando as idéas, desenvolvendo as tendencias, manifestando os instinctos, que formam o seu caracter social. Quando pois queremos achar a razão d'essas idéas, tendencias e instinctos, ou melhor dos seus usos, leis e costumes, convém lançar uma vista d'olhos no seu passado, até onde elles alcançarem, como escavariamos a terra em roda de uma arvore, para descobrir no seu seio o lugar onde principiou a germinar a semente.

Esta observação, apezar de generica, terá todo o cabimento quando me occupar da semelhança de costumes caracteristicos, que observamos entre os indigenas do Brasil e os da America do Norte ; mas já não será ociosa n'este lugar, quando nos importa antes de tudo tratar do movimento da população americana no Brasil, em epochas anteriores ao seu descobrimento.

Em um succinto trabalho, ha tempos publicado, em que me aventurei a tocar de passagem n'esta materia, deixei dito como me parecia provavel, que o movimento da popu-

lação americana no Brasil se tivesse effectuado de norte a sul. Então como agora, deixámos de parte o exame de d'onde provieram esses povos : questão que é sem duvida do mais alto interesse, mas que pouco faz ao nosso caso, accrescendo que no seu desenvolvimento arriscariamos perdermos, como alguns outros, no labyrintho inextricavel das epochas primitivas da nossa historia.

Dissemos que a emigração teria caminhado do norte para o sul ; e, como no Oyapock e Amazonas encontrassemos tudo quanto era mister á vida do selvagem, pareceu-me tambem que aquelles lugares deveriam ter sido o centro d'onde partiram continuadas levas de indios, que com o crescimento da população, e instabilidade da sua vida, e curso dos annos, se espalharam por todo o nosso litoral. Não foi opinião formada sobre meras conjecturas para explicação de factos conhecidos ; pois ainda agora tenho para mim que se basêa em factos, e se deduz do raciocinio.

Em primeiro lugar é para mim fóra de duvida que a raça *tupy*, longe de ser autochthona, era a ultima ou a unica raça conquistadora. Uma prova do que avançamos se encontra na propria linguagem de que usavam ; prova que se vai prender a considerações tiradas do seu estado, que fazem muito para o ponto em discussão.

A renhida luta que em todas as partes os *Tupys* sustentavam contra as tribus do interior, poderia provir da sua indole bellicosa ; das suas instituições que consideravam o mais guerreiro como o mais digno de louvor e de estima ; reservando todos os premios da vida futura para aquelles que sabiam affrontar a morte, as privações e os trabalhos com indomavel coragem. E' este um ponto de contacto que tem entre si todos os povos selvagens, e principalmente os da America Meridional. Achamos a estes homens sempre em luta e desavindos, ainda que visivelmente pro-

venham da mesma origem. Porém as tribus do interior muitas vezes tratavam pazes entre si, assim como as do litoral umas com as outras ; emquanto não ha exemplo, ou bem raros são, se os ha, de que ao menos temporariamente estas se alliassem a áquellas. Este facto, grandemente siggnificativo pela sua constancia, me faz crêr que entre umas e outras d'estas tribus prevalecia uma causa de inimizade rancorosa e indelevel ; a lembrança de odios antigos e de sanguinolentas represalias, ou antes a conquista ; unico motivo que poderia ter operado uma scisão tão profunda.

Factos de tal ordem não podiam deixar de ter os equivalentes representados na linguagem commum. E' isso o que observamos ; porque, ao passo que muitas vezes chamavam pelos seus nomes proprios as tribus co-irmãs, com quem guerreavam, ou as indicavam como suas contrarias *tapuyas* ; as tribus do interior eram designadas sempre pela palavra generica « *tapuya* » ; mas com a declaração de que eram outras differentes das primeiras : « *Tapuyas caa-póras* », inimigos habitantes do interior (1).

(1) Em qualquer dos nossos antigos escriptores se encontra o verdadeiro sentido da palavra—*tapuya*— tão generica que applicavam aos europêos, quando em estado de guerra com elles ; ainda que para estes tivessem o termo proprio—*çobayana* —(contrarias), mas que tanto vale como se dissessem homens d'além, da outra parte. *Caa-póra* segundo o autor da *Poranduba Maranhense*, quer dizer « habitantes de matas agrestes e rudes » ; mas a palavra *póra* indica que o sujeito participa intimamente da natureza da cousa a que se liga, ou do lugar que habita. *Ybake-póra*, o que está no inteiro gozo da bemventurança, o que participa da natureza celeste: é o mais expressivo de todos os vocabulos para exprimir a idéa que fazemos de um « bemaventurado. » *Tata-póra*, de que fizemos *catapóra*, quer dizer o fogo intimo, o fogo que está dentro. *Tapuya-caapóra* designa o inimigo ; mas o inimigo tão agreste e selvagem como os seus matos : designa o gentio (*Diccionario Portug. e Brasil.* vox *gentio*) não no sentido catholico ; mas o gentio, o selvagem, mesmo para outros selvagens.

Ha ainda outro exemplo, tirado tambem da sua linguagem, e que me parece provar concludentemente que os *Tupys* eram os conquistadores; e não os primitivos habitantes do paiz : é o uso de certas palavras, de certas phrases, de certas interjeições, de que só as mulheres se serviam ; emquanto os homens tinham outras da mesma ordem, exclusivamente suas, para designar os mesmos objectos ou exprimir os mesmos sentimentos.

Bastantes exemplos d'estes, e não sómente alguns, como na sua *Historia da provincia de Santa Cruz* pretende Magalhães Gandavo (2) temos na lingua geral ; sendo muito para notar-se que isto se observa principalmente nos vocabulos de que se serviam para exprimir os differentes gráos de parentesco, taes como filho, primo ou prima, sobrinho, neto, nora, genro, sogro, etc. Ora, os indios que tinham o costume de devorar os prisioneiros, reservavam, como os *Caraibas* (3),as mulheres para o captiveiro, não por nenhum sentimento de generosidade ou de grandeza ; mas porque d'ellas careciam para o serviço do campo na paz, e transporte das bagagens na guerra e em suas marchas. O numero d'estes vocabulos deveria ter sido considerabilissimo nos primeiros tempos da conquista ; mas os que chegaram até nós bastam para provar o entrelaçamento de duas raças differentes. Estas allianças em tão vasta escala só se podiam effectuar por meio da força, e trouxeram naturalmente esse resultado ; porque as mulheres tendo pouca communhão com os homens, e vivendo afastadas d'elles até nas suas festas e banquetes, puderam consérvar muitas das

(2) Alguns vocabulos ha n'ella de que não usam senão as femeas ; outros que não servem senão para os homens. Magalhães Gandavo, cap. 10.

(3) A fœminis abstinebant cannibales appellati. Hist. Venet. edição de 1551, pag. 83.

expressões a que estavam habituadas, e transmittil-as ás filhas, suas companheiras assiduas. Os filhos, porém, que desde a infancia se applicavam aos exercicios guerreiros, vivendo na companhia dos homens, perderiam com facilidade este habito. Não se nota este facto entre os *Caraibas* do continente, povo que tinha os mesmos habitos, e, segundo é de crêr, a mesma origem; mas apparece já entre os das Antilhas, dos quaes escreve o padre Raymond Breton (4); « Os homens têm muitas expressões que lhes são proprias, que as mulheres bem comprehendem; mas de que senão servem nunca. E as mulheres tambem têm as suas palavras e phrases, de que os homens não usam sob pena de serem escarnecidos. D'onde vem que, escutando uma boa parte, dir-se-hia que as mulheres têm uma linguagem differente da dos homens.... pela differença no modo de fallar de que os homens e as mulheres se servem para exprimir a mesma cousa. » A explicação d'este autor pareceu-me tão satisfactoria, que a adoptei,

Assim pois eram os *Tupys* a ultima ou a unica raça conquistadora: podemos concluil-o pois que eram elles os mais bem aquinhoados. Digo a ultima ou a unica; porque ao través de tantos seculos barbaros, nada de positivo se póde affirmar sem receio de se cahir em erro. Fallam as suas tradições de um grande cataclysma, após o qual elles se haveriam estabelecido n'estas paragens. Talvez usassem d'esta linguagem figurada para exprimir uma grande revolução ou emigração, como usam os *Mexicanos* do mesmo modo de dizer para significar uma invasão de povos barbaros; mas se por este cataclysma elles entendiam realmente o diluvio, (ainda que isso não seja muito de suppôr), fica ainda a tradição servindo de prova da recordação

(4) Histoire naturel et moral de Isles Antilles. cap. 10 pag. 394.

longinqua que elles tinham, não das circumstancias, mas de um tempo da sua emigração.

O padre José da Costa diz ser corrente entre elles, que depois do diluvio sahira de um lago um homem portentoso chamado « *Veracacha*, » e que das entranhas de uns montes sahiram uns homens nunca vistos feitos pelo sol. Quererá isto dizer que o Brasil em tempos remotos soffreu de duas invasões simultaneas, uma procedente dos lagos de Cundimamarca; em direcção norte sul : outra dos aborigenes do Perú, acoçados pelos *Incas* e por elles despojados de seus territorios ? E' certo que com alguma verosimilhança seria admissivel ter havido contacto senão conflicto entre elles ; pois que os *Tupys* collocam o seu paraiso alêm dos Andes.

Como quer que seja, e sem entrar mais profundamente n'esta materia, conclúo do dizer do padre da José Costa, se o lago a que elle se refere fica ao norte do Brasil, como parece dever ser, conclúo, digo que a tradição dos indigenas do Brasil, de accordo com o que supponho, faz progredir a emigração no sentido de norte a sul.

Outra tradição nos foi transmittida pelo padre Vasconcellos (5). Segundo este autor, dois irmãos vieram ter a uma paragem que os portuguezes entenderam que vinha a ser Cabo-Frio. Eram ambos casados, e tinham ambos vindo por mar com as suas familias por motivos de guerras, nas quaes por certo não levavam o melhor. Estas, segundo a referida tradição foram as primeiras familias que povoaram a America ; mas a boa harmonia que até aqui os havia acompanhado não se sustentou por muito tempo. Tinha a mulher do irmão mais moço ensinado um papagaio a fallar com tal propriedade que paracia creatura hu-

(5) Vasc. L. 1° n. 75 pag. 79.

mana, cubiçou-o a mulher do mais velho, e d'aqui se originaram taes desavenças, que, não podendo os dois irmãos continuar a viver juntos, foi o primeiro assentar o seu domicilio para as partes do sul, d'onde tirariam origem as nações de Buenos-Ayres, Chile e Perú.

E' evidentemente fabulosa esta narração, ao menos quanto aos accessorios, sendo pouco de acreditar-se a vinda por mar d'estes dois irmãos. Se vieram fugidos por causa de guerras, como nos refere o autor, muitos deveriam ter sido os foragidos ; e n'este caso tal emigração seria sem exemplo na historia dos povos barbaros, que não sabem, nem podem accumular provisões para uma viagem demorada, e cujas canôas não lhes poderiam ser de grande prestimo em navegação d'alto mar. Rejeitando porém o que ha n'isto de pouco verosimil, fica ao menos clara, na tradição conservada, a lembrança de que uma outra terra teria sido a sua habitação primitiva ; emquanto na America se encontraram outras tribus sem nenhuma recordação d'esta natureza : taes são os homens da raça *pampeana* como d'Orbigny a qualifica, e os *Tapuias* mais proximas d'elles.

Duas raças, portanto, duas pelo menos, occupavam o territorio do Brasil : uma com a mesma lingua, physionomia, armas e costumes habitavam o litoral. Todas as tribus d'esta familia eram designadas por vocabulos tirados da mesma lingua, o que tende a estabelecer certa identidade de origem entre ellas; ou, o que é mais notavel, essas designações indicam de um modo incontestavel o parentesco que as unia a todas. *Tupy*, formado da palavra *tupá*, era a tribu mãi. *Tamuya* ou *Tamoyo*, avô ; *Tupiminós*, netos ; *Tobajáras*, cunhados ; e alguns outros mais.

Outra raça, diversissima entre si, fraccionada, sempre em luta, occupava o interior. Esta pela côr da pelle, pelos

traços physionomicos pertencerá á raça *mongol* (6). Aquella tem no seu aspecto alguma cousa dos ramos menos nobres da raça *caucasica*.

Comquanto fossem ao principio descuidosamente observadas ; as dessemelhanças physicas, assim como a diversidade de indole e caracter, que entre estes homens se observa, havia aconselhado aos missionarios a discriminal-os por alguma fórma. Jaboatam os classifica igualmente em indios mansos e bravos. « Mansos, diz elle (7), chamavam áquelles que com algum modo de republica, ainda que tosca, eram mais trataveis, e se domesticavam melhor. Bravos, pelo contrario, eram aquelles que viviam sem modo algum de republica, intrataveis, e que com difficuldade se deixam instruir e domesticar. »

D'estas duas raças, a *tupy*, a raça conquistadora ou invasora, era talvez a mais numerosa, e de certo a mais forte, comquanto em alguns lugares já houvessem cedido ou fossem cedendo o terreno a seus contrarios : era a que se achava de posse das praias, das matas mais abundantes, e das margens dos rios mais piscosos.

Como foi a primeira que se offereceu aos olhos dos europèos ; a que em primeiro lugar se achou em contacto com a civilisação, dar-lhe-hemos tambem a preferencia n'este trabalho.

Donde vieram os *Tupys*, eis a primeira questão, que nos cabe elucidar. Do norte, disse eu. As margens fertilissimas do Amazonas e os paizes que ficam entre este rio e o Orinoco eram os lugares mais povoados, e os que mais vantagens offereciam a homens quasi sem morada, sem

(6) Le Brésil. (Univers Pittoresque) F. D. pag. 7 —les *Tapuyas* paraissent avoir gardé l'empreinte sauvage du type *mongol*.

(7) Jaboatam. Chronica. Preambulo 7.°

artes, sem agricultura e sem vestidos. Alli encontravam abundancia de fructos, de caça e pescado; de arvores que lhes prestavam abrigo contra as estações, de madeiras para as suas armas e canôas: alli desfrutavam um clima que era para elles temperado, e onde se multiplicavam á ponto de irem fornecendo as continuadas emigrações de indios, que d'alli vinham para occupar o restante do litoral.

A tradição, que já deixei citada, extrahida das obras do padre Vasconcellos, aponta o Cabo-Frio como a fonte e o viveiro da população brasiliense. Segundo esta versão os *Tupys*, ou os *Brasilios-guaranienses* de d'Orbigny, dever-se-iam ter estendido ao mesmo tempo para o norte e para o sul. D'Orbigny quer, pelo contrario que as suas emigrações fossem do sul para o norte. Segundo elle, os *Guaranis* estimulados pelo desejo de conquistar novas terras, cuja posse era por elles considerada como motivo de justa ufania, ou antes coagidos pela necessidade de procurar em florestas menos batidas novos meios de subsistencia; e não podendo caminhar para o sul, onde os *Charruas* ferozes e guerreiros se oppunham a que elles se apossassem do Rio da Prata, emigraram seguindo já o litoral, cujo vasto horizonte lhes mostrava sem cessar novas terras; já o curso dos rios, que lhes fazia antever paizes desconhecidos; já emfim planicies, que podiam percorrer facilmente, mostrando-lhes ao longe collinas e montanhas.

« Assim, continúa este autor (8), desceram o Paraguay e Paraná, e se estabeleceram sob o nome de *Gualachos* nas proximidades do rio Corondá, e em outras partes sob o nome de *Caracarás*, *Tembués*, *Mbêguás*, chegando pelo Uruguay até perto de Buenos-Ayres. Caminharam mais de duzentas leguas pelo interior, até ás faldas dos Andes, onde

(8) D'Orbigny. L'Homme Américain.

foram depois encontrados com o nome de *Chiriguanos.* E, como até o Amazonas se acham rastos evidentes d'esta nação, dever-se ha suppôr, segundo o mesmo autor, que ella foi seguindo o litoral,e que depois em diversas épochas, ou anteriores ou contemporaneas á conquista, subiu em canôas o grande rio e seus affluentes até o Yapurá e o Madeira. « Foram, diz elle, foram as tribus *Guaranis* que, cedendo ao impulso da emigração do sul para o norte se estenderam pela costa, e debaixo dos nomes de *Galibis* e *Caraibas*, não podendo parar no curso das suas conquistas, passaram as Goyanas estabeleceram-se no Orinoco, e d'alli se transferiram ás Antilhas, onde foram encontrados pelos primeiros europêos. »

Não contestamos as relações de semelhança que se poderão observar, e de facto se observam entre os *Tupys* e *Caraibas*: ha entre elles muitas analogias de linguagem, muita semelhança de costumes,muitas instituições identicas; e até recordações ou resquicios de contacto, que não deveria ter sido muito afastado do tempo da descoberta. As palavras de uso mais vulgar são as mesmas entre os *Tupys*,*Galibis* de Cayenna, e *Caraibas* das Antilhas ; e quando não sejam rigorosamente as mesmas, a pequena differença que n'ellas se nota poderá com razão attribuir-se á diversidade das orthographias seguidas pelos que collecionaram os seus respectivos vocabularios. A identidade da origem d'estas tres familias se acha comprovada pelas suas tradições. Os *Caraibas* se diziam descendentes dos *Galibis* de Cayenna (9), e os *Tupys* dando o nome de *Caraibas* aos mais venerados

(9) Rochefort (Histoire Naturel des Antilles) a dit que les *Caraibes* s'accordent dans leurs pretentions à descendre des *Galibis* des Guyannes. D'Orbigny. T. 2. p. 276, ob. cit.

dos seus sacerdotes, prezavam-se, segundo refere Thevet, de serem seus descendentes (10).

Não ha, porém, razão alguma para que os supponhamos vindos do sul.

Respeito muito a autoridade de d'Orbigny, e não é de leve que a rejeito. Observando de perto os *Guaranis*, tomou-os por typo de toda a raça; e do ponto em que se achava collocado pareceu-lhe que as emigrações haviam seguido a direcção dos seus olhos, persuadindo-se de que partiram d'onde elle estava, e não que já houvessem chegado até alli. Faltou-lhe consultar a historia do Brasil; se o houvesse feito, dois factos só talvez bastassem para o convencer de que aquelle movimento real, sem duvida, teve comtudo principio e direcção contraria á que elle lhe quer suppôr. E' o primeiro, a pressão que quasi constantemente se observa nas tribus do norte sobre as do sul. Desenvolveremos este ponto quando tratarmos das ramificações d'esta grande raça, que se espalhavam por todo o litoral do Brasil: então veremos como aquellas, emquanto vencidas por um lado, iam ganhando terreno pelo outro, sem que entre a ultima e a primeira se podesse determinar qual era a mais guerreira ou qual a mais numerosa. O segundo facto é o da emigração depois da conquista. Vencidos pela superiodade das armas européas, os indios se retiraram, não para o sertão, mas até por meio d'elle procurando o Amazonas e as florestas do norte. Que conhecimentos topographicos podiam ter d'estas localidades, sem nenhum meio, nem possibilidade de communicação entre si, se não fosse a experiencia ou a tradição?

Vieram pois do norte (11): e, além de outras provas, temos

(10) Moke. pag. 85.

(11) Les migrations des peuples américains se sont aussi opérées du

a conformidade dos seus costumes com os dos *Hurons* e *Iroquezes* do que facilmente nos convenceremos se confrontarmos as narrações de Ulrich Schmidel e de Hans Stadt (12): eram as suas casas e as suas tabas semelhantes ás habitações d'aquelles; os mesmos os meios de defesa que empregavam, e o uso do tabaco como distracção, e servindo nas suas solemnidades com o mesmo effeito que o incenso entre nós. Quanto ao costume de conservarem dia e noite o fogo acceso junto ás suas redes (13), podia ser isso uma recordação da vida do norte, se não tivessemos uma explicação natural na fumaça que afugenta os mosquitos, na luz que afugenta as cobras, e sobretudo no cuidado que deveriam ter na conservação d'este elemento, que só podiam obter pelo attricto e por meio de um processo extremamente moroso e cansado. Emfim é n'elles tão completa a semelhança, que Moke, o escriptor já citado, depois de descrever os costumes dos *Caraibas* e *Brasileiros*, se julga dispensado de reproduzir os mesmos traços para pintar os indios da America do Norte (14).

As emigrações dos povos selvagens, com meios escassos de subsistancia não poderiam constar de immensidade de familias : deveriam, portanto, marchar em grupos, e estabelecer-se em localidade, não tanto aprazivel, como abun-

nord au sud, depuis le sixième jusqu' au douzième siècle. Virey. L' Homme. T. 3. p. 214.

(12) Ulrich Schmidel. Cap. 21 e 42 — Stadt. Cap. 15 e 11.

(13) Os *Hurons* e *Iroquezes* (diz Lafitau) conservam sempre o fogo acceso como outros tantos deuses lares, e enterram os seus mortos da mesma maneira que os *Caraibas e Brasileiros*. Mæurs des sauvages américains. T. 1.

(14) Nous nous abstenons de retracer les details de la vie domestique des tribus du nord, pour eviter des repétions sans interêt, ces mœurs offrant peu de traits que nous n'ayons dejà indiquées, en parlant des *Caraibes* et des *Brésiliens*. Moke — 1847 pag. 213

dante e saudavel. Os que viessem depois, achando já occupado o lugar por outros da mesma raça, passariam adiante; e assim se iriam succedendo por largo espaço de tempo. Sabemos que por qualquer motivo que fosse a reproducção americana era pouco abundante ; e portanto bom numero de seculos seria preciso antes que uma quantidade diminuta de familias se reproduzissem a ponto de encher o vastissimo espaço que a raça *tupy* occupava.

Esta passagem de tropas por meio d'um territorio já possuido não era pacifica em todos os casos. Nem sempre os emigrantes se continham a ponto de respeitar o que lhes não pertencia ; nem os que os hospedavam estariam sempre dispostos a soffrer resignadamente os effeitos de suas depredações. D'aqui provinham rixas e lutas entre homens da mesma origem ; e os vencidos, como já não podessem desalojar os ferozes *Tapuyas*, teriam, para se subtrahirem a uma ruina certa, ou de se fundirem com os vencedores, ou de collocarem-se no sertão entre elles e os *Tapuyas*, sendo de posse mais facil o terreno que uns não quereriam por menos abundante, e outros desamparavam pela proximidade dos invasores.

O que d'estas considerações resulta é que as familias chegadas em ultimo lugar, seriam aquellas que se estabeleceram mais longe e mais ao sul.

Quando obrigados a retrogradar procuravam o ponto d'onde primitivamente haviam partido, como se achassem debaixo do influxo das mesmas causas, a mesma cousa deveria necessariamente ter acontecido, isto é, aquellas que se achassem mais ao norte, sitios menos combatidos ao principio, encontrando a algumas leguas de distancia lugares defensaveis, montanhas asperas, rios de curso arrebatado, alli se entrincheirariam ; emquanto as que viessem após ellas, passando além, procurariam novas

terras que lhes offerecessem as mesmas condições de segurança. Na volta como na ida o transito de homens para os quaes a guerra era um elemento, e o desejo de possuir novas terras de que careciam e que cubiçavam, originaram novas lutas. Os vencidos não podendo retrogradar, e sendo difficil a passagem por meio de populações intactas, ou se fundiram tambem com os vencedores, ou se retiraram para o interior. Por isso vemos mesclados ramos de familias distinctas, ou habitando o sertão algumas do litoral.

Aconteceria igualmente que as que viessem mais do sul, comtanto que seguissem o litoral, deveriam provavelmente ter caminhado para o norte muito além das primeiras. E' isto exactamente o que nos revela a historia; porque comquanto não determine de um modo preciso o lugar d'onde partiram os *Tupys*, nem a ordem por que as differentes familias d'esta raça se foram succedendo nas suas emigrações, achamos que, na volta, aquellas cujas pégadas podemos seguir, e que se não aniquilaram completamente, se entranharam tanto mais para o norte, quanto mais ao sul haviam habitado. Encontramos os *Tabajaras* de Pernambuco nas serras do Ibiapaba, os *Tupinambás* da Bahia no Maranhão e Amazonas; e, como se o grande rio não bastasse para este accrescimo espantoso de população, achamos profundos vestigios do *Tamoyo* entre os *Oyampis* de Cayenna, e *Galibis* da Goyana.

A proposito dos *Tamoyos*. A denominação das tribus é para mim de grande importancia, como indicando a sua origem, ou revelando alguma circumstancia da sua historia. A palavra *tamoyo* ou *tamuya* (15), com que segundo a jactancia ordinaria dos barbaros se davam pelos mais antigos

(15) *Tamuyas hostes.* Diz Anchieta no seu poema.

de todos os incolas da America Meridional, como a fonte ou tronco de que todos os outros provinham; já na Goyana encontramos com um significado religioso, como se aquella tribu reconhecesse a necessidade, na invasão, de se acobertar com o respeito devido á religião e antiguidade da sua origem, e de se proteger na volta com o prestigio do seu nome.

Queremos concluir d'aqui que as familias que habitassem as extremidades norte e sul do territorio invadido, o ponto da partida e o da chegada, longe de ser as que mais differissem em costumes, devem ser pelo contrario aquellas em que melhor se manifestasse a identidade d'origem; umas por serem berço, e outras por serem as ultimas que se haviam deslocado do grupo a que pertenciam todas. E' este o motivo por que d'Orbigny as confunde. Esta é a razão por que entre os *Tupys* eram mais que os outros respeitados, como os que guardavam mais puras as tradições da sua raça, os sacerdotes *Carijós* e *Caraibas*, o mesmo que acontecia nas Antilhas com respeito aos feiticeiros do continente (16).

Outra prova que não é para ser desprezada do curso que deveram ter tido as emigrações dos indigenas do Brasil se collige do proprio d'Orbigny, comquanto insista na sua idéa de que ellas deveriam ter marchado do sul para o norte. Como d'Orbigny é um escriptor escrupuloso, viajante que observou attentamente as differentes raças

(16) Rochefort (ob. cit. Roterdam, 1658), tendo dito que os feiticeiros do continente gozavam n'estas ilhas da reputação de grandes sabios, accrescenta (p. 2ª c. 7° pag. 351): « D'où vient qu'ils different beaucoup à leurs avis et les prient de présider à toutes leurs festes et rejouissances, lesquelles ils ne célebient guères qu'il n'y ait quelqu'un de ces *Caraibes* qui pour cet effet vont rodant çà et là par les villages, où ils sont réçus de tous avec joie, festins et caresses.

da America Meridional, deduzindo d'este estudo e de suas observações os corollarios que estabelece, não podemos, nem é justo, rejeitarmos as suas observações; mas ser-nos-ha permittido tirar d'ellas novos corollarios, que, se não o são, parecem verdadeiros.

Estudemos o quadro que elle nos apresenta das raças da America Meridional, as quaes, segundo elle affirma, guardam entre si as mesmas relações topographicas que tinham no tempo da conquista, se não é que o seu numero diminuiu consideravelmente. Tres grandes raças se nos offerecem aos olhos, a *ando-peruana*, a *pampeana*, e a *brasilio-guaraniense*, que chamamos *tupy*. « Ora, diz Moke (17), lançando os olhos sobre o mappa em que se traça a sua situação, vê-se que todas tres se prolongam sem interrupção de norte a sul, como massas, a que o mesmo impulso, tivesse dado uma direcção uniforme. Assim o local que ellas occupam, attesta tambem o sentido em que marcharam, sahindo todas do isthmo mexicano e caminhando para o meio-dia. »

Nações que nas suas generalidades parecem remontar a um typo commum, apenas differentes em alguns caracteres distinctivos, tendo os seus diversos grupos sempre em luta, já recuando, já ganhando terreno, occupavam maior ou menor extensão, mas sem que nunca se baralhassem; ainda que algumas vezes influenciadas pela vizinhança, e pela convivencia com os prisioneiros, adoptassem costumes e vocabulos que lhes eram estranhos. Em primeiro lugar os *Ando-peruanos*, estreitados d'um lado pelos Andes e do outro lado pelo Pacifico, coagidos pela necessidade e pelas circumstancias peculiares da sua posição, comprehenderam as vantagens da sociabilidade, e for-

(17) Möke. Histoire de l'Am. pag. 70.

maram-se em um corpo politico dominado pelo principio religioso. A necessidade de espalharem o seu dogma, o systema de proselytismo que tinham, os obrigaram a descer o outro lado dos Andes, e prégar a povos muito mais barbaros que elles os beneficios d'uma civilisação, que estava longe de ser perfeita, mas que era salutar e benefica.

Emquanto a religião produzia estes resultados entre os *Peruanos*, o amor da conquista, e uma indole inquieta e bellicosa, conseguia com differentes effeitos a posse do litoral do Atlantico. Os *Pampas*, porém, se pertencessem igualmente á tribu invasora, parece que deveriam ter procurado as praias do mar, onde a pesca lhes offereceria um meio facil e quasi diario de subsistencia: se o não fizeram, sendo aliás uma raça numerosa e indomavel, e mais feroz do que nenhuma outra das que habitavam esta porção da America, sou levado a crêr que, não a conquista, mas antes a necessidade os coagiu a residir nas vastas planuras, d'onde lhes vem o nome.

Os *Guaranis*, portanto, deveriam obrar sobre elles, não por excesso de coragem; mas como um instrumento physico, e sómente pela superioridade do numero. De facto, vemos os *Pampas* comprimidos do norte e léste, como se a pressão se houvesse feito sentir de ambos estes pontos, arredando-os d'aquelles que a ambição dos selvagens com preferencia a todos cubiçava, as praias do mar. E' d'este modo que podemos explicar a existencia dos *Guaranis* além do Rio da Prata, emquanto os *Pampas* ainda occupavam parte da outra margem. Era o effeito da invasão, que pouco e pouco ia ganhando espaço, cercando a tribu anterior, se não era a primitiva, sobrepujando-a pelo seu numero até que a obrigasse com o seu crescimento a procurar asylo na extremidade do sul.

A historia vem em apoio d'esta opinião. Comquanto im-

perfeitos, os annaes mexicanos merecem ser consultados, como os que unicamente podem derramar alguma luz sobre a importante questão de raças e emigrações dos indigenas da America. Estes annaes, ainda que não conservem lembrança da passagem de povos barbaros ao través do seu velho imperio, fazem menção comtudo de uma peste que durante cem annos, e em um tempo que parece corresponder ao 11° seculo da nossa éra, tinha convertido o paiz em um vasto deserto; e que a população se havia renovado por um enxame de guerreiros, *que vinham do norte.*

E', portanto, o 11° seculo a épocha menos remota em que parece ter havido a possibilidade da passagem de uma população nova para esta parte da America: e devemos concluir que não só o movimento da emigração foi de norte a sul, como que se effectuou, não de um jacto, mas por turmas successivas; o que parecem indicar aquelles cem annos de peste destruidora, de que tratam os annaes mexicanos de uma maneira tão mysteriosa.

Depois d'esta synthese, que, apezar de succinta, procurei tornar tão completa quanto me era possivel, passaremos a ver quaes as differentes tribus que habitavam o litoral do Brasil na época do seu descobrimento.

Será este o objecto do capitulo seguinte.

CAPITULO II

TRIBUS QUE HABITAVAM O LITORAL DO BRASIL

Um dos primeiros escriptores que trataram dos indigenas do Brasil foi Magalhães Gandavo: a sua Historia da Provincia de Santa-Cruz, traduzida para o francez, começou

a ter voga entre os curiosos; as suas asserções foram aceitas sem discussão; e ainda hoje é citado pelos autores estrangeiros como autoridade segura na materia, sem que soubessem, ou que lhes importasse o que a observação mais attenta de outros viajantes, ou a critica auxiliada pela experiencia, lhes podesse ter suggerido.

« Os indios da costa (diz este autor) (18), ainda que estejam devisos, e haja entre elles diversos nomes, todavia na semelhança, condição, costumes e ritos gentilicos são todos uns. E se n'alguma maneira differem n'esta parte, é tão pouco que se não póde fazer caso d'isso. »

E mais abaixo, como para prova da sua asserção, accrescenta :

« A lingua que fallam todos pela costa é uma, ainda que em certos vocabulos differem n'algumas partes; mas não de maneira que se deixem uns aos outros de entender. »

Veremos no decurso d'este trabalho que excepções se devem fazer a esta regra tão latamente estabelecida; que esses costumes são ás vezes caracteristicos, e que a linguagem variava um pouco mais do que parecia ao escriptor portuguez, satisfeito com o primeiro lançar d'olhos, sendo ás vezes inteiramente differente da lingua geral e inintelligivel para os que a fallavam.

Ao passo que pretendi demonstrar como as tribus *tupys* eram conquistadoras, procurei explicar ao mesmo tempo o motivo por que, pertencendo todas á mesma familia, podiam estar e estavam algumas vezes accidentalmente em

(18) M. Gandavo. Cap. 10.—Laet. c. 3: « As nações que habitam o litoral do Brasil são pela maior parte differentes de linguagem ; e todavia têm uma commum entre si, da qual se servem *ordinariamente* dez nações d'aquellas que moram proximo á praia do mar, e *mesmo no interior do paiz*. Quasi todos os portuguezes a comprehendem, porque é facil, copiosa e agradavel. »

guerra ; porém sempre e implacavelmente com as tribus do interior. O costume de immolarem os prisioneiros, que era entre elles motivo de ufania e de orgulho, tornava irreconciliaveis tribus irmãs, que uma vez se desaviessem, e cada vez mais pronunciada a inimizade entre as duas raças, que nunca se puderam baralhar nem confundir.

Era, porém, impossivel que os *Tupys* pudessem aniquilar de um jacto e completamente as tribus que tiveram de combater. Estas, pois, ou se conservavam pouco afastadas dos seus limites, resistindo á invasão, ou, o que é mais de suppôr, recolhidas e reconcentradas nas florestas, alli puderam multiplicar-se e tomar novas forças, emquanto a scisão se ia operando nos diversos grupos dos selvagens do litoral, e enfraquecendo-os de modo que não poderiam resistir á torrente dos vencidos, quando sobre elles voltassem, cheios de forças novas e de odios antigos.

Assim, não obstante dominarem os *Tupys* no litoral, em um e outro ponto achamos tribus differentes, que os atacavam e levavam de vencida, assenhoreando-se do territorio, d'onde, segundo antigos escriptores, deveriam ter sido expulsos anteriormente (19).

Tratamos de tribus que já desappareceram, ou que através de tão graves vicissitudes como aquellas por que os nossos indigenas passaram se alteraram completamente ; ou que, distantes de nós, estabelecidas em sitios não praticados pela civilisação, nem pelo commercio humano, exigiriam para serem estudadas e observadas recursos maiores que os do individuo. Sobram-nos comtudo autoridades, e felizmente são os autores unanimes, ou pouco discrepam,

(19) Tratando dos *Tapuyas*, diz a Noticia do Brasil. « São muitos e estão divididos em bandos, costumes e linguagem; inimigos das mais nações, que os expulsaram das praias. »

quando tratam da disposição topographica das differentes tribus maritimas. Seguindo o seu exemplo, e mais ainda o curso que nos parece ter seguido a invasão, começaremos de norte a sul, desde o Amazonas até além de Santa Catharina, que os *Tupys* já haviam ultrapassado no tempo das primeiras explorações maritimas dos portuguezes pela costa do Brasil.

Tem sido até aqui geralmente seguido o systema de se classificarem os indigenas, não segundo os lugares de que se achavam de posse, mas segundo a divisão territorial por capitanias; systema viciosissimo, porque presuppõe nos indigenas um conhecimento que elles não podiam ter, com a docilidade extrema de se accommodarem nos limites que teriam de ser demarcados aos donatarios do Brasil. As differentes tribus tinham territorio seu, com raias determinadas, que a guerra por certo não respeitava, mas de que só a conquista os podia desalojar. O conhecimento d'este territorio serve optimamente para indicar a extensão e a importancia da tribu que o avassalára.

Os *Tupys*, dissemos nós, na sua emigração ou invasão, não poderiam ter caminhado como uma torrente, nem realizado a sua expedição de uma só vez, e por meio de immensa multidão; porque a não saberiam pôr em movimento sem meios de procurar a sua subsistencia em um paiz abundante, mas sem agricultura. Deveram, portanto, ter procedido por grupos de familia; e estes grupos, não tão diminutos que podessem soffrer estorvo com qualquer obstaculo material com que deparassem, nem tão numerosos que lhes fosse impossivel ou muito difficil grangear alimentos: em qualquer dos dois casos, ficaria ou interrompida a sua marcha, ou compromettida a existencia de todos.

Estes grupos, ao passo em que ião deparando com loca-

lidades apropriadas ao seu modo de vida; com ou sem opposição, alli se estabeleceram. Como vivessem da caça e pesca, careciam para terem garantida a sua subsistencia de terras que chamassem suas; e estas só podiam alcançar pela força, só podiam conservar auxiliados pelas difficuldades do terreno. Os rios, as florestas, as montanhas, eram seus marcos divisorios ; mas quando uma das margens do rio era occupada por tribu de lingua differente da que fallavam os da margem opposta, ou quando uma floresta se interpunha entre ambas, nem sempre taes raias seriam respeitadas : então disputadas promiscuamente por ambas deveriam ser motivo de desavenças, e de ordinario o seu campo de batalha.

O Amazonas, não occupado durante muitos annos pelos europêos, ainda muito depois do descobrimento do Brasil, era a vivenda em que de preferencia se accumulavam os indigenas, ou que alli se haviam estabelecido originariamente, ou que para alli concorriam acossados e expellidos das outras partes do Brasil. Desde o Amazonas até o Rio Grande do Norte, chamado dos *Tapuyas* pela immensidade de gentio que o occupava, a população era immensa ; mas não poderemos hoje dizer quaes foram nem como se denominavam as tribus que em 1500 ou antes d'isso occupavam o espaço que medeia entre estes rios. Quando os portuguezes e francezes principiaram a colonisar essas terras, encontraram os fragmentos das raças destruidas mais ao sul ; mas esses fragmentos, ainda respeitaveis para os proprios europêos, não se teriam alli enraizado senão por um de dois meios, ou sendo amigavelmente recebidos, e havendo-se mesclado com tribus que descendiam da mesma raça, ou expellindo-as para lhes tomarem o lugar.. Quer n'um, quer n'outro caso, constituiam o maior numero ; por isso que subsistia a denominação por que eram anteriormente e em outras partes conhecidas.

Não faça duvida dizerem os historiadores (20), que desde o Pará até o rio Jaguaribe era todo o espaço occupado por immensidade de *Tapuyas*. Isto, que vai de encontro ao que procurei estabelecer no capitulo antecedente, isto é, que os *Tupys* retirando-se do sul se teriam estabelecido no litoral na parte do norte, acha-se tambem desmentido pelas suas proprias expressões. Fallam esses historiadores do tempo da colonisação d'aquellas partes, primeira occasião que tiveram de observar os seus habitantes ; e n'essa quadra sabemos que sobre os taes chamados *Tapuyas* predominavam os *Potiguares*, os *Tobajaras*, os *Tupinambás*, e mesmo os *Tamoyos* (21); tribus que elles confessam pertencer á classe dos que fallavam a lingua geral, em contraposição aos outros, que eram os indios do sertão, os inimigos das tribus da beira mar. A Noticia do Brasil diz d'esses *Tapuyas* que era gente mais domestica que os *Caetés*. Ora, já os *Caetés* eram um ramo *tupy* (22), assim chamado por viverem nas florestas ; mas, dado que fossem *Tapuyas*, se nos lembrarmos da distincção que entre elles estabeleceram os jesuitas (23), conclui-

(20) Noticia do Brasil—e o padre Vasconcellos.

(21) Laet diz dos *Tupinambás*: «Parece que elles se espalharam em todos os sentidos por toda esta região; e tão longe que os mesmos habitantes do Maranhão se dizem seus descendentes, bem como os do Pará. » Pag. 536.

(22) Esta designação de *caeté* applicada a um ramo *tupy* não póde ter outro sentido. Do mesmo modo quando Laet diz que os *Tamoyos* do Maranhão se davam por homens de *Caeté*, isso quer dizer que interrogados sobre d'onde tinham vindo, esses homens só respondiam com essa palavra, apontando para o lado d'onde essas florestas lhes ficavam.

(23) Indios mansos e bravos: aquelles que se domesticam facilmente; estes de condição intratavel.

Not. do Brasil cap. 16: « Este gentio tem a mesma vida e costumes dos *Pitagoares*, e a mesma lingua, que é tudo como a dos *Tupinambás*»

remos que estes de que se trata são verdadeiros *Tupys* : ao menos elles se davam por taes. Os selvagens que habitam presentemente estes sitios (escreveu Laet) dizem que ha quasi sob o tropico de Capricornio uma muito bella provincia, chamada Caeté, como quem dissesse grande floresta, coberta por todos os lados de um bosque espesso e de arvores muita altas, e povoada de homens que se chamavam *Tupinambás*, por sua valentia, em que excediam os seus vizinhos. Dizem, que, não podendo resistir aos portuguezes, retiraram-se ás florestas ; não se dando por seguros, atravessaram grande espaço de terras, e aqui chegaram. Dividiram-se em muitas parentellas, e tomam nome dos lugares que habitam ; — *Paraná-enguares*, os habitantes das praias ; *Ybiapab-enguares*, — os da montanhas, etc.

Occupado o espaço entre o Amazonas e o Jagoaribe, outros guerreiros supervenientes, os *Petiguares* tiveram de passar além d'este rio, tomando-o comtudo por limite (24) estabelecendo-se entre este e o da Parahyba. Achavam se portanto entre dois rios occupando o espaço que vai de 2 3/4 a 6 3/4 gráos do sul ; mas emquanto algumas vezes estavam de paz com os habitantes da margem esquerda do Rio-Grande (25) acossavam os *Tyguares* (26) que habitavam

(24) Junto da barra d'este rio (Jagoaribe) se mette outro n'elle que se chama o Rio Grande, que é o extremo entre os *Tapuyas* e os *Petigoares*. Roteiro do Brasil, cap. 7º Lêa-se *Potiguares* habitantes de Poti (Camarão). O nome do chefe designa sem a menor duvida uma tribu do litoral.

(25) Noticia do Brasil. Jab. pr. 7°.

(26) Laet diz que os *Tyguares* habitavam uma legua ao norte da bahia da Traição ; e que os *Petiguares lhes faziam guerra*. Se a palavra *Tobajaras* quer dizer — habitantes do rosto da terra : — *Tyguares* exprimiria os habitantes do nariz da terra, para indicar supremacia sobre aquelles, assim como o nariz é a parte mais saliente do rosto.

a aldêa de Tabussurá, na bahia de Ajacutibiró ou da Traição; e passando nas suas correrias o Parahyba (27) ião combater os *Caetés* (28), que lhes ficavam ao sul, como se obedecessem ao impulso da invasão, ou que apertados pelo norte, procurassem aberta pelo lado opposto. Nem só aniquilavam ao que parece os *Tyguares*, guerreavam os *Caetés*, batiam os *Tobajaras*, e levavam a devastação e o susto até a capitania de Itamaracá, onde, segundo os chronistas, fizeram consideravel damno aos portuguezes (29). «Têm (diz o autor da Noticia) os mesmos costumes e gentilidades que os *Tupinambás;* cantam, bailam, comem e bebem pela mesma ordem; são bellicosos, guerreiros e atrevidos como elles; grandes lavradores dos seus mantimentos, bons caçadores e excellentes frecheiros.»

Duas tribus da mesma origem, vindas uma após outra, occupavam o espaço que vai da Parahyba ao Rio de S. Francisco cerca de cem leguas da costa. A mais recente ou antes a do litoral, e por esse mesmo facto a mais guerreira, orgulhosa com a sua conquista, appellidou-se arrogantemente os *Tabajaras* —os senhores das aldêas—, os dominadores da beira-mar, ou descendentes da famosa tribu dos

(27) *Já haviam chegado alli com a sua conquista.* Jaboatam, pr. 7.°

(28) Senhoreavam do Rio-Grande á Parahyba, onde confinavam com os *Caetés* que são seus contrarios, e se faziam cruelissima guerra uns aos outros (Not. do Brasil). Jaboatam lug. citado, falla na sua briga com os *Tobajaras* « até os fazeram deixar muitas d'aquellas costas».

Jaboatam narra que os *Potiguares* haviam lançado os *Caetés* e *Tobajares* de Goyana, Itamaracá, e parte de Olinda e Pernambuco. « E n'isto (diz elle) mostrava ser guerreiro atrevido e ambicioso. »

(29) Briga de Pero Lopes de Sousa com os *Potiguares*, de quem foi cercado e offendido, até que os fez afastar da ilha e vizinhanças d'ella.

A Noticia do Brasil, cap. 14 diz de Pero Lopes « de quem foi por vezes cercado e offendido ». O autor refere-se á Parahyba.

Tobas (30) ; emquanto os vencidos não menos enfatuados com a sua pujança, denominaram-se os *Caetés*, como que se quizessem arrogar o dominio das florestas. Todavia não eram os *Caetés* uma tribu sertaneja, posto que vivessem nas florestas : mostravam-se em muitas partes do litoral, e em muitas d'ellas com tanta frequencia, que alguns autores sem fazer menção dos *Tobajaras*, que aliás encontramos até mais ao sul, os dão como possessores exclusivos das terras que jazem entre o Parahyba e o Rio de S. Francisco. E' certo porém que elles entestavam com os *Tupinambás*, que dominavam na outra banda do Rio de S. Francisco, a quem guerreavam, e em cujas terras entravam a saltear «Usavam de embarcações de uma palha comprida (periperi) que fazem em molhos atados com timbó, em que cabiam dez a doze indios; e muitas vezes vinham ao longo da costa fazer guerra aos *Tupinambás* (31). Ainda o mesmo facto se observa aqui, a acção constante da população do norte sobre a do sul (32).

Os *Tobajaras* e *Caetés* pertenciam á mesma origem e allavam a mesma lingua : os primeiros foram conhecidos pela docilidade e fé que souberam guardar aos portuguezes; emquanto o naufragio e assassinato do bispo Sardinha, e os decretos com que foram depois fulminados sem

(30) Diz o Sr. Varnhagen nas suas notas ao Roteiro que *Tabajaras* era nome que se dava aos indios aldêados. Nota 13 ao Roteiro do Brasil. Não sabemos quaes são os fundamentos d'esta opinião ; mas parece-nos que teria um sentido muito lato n'este caso, para ser empregado como denominação de uma tribu. *Tabajaras*, quererá dizer, como tambem a mim me quiz parecer—senhores das aldêas. *Tobajaras*, como quer o padre Vasconsellos—senhores do rosto da terra—*Toba-guá*—guerreiros da nação dos *Tobas* ou *Tobajaras*—cunhados dos *Tupys*.

(31) Noticia do Brasil.

(32) Fallando dos *Tupinambás*, diz Jaboatam « traziam guerra com os *Caetés*, mas só quando procurados por estes ».

tirar aos ultimos a reputação de valentes bellicosos que tinham, os tornaram conhecidos como gente atraiçoada, sem fé nem verdade alguma. Contra este decreto nada tiveram os colonos que allegar; porque o proveito que tiravam da escravatura indigena, fez com que todos os indios que puderam apanhar ás mãos, fossem considerados *Caetés*.

Os jesuitas por esta vez tiveram interesse em sustentar aquelle acto, que influia nas tribus indigenas um receio que lhes servia de salvaguarda. Longe pois de o combaterem, assoalharam e prégaram ao principio, que o céo se havia manifestado contra o assassinio, tornando desertos e medonhos os lugares onde elle se praticára, bem que fossem d'antes risonhos e aprazives além de todo o encarecimento.

Um facto convem registrar aqui a proposito d'estes indigenas: é a propensão que tinham as tribus da lingua geral para a musica e para a dansa; circumstancia tão notavel que nunca se esquecem os historiadores portuguezes de a mencionar. Os *Caetés* e *Tobajaras* eram igualmente musicos e bailadores: grandes musicos os chamam as chronicas.

Do Rio de S. Francisco á Bahia e inclusivamente as ilhas da sua enseada, encontramos os *Tupinambás*; uma das nações mais dilatadas da costa, que tinha tomado aquellas terras de outras nações da sua lingua, alli anteriormente estabelecidas. Querem alguns que esses fossem os *Tobajaras*; mas no interior deparamos n'aquelle tempo com outra tribu da lingua geral, vivendo entre os *Tapuyas*, guerreada por estes e pelos da beira mar; em uma posição tão violenta que se não póde explicar senão pela necessidade da força.

São os *Tupiaes* (33), e os seus alliados os *Maracas*. Estes e não os *Tobajaras* parecem ter sido os primeiros povoadores da Bahia (34). Os *Tupiaes*, tribu menos numerosa, menos aguerrida mesmo que os *Caetés*, que tambem viviam no interior, não poderam romper a linha dos *Tupinambás* para o lado do mar, como aquelles haviam feito com os *Tobajaras*; nem dominar nas matas povoadas de immensidade de *Tapuias*, sobre os quaes predominavam os *Ybirajaras* (35) conhecidos tambem pela denominação de *Bilreiros*, e aos quaes Knivet chama « *Lopos* » (36).

Se com os *Tupinambás* não observamos tão pronunciado o movimento para o sul, depende isso talvez de que, confinando elles com os *Tupin-ikins* (Tupy lateral), estariam mais estreitamente ligados entre si do que nenhuma outra tribu do litoral. No entretanto o autor da Noticia dá-os por contrarios uns dos outros, e diz-nos que os *Tupin-ikins* fugiam diante d'aquelles. Sirva-nos porém a autoridade, em falta de dados mais seguros. Laet diz que os *Tupin-ikins*, estabelecidos havia muitos annos entre os Ilhéos e Espirito-Santo, tinham sido expulsos de Pernambuco.

Da Bahia (37) e outros dizem, desde o rio Camamú até o

(33) Serão os *Tupiguás* de Leat? pag. 40. D'elles, diz Laet, que possuiam o interior do paiz desde S. Vicente até Pernambuco.

(34) O autor da chronica *Jacaré-ouassu*, trabalho de fraco merecimento, diz que a Bahia foi povoada primeiro pelos *Tapuyas*, depois pelos *Quinimuras*, depois pelos *Tupiães*, e por fim pelos *Tupinambás*.

(35) Pelo sertão da Bahia, além do Rio de S. Francisco... vivem os *Ubirajares*—senhores dos páos; os quaes se não entendem com outra nação alguma do gentio. Noticias curiosas etc. ou a Noticia do Brasil? — Confundindo o som do *u* com o de *y*, este autor escreve *Ubirajaras* em vez de *Imyrâ-jaras*—senhores das arvores.

(36) Laet. cap. 4.

(37) Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil.

rio Cricaré, habitavam os *Tupin-ikins*, estentendo-se pelas antigas capitanias de Ilhéos, Porto-Seguro e Espirito-Santo. Em guerra com os *Papanazes* (38), tinham pelo sertão alliança com aquelles *Tupiguás*, que encontramos nas terras da Bahia. Dos *Tupin-ikins* diz a *Noticia do Brasil*, que eram da mesma côr baça e estatura que o outro gentio; que a linguagem, vida, costumes e gentilidades eram as mesmas que as dos *Tupinambás* (39). « Cantam e bailam, como aquelles, diz o mesmo autor, e nas cousas de guerra são mui industriosos e homens para muito, de quem se faz muita conta a seu modo entre o gentio. »

Os *Tupin-ikins*, bem que valentes, acossados por um lado pelos *Tupinambás*, ião ganhando terreno para o sul; e a Chronica de Jaboatam (Preambulo 7) os faz progredir n'esta direcção até virem a confinar com os *Goiatakazes*.

Do Cricaré ou antes de Rerygtiba (rio que corre a 15 leguas do Espirito-Santo) até ao cabo de S. Thomé, ou, como quer Jaboatam, até á Parahyba do Sul, era todo o espaço senhoreado por tres nações de gentio selvagem, conhecidas sob o nome de *Goiatakazes*, e subdivididos em *mopiguaçú*, e *jacorito*. « Andavam, dizem os historiadores, em continuas guerras, e se comiam com mais vontade que as feras da caça. Habitavam umas campinas chamadas de seu nome, e que poderam chamar os Elysios. » Jaboatam accrescenta que tinham a côr mais clara, linguagem differente da geral, e que dormiam no chão, com a singularidade de não saberem pelejar em mato mas em campo descoberto.

Eis portanto uma tribu do litoral, differente dos *Tupys*

(38) « Dormem no chão sobre folhas; não têm grandes lavouras; mantêm-se de caça e peixe; são grandes frecheiros etc. » Os *Goiatakazes*, *Goyanazes* e *Papanazes* pertencem a mesma tribu.

(39) « São do mesmo tronco, ainda que muitas vezes tivessem differenças e guerras. » Noticia do Brasil.

na linguagem, e dessemelhantes em dois pontos cardeaes; em dormirem no chão, e em não saberem combater senão em campo. Partiam estes de um lado com os *Tamoyos* da antiga bahia Formosa, hoje Cabo-Frio, e do outro como os *Tupin-ikins* e *Tobajaras*.

Logo depois d'esta nação vinham os *Tamoyos*, que se estendiam desde a Parahyba, ou desde o Rio do Cabo de S. Thomé até Angra dos Reis, por espaço de quarenta leguas de costa no primeiro caso.

Ufanavam-se os *Tamoyos* de serem os primeiros povoadores d'esta parte da America. Ricos de tradições e de coragem, bons alliados, irreconciliaveis nas suas inimizades; teimosos e reluctantes na adversidade; vencidos, porém nunca subjugados; eram os *Tamoyos* o typo do selvagem, com todos os defeitos e vicios; mas tambem com todas as qualidades e virtudes de um povo primittivo (40). « Era este gentio grande de corpo, homens robustos, mui valentes guerreiros, e contrario de todo o mais gentio excepto dos *Tupinambás*, de quem se faziam parentes, e se pareciam na falla muito uns com os outros. São as suas casas mais fortes que as dos *Tupinambás*, e têm as suas aldêas muito fortificadas com grandes cercas de madeira. São havidos por grandes mimicos e bailadores entre todo o gentio, os quaes são grandes compositores de cantigas de improviso, pelo que são muito estimados do gentio por onde quer que vão. »

Outra tribu achamos de novo encravada entre as da raça *tupy*, desde Angra dos Reis até Cananéa: são estes os *Goyanazes*. Se é certo o que diz a *Noticia do Brasil*, que este gentio possuia e senhoreava aquella costa, até os *Tamoyos* a conquistarem; e se elles, os *Papanazes* e *Goia-*

(40) Jaboatam, Chronica.

takazes eram todos uns, vem por este modo a achar-se corroborada a nossa proposição, de que os primeiros habitantes do paiz, ao principio impellidos para o centro, já tinham cobrado novas forças, a ponto de virem disputar aos invasores a posse do litoral.

Confrontando de um lado com os *Tamoyos* e do outro com os *Carijós*, os *Goyanazes* faziam-lhes a cruelissima guerra, que por todo o litoral grassava ; porém mais mal sangrada quando alguma dessemelhança de physionomia, de costumes ou de linguagem vinha corroborar as suas sanguinolentas disputas. « Não são maliciosos nem refalsados (escreveram os viajantes d'aquelles tempos),antes são simples, bem acondicionados e facilimos de crêr em qualquer cousa. E' gente de pouco trabalho, muito molle, não usam lavouras, vivem de caça, pesca e fructos silvestres : são grandes frecheiros, inimigos da carne humana : não matam aos que captivam ; mas aceitam-os por seus escravos. Não fazem guerra aos seus contrarios fóra dos seus limites, nem os vão buscar nas suas vivendas ; porque não sabem pelejar entre o mato, senão no campo. Não vivem em aldêas como os *Tamoyos* mas em covas por baixo do chão, onde têm fogo acceso noite e dia : têm linguagem differente da dos seus vizinhos ; mas na côr e proporção do corpo os mesmos que os *Tamoyos*. »

Todos estes caracteristicos, a carencia de lavoura, o captiveiro e não o sacrificio dos prisioneiros, o não viverem em aldêas, o dormirem em covas e não em cabanas, o combaterem mulheres entre os guerreiros ; estes costumes, digo, provam que não pertenciam estes indigenas aos da lingua geral ; e justificam a Laet quando, assemelhando-os aos *Goiatakazes*,que escreve (*Waitaquazes*) e aos *Goyanazes* (*Wainazes*), acha-os semelhantes aos *Puris* do interior, bem

que estes se defendessem da chuva com ramos de arvores entrelaçados e cobertos de palma.

De Cananéa á Lagôa dos Patos ficavam os *Carijós* (41). « E' gente facil, industriosa, trabalhadora entre todas as nações d'aquella parte; amiga da paz se não é irritada, menos affeiçoada á carne humana, e amiga dos comeres dos portuguezes..... accommodada para receber a doutrina do sagrado evangelho ; porque não adoram certos deoses, nem reconhecem certas divindades, mais do que em geral e em confuso uma excellencia superior (*Tupan*), que dizem ser um estrondo espantoso que assombra os homens..... Têm e reverenciam feiticeiros, os mais em numero e os mais famosos que ha entre todas as nações do Brasil. » Será preciso ainda indicar os *Caraibas*, ou depois de os ter indicado, careceremos demonstrar que os *Carijós* pertencem á grande familia *Tupy* (42) ?

Se em alguns escriptores achamos que a sua linguagem differia da dos *Tupinambás*, vem isto, segundo me parece, de se dizer que elles se não entendiam com os seus vizinhos, sendo que estes eram por um lado os *Goyanazes* e pelo outro os *Charrúas*.

Quanto ao costume de pouparem os prisioneiros, alguns o exageraram a ponto de os fazerem inteiramente avessos á anthropophagia. Isto que estabeleceria uma differença caracteristica entre elles e os *Tupys*, supponho que nasceu de um equivoco. « Não matam homens brancos que com elles vão resgatar », escreveu o autor da *Noticia*, e d'aqui

(41) Vida do padre João de Almeida, pag. 121.

(42) « Têm os mesmos costumes, gentilidades e manhas como os *Tupinambás*. » Noticia do Brasil.

« Les *Carijós* plus rapprochés des tribus agricoles des *Guaranis* conservaient aussi une analogie riche de langage et d'habitudes avec la grande nation. » F. Denis, *Le Brésil*, pag. 33.

se concluiu sem muita reflexão que absolutamente não comiam carne humana, ou sómente que a não comiam com tanto excesso.

Em resumo, uma grande familia, cuja configuração e traços physionomicos assellam como descendentes do typo mongol, estavam ha tempos remotos estabelecidos no litoral; eram os *Pampas* ou homens da mesma raça. Os ramos d'essa grande familia, que estavam como dispersos nas paragens que avizinhavam do litoral, ou á pequena distancia d'elle, receberam dos invasores, que os desalojaram, a denominação de *Tapuyas*. Vencedores e vencidos, uns por orgulho da conquista, outros por vingança e resentimento, e ambos pela dessemelhança de linguagem e costumes que entre elles havia, nunca se poderam unir nem colligar. Guerreavam-se mutuamente: estas guerras excitavam novos odios, e a vingança ia rapidamente dizimando populações que com grande difficuldade se multiplicam.

Restos d'uma civilisação desconhecida, e d'um povo mais desconhecido ainda, os *Tupys*, quando os européos os encontraram, avassallavam grande parte da costa. Não é possivel seguil-os no principio da sua invasão; mas é muito para suppôr que os primeiros guerreiros, ainda que vencedores dos *Tapuyas*, não se poderam conservar no territorio conquistado. A estes encontramos nós como tribus sertanejas: são os *Caetés* em Pernambuco, os *Tupiguás* e *Ybirajaras* dos sertões da Bahia, e outros quasi ignorados, como os *Maracas* e *Amórpyras*.

Um numeroso concurso de guerreiros sobrevindo quando estas tribus se avizinhavam do mar, occuparam largo espaço do litoral com a denominação de *Tobajaras*, que em outras partes tomavam o nome de *Tupinambás*. Davam-se os *Tobajaras* como os conquistadores e primeiros senhores

da terra, e poderiam vangloriar-se como os *Tobas*, a que se assemelhavam nos costumes, e pelas radicaes do seu nome, e de que talvez fossem o tronco, de serem mais bravos que todos os outros povos do mundo, senhores da terra e dos veados, e dos outros animaes do campo, dos rios e dos peixes (43). O seu nome marcando, como quer o padre Vasconcellos, o lugar da sua habitação, á beira-mar, parecia revelar ao mesmos tempo a idéa de supremacia nas armas e no denodo. Senhores das aldêas se chamariam igualmente, porque de facto as suas aldêas se estendiam como um cordão nunca interrompido desde além do Maranhão até aquem da Bahia.

Outras tribus da mesma margem, obrigadas pelas mesmas causas, e seguindo o mesmo rumo, vieram disputar com as primeiras o lugar para sua residencia : tomaram os nomes, quer do chefe que as dirigiam, quer dos lugares que conquistavam, quer de outra qualquer circumstancia fortuita ; mas já então não era tão difficil o entrelaçamento, tendo de effectuar-se entre homens que tinham a mesma origem, e ainda conservavam os seus costumes. Por isso algumas das tribus antigas se refundiam nas novas, emquanto outras procuraram o sertão. Alli porém encontraram os *Tapuyas* entrincheirados nas florestas, e pouco dispostos a lhes cederem o terreno : aquellas tribus, pois, que não tinham forças para os combater, ou se não poderam accommodar com a vida das florestas, retrocederam dando novo alimento á revolução terrivel que desde éras remotas abalava esta grande porção do novo hemispherio. Os homens das florestas, os *Caetés*, restos das tribus *tupys* refugiadas no interior, vieram postar-se no campo de batalha, e combatendo os da sua origem, poderam romper em

(43) Möke, Histoire de l'Amérique, pag. 74.

alguns pontos a linha do litoral, e encravar-se entre os *Tobajaras* e *Tupinambás*.

Estes ultimos, impellidos pela corrente da invasão, apoderaram-se da Bahia e do reconcavo, batendo-se com os *Caetés* e *Tobajaras*, e disputando com estes a anterioridade da conquista, emquanto outras de suas tribus assentam as suas tabas com o nome de *Tupin-ikins* no Espirito-Santo, de *Tamoyos* no Rio de Janeiro, e de *Carijós* na lagôa dos Patos.

Novos ramos da mesma familia sahindo tambem das florestas, onde, como do seu pequeno numero se conjectura, teriam residido por mais tempo, vieram com mais ou menos fortuna disputar a posse do litoral aos recem-chegados, fazendo allianças ou guerreando-se entre si. São os *Tupiguás*, os *Maracas*, os *Arobajaras*, *Ybirajaras* e outros, cujos nomes apenas se conservam na tradição d'estas lutas.

Temos então que as tribus da lingua geral eram primeiramente os *Tobajaras*, que em tempos remotos deveram ter sido precedidos pelos primeiros *Tupys*. Vinham depois d'elles os *Potiguares*, e as suas filiaes *Heryguares* e *Tiguares*; depois os *Caetés*, os *Tupinambás*, os *Tupin-ikins*, os *Tamoyos* e os *Carijós*.

Apezar d'este movimento do occaso para léste, isto é, do sertão para o mar, as matas não se tinham esgotado. Existia nas cabeceiras dos rios, nas summidades das montanhas, na vastidão das florestas, a tribu primitiva, alimentando os seus odios e creando forças, não tanto para a conquista como para a vingança. A primeira manifestação dos projectos a que foram levados pelo augmento da sua população, assim como pela recrudescencia da sua ferocidade, foi o apparecimento no litoral das tribus *tupys* que occupavam o que na falta de termo mais apropriado chamarei terreno neutro, o qual ficava entre os senhores da terra e os conquis-

tadores. Enfraquecidos pelas guerras que sustentaram para conquistar o paiz, e estreitados depois já pelos do litoral tornados seus contrarios, já pelos do interior seus inimigos encarniçados, os *Tupys* do sertão não se abalançariam a medir-se de novo com os seus vencedores, se uma força maior a seu pezar os não arrojasse das florestas.

Os *Tapuyas* acoroçoados pelos triumphos que ião alcançando pelo terreno que ganhavam, pela guerra a que obrigavam os seus contrarios, lançaram-se como uma torrente sobre as tribus do litoral: são os ferozes *Aymorés*, os *Goiatakazes* menos guerreiros, e por ultimo os *Goyanazes*, além de muitas outras tribus mencionadas pelos historiadores e viajantes, mas cuja filiação se ignora.

Assim que, nem todas as tribus do litoral eram *Tupys*; nem todas as do interior *Tapuyas*. Nem todas por tanto eram no mesmo gráo domesticaveis; e os meios que se empregassem para a civilisação e catechese de uns, não seriam talvez igualmente applicaveis a todos. Para os *Tapuyas*, era preciso achar algum modo de se unirem,de viverem em lugares aldêados sob tal ou qual forma de sociedade e de disciplina, ao que repugnavam: para as do litoral era preciso fazer-lhes perder o amor ás lutas carniceiras, e aos sanguinolentos triumphos, em que faziam consistir toda a sua gloria.

Vejamos porém que tribus se achavam espalhadas pelo sertão.

CAPITULO III

TRIBUS QUE HABITAVAM O SERTÃO

Seria difficilimo formar-se um quadro não digo perfeito, mas satisfactorio de quaes e quantas eram as tribus dos

antigos *Tapuyas*, e que lugares habitavam (44). Os primeiros descobridores, não tendo convivido com elles, contentavam-se com a descripção das tribus do litoral, tocando nas outras muito de leve como cousa que de bem pouca attenção era digna. Não as conheciam por observação propria, mas só pelo que ouviam aos seus alliados, ou do contrario quando deparavam com ellas como os *Goyanazes* e *Goiatakazes*, encravados entre os *Tupys*, ou quando como os *Aymorés* desciam para as praias, derramando a desolação e o susto sobre os aldêamentos dos indios novamente convertidos, e as moradas apenas rematadas e mal defensaveis dos primeiros colonos: d'este modo não os podiam observar muito á vontade, quer tolhidos pelo susto que aquelles barbaros inspiravam, quer prevenidos pelas crueldades que os viam praticar. Assim não encontramos nos seus escriptos senão breves noticias, em que se exagera a infinidade do seu numero, a diversidade de suas linguas (45) com um ou outro de seus costumes; mas tudo isto destacada e truncadamente, de tal fórma que não nos guiam, nem nos servem para os distinguirmos d'uma maneira caracteristica, comquanto nenhum outro meio nos reste para o fazer.

Foram os *Tapuyas* os primeiros povoadores do paiz (46);

(44) « São muitos e estão divididos em bandos, costumes e linguagem: inimigos das mais nações, que os expulsaram das praias. » *Noticia do Brasil.*

(45) O padre Vasconcellos reduz a quatro todas as nações indigenas do Brasil; *Tupinambás*, *Tobajaras*, *Potiguares* e *Tapuyas*. Porém esta ultima, accrescenta elle, que se divide em outras nações quasi innumeraveis. « As tres primeiras fallam a mesma lingua, com pouca differença entre si; porém as dos *Tapuyas* são diversissimas. » *Vida do padre João de Almeida*, cap. 5° n. 4.

(46) « *Tapuyas*, que é o gentio mais antigo que vive n'esta costa'

e, bem que nos não seja possivel hoje remontar até a sua origem, a sua indole, assim como alguns de seus usos e costumes e o seu modo de vida, parecem prendêl-os á extensa raça dos *Pampas*, sendo uns e outros indomesticaveis, nada agricolas, nomades sempre e caçadores por excellencia. E' certo que os *Tapuyas* offereceram nos primeiros tempos incomparavelmente mais obstaculos que os *Tupys* á empreza da civilisação, além do que entre elles mesmos observaram-se contrastes e dessemelhanças de costumes, que poderão ser comparados com os dos *Tupys*, quando tratarmos das tribus d'esta raça, que foram melhor estudadas; os *Tupinambás* e os *Tamoyos*.

Era a primeira differença a linguagem de que usavam, se não eram differentes dialectos, e tão variados entre si que chegaram a ser numerados pela sua diversidade. Os *Tapuyas* são muitos, diz o autor da *Noticia*: dividem-se em nações quasi innumeraveis, lê-se na *Vida do padre João de Almeida*; mas quando querem precisar de alguma fórma a sua quantidade calculam uns as differentes nações em sessenta e nove (47), e outros em setenta e seis (48). Contam mais de cem linguas, escreveu o autor das *Noticias Curiosas*; e todavia referindo-se a informações dos indigenas eleva este numero a cento e cincoenta (49). E tanto discrepam

da qual ella foi em todo senhoreada da boca do Rio da Prata até ao rio das Amazonas.... e toda a mais costa senhorearam nos tempos atraz, d'onde por espaços de tempo foram lançados de seus contrarios. » *Noticia do Brasil*, pag. 183.

(47) F. Denis, L'Univers, *Brésil*, pag....

(48) Laet conta setenta e seis povos selvagens, indomitos em guerra sempre com os da costa.

(49) *Noticias curiosas e necessarias* l. 1 p. 22. « Que as nações que habitavam a circumferencia do rio e seus braços, não podiam contal-as, não só pelos dedos das mãos e dos pés, por onde costumam contar, mas

n'este ponto que só no Amazonas reputou o padre Manoel Rodrigues haver esse numero de cento e cincoenta nações (50); e mais de um seculo depois o padre Vieira suppunha existirem ainda n'esse rio setecentas nações (51). E para que nenhuma duvida nos restasse da sua nimia facilidade em tudo aceitarem das relações dos selvagens, intercalaram n'esta estatistica fabulas apenas criveis em um seculo deslumbrado com a maravilha do descobrimento de um mundo por tanto tempo ignorado. Taes eram os *Goyazes* ou anões, os indios da nação *Cuana*, habitantes do rio Juruá, que segundo elles não passam de cinco palmos de altura (52), os *Curiqueans* ou gigantes, os da nação *Ugina*, com rabo de 3 a 4 palmos, do que davam testemunho no tempo do ouvidor Sampaio os indios de Juruá, e resta a certidão jurada do padre carmelita frei José de Santa Theresa Ribeiro (53), que o mesmo Sampaio diz ter conhecido. Tão pouco se duvidava d'esta noticia que se julgou ter descoberto a origem d'esta singularidade no ajuntamento das mulheres com os macacos coatás, dizendo-se como prova que eram taes

nem ainda com os seixos da praia: e *indo nomeando algumas* passam de cento e cincoenta, só as de linguas differentes: e fòra maior a multidão da gente, a não ser a guerra continua e insaciavel que trazem entre si. »

(50) *Nuevo descobrimento del gran rio de las Amazoñas*: n. 36. « Està habitado de barbaros, en distintas provincias y naciones de las quales puedo dar fee, nombrandolas con sus nombres y senalandolas sus sitios, unas de vista, y otras por informaciones de los indios, que en elles avian estado: passan de ciento e cinquenta, todas de lenguas diferentes. » — *Vieira, Sermões* tomo 3.° pag. 409.

(51) Vieira. (*Vide*)

(52) *Roteiro de Sampaio*, 149.

(53) Certidão de 15 de Outubro de 1768.

indios conhecidos sob o nome de *Coatás-Tapuyas* (54). Por fim, o que para os indios devia ser mais assombroso prodigio, dizia-se existirem tambem uns indios de *pés virados*, os *Motuys*, cuja pista não podiam seguir senão com risco de cada vez mais se afastarem do inimigo que lhes fugisse. Semelhante tradição ainda hoje se conserva entre muitos dos habitantes do Pará.

Admittimos esta diversidade de linguas nos *Tapuyas* ; mas não tão latamente como se pretende ; pois, como observa Newied, a experiencia mostra que entre os povos indigenas da America, a separação das tribus, das familias e das hordas tem muitas vezes influido por tal modo sobre a linguagem, que se acham variedades e variações nos differentes ramos de uma raça,que a outros respeitos são absolutamente semelhantes. De mais d'isto, as informações n'este particular colhidas dos indios não podiam ser exactas. Só a litteratura e o commercio podem aconselhar o estudo de linguas estranhas ; e povos sem litteratura nem commercio não teriam necessidade nem occasião de se darem a este estudo, tão inutil quanto impossivel. Saberiam quando muito a lingua de alguma nação confinante, da qual alguns dos seus houvessem sido prisioneiros ; mas não bastava isto para serem acreditados quando affirmassem a existencia de cem, de cincoenta, ou só de meia duzia de linguas, asseverando que não só eram differentes da geral, mas differentes entre si.

(54) Virey na sua *Historia natural do genero humano*, suppõe que os viajantes que assellam a veracidade de tal facto, observaram macacos que julgavam homens. Todavia não é pequeno o numero d'estes viajantes: Koeping diz têl-os visto na ilha de Nisobar, Struys na ilha Formosa, Mendore e Gamelli Carreri nas ilhas de Luçon, e assim outros; mas, como bem observa Virey, o que torna o facto incrivel, é que os proprios macacos que estão mais proximos do homem não têm cauda.

A causa de tão grande discordancia provém de se haver feito a comparação com a lingua *tupy*, sem attenção para com as analogias que poderiam haver entre essas e outras linguas. Contavam-se como nações distinctas tribus da mesma familia, e a cada uma d'estas se attribuia uma lingua differente, com que os interpretes se não entendiam. Estas mesmas nações se multiplicavam indefinidamente conforme a pronunciação ou do indio que a noticiava, ou dos viajantes que as visitavam, ou dos colonos que as observavam em pontos differentes, e que por isso as denominavam diversamente. Assim passaram até nós pela negligencia dos compiladores, colhendo a esmo os differentes nomes que ião lendo nas relações dos viajantes, como estes aceitavam sem criterio os que os indigenas e interpretes lhes lembravam.

Modernamente se tem querido reduzir a uma unica a estructura de todas linguas que foram encontradas na America ; mas, sem adoptar plenamente esta opinião, que se torna suspeita pela sua mesma generalidade, não será muito arriscado considerar estas chamadas linguas differentes como girias ou dialectos produzidos pela dispersão de uma raça; e que como taes variam na razão do tempo em que se separaram, do espaço que percorreram, da distancia em que se achavam umas das outras,e das tribus com as quaes estivessem em contacto. Pelo menos a confrontação que ultimamente se tem feito da linguagem de diversos povos, considerados como distinctos, ainda que *Tapuyas*, demonstra que em grande parte estas differenças não excedem ás que observamos entre os diversos grupos de um povo que fallam o mesmo idioma.

Difficil será hoje achar-se uma resolução satisfactoria de quantas eram propriamente as differentes linguas usadas, não em toda a America, mas sómente no Brasil ; pois que

a maior parte das vezes até desconhecemos o que significa o nome de cada tribu: quando porém á semelhança de costumes e caracteres essenciaes se ajunta uma desinencia commum á sua denominação, é isto um indicio, não muito seguro, mas emfim indicio, de que devem ter a mesma origem, embora a outros respeitos diversifiquem. Assim é que consideramos como ramificações da mesma tribu os *Papanazes*, *Goyanazes*, *Goiatakazes* (55); e assim tambem as outras, muito mais numerosas, que terminam em *crans* ou *cans*, particula que parece provir do tymbira *Icrá* filho ou descendente. Todas as mais tribus *tapuyas* se devem ligar a qualquer d'estas, que talvez ao principio não fossem mais do que uma e a mesma familia.

O sertão do Brasil, pelo lado do norte, era habitado por uma infinidade de gentios; mas foram tão imperfeitas as relações que d'elles nos chegaram, que só com extrema difficuldade poderão ser classificados. Grande numero de tribus occupava as margens do Amazonas e dos seus grandes confluentes (56); mas entre ellas predominavam os *Tupinambás*, e em tal gráo que, conservando por longos annos a pureza da sua origem, qualificavam de espurios e illegitimos os *Tupinambaranas*, seus irmãos, que se haviam aparentado com outras tribus do Amazonas (57). Se

(55) A denominação das tribus *Tupys*, quando não exprimiam parentesco, terminavam geralmente em *iara*, *jara*, e *guara*, ou *guares*. *Guara*, homem, e por ampliação guerreiro. *Enguares*, diz Laet que significa habitantes. Parece que a palavra devia ser pronunciada como se antes do *g* houvesse um som indizivel, como o de *n* guttural e pronunciado com a boca fechada. *Jara*, ou *iara*, quer dizer senhor.

(56) Vide o *Roteiro do Pará até as ultimas povoações do Rio-Negro.*

(57) Das palavras indigenas terminadas em *a* ou *i* longo, fizeram os portuguezes o plural em *as*, e *is*, e outros depois d'elles, em

eram conhecidas algumas das tribus que habitavam o litoral desde este grande rio até á Bahia, o interior não foi explorado senão tempos depois da descoberta ; e ainda assim com incuria notavel. Não sabemos outra cousa senão que era povoado de *Tapuyas*. Continuando porém para o sul, as noticias se vão tornando mais precisas, e offerecem por isso mais algum interesse. Achamos confinando com os *Tupys* desde a Bahia até Porto Seguro os *Aymorés* e outras nações asselvajadas (58). Knivet, citado por Laet dá-nos tambem noticia de outra nação de *Tapuyas* chamados *Mariquitos*, que jaziam entre Pernambuco e Bahia, chegando até ao Rio de S. Francisco. Segundo o autor citado era esta nação inteiramente vagabunda ; que as suas mulheres são destituidas de attractivos, combatiam igualmente com os homens ; que vagavam inconstantes, atacando de improviso e á traição ; e se mostravam vivos e ligeiros, tanto para perseguir, como para fugir dos contrarios. Ora sómente entre os *Tapuyas* achamos as mulheres tomando parte activa nos combates, e entre todas primavam as dos *Goiatakazes*. Esta circumstancia e grande parte dos seus costumes revelam que os *Mariquitos* eram verdadeiros *Tapuyas*.

Do rio de Santa-Cruz (Porto Seguro) até ao Rio Doce

azes e *izes*, pluralisando o que já era plural. Assim escreveram *Tupinambazes*, *Maracazes*, *Perzies* (os *Perizes de Alcantara*).

Peris— campos ou brejos cheios do junco chamado *peri* pelos indios.

Rana exprime degeneração, illegitimidade, falsidade do objecto, a que se applica. *Itajuba-rana*, ouro falso. *Cana-rana*, cana bravia. *Juniparana*, Jenipapo do mato. *Tupinambá-rana*. Filho illegitimo, que não é verdadeiro.

(58) *Noticias curiosas e necessarias*

encontraram-se ainda *Aymorés*, e demais d'elles, os *Patachós, Aturaris e Puris* (59).

Comtudo algumas d'estas tribus *tapuyas* mal contentes com a posse do interior, cahiram sobre o litoral pouco tempo antes do descobrimento do Brasil; e os portuguezes as encontraram ainda formidaveis disputando aos invasores a sua primitiva habitação. São os *Goiatakazes* (60), que occupavam o espaço desde o Rio Doce até ao Cabo-Frio; em quanto outras tribus lhes ficavam pelas costas, *tapuyas* todas e todas intrataveis (61). Batendo-se de um lado com os *Tomoyos*, do outro com os *Tupin-ikins* e *Tobajaras*; tendo pelo sertão outras tribus selvagens que os impelliam sobre os seus contrarios, os *Goiatakazes*; apezar d'isso, não pareciam os offendidos, mas os offensores. « Tinham, diz Jaboatam, tinham estes indios a côr mais clara e linguagem differente dos *Tupys*, bons nadadores, *não acostumados a pelejar no mato, mas em campo descoberto* (62).

Impellidos igualmente do sertão vieram os *Papanazes*, que se batiam com os *Tupin-ikins* de Porto Seguro, e *Goiatakazes* do Espirito-Santo; aos ultimos dos quaes se

(59) As nações que habitam o sertão d'estas minas são todos *Tapuyas, Patachós, Aturaris, Puris*, e outras semelhantes: toda gente agreste. *Noticias curiosas e necessarias.*

(60) Laet.

(61) *Naticias coriosas e necessarias.*

(62) Laet. « Os *Goiatakazes* amam os campos; tão vivos e ligeiros que apanham feras na carreira: chamados tambem *Waitaynazes.* De grande estatura, combatem homens e mulheres, sem paz com nenhuma outra nação, e igualmente inimigo de todas. » —Not. do Brasil. « Tem côr mais branca, differente linguagem, e são mui barbaros. Não grangeam muita lavoura de mantimentos, plantam legumes do que se mantêm, e da caça que matam á frechadas, porque são grandes frecheiros. Não

prendiam pela semelhança dos costumes, como pela estructura da sua denominação (63).

Outros semelhantes aos *Goiatakazes* e *Papanazes*, pela singularidade de não saberem combater senão no campo, fallando tambem linguagem differente da geral, tambem descidos do sertão e igualmente *Tapuyas*, se estendiam desde Angra dos Reis até Cananéa (64). São os *Goyanazes*, (e o indio *Goiá*, habitante de Goyaz, parece ter sido o seu tronco) (65). O facto de não saberem pelejar no mato, mas só no campo, como acontecia com os *Goiatakazes*, parece dar-lhes uma origem commum, e faz suppôr que umas e outras d'estas tribus viveram por longo tempo em sitios semelhantes. Convem notar todavia que os *Tapuyas* educados nas florestas e habituados com ellas, têm incomparavelmente mais certeza no tiro quando frecham por elevação.

Poder-se-hia imaginar que o contacto dos europêos com as tribus do litoral, enfraquecendo-as, e tendo-lhes feito perder parte dos seus brios, ou que o seu envilecimento depois de sujeitos ao jugo do captiveiro, que ainda então

pelejam no mato, mas no campo; não dormem em redes, mas no chão. » Chegavam até a Bahia Formosa ou Cabo-Frio.

(63) Ficavam os *Papanazes* entre Porto-Seguro e Espirito-Santo; entre os *Tupin-ikins e Goiatakazes*. « Dormem no chão, sobre folhas : não têm grandes lavouras, mantêm-se de caça e peixe ; são grandes frecheiros. »

(64) Os *Waianazes* (escreve Laet) occupam a Ilha Grande. São medrosos, pequenos, barrigudos, de pés chatos. Homens e mulheres deixam crescer o cabello. Acha este autor e com razão que os *Puris* do interior são semelhantes aos *Waianazes*. Defendem-se das chuvas com ramos de arvores entrelaçados, e cobertos de palma.

(65) Villa Boa de Goyaz é a capital de toda a capitania assim chamada do nome de Bueno seu descobridor, e da nação *Goiá*. Memoria sobre a capitania de Goyaz. T. 5 n. 16 pag. 476. *Revista Trimensal*.

se disfarçava sob o traiçoeiro aspecto de amizades e allianças, haviam aconselhado aos homens do interior a descerem sobre elles e a tomarem vingança dos seus passados revezes. Viriam com o instincto das aves carniceiras, que farejam a carnificina, e vêm de muitas leguas distante cevar o seu bruto appetite. Poder-se-hia imaginar isto, se bom numero das tribus, de que n'este capitulo nos temos occupado, se não achasse acampado á beira-mar talvez desde antes do descobrimento do Brasil, e com certeza antes da formação dos primeiros estabelecimentos portuguezes. N'esta data comtudo era fresca a lembrança da invasão : o encarniçamento da luta, o impeto do ataque, a ferocidade das represalias provam que a conquista ainda se não havia consolidado, e que, pelo contrario, o campo era energicamente disputado.

Ainda mais, novas levas de homens se succediam, como que não tinham relações entre si, nem que as guiasse o mesmo pensamento : combatiam-se reciproca e indistinctamente onde quer que se encontravam. Era portanto que os fragmentos das tribus primitivas, repellidos pelos indios conquistadores, tinham tido tempo de prosperar e multiplicar-se no sertão; e conhecendo por fim a superioridade do seu numero e de suas forças, já chegavam a duvidar de que em algum tempo houvessem sido vencidos, e vinham de novo experimentar as forças e pleitear a posse do torrão mais abundante lavado pelo oceano. Haviam porém vivido em paragens differentes, e por tanto tempo que se podiam considerar como estranhos : d'aqui vem que se combatiam sem attenção á identidade de origem ; d'aqui vem tambem que se differençavam até na arte essencial da vida selvatica, não sabendo uns frecharem senão por elevação, e outros só horizontalmente.

Grandes e poderosas deveram ter sido as massas que

romperam o cordão formado pelos *Tupys*; e como um corpo estranho se haviam encravado entre elles, não sómente separando uma tribu das outras, mas até cortando-a em duas e mais partes a mesma tribu e a mesma gente. Assim em differentes pontos encontramos os *Tobajaras*, os *Tupinambás* os *Tupin-ikins*, já sem communicação entre si, que lhes interceptavam os seus contrarios. Mas este refluxo, este contramovimento da população estava bem longe de ter esgotado as matas. No interior abundavam os *Tapuyas* : as planicies de Minas e Goyaz, as brenhas do Piauhy e Mato-Grosso, os grandes rios, como o Amazonas, Parnahyba e S. Francisco, e as montanhas do Ceará e Bahia, continham um numero d'estes hospedes que mal podiam alimentar. Alli se haviam propagado no silencio e mysterio das florestas, perdendo inteiramente a sua primitiva linguagem, modificando-a de mil maneiras, e esquecendo as suas artes, os seus costumes, e a sua propria religião. Ferozes como as feras entre as quaes habitavam, ião creando poder e forças em uma vida toda de luta e de privações, e pareceriam tremendos aos guerreiros, e barbaros aos mesmos selvagens. Estes são os *Aymorés* ou *Aimburés* (66), que se achavam espalhados por quasi todo o sertão, onde eram e são ainda conhecidos sob diversos nomes. A mesma diversidade e multiplicidade de denominações, que se dão a si, ou pelas quaes são conhecidos

(66) Do botoque que usam, o qual na sua lingua se chama *emburé*. Querem uns que *emburé* seja o nome do barrigudo—bombax ventricosa. O nosso distincto consocio, o Sr. Capanema, se persuade que seja antes derivado da parasita aroidea de raizes aereas, chamada *imbá ou imbé*. — Dos que antigamente desvastaram os ilheos ha alguns velhos sob o nome de *Guerens*, que vivem nas margens do Itaype ou Taipé. Diz-se que se chamam a si proprios» *Endgerecknuny* :habitavam outrora entre 13 e 19 1/2 gr. entre os Rios Pardo e Doce. M. Neuwied diz que anteriormente chegavam até aos 23 gr.

entre os outros, é a melhor prova da grande extensão da sua tribu. *Crecman* ou *Cracmum* eram chamados em Minas ; era tambem o nome que se davam a si proprios, e por que foram mais geralmente conhecidos. *Endgereckmung* no Rio-Doce, *Guerens* em alguns lugares da Bahia e ainda hoje no *Itaipé*, palavra aquella que será o mesmo que *Woyen*, que na lingua *kiriri* quer dizer *Tapuyas bravos*, ou inimigos barbaros (67). Eschwege os denomina *[illegible]rari* ; os mesmos talvez que os portuguezes chamaram *[illegible]riri*. Os *Malalis* davam-lhes o nome de *Epcoseck*, que significa orelha comprida, os *Patachós* de *Namperuk*, e os *Machacalis* de *Mavon*. Para o norte vão tomando differentes denominações : são *Xamekrans*, *Pomekrans* e *Crangés* do Maranhão, os *Timbiras* do Pará. São ainda os *Guaimurés* de Laet, os *Botocudos* e *Gamellas*, nome que se lhes deu por causa do ornato selvagem, que elles levavam a uma exageração extraordinaria.

Quanto á origem dos *Aymorés*, dizem os chronistas que, vencidos os *Tapuyas*, alguns casaes fugiram para umas serras muito altas dos Ilheos chamadas depois dos *Aymorés*, onde por muitos annos viveram sem relação nem communicação com outra nação alguma de selvagens ; e n'este isolamento perderam a linguagem, formando uma outra nova que não era entendida por nenhuma nação. São mais altos que os *Tupys*, mais claros e mais robustos e forçosos. D'elles dizem os escriptores contemporaneos, que eram atrevidos e ageis, de grande estatura, duros e endurecidos nos trabalhos. Não têm aldêas, nem casas ; dormem no chão, e se chove encostam-se aos troncos das arvores, e com palmas engenham um abrigo para os resguardar. Alimentam-se de fructos silvestres, pois não têm lavoura,

(67) Grammat. da lingua Kiriri do padre Mamiani.

ou da caça que comem crúa, ou mal assada quando acaso têm fogo. Vivem de saltos e rapinas, devastando tudo por onde passam, nunca porém juntos em grande numero, ao que se oppunha a vida de caçador profundamente enraizada em seus habitos. Sahem porém aos magotes de vinte a cincoenta; não pelejam de rosto a rosto, mas á traição; se vencidos debandam-se; mas emquanto os acossam e perseguem, concertam-se de novo por detraz de seus perseguidores, e os atacam de improviso. Não sabiam nadar quando desceram das serras, e portanto bastava para estar-se a salvo d'elles que qualquer rio passasse de permeio, ainda que para o atravessarem ião buscar o váo muitas leguas acima. A necessidade porém, essa dura mãi da educação do homem selvagem, em pouco tempo os acostumou a vencer estes obstaculos: começaram a fabricar canôas apenas se estabeleceram nas margens dos rios, e segundo referem os viajantes modernos, já desappareceu essa differença que entre elles e os *Tupys* se notava nos primeiros tempos. Armados segundo as suas forças (68), os seus arcos eram compridos e pesados, e as frechas proporcionadas aos arcos; senão pelejavam em campo, o contrario n'este ponto dos *Goiatakazes*, não penso que seja por falta de coragem; mas porque, pelo habito de atirarem por elevação ou visando para cima quando se achavam em planicie, tornavam-se inferiores a outros menos fortes e talvez menos destros que elles, porém habituados a combaterem em campo plano e a atirarem em linha horizontal. Grande era a sua ferocidade, e perdendo o sentimento de nobreza que os *Tupys* manifestavam, considerando a profissão das armas como attributo da virilidade, consentiam que as suas mulheres tomassem parte nos combates, e que com uns páos grossos, de que se serviam á maneira de massas, ajudassem a matar os seus

(68) Magalhães Gandavo.

contrarios, quando para isso se lhes offerecia a occasião. Differençavam-se dos *Tupys* quanto aos caracteres physicos, por serem, como dissemos, mais altos e mais claros; no moral em não terem quasi idêa alguma da religião ; mais ferozes que os outros, gulosos da carne humana (69) ; não sacrificavam os prisioneiros, pois não observavam solemnidade alguma ; mas assassinavam-os sem piedade, apanhando-os as mais das vezes desprevenidos. Quanto á industria differençavam-se em não terem casas, nem aldêas, nem lavouras, chegando a comerem crúas carnes e raizes : nos costumes por fim em combaterem homens e mulheres promiscuamente.

« As noticias colhidas por Southey, diz o principe M. Neuwied, provam que elles foram sempre considerados como os mais ferozes, os mais grosseiros, os mais terriveis dos *Tapuyas* ; opinião que ainda hoje prevalece em toda a sua força. A natureza, continúa o mesmo escriptor, dotou-os de um aspecto vantajoso, porque são mais bem feitos e mais bellos que o resto dos *Tapuyas*. Geralmente de mediana estatura, ainda que alguns sejam muito altos, cheios de corpo, robustos, musculosos, ordinariamente com peitos e espaduas largas, e todavia bem proporcionados. Têm os pés e as mãos pequenos, feições bem caracterisadas, as maçãs da face largas, o rosto achatado, mas quasi sempre regular. Os olhos pela maior parte pequenos, outros os têm grandes ; mas geralmente negros e vivos ; alguns os têm azues, o que elles consideram distinctivo da belleza. Labios e nariz grossos ; mas o nariz ligeiramente curvo e curto, e as mais das vezes com as ventas largas. A inclinação da fronte para traz nem sempre é um caracteristico muito seguro. A côr avermelhada, mais clara n'uns, mais

(69) Diz a *Noticia do Brasil* que os *Aymorés* eram antropophagos, não tanto por vingança, como por gosto e amor da carne humana.

carregada n'outros, e em alguns quasi completamente branca, com uma leve vermelhidão no rosto ; têm os cabellos negros como carvão, duros, corredios, raros pellos pelo resto do corpo, mas geralmente asperos.

Os *Botocudos* furam o lobinho da orelha e o labio inferior, engastando alli placas cylindricas de madeira leve, e depois maiores, e ainda maiores até alcançarem um espantoso desenvolvimento, chegando a serem conhecidos de algumas nações por esta singularidade. Os *Malalis*, dissemos, chamam-os — orelha comprida — e os portuguezes *Gamellas* ou *Botocudos*.

Algumas outras tribus d'esta familia têm sido estudadas n'estes ultimos tempos ; e, comquanto o correr do tempo e a distancia em que se acham umas de outras tenham introduzido entre ellas differenças assás notaveis, tanto no physico, como no moral, percebe-se comtudo que deveriam ter tido a mesma origem. Taes são os *Machacalis*, os *Patachós*, os *Puris*, os *Camacans-Mongoios* e outros.

Segundo M. Neuwied os *Machacalis*, *Patachós* e *Puris* são muito semelhantes, ainda que diffiram levemente a alguns respeitos. Todos elles são errantes ; mas os *Patachós* fallam um dialecto differente, o qual comtudo apresenta certa affinidade com os dos outros ; são mais altos que aquelles, os quaes apezar d'isso se fazem notados entre os selvagens pela maior estatura. Os *Patachós* não desfiguram o rosto (70) ; deixam crescer naturalmente o cabello, aparando-o apenas na nuca e sobre os olhos ; outros o cortam todo, deixando apenas um topete na frente e um molho atraz. Entre elles, as mulheres não se pintam, e andam inteiramente núas. Em vez de cabanas, usam de ramos fincados na terra, dobrados e ligados no alto e cobertos com folhas

(70) Neuwied. T. 2 pag. 52.

de coqueiro. Junto de cada uma d'estas habitações ha um banco, que consiste em quatro estacas ponteagudas fincadas no chão, e rematadas em forquilhas, sobre as quaes collocam quatro páos, que sustentam uma ordem de outras transversaes. E' n'isto em que assam a caça.

As armas são quasi as mesmas que as dos outros *Tapuyas*, ainda que os arcos sejam maiores, sendo o seu comprimento ordinario de 9 e 9 1/2 pollegadas, medida ingleza. As frechas são bastante curtas, ainda que para a guerra é de suppôr que as usassem de maiores dimensões. A parte inferior se adorna com pennas de arára, de mutum, ou de aves de rapina : a ponta é feita de taquarussú ou de ubá. Como os *Tupys*, ligam tambem as partes sexuaes, e usam para isso de uma planta sarmentosa.

Os *Machacalis* têm as mesmas especies de arcos e frechas que os *Botocudos* ; mas o hastil da frecha prolonga-se além das pennas. Parecem-se com os *Patachós* na estructura do corpo : são altos, robustos, espadaudos : construem cabanas da mesma maneira, e ligam como elles as partes sexuaes. Differem porém muito na linguagem.

Os *Camacans-Mongois* um pouco mais alto collocados do que os *Botocudos* e *Patachós* na escala da civilisação, assemelham-se particularmente aos *Goiatakazes*. Andam nús, com excepção da *tacanhoba*, que fazem de issara, a cujo ornato dão o nome de *hynayka*. São de estatura média, bem constituidos,bem feitos, musculosos e robustos, fazendo-se conhecidos mesmo em distancia pelos cabellos crescidos,que é entre elles signal de liberdade.Pintam-se de urucú e genipapo, e não dormem em rêdes. Têm mais industria que o geral dos *Tapuyas* : o arco é forte, feito de baraúna ; de côr preta carregada, polido e melhor trabalhado que os dos outros ; é de comprimento maior que um homem, elastico e muito vigoroso. Dão-lhe o nome de *cuang*. As

frechas, que são muito mimosas, chamam *hoay*, de que têm as mesmas tres especies que os *Machacalis*. São armas tão bem trabalhadas que pela delicadeza e elegancia do ornato admira que tenham sahido de mãos tão grosseiras, e com tão má ferramenta. Nas solemnidades os homens d'esta tribu trazem um diadema feito de pennas de papagaio com algumas de jurú no cimo, no meio das quaes se elevam duas maiores da cauda da arára.

Os *Coroados*, descendentes dos *Goiatakazes*, combatiam tambem no campo; no principio traziam o cabello todo crescido; mas, obrigados a refugiarem-se nas matas, tiveram de o cortar para se não verem embaraçados em suas marchas, e com a perda d'este costume enfraqueceu-se sem duvida o sentimento da liberdade, que entre elles como entre os *Francos* a cabelleira symbolisava. Sem querermos entrar em outras particularidades, adoptamos a opinião de Neuwied, de como os *Machacalis*, *Mucuris* e *Puris* deveram ter tido a mesma origem.

Reservando para o proximo capitulo tratar dos caracteres de alguns dos principaes *Tapuyas*, convém que registremos um facto.

Os *Tapuyas* mais bem estudados nos primeiros tempos foram os *Aymorés*, e estes, quando foi da conquista e estabelecimento dos portuguezes no Brasil distinguiam-se principalmente dos *Tupys* em terem a còr mais clara e mais elevada a estatura. O primeiro d'estes caracteres acharia uma explicação natural, segundo o pensar dos naturalistas do seculo passado, em terem estes povos habitado por largos annos as florestas. Ainda no tempo de Volney (71) se acreditava que as partes do corpo que os americanos usavam trazer cobertas eram mais claras que as que sempre andavam expostas ao ar. Neuwied porém acredita que as

(71) Volney. pag. 453.

differentes tribus da America tanto se pódem distinguir por outros caracteres, como pela coloração da pelle. Variam estes caracteres, accrescenta elle (72) ; mas são variações constantes, que estabelecem certa communhão entre os individuos da mesma tribu. Não obstante isto, este mesmo escriptor em outra passagem da sua obra, dá estes dois caracteres, da estatura mais elevada, e côr mais clara dos *Tapuyas* como uma excepção, confessando que entre os individuos da mesma tribu variavam consideravelmente o tamanho e a intensidade da côr da pelle. Tanta era a alteração que estes caracteres tinham soffrido desde os primeiros tempos do descobrimento.

Posto isto, e argumento do presente para o passado e do physico para o moral, concluimos que, assim como se modificou o *Aymoré*, em contacto com os *Tupys* e com os européos, assim tambem os *Goiatakazes*, os *Goyanazes*, e outros d'esta denominação poderiam ter modificado os seus costumes, com grave alteração no seu estado moral. Tanto esforço e tempo deviam ter sido consumidos pelos *Puris* antes de chegarem a perder o costume de mutilarem o rosto, que era a seu modo no que consistia o bello physico : quanto pelos *Goiatakazes* (73), até que perdessem o habito da antropophagia ; cousas ambas que a bravura e galhardia militar lhes aconselhava. Assim tambem, o cabello que,quando crescido, era por elles considerado como um signal de liberdade, foi cortado pelos seus descendentes, os *Coroados*, apenas entraram nas florestas, como se aquelle sentimento se fosse tornando menos vivo.

D'estas differenças moraes e physicas que se observam

(72) Neuwied.

(73) São inimigos da carne humana. Não matam os que captivam. *Noticia do Brasil.*

em raças a que a tradição dá uma origem commum, concluem uns com alguma verosimilhança que ha uma subraça, produzida pelas duas, mas de certo modo differente de ambas. Admittida esta idéa, será preciso considerarmos os *Goiatakazes*, aos quaes se prendem os *Mucuris*, *Machacalis*, *Puris*, *Patachós* e *Coroados*, como aquelles d'onde começou a mescla. Foram os primeiros a combater, e portanto a misturar-se aos *Tupys*; e no tempo da descoberta do Brasil, distinguiam-se dos *Aymorés* e seus confinantes por traços moraes distinctos, e costumes bem caracteristicos.

Os *Goiatakazes* tinham muito aprendido com os *Tupys*, no meio dos quaes moravam : ja iam apresentando alguma industria, faziam algumas plantações, e enterravam os seus mortos do mesmo modo que aquelles; usavam de ornatos parecidos com os dos selvagens de Cayenna; (e de certo tomados dos *Tupys*), e sujeitos a condições mais favoraveis de existencia haviam perdido a rudeza e ferocidade que distinguiam os da sua tribu.

Concluimos.

Os *Tapuyas* differem dos *Tupys* em pertencerem á raça *mongol* (74); emquanto estes offerecem analogias com alguns dos ramos da raça caucasica.

Em terem linguagem differente, diversissima, emquanto os *Tupys* usavam da geral.

Em serem povos errantes, sem casas, nem lavouras ; emquanto os outros tinham casas e aldêas, e colhiam da agricultura os principaes generos de que se alimentavam.

Os *Tupys* habitavam pela maior parte o litoral e as margens dos grandes rios, ainda que alguns *Tapuyas* já lhes disputassem uma parte muito diminuta d'estes dominios : na Bahia e Pernambuco o paiz contiguo ao litoral era ainda

(74) Spix e Martius.

occupado por *Tupys*; mas o sertão era habitado pelos *Tapuyas.*

Ainda uma outra differença, e é que, emquanto os *Tupys* sacrificavam os prisioneiros por amor de vingança, e porque ia n'isso a sua gloria ; os *Tapuyas* o faziam de barbaros e por amor e golodice da carne humana. Esta distincção que achamos indicada nos escriptores(?) parecerá por demais subtil, mas trazia bem notaveis resultados.

« Contava um padre de nossa Companhia (diz Vasconcellos), grande lingua brasilica, que penetrando uma vez o sertão chegando a certa aldêa, achou uma india velhissima no ultimo da vida ; catechizou-a n'aquelle extremo, ensinou-lhe as cousas da fé, e fez cumpridamente seu officio. Depois de haver-se cansado em cousas de tanta importancia, attendendo á sua fraqueza, e fastio, lhe disse (fallando a modo seu da terra) : Minha avó (assim chamam ás que são muito velhas) se eu vos déra agora um pequeno de assucar ou outro bocado de conforto de la das nossas partes do mar, não o comerieis ? Respondeu a velha, catechizada já : Meu neto, nenhuma cousa da vida desejo, tudo já me aborrece ; só uma cousa me pudéra abrir agora o fastio : se eu tivéra uma mãozinha de um rapaz *Tapuya* de pouca idade tenrinha, e lhe chupára aquelles ossinhos, então me parece tomára algum alento : porém eu (coitada de mim) não tenho quem me vá frechar um d'estes. »

CAPITULO IV

COSTUMES E ARTES DOS TAPUYAS

Enganados pelas semelhanças physicas e moraes que se observam entre os *Tupys e Tapuyas*, alguns escriptores não

viram n'elles senão homens da mesma familia, que, dispersos pelas florestas, tomaram um dialecto que não era comprehendido por nenhuma outra nação. Por isso d'Orbigny os confunde, julgando-os a todos da mesma raça, a que denomina *Brasilio-Guaraniense*. Todavia entre uns e outros observamos qualidades tão caracteristicas no seu modo de vida e nos seus costumes, que nos não é permittido confundil-os, ainda que tenham muitos pontos de contacto como com todos os mais selvagens. Mas se, como diz um escriptor, as differentes tribus de indios podem ser differençadas pelos diversos modos de tonsura, com mais razão o poderemos fazer pela dessemelhança da physionomia e da côr do rosto, pela diversidade das linguas e dos costumes, e emfim pala antipathia invencivel que os separava.

Como entre os *Tapuyas* foram os *Aymorés* os primeiros conhecidos como taes, por elles começaremos a nossa descripção.

São os *Aymorés* mais claros que o outro gentio, comquanto alguns autores lhes neguem esta particularidade, e outros a queiram attribuir á sombra das florestas, que os resguardariam dos raios do sol. Observamos porém que entre todos os *Tapuyas* do sertão da Bahia, e entre os mais afastados para a parte do norte, a côr é geralmente mais clara. Os *Pomeckrans e Crangés* das margens, por alguns que vi e segundo as noticias que pude obter de pessoas que os frequentaram, são absolutamente brancos, e até entre alguns passam os olhos de côr azul como signal de belleza.

Não tinham casas, nem aldêas, comquanto algumas vezes engenhassem seus tugurios, encostando alguns ramos aos troncos das arvores para se resguardarem da chuva. Ora, sem habitações, não podiam ser, nem eram agricultores.

Ao passo que os *Tupys* tinham em todas as partes, onde foram encontrados, abundancia de mantimentos até para commerciarem com os forasteiros que os visitavam : os *Tapuyas* viviam quasi exclusivamente da caça, ou nos intervallos de suas correrias faziam plantações de milho tão mesquinhas, que como ainda hoje praticam,consumiam em um só dia a colheita de todo um anno.

Mais barbaros que o outro gentio, traiçoeiros, incapazes de combater em campo descoberto, ou de atrevessarem um rio, tiravam toda a selvagem grandeza ao sacrificio dos prisioneiros, usando do seu triumpho como feras, que espedaçassem a sua preza, porque não os matavam por amor de uma solemnidade terrivel, mas para méra satisfação de um appetite depravado e brutal.

Lê-se no *Summario das Viagens* de Americo Vespucio que elle, por espaço de uns 27 dias, estivéra em uma cidade (da America) onde as carnes humanas, depois de salgadas se expunham á venda penduradas a traves, como usão os europêos fazer com as de animaes nos seus açougues. Esta fabula, que é uma recordação sem poesia dos contos orientaes, não pòde ter voga, nem mesmo em um seculo no qual muitas vezes o maravilhoso se transformava em verdade. Os *Tapuyas* não tinham aldêas; os *Tupys* mesmo nem idêas teriam do que seria um mercado : uns e outros não empregavam o sal. Mas se tal conto devesse ser applicado a alguem era aos *Tapuyas*, e entre estes aos *Aymorés*.

Entrincheirados nas florestas e quasi invenciveis pelo seu modo de guerra, guardavam ciosamente os seus dominios como o seu ultimo refugio, rejeitando toda a communicação com os forasteiros e estranhos ; de modo que os guerreiros do litoral, não por temor dos ursos e leões, que segundo Vespucio (75) abundavam n'estas partes, mas por

(75) *Summario citado.*

prudencia e para não servirem de pasto a seus inimigos, se absteriam de penetrar no sertão.

« Não se póde numerar nem comprehender (diz Pero de Magalhães) a multidão de barbaro gentio, que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil; porque ninguem póde pelo sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não ache povoações de indios armados contra todas as nações humanas ; e assim como são muitos, permittiu Deus que fossem contrarios uns dos outros, e que houvesse entre elles grandes odios e discordias ; porque, se assim não fosse, os portuguezes não poderiam viver na terra, nem seria possivel conquistar tamanho poder de gente (76). »

Para os definir em poucas palavras aproveitar-nos-hemos ainda de um trecho do mesmo autor (77), comquanto nem todas as suas asserções nos pareçam de summa exactidão. « A lingua d'elles (*Aymorés*) é differente da dos outros indios, ninguem os entende; são elles tão altos e tão largos de corpo, que quasi parecem gigantes ; são muito alvos, não têm parecer dos outros indios da terra, nem têm cavas, nem povoações onde morem ; vivem entre os matos como brutos animaes; são mui forçosos em extremo, fazem uns arcos mui compridos e grossos, conforme as suas forças, e as frechas da mesma maneira. Não pelejam em campo, nem têm animo para isso, pôem-se entre o mato, junto de algum caminho, e tanto que passa alguem atiram-lhe ao coração, ou á parte onde o matem, e não despedem frecha que não n'a empreguem. Finalmente que não têm rosto direito a ninguem, senão á traição fazem da sua. As mulheres trazem uns páos tostados com que pele-

(76) Tratado da terra do Brasil—Not. T. 4. cap. 7 pag. 204.

(77) Ob. cit. cap. 5 pag. 192.

jam. Estes indios não vivem senão pela frecha; seu mantimento é caça, bicho e carne humana: fazem fogo debaixo do chão para não serem sentidos, nem saberem onde andam.»

Já dissemos como nenhuma outra nação gozava de tamanha e tão má reputação, e que tambem de nenhuma outra se teve tanto conhecimento; era a tribu que contava maior numero de denominações, e isto é a prova da sua extensão e importancia.

No estado de rudeza em que foram encontrados os *Tapuyas* como eram os *Aymorés* e *Botocudos*, repugnavam os autores concederem-lhes sentimentos religiosos. Negavam-lhes a idéa de uma divindade, como se podesse haver alma sem um vislumbre, embora offuscado, embora afogado pela superstição, sem conhecimento ou noção de um ser desconhecido, mas de natureza superior á humana. Neuwied porém escreve que, quando os estudou, elles tinham certo numero de opiniões sobre os espiritos, posto que extravagantes. D'estes veneravam sómente os máos, que na sua idéa eram os que tinham poder para fazer o mal, e consequentemente tanto maior era o culto que lhes tributavam, quanto maior fosse a malvadeza de que os suppuzessem possuidos. Conheciam duas especies de espiritos máos, que os atormentavam, aos quaes davam o nome generico de *Janchon*. Subdividiam-n'os em grandes e pequenos, e os designavam com os termos correspondentes na sua lingua, *gipakiu* e *cudgi*. Quando o grande diabo se mostra, ou passa por entre as cabanas, não evitam a morte os que o vêm; se é rara a apparição d'este máo espirito, bem semelhante ao *Aynhan*, *Anhanga* ou *Anhangá* dos *Tupys*, é sempre ominosa e para muitos funesta. Com receio d'elle, os *Tapuyas* temem passar a noite nas florestas, nem a isso se decidem de bom grado; e quando o fazem preferem ter

companhia. O temor de *Anhanga* era tão geral e tão forte entre os *Tupys*, que através do tempo e das gerações communicou-se á raça mixta, que tem sangue europêo. Não era pois de admirar que a transmittissem aos *Botocudos*, bem que o culto de seres maleficos pareça da indole de todos os povos selvagens. Acontece algumas vezes nas margens do Amazonas, mas algum tanto arredado do litoral, ouvir-se ao longe um arruido, que se vai approximando e tornando cada vez mais forte, que depois passa, enfraquece e se perde, para voltar alguma horas depois percorrendo o mesmo caminho, em sentido inverso. E' o som do vento na folhagem que refresca com o avanço da noite,ou algum phenomeno que terá facil explicação quando fòr melhor observado. Os indios o attribuem a uma causa sobrenatural. E' o espirito do mal em suas correrias mysteriosas, o *Anhanga* que vai exercer o seu terrivel poder. Contam elles como na passagem d'este espirito invisivel as arvores se extorcem e revolvem, que as feras e as serpentes perdem a sua ferocidade, e mil prodigios que só interessam ouvidos da boca dos que n'elles acreditam.

O caçador, o viandante extraviado, o imprudente que pernoitou no despovoado, cheios de assombro e de pasmo, dizem ter encontrado o *Anhanga* nas florestas.

« N'estas raças, diz Neuwied (78), o caracter moral pouco differe. Os *Tapuyas* são dominados pela mais grosseira sensualidade, ainda que dêm ás vezes provas de um juizo são e penetrante. Nas selvas a qualidade que em mais alto gráo manifestam é a da imitação. Os gritos e gestos dos animaes, o canto das aves, o sibilo dos ventos, e até o rugido das folhas, nada lhes escapa. E' o meio comesinho, porque attrahem aves e animaes ao alcance do seu arco, o

(78) Tomo 2 pag. 228.

signal de que se servem uns para com outros, e pelo qual se correspondem em suas marchas. Entre os brancos é ainda este o seu mais eminente talento. Imitam o que vêm, accrescenta Neuwied, reproduzem todos os gestos de uma maneira tão comica que não é possivel haver equivoco na sua pantomima. Por esta razão, facilmente comprehendem as artes de recreio,e as que requerem destreza e agilidade taes como a musica e a dansa. Mas, não sendo guiados por principios moraes nem se achando retidos pelas leis nos limites da ordem social, esses homens grosseiros, seguem o declive do instincto e dos sentidos, como a jaguar das florestas. As explosões desenfreadas de suas paixões ferozes, sobretudo da vingança e do ciume, são entre elles tanto mais terriveis, quanto são vivas e mesmo subitas. Todavia differem muitas vezes a satisfação da sua paixão até a época favoravel para soltarem as redeas á vingança ; porque o selvagem é naturalmente vingativo, e já não é pequena fortuna quando não paga mais do que deve ; impetuosos nos accessos de cholera, a menor offensa os irrita. Correspondem porém com bondade e até com dedicação ás mostras de franqueza e benevolencia que se lhes dá ; não se esquecem facilmente do bom tratamento que se lhes dá, e é esta uma das virtudes do homem da natureza não corrompido. Mas, apezar d'estes rasgos de boa indole, é sempre perigoso achar-se em suas florestas com os melhores d'entre elles ; porque nenhuma lei, nem interior, nem exterior, impede que o mais leve incidente lhes inspire disposições hostis.

Ainda que não levem a indolencia a tão alto gráo (79), como diz *Azara* que é levada entre os *Guaranis*, a preguiça é um dos seus caracteristicos. O *Botocudo* fica inactivo den-

(79) São alegres, galhofeiros e fallam com prazer. Neuwied. Tomo 2. pag. 60.

tro da sua cabana até que a necessidade de comer o force a sahir d'ella ; porém mesmo assim obra sempre o menos que póde, e exerce em toda a sua extensão o direito do mais forte, porque obriga as suas mulheres e filhos a maior parte dos trabalhos.

Mostram-se algumas vezes piedosos com os velhos e enfermos, e têm sido vistos tratando com desvelada attenção os pais enfermos, sem nunca os abandonarem. Um chefe (80) mostrou grande alegria vendo um filho de 18 annos, que tinha estado por muito tempo entre os portuguezes. Ha quem em semelhantes occasiões os tenha visto chorar.

Vejamos agora quaes são as relações dos *Botocudos* com os membros da sua familia. As mulheres obedecem servilmente aos maridos. Cobertas de numerosas cicatrizes, indicio de quanto têm a temer de uma colera que facilmente se inflamma ; o maior peso da vida carrega sobre ellas ; tudo quanto não diz respeito á guerra ou á caça é da sua competencia : construem cabanas, procuram fructos para o seu sustento, vão buscar agua e lenha, preparam a caça, fazem linhas de pescar, tecem cordas (81). Nas marchas caminham carregadas com o seu trem domestico, e com os filhos pequenos, emquanto o marido vai orgulhosamente na frente só com o arco e frechas na mão. Em algumas tribus porém não são comparativamente tão infelizes. Os *Camcans*, por exemplo, ainda que as tratem com certa rudeza, não as batem nunca.

Passemos aos filhos.

Não procuremos, diz um autor moderno, nos homens da natureza as doces commoções, os sentimentos brandos

(80) Neuwied.

(81) Sabiam tecer cordas muito fortes, das folhas da especie de bromelia caraguatú ou gravatá, que elles chamam *orotionarik*, de embira brama, do páo de estopa, do barrigudo, da sapucaya etc.

e ternos, que são o producto da civilisação e da educação; mas não julguemos que a prerogativa pela qual a natureza distinguiu o homem do bruto, possa ser inteiramente abafada no selvagem. Amam os filhos emquanto pequenos e têm d'elles grande cuidado, tratam-n'os com bondade e raras vezes os castigam, quando maiores. O menino *botocudo*, que algumas vezes é galante, arrasta-se pela arêa, até que a idade lhe permitta entesar um pequeno arco. Assim vão desenvolvendo as forças e exercitando-se no manejo das armas. Os pais os acoroçoam e dirigem algumas vezes, e assim fazem tão rapidos progressos que aos 14 ou 15 annos já podem acompanhar os pais na caça. Educados por esta fórma, o amor de um viver selvagem, grosseiro e independente se grava profundamente no seu espirito desde a mais tenra idade por todos os annos da sua existencia. Os selvagens tirados do seu estado supportam por algum tempo a sociedade; mas suspiram sempre pelo lugar do seu nascimento, e fogem quando os seus desejos não são attendidos. Mas quem desconhece o poderoso attractivo do solo patrio e do primeiro modo de vida?

Os *Botocudos*, se é preciso, supportam a fome por muito tempo, mas comem depois immoderadamente: a sua principal necessidade é a nutrição; comem pois com avidez, e durante a comida são surdos e mudos para tudo o mais. Gostam de larvas de insectos, e sobremodo da carne de macaco: nem conhecem limites ao appetite; comem tudo do *tapyr* até a pelle, exceptuando apenas os ossos mais duros. Se se lhes enche a barriga, tem-se com isso empregado o meio mais seguro de lhes ganhar a vontade; e se a isso se accrescentar algum mimo estarão promptos para o que se quizer.

A mutilação do labio inferior e orelhas é geral n'elles. E' costume, diz M. Neuwied, que encontramos em todos os

selvagens de todas as partes do globo, furarem o labio inferior e orelhas, e ornarem esta fenda a seu modo ; mas na America Meridional acham-se os modos mais extravagantes, e entre elles os *Botocudos* se distinguem pela exageração. *Azara* entre os do Paraguay observou fendas de duas pollegadas, emquanto nos de Belmonte, Neuwied mediu algumas que tinham quatro pollegadas e quatro linhas, medida ingleza. A vontade do pai determina a epocha de dar ao filho este singular ornato; mas tem isso lugar aos oito, sete annos (82) e talvez mais cedo. Estendem o labio inferior e o lobo das orelhas, collocam roletes de páo, depois maiores, e ainda maiores, até que acabam por dar ás orelhas e labios uma extensão prodigiosa.

Posto que estas placas sejam leves, pois são commumente feitas de barrigudo, fazem pender os labios dos velhos, emquanto os dos moços se sustentam em uma posição horizontal ou pouca arrebitada (83).

Os portuguezes, como já dissemos, differençam estes dos outros selvagens por este costume ; mas, assim como os appellidam *Botocudos*, os *Malalis* os chamam *orelha comprida*. E todavia estão elles longe de serem os unicos que usem de tal mutilação : em muitas tribus da America reina o costume de se furarem o labio inferior. Os *Tupinambás* traziam n'elle ossos e nephrite verde ; *Azara* diz que os do Paraguay tinham o mesmo uso e assim tambem os *Charrúas*. La Condamine (84) viu no Amazonas selvagens com os lobos das orelhas de uma extensão prodigiosa. Ainda entre os

(82) « Pueris anno setimo aut octavo auriculas perforant uti et inferius labium supra mentum : ajunt se hac cerimonia illos demum in hominum numero ascircere.» « *Quœdam a Tapuys ab E. Herckmanno.* »

(83) La botoque gène extremement les *Botocudys*, quand ils mangent ; il en resulte une grande malpropreté. — M. Neuwied.

(84) Voyage dans la rivière des Amazones.

Caraibas se observou o mesmo costume. Todavia distinguem-se os *Botocudos* pela exageração e deformidade de semelhante extravagancia. Diz Laet que os viu com 7 e 8 buracos nas faces : as mulheres mesmo n'estas tribus se não eximiam de tal costume, pois traziam tambem um botoque, mais pequeno, e, se é permittida a expressão, mais elegante que os dos homens.

Não achatam porém a cabeça dos filhos, como os *Omaguás* e *Comberas* ; o primeiro dos quaes na linguagem dos *Peruanos*, e este na dos ultimos (85), quer dizer *cabeça chata*. Nem tambem lhes deprimem o nariz, como faziam os *Tupinambás* a seus filhos. Usam como estes encobrir as partes sexuaes, os *Botocudos* com folhas de *Issara*, a que chamam *Pontiac*, e ao estojo, a que os *Tupys* chamavam *Tacanhoba*, dão estes o nome de *Giucan*, e os *Camcans* de *hynaika*. As mulheres atam as pernas por cima do joelho e do tornozelo para as tornar mais finas.

O costume do botoque dá lugar a uma singularidade arteologica que se observa no craneo do *Botocudo*, não obstante a autoridade de Oviedo, citado por Southey, segundo o qual as espadas dos hespanhóes não podiam penetrar no craneo dos indios por serem demasiadamente duros. Verdade é que *Azara* (86) pretende que os ossos d'estes se convertam mais promptamente em terra do que os dos europêos. A singularidade é esta. A placa de madeira do labio inferior, diz Neuwied, examinando um craneo de *Botocudo*, tinha não só desarranjado os dentes da maxila inferior ; mas até n'este craneo, que era de um individuo ainda novo, tinha comprimido e obliterado inteiramente as alveolas, o que de ordinario não tem lugar senão nos sujeitos idosos.

(85) Corog. Bras. T. 2 pag. 326.Dever-se-hia escrever *Acangapeba*.

(86) Voyage à l'Amérique Merid.

Com uma vida toda de trabalhos e de continuos exercicios, os *Tapuyas* rarissimamente enfermam. Nascidos ao ar, creados sem vestidos, acostumados a todas as variações do clima intertropical, ao calor extremo do dia, como ao frio e humidade da noite e das florestas, têm o corpo endurecido e supportam todas as impressões da atmosphera ; o seu modo de vida, simples e uniforme, os preserva dos males que são inevitavel resultado da civilisação. Banhos frios e frequentes, o emprego continuo de suas forças dão-lhes ao corpo e organisação um gráo de perfeição que mal podemos imaginar. Comtudo Neuwied escreveu que entre elles se viam muitos tortos.

São destros e habeis na sua principal occupação, que é a caça, e os seus sentidos exercidos constantemente desde a infancia são de uma admiravel fineza. Reconhecem pelas pegadas as differentes tribus, e pelo olfato conhecem o caminho que levaram. Auxiliados por sentidos tão perfeitos, seguem a pista ao animal com extrema sagacidade. O corpo endurecido e a tudo affeito supporta todas as fadigas e incommodos, o calor do dia e a fria humidade da noite. Obrigados a pernoitar nas florestas e fóra dos seus ranchos, o que muitas vezes lhes acontece, fazem grandes fogos, que tambem nas cabanas nunca deixam apagar. Bebem da agua que encontram nos regatos, nas folhas da tige da bromelia, ou transportam em gomos da *taquarussú* de tres a quatro pés de comprimento, a que dão o nome de *kekroc*. D'estes gomos fazem igualmente copos.

As suas cabanas ou abrigos (87) « são umas pequenas choupanas armadas á mão com quatro páos, como aquellas que hoje servem e amanhã se queimam. Outros mais industriosos formam cabanas ou barracas mais compridas ; mas

(87) Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil : liv. 1º n. 117.

desde o principio até ao cabo sem repartimento algum. »
Modernamente as fazem de palmeiras silvestres com alguma inclinação para a summidade, afim de formarem abobada. Se alli permanecem por muito tempo, juntam-lhes mais algumas estacas e ramos, sobrecarregando o tecto com folhas de *pati* ou *patioba*.

As armas mais terriveis dos selvagens que se conhecem, escreveu Neuwied, são as dos *Botocudos*. Com uma constituição athletica, vista de lince, exercidos desde a juventude a entesar com mão segura um arco gigantesco, são para causarem bem fundado terror nas solidões folhudas das florestas. Alguma differença se nota na construcção de suas armas; mas isso provêm de circumstancias locaes. Em Minas fazem o arco do *airi* espinhoso, a que chamam *brijuba*, e os *Tupinambás airi-assu*. Os *Popecrans* e todos os selvagens do norte os fazem do páo d'arco, a que para o sul se dá o nome de *ipé*. O *airi-assu* é madeira fibrosa, compacta, elastica, e em espessura proporcionada, difficil de dobrar. Os *Patachós*, *Malalis* e *Botocudos* que habitam mais ao norte do Belmonte, onde parece que não ha esta madeira empregam o *airang* (heirang) que Neuwied diz chamarem *tapicurú* ou *tapicurá* (88).

O páo d'arco é de côr avermelhada, emquanto o airi bem polido, é preto retinto. Os homens robustos têm arcos de seis a sete pés, os *Patachós* porém chegam a tel-os de oito pés e nove e meia pollegadas, com cordas de fibras de gravatá. As frechas chegam a ter seis pés de comprimento; e entre todas as tribus são as maiores, em geral feitas de taquarussú. Os *Botocudos* de Belmonte e Rio Doce fazem-as de *ubá* e *cannachuba*. A parte inferior que se apoia na corda é guarnecida de largas pennas de mutum, jacutinga,

(88) Tomo 2º pag. 148 e 153.

jacupemba e arara. Uma d'essas pennas é ligada longitudinalmente á frecha de cada lado com uma trepadeira, que chamam *imbá* e os *Botocudos meli.*

Ha tres especies de frechas usadas na guerra, *uagike-comm*,-a harpoada-*uagike-méran*; e a outra para caça dos animaes menores, *uagike-bacamnumok*. A primeira tem a ponta alongada ou eliptica, feita de taquara ; tostam-a para ficar mais dura,e a raspam e aparam para que fique cortante como faca, e a ponta fina como agulha. O animal, ferido d'ella, sangra muito, porque um dos lados é concavo. A ponta da frecha harpoada,que tem pollegada ou pollegada e meia de comprimento, é feita de páo d'arco ou de *airi* : é fina e muito aguda. Tem oito ou dez harpéos, e se emprega na caça de animaes grandes e pequenos, e tambem na guerra: a sua ferida é perigosa, por ser de difficil extracção. Os *Pupeckrans* usam d'esta especie de frechas, mas dividem-n'a em tres partes ; quatro ou cinco palmos de canna na extremidade inferior ; no meio tres ou quatro palmos de voragica, raras vezes sem nó (89),e uma pollegada de ponta, onde atam o osso que fórma o harpéo.

As frechas da terceira especie são obtusas, e matam por contusão : tomam para isso uma vara que tenha tres ou mais nós formando como um botão, de que fazem a extremidade da frecha.

Para dar mais força ás primeiras, untam-n'as com cera, passam-n'as ao fogo para que o penetre melhor, e assim fazem tambem com os arcos. Não usam carcaz, nem podem levar de cada vez mais de quatro ou cinco frechas.

Têm achas a que chamam *caratu*, cujo gume é de nephrite, pedra verde ou parda. Os *Camcrans* chamam-n'as *carapó* ou *carapok*. O arco d'estes é forte, elastico, maior

(89) O hastil da frecha dos *Botocudos* não tem nó algum.

que um homem, feito de *braúna* de côr negra-retinta ; chamam-n'o *cuang*, e as frechas *hoay* ; são mimosas e elegantemente adornadas.

Contam differentes instrumentos. Para rapar o cabello (90) usam da taquara, que racham e aguçam de modo que fique o instrumento bem cortante e não muito aspero. Para se chamarem uns aos outros nas florestas usam de um porta-voz *kuntchung-cocaun*, feito do involucro da cauda do tatú grande (91) ; mas na proximidade de inimigos imitam os guinchos das aves e dos animaes de modo admiravel.

As mulheres tocam umas flautas feitas de canudo de taquara com os furos pela parte inferior.

Os *Camacans* servem-se tambem para marcarem o compasso da dansa de um instrumento feito de unhas de tapyr, presas em dois molhos, a que dam o nome de *herenedioke* (92): é instrumento que dá um som forte quando agitado. Usam tambem de um instrumento mais pequeno, cujo nome é *kekliok*, o qual consiste em uma cabaça vasia, com um cabo de páo, cheia de pedrinhas, muito semelhante ao maracá dos *Tupys*, bem que não pareçam ligar-lhe idéa alguma religiosa.

Fabricavam o vaso para conter as tintas com que se pintavam de casco de tartaruga ; mas é tambem de suppôr que usassem de outra materia onde aquella não fosse encontrada. Em vez das talhas de barro, que usavam os *Tu-*

(90) « E' falso que não tenham barba ; muitos as têm bastas, ainda que a maior parte só tenha um circulo de pellos raros em roda da boca. Vêm-se entre elles alguns meninos de braços muito pillosos, mas não gostam de cabellos pelo corpo, e por isso os arrancam cuidadosamente. » —M. Neuwied.

(91) Tatú dasypus gigas. Cuv.

(92) Neuwied. 168.

pys para o fabrico de seus vinhos, escavavam para esse fim o tronco do barrigudo, dando-lhe a apparencia de um cocho, como se vê em alguns dos nossos engenhos de assucar.

As mulheres trazem um collar de grãos pretos, a que chamam *pohuit*, no centro do qual collocam dentes de macaco e de animaes carnivoros. E' uma recordação dos dentes humanos que os *Tupys* traziam ao collo pendentes a modo de collares. Comtudo é para notar, que ainda que alguns meninos os trouxessem tambem, eram tão raros entre os homens como vulgares entre as mulheres.

O seu ornato são diademas de 12, 15 e mais plumas, fixadas com cêra, e atadas em um cordão: de ordinario entre estas pennas predominam as de côr amarella que forma um contraste agradavel com o negro dos cabellos. Dam-lhes dois nomes differentes o de *nucancann* e o de *jakera-iunioka*. Alguns chefes porém só traziam duas pennas de papagaio, amarradas com embira ao redor da cabeça, e pennas de tucano nas duas pontas do arco, como insignias do mando. Sem gosto algum na escolha e disposição de seus ornatos, são n'isto excedidos de muito pelos *Camcans*, e principalmente pelos indios do Maranhão e Pará.

Nas suas festas usam tambem os *Camcans* do mesmo diadema com pennas de papagaio ; as de *juru* no cimo, e no meio d'estas duas de arára.

Em ocio divertem-se a cantar e a chacotear, o que sempre acontece depois de uma caçada abundante, ou de um combate feliz. O cantar dos homens assemelha-se a um canto inarticulado, que sobe e desce constantemente em tres ou quatro notas, que sahem do concavo do peito : em taes occasiões põem o braço esquerdo na cabeça ou tapam as orelhas com os dedos, sobretudo na presença

de estrangeiros. Ás mulheres cantam menos alto, e menos desagradavelmente ; mas não fazem ouvir senão um numero limitado de sons, que constantemente repetem. Adaptam ás suas musicas cantilenas sobre a caça ou sobre a guerra ; mas a Neuwied pareceu que o que lhes ouvira era um sussurro sem palavras.

Morrendo um *Botocudo* enterram-o na sua cabana ou perto d'ella, e abandonam aquelle lugar como nefasto : os parentes do defunto testemunham a sua dôr com urros espantosos, e as mulheres se mostram ainda mais exageradas que elles. Amarradas as mãos com cipós, não os collocam em uma posição acocorada como faziam a maior parte dos povos da America, dos quaes escreveu Du Creux (93) que, exhalado o ultimo suspiro, era o cadaver collocado como em um circulo, afim de que no tumulo descançasse da mesma maneira como se estivesse no ventre materno. Estes porém estendiam os seus cadaveres em uma cova ao comprido. Diz-se tambem que enterram os mortos com as armas, de que tinham por costume servirem-se; mas alguns viajantes modernos, abrindo os seus sepulchros, não acharam n'elles senão ossos : na superficie alguns bastões iguaes no tamanho, redondos, e dispostos parallelamente. Junto ao tumulo encontraram cabanas abandonadas, que ás vezes fabricavam com pindobas, como faziam os da beira-mar, mas estes ligavam as mãos e os pés ao cadaver, e os depositavam em uma posição vertical (94).

Depois do enterro, alimentavam o fogo por algum tempo de um e outro lado da cova para afugentar o diabo ; ceremonia para que vinham ás vezes de muito longe. Não se mutilam por luto, mas anteriormente cortavam o cabello

(93) Hist. Canadiensis ; pag. 92.

(94) Lery. pag. 342.

que como dissemos, era crescido como signal de liberdade.

Pintam-se os *Botocudos*, como todas as mais nações de urucú e genipapo; mas reservam para o rosto as côres extrahidas do urucú ficando assim mascarados, e no desplante parecendo feros e atrevidos guerreiros. Quando se pintam de preto traçam uma risca preta que vai de uma orelha á outra passando por baixo do nariz. Os *Camcans* usam de listas negras, e as mulheres formam com estas tintas listas concentricas em roda do seio.

Outras tribus de indios que reputamos tambem *tapuyas*, existiam pelo interior; mas d'estas muito de leve nos occuparemos, porque só muito posteriormente á conquista é que se acharam em contacto com os europêos. Degenerados então, confundidos com os *Tupys*, influenciados pela civilisação ainda que esta se barbarisava nos colonos e seus descendentes, convertidos em soldados de bandeira e caçadores de homens, tudo na sua vida e costumes indicava a fusão de tribus differentes, e tal que foram muitas d'ellas classificadas como formando uma só raça. E' isto o que Ferdinand Denis (95) conjectura dos *Corôados*. « Poder-se-hia suppôr, diz este autor, que os *Corôados* formavam um grande povo intermedio entre os *Tupys* e seus inimigos naturaes. »

Os *Guaycurús*, habitantes das margens do Paraguay, foram observados quando com a reproducão espantosa que houvera lugar em suas terras do gado cavallar, e com o partido que d'elle tiravam se ião tornando conhecidos com o nome de — *Indios Cavatleiros*

Lê-se na *Historia dos Indios Cavalleiros* de Francisco Rodrigues do Prado (96). « Os primeiros que deram noticias

(95) L'univers « *Brésil* » pag. 368.

(96) Revista do Inst. H. e G. B. T. 1. pag.

d'estes barbaros foram os antigos paulistas,e já os encontraram senhores de grandes manadas de gado vaccum, cavallar e lanigero. » Segundo escreveu este autor eram os *Guaycurús* gente errante, sem agricultura alguma, mas guerreiros em extremo; soberbos com o mais gentio, ao qual tratavam com desprezo, e em cujas terras sahiam todos os annos a saltear e a fazer escravos.

São de côr de cobre carregado, altos de estatura, passando ás vezes de setenta e duas pollegadas, bem feitos, cheios de corpo, affeitos ao trabalho, e endurecidos n'elle com todos as privações da vida do selvagem. Raras vezes defeituosos, sadios até uma velhice provecta, e sem nunca perderem nem os dentes, nem os cabellos. Usam fazer no corpo e no rosto desenhos por incisão, com pinturas de urucú e genipapo que se apagam com o tempo.

Amam os filhos ; e a condição das mulheres não se tornava entre elles muito lastimavel. Rodrigues do Prado diz na obra citada. « O marido ama ternamente a mulher : é verdade que bem pago fica,por que ella tem um desvello excessivo em o agradar, ao qual quasi adoram. » Ha entre elles classes distinctas, a dos nobres ou capitães aquem o nascimento faz taes, a dos soldados que obedecem sempre,e a dos escravos, que captivam dos visinhos, aos quaes, diz a Memoria que extratamos, tratam com muito amor, e *não os obrigam a trabalho algum*. Mas estas differentes classes estavam tão descriminadas que nem o soldado se podia tornar chefe, nem o escravo se podia libertar ou entrar a fazer parte da republica.

O seu idioma é composto de sons guturaes ; a linguagem quasi toda figurada, exprimindo-se as mulheres de modo differente dos homens, o que provinha de terem sido procuradas por meios violentos das tribus vizinhas dos quaes conservavam a lingua. « Todos os annos, diz ainda a supra

citada Memoria sahem para matar outros selvagens, e prender para captivos mulheres e crianças. »

Quanto a sua origem, dizem que sendo já criados os homens e repartidos por elles as riquezes da terra, uma ave de rapina a que chamam *cara-cará*, lastimando que não houvesse *guaycurú* os criava dando lhes por herança em troco da terra, que já estava dividida, o arco, a frecha, a maça e a lança, para que com aquellas armas fizessem guerra ás outras nações, e tomassem d'ellas o que podessem.

Reconheciam um Deus bom, ao qual não prestavam culto, e o dogma da immortalidade, mas acreditavam tambem que só as almas dos seus capitães e pagés (aos quaes Ayres de Casal dá o nome de unigenitos) subiam ás estrellas, emquanto as do vulgo ficavam errando junto aos cemiterios (97) : lembravam-se tambem, mas confusamente da tradição do diluvio.

O collocarem o seu paiz nas estrellas dependia de se ter o povo tornado pastor : guiavam-se pelo sol, e conheciam Venus e Mercurio e os mais planetas que com a simples observação se reconhecem.

Entre as mais nações se distinguiam os *Goiatakazes*. Habitantes das ferteis campinas de Campos, deixavam crescer o cabello, em signal de liberdade, motivo porque anteriormente o cortavam a seus escravos (98) ; mas afugentados pela força das armas para o interior de Minas, e estabelecendo-se de preferencia nas terras banhadas pelo rio Pomba e Xipotó dos Indios, já não poderam conservar o mesmo distinctivo que lhes embaraçava a marcha ao travez das

(97) Ils n'enterrent pas leurs morts dans les cabanes que ceux-ci ont jadis habitées. Ils ont un cemitière général. F. Denis : pag. 323.

(98) Isso tambem praticavam os *Camcans* e *Botocudos*.

florestas : apararam então o cabello em roda da cabeça, e este costume lhes valeu a designação de *Coroados*, com a qual é hoje conhecida aquella antiga tribu, á qual na sua emigração se encorporavam os *Coropós*. « E' difficil de imaginar (dizem Spix e Martius),como uma nação tão aguerrida e aventureira se tem em tão poucos annos reduzido a um tão pepueno numero de individuos. Chegou já a tal e tão insignificante estado de degeneração, que é na actualidade antes objecto de commiseração do que de interesse historico.

CAPITULO V

CARACTERES PHYSICOS

(TUPYS)

Tratando dos caracteres physicos genericos dos *Tupys*, não nos occuparemos do que diz respeito á physiologia geral do homem americano ; não entraremos n'uma discussão que seria sem duvida interessante para a sciencia, mas para a qual não estamos preparados, e que demais não se prende senão muito remotamente ao nosso programma. Contentando-nos pois de descrever os caracteres não entraremos na explicação dos factos : deixamos isso aos mestres da sciencia, e áquelles que por seus estudos especiaes e por observações proprias poderem esclarecer a questão.

Acreditou-se por muito tempo que a côr da pelle americana era uma e uniforme em todas as tribus de todas as partes da America, quaesquer que fossem as influencias da latitude, da elevação e da natureza dos lugares que

habitassem (99). Esta côr dizia-se ser tirante a cobre, até que Humboldt (100) asseverou que semelhantes designações de côr vermelha, côr de cobre, applicada aos indigenas da America não poderia ter tido principio na America equinoxial.

D'Orbigny (101), regeitando igualmente tal qualificação para os homens da America meridional, nem admitte a uniformidade n'este caracter, nem a côr de cobre que *Ulloa* foi o primeiro a qualificar tal; quer antes aquelle autor que em nenhuma outra parte do mundo varie tanto a côr do homem de intensidade.

Foi tambem opinião por muito tempo, que a maior intensidade da côr da pelle dependia da maior força do calor solar (102); e guiando-se por estes principios Buffon pensava que os habitantes do valle dos Andes eram as mais alvos, quando de todas as tribus que se grupam sob a raça—*ando-peruana*—é exactamente alli que se nota a côr mais carregada. Sem querer negar o effeito do sol sobre a côr, effeito que não é senão temporario, dever-se-hia attribuir antes, como pretende d'Orbigny a sua mais ou menos intensidade á maior ou menor humidade a que se achassem expostos, á demora mais ou menos dilatada em paizes regados por chuvas abundantes, e onde vastas florestas interceptam os raios do sol (103).

(99) *Ulloa.*— Noticias Americanas. T. 3 p. 278: « Visto un indio de cualquier region, se puede dicir que se han visto todos en quanto el color y contestura. » (Orb. 1 — 72) Robertson. Hist. of. Am. L. 4. Cieca de Leon « Cronica del Perú » P. 1 cap. 19

(100) T. 3 p. 278.

(101) L' Homme Américain.

(102) Paw, Recherches sur les Américains pag. 227, 236, 237.

(103) A esta ultima causa attribuem os historiadores o facto de serem

As tribus *Tupys* estavam collocadas como no centro das duas raças dos *Pampas e Peruanos* ambas da America meridional. A sua còr era baça com um longe de vermelho (104). Os *tapuyas* que, quanto a nós, descendem dos *Goiatakazes*, ou ao menos provêm da mesma origem, tinham com pouca differença a mesma côr, exceptuados os *Aymorés* e restos seus que para o norte encontramos, alguns dos quaes, segundo os primeiros viajantes, eram *quasi tão brancos como os portuguezes*. Tanto n'uns como nos outros observava-se a manifestação de sensações vivas na coloração instantanea do systema dermoidal (105); mas por effeito da côr mais carregada da pelle, o phenomeno era n'elles menos ostensivel do que nos homens da raça branca.

A pelle longe de ter a aspereza que Ulloa (106) lhe quiz attribuir é muito mais macia que a dos europêos, e homens do antigo mundo: é liza, polida, brilhante e macia como setim sem offerecer portanto desigualdade alguma (107);

os *Aymorés* mais claros que os *Tupys*. Gumilla— *Hist. de l'Crenoque*— diz tambem que os habitantes das selvas são *quasi brancos* e os das planicies *trigueiros*.

(104) D' Orbigny (1839) fallando dos *Guaranis*, nome sob o qual comprehende os *Tupys*, diz que têm uma côr amarellada (*jaunâtre*,) e accrescenta « Il y a plus ou moins de mélange au rougeâtre trés-pâle, où au brun, selon les nations et même selon les tribus. *L' Hom Américain* T. 1 p. 74.

(105) Toute aussi vive et non moins énergique que dans la race blanche. Ob. cit. Orb. T. 1—383.

(106) Noticias Americanas. 1772, p. 13.

(107) Biet. Voyage dans la France E'quinoxial : p. 352— diz dos *Caraïbas* — Leur chair est basané et fort douce, il semble que ce soit du satin, quand on touche leur peau. (Orb. 86)

qualidade que em seu maximo gráo se apresenta nas tribus que habitam a zona torrida (108).

Quanto á estatura (109), dá-se o mesmo facto que se observa nas dimensões dos mamiferos, quando não sujeitos ao estado de domesticidade, isto é a differença é tão exigua entre os extremos que o maximo e o minimo muito pouco discrepam do médio ; assim entre os homens da mesma tribu é muito pouco sensivel a desigualdade do tamanho. Os *Tupys*, na estatura como na côr era o ponto intermedio entre as duas outras raças, inferiores aos *Pampas*, e superiores aos *Peruanos*, fazendo-se ainda distincção dos *Aymorés*; que assim como eram os mais claros, eram tambem os mais altos entre os *Brasilio-Guaranienses*, e semelhantes aos *Pampas*. E' certo que d'Orbigny dá tanto para os *Tupys* como para os *Tapuyas* a mesma estatura ; mas este escriptor não teve occasião de observar senão um individuo d'esta ultima familia, e só falla por esta observação isolada. O facto no emtanto é confirmado por todos os que tem tratado dos indigenas do Brasil, e foi por isso um dos caracteres que procurei estabelecer como differentes entre os *Tupys e Tapuyas* (110).

Quanto ás formas geraes longe de haverem degenerado como pretende Paw, apresentam todos os caracteres que attribuimos á força. Cabeça antes grande que pequena

(108) Orbigny ob. cit. 87.

(109) Para não termos de repetir as mesmas citações, consignamos aqui quaes os differentes caracteres physicos dos *Tupys* segundo lemos descriptos em varios autores. — *Vide nota no fim deste capitulo.*

(110) Dos *Botocudos* são tão brancos alguns como os portuguezes. « Not. cur. e neces. » São (diz a Not. do Bras.) da mesma côr que o outro (*gentio*) (no que está este autor quasi em unidade) mas são de maiores corpos, mais robustos e forçosos. — Dos *Goiatakazes*, diz ella « têm côr mais branca. » Dos *Goyanazes* « é gente de bom corpo. »

comparada ao resto do corpo, tronco largo e robusto, peito arqueado, espaduas largas, quadris pouco salientes. Ainda que os seus membros sejam algumas vezes curtos comparados ao resto do corpo, são sempre repletos, arredondados e musculosos: as extremidades superiores nunca magras, bem desenhados artisticamente fallando, ainda que algumas vezes grossos de mais; e as mãos pequenas em relação aos braços. As extremidades inferiores são bem proporcionadas, e nas bellas formas, raras vezes magras, e os pés pequenos, posto que largos. São portanto as suas fórmas menos bellas do que herculeas. Assim tambem nas mulheres, acostumadas a uma vida livre, exercendo as forças desde a infancia, sem nenhum obstaculo ao desenvolvimento das suas forças e de seus membros, têm tudo quanto poderiam desejar para o genero de vida a que são destinadas: assim bem que sejam raras vezes esbeltas e graciosas,porque são muito robustas para serem bem feitas, são proprias para o trabalho, e sadias: têm partos faceis, filhos vigorosos desde a infancia, e nunca defeituosos (111) Entre homens e mulheres, ainda na velhice, raros são os factos de obesidade.

A classificação que se quizesse fazer dos americanos, em relação aos outros povos, deduzida da consideração da fórma que os seus craneos apresentam, não nos poderia

(111) Robertson. H. of. A. L. 4—Gumilla pag. 234— *Trecho. Hist. Parag.*—attribuem o facto ao costume de destruirem todos os filhos que mostrassem disposições a sahirem do estado normal. Não se lê semelhante cousa em viajante algum. D' Orbigny não os viu defeituosos, nem mesmo entre os *Peruanos*, que amam e querem os filhos talvez mais que os europêos, e então explica o facto pela educação toda physica que recebem, auxiliados e favorecidos pela boa organisação dos pais. Humboldt notou a mesma carencia de deformidades entre os *Muisicas, Mexicanos e Caraibas*. T. 3. pag. 291.

levar a nenhum resultado seguro ; porque mesmo entre as raças do antigo mundo, talvez menos confundidas e com certeza melhor estudadas que esta, tomando-se de qualquer d'ellas, excepto a negra, um milheiro de craneos, acham-se alguns que pelos seus caracteres se assemelham a todas as outras. Ora, entre os americanos as fórmas da cabeça variam por tal modo (112), que Prichard rejeita a designação de *fórma americana,* que alguns anatomicos quizeram achar, observando os craneos das differentes raças; distincção inadmissivel, diz elle, porque não é senão uma generalisação erronea, á qual chegaram considerando como universaes os caracteres fortemente pronunciados que lhes apresentam algumas tribus particulares (113).

Lawrence (114) considera o craneo americano como analogo pela sua fórma ao do mongol, posto que seja menor que o d'este (Orbigny p. 118). Admittida a differença de tamanho que este physiologo quer estabelecer, conviria terse em vista as curiosas observações de Parchappe (115) sobre a relação que ha entre o volume do craneo e o desenvolvimento das faculdades : d'ellas se collige que não só a fórma do craneo é pouco importante para o desenvolvimento das faculdades, como tambem que o seu volume nada influe sobre ellas (116). Não obstante, tendo elle medido alguns cra-

(112) L'aspect des indigènes et l'inspection d'un grand nombre de crânes, que nous avons vu, nous ont convaincus, qu'en Amérique ils varient non seulement selon les races et les nations, mais encore d'invidu à individu dans un même peuple. Orb. T. I. p. 119.

(113) T. 2. p. 74.

(114) Lectures on physiology, zoology, and the natural history of the man.

(115) Recherche sur l'encephale, etc.

(116) « La difference de volume entre les individus sains d'esprit, et

neos, achou que o volume da cabeça americana, pelo contrario do que diz Lawrence, é superior ao das cabeças da raça malaia.

Eis como d'Orbigny (117) descreve os caracteres geraes da raça *brasilio guaraniense*, ou *tupy*. « Côr amarellada com mistura de vermelho muito desbotado ; estatura 1 metro 620 milimetros ; fórmas massiças, fronte não inclinada, rosto cheio e circular, nariz estreito e curto, ventas estreitas. Boca mediana e pouco saliente, labios delgados, olhos obliquos e sempre repuxados para o angulo exterior, como os dos *Mongóes*, ossos da face pouco salientes, feições de mulher, physionomia doce.» A isto accrescentamos, pois que os procurámos comparar com os indigenas da Oceania, cabellos negros, corredios e consistentes (118), barba tardia, não frisada e pouca (119), apenas na extremidade do labio superior e no queixo ; dentes bellos, regulares, quasi verticaes, persistentes, e em que difficilmente dá a carie (120).

Sendo muito vigorosa a sua compleição, resistem tanto aos mais duros trabalhos, que Ulloa os chama *insensiveis*

les têtes des alienés, serait à l'avantage des insensés. » Parchappe. p. 28. Vid. as 34, 35 e 45.

(117) Ob. cit. T. 2.

(118) Dos cabellos da raça americana diz d'Orbigny p.128 : « Ils ne tombent jamais chez elle, même dans la veillesse la plus avancée. » T. 2°. Marcgraff. L. 8, c. 5 : « Neque facile canescunt nisi in decrepita ætate.

(119) Paw. T.2 p.184, e Robertson. H. of. A. L. 4, negam-lhes inteiramente barba. Marcgraff. L. 8. p. 269 : Barbam raram aut nullam. Multi tamen dantur qui habent barbas nigras.

(120) Nous avons vu un grand nombre de veillards dont les dents etaient usés jusqu' à la racine par la mastication, sans que leur en manquât une seule. Orb. p. 128.

pela coragem com que supportam os soffrimentos (121) : em outra parte (122) os denomina *animaes*, porque são robustos e não os incommodam muito as fadigas e as intemperies. Soffrem por muito tempo, sem o demonstrarem a sêde e a fome, e raras vezes adoecem, bem que affrontem a humidade, o calor e o frio sem tomarem precauções contra molestias. A prova mais concludente da sua optima constituição é o costume que têm as mulheres indigenas de parir e lavarem-se logo em agua corrente, continuando no mesmo dia com os seus trabalhos como se nada lhes houvesse acontecido (123).

Os velhos ignoram os males da decrepitude ; possuem o gozo dos sentidos como na mocidade, conservam os dentes intactos e os cabellos, que não cahem, nem alvejam nunca (124). Têm a vista, o ouvido e olfacto finissimos; os movimentos desembaraçados, e o rosto pouco enrugado. Quanto á longevidade, d'Orbigny, conhecendo a difficuldade de a determinar, dá-lhes o maximo de 100 annos, observando porém que poucos passam além dos oitenta. Dizem Lery e outros que chegavam aos 120 e mais annos (125).

(121) *Noticias Americanas*, pag. 314. D'Orbigny. T. 2 p. 137.

(122) Ulloa ob. cit. p. 320.

(123) Fœminæ mire fecundæ, facili negotio pariunt, rarissime abortientes..... pleræque puerperæ statim post partum, nemine obstetricante, surgant aut obambulent ; imo ad fluvium vicinum corpus ablutum properent, victumque hinc inde conquirant. Piso, *de Medicina* L. I. p. 7.

(124) Laet. « Ficam muito velhos sem cãs nem calva.»

(125) «Taes ha d'elles que chegam a viver 120 e mais annos.» *Vida do Padre J. d'Almeida*, cap. 5. n. 8. O mesmo diz Marcgraff. L. 8. cap. 5.

Premature pubescunt, tarde senescunt incolæ... supra centesimum ætatis annum, viridi et longeva senecta. Piso, L. I.° Longevi sunt admodum. ibidem.

Com a sua educação alcançavam no geral um alto gráo de agilidade e de força. Neuwied, tendo mandado os seus caçadores com alguns *Botocudos*, estes, pela ligeireza e rapidez da marcha, fatigados de os acompanhar, ficaram atraz, deixando aquelles continuarem sós a caçada. Lery diz que os arcos dos do litoral eram tão compridos e fortes, que não tinham comparação com os que n'aquelle tempo eram usados na Europa. Um europêo, longe de os poder vergar e pôr a tiro, devêra dar-se por contente vergando o arco de um rapaz de 9 ou 10 annos. E não é só que eram mui fortes os seus arcos : além da força que sem duvida era preciso para os manejar, despediam d'elles settas com tanta facilidade, que, segundo o mesmo autor, os inglezes, os melhores archeiros da Europa no seculo 16, não atirariam seis, emquanto os *Tupinambás* teriam expellido o dobro e mais.

Em todos estes e nos demais exercicios corporeos primavam os indigenas. Dariamos para exemplos, se fossem precisos, aquelle indio que depois de encorrentado salvou-se a nado na bahia de Nictheroy, e Sepé, que com as mãos atadas nas costas fugiu d'entre uma partida de cavalleiros hespanhóes, que o escoltavam. A' vista d'estes factos, poderá ser judiciosa a opinião dos que, como Virey, sustentam que aos povos meridionaes não convem outro regimen senão o vegetal? Negamos porém que d'esta idéa se deva logicamente concluir que a um selvagem não era possivel combater corpo a corpo com um europêo. Não obstante não lhes serem favoraveis as experiencias do dinamometro sobre a sua força muscular; alguns se têm visto lascar com a mão leques de palmeira, mergulhar por largo espaço, nadar dias inteiros, e cansar os mais infatigaveis andarilhos.

Além do genio bellicoso que os levava a tornarem-se destros n'estas artes, as suas festas tomavam ás vezes, não

o caracter do pugilato, mas o de exercicios gymnasticos, que nem sempre deixavam de ser rudes. Tal era o jogo do toro do barrigudo, no qual enfiam um páo, e que tomavam, correndo e continuando a carreira até chegarem á extremidade marcada para limite, embora tivessem de atravessar com elle algum regato que désse nado. Em algumas tribus do sertão conserva-se ainda hoje este jogo ; mas reservam-o para as celebrações de matrimonio. N'este caso, dá-se ao vencedor a moça que chegou a ser nubil, reputando-se como o mais capaz de a salvar em occasião de perigo.

Concluiremos este capitulo com algumas observações.

Se quizermos por um momento considerar qual era o viver do *Tupy*, os seus trabalhos, a sua organisação em republica, conjecturaremos approximadamente o gráo de bem estar e de energia que elles deveriam desfructar, e teremos ao mesmo tempo a explicação d'esse estado de perfeição organica, que apenas se conhece na vida civilisada.

Nascidos de pais robustos e sadios, nunca ou rarissimas vezes affectados de enfermidades, excepto no extremo quartel da vida, participavam em grande parte da organisação de seus ascendentes. Emquanto no ventre materno, as mãis os não comprimiam nunca, como desgraçadamente em muitas partes usam as mulheres para occultar ou disfarçar a gravidez : os trabalhos e occupações diarias a que se davam, não obstante o seu estado, nem só lhes facilitavam os partos, como era tambem motivo para que os filhos não sahissem aleijados nem defeituosos, nem com esses vicios de organisação, que nas cidades populosas tornam a infancia doentia e miseravel. Nasciam robustos, e por toda a vida conservavam a robustez; emquanto por outro lado os seus continuados trabalhos os impediam de cahir em obesidade. D'este modo a força e saude de uma geração era garantia da saude e da força das que se lhe seguiam.

Abrindo os olhos á luz, e vendo a seu lado um arco e frechas, o menino comprehendia que a sua existencia dependia da destreza, agilidade e coragem, que soubesse desenvolver; e que só por esse meio se podia tornar celebre e respeitado mesmo pelos seus. Começavam desde logo a exercer as suas forças, pouco e pouco até o ponto de chegarem a manejar um d'aquelles grandes arcos, que eram a inveja dos archeiros européos, e dos quaes se serviam com maravilhosa destreza. Esta experiencia lhes vi eu fazer. Firmando-se no pé esquerdo, avançavam o direito, com o dedo grande imprimiam um leve signal na arêa. Recuando depois esse pé, mas conservando sempre o outro na mesma posição, atiravam ao ar, e a frecha vinha enterrar-se no rasto que lhes servia de alvo. Emfim uma especie de gymnastica natural, a subida de arvores, a carreira, a caça, a natação, o manejo dos remos a confecção das armas, davam-lhes aos membros incrivel elasticidade.

Descendentes de homens incomparavelmente mais guerreiros do que agricolas, a sua educação era inteiramente militar; a guerra era a sua vida, e só os feitos de armas e os actos de coragem os podiam ennobrecer; só por elles podiam ter entrada no *Ibake* (126), e assentar-se entre os guerreiros das florestas eternas.

Deviam saber vencer; mas, como nem sempre a victoria é companheira da coragem, era-lhes necessario tambem que soubessem padecer, affrontar os soffrimentos, e mos-

(126) « Têm para si que sómente as femeas e varões fortes, que n'esta vida mataram e comeram em guerra muitos inimigos, depois que morrem se ajuntam a ter paraiso em certos valles, junto a uns outeiros, a que elles chamam « campos alegres » quasi outros Elysios, e alli fazem grandes banquetes; porém os cobardes, que em vida não fizeram façanha vão penar com os máos espiritos. » *Vida do Padre J. d'Almeida*, c. 5. n. 7.

trar-se tão impavidos no terreiro inimigo, como destemidos no campo da batalha. Seus ornatos, suas pinturas, suas armas, tinham por fim chamar sobre elles as vistas de todos. A compostura do guerreiro, que attrahia as attenções, era tambem um incentivo para que as procurassem merecer, e não praticassem nunca um acto de fraqueza. Durante a mocidade estavam sujeitos a terriveis provações para serem admittidos no lugar de combatentes, e poderem aspirar ao mando: estava aberto o campo para todos, e era legitima a ambição do esforçado e corajoso. Convinha que o guerreiro soubesse supportar a dôr com calma e sem demudar o semblante. D'aqui provinham os tormentos da iniciação.

Da relação de Hans Stadt se deprehende que entre os *Tupys* requeriam-se igualmente as provas que dos seus guerreiros exigiam os *Caraibas*. Conta elle ter, durante o seu captiveiro, visto um indio que de noite percorria as cabanas com um dente de peixe aguçado, com que rasgava as carnes das pernas dos mancebos, para que assim aprendessem a soffrer sem se queixar. Era isto o indicio seguro de sua valentia, e a sua patente de guerreiro, que depois precisavam illustrar com a morte dos inimigos. Os trophéos que assim conseguiam, que traziam pendentes do pescoço ou arrumavam á entrada de suas cabanas, serviam-lhes de glorioso ornato.

Educados nas florestas, com um tacto de observação extremamente delicado, adquiriam invejavel perfeição de sentidos. No borborinho confuso das florestas distinguem sons quasi imperceptiveis, que lhes revelam a passagem de um animal quebrando os ramos, ou a marcha cautelosa do guerreiro que os evita. Pelas pégadas que viam impressas no chão distinguiam a tribu que alli passára, e pelo olfacto a direcção que levava. Olhos de lynce, descobriam

nas sombras das florestas o inimigo ou a presa, e com o arco despediam por entre as folhas a morte rapida e silenciosamente.

Em resumo, além dos caracteres physicos, que servirão para os differençar dos selvagens da Oceania, o *Tupy* era sadio, robusto, habil no fabrico de suas armas, destro em manejal-as, e com sentidos de extrema delicadeza. A sua vida, toda guerreira e de guerra selvatica, começava pelo exercicio de todos os sentidos, e rematava com o desenvolvimento de todas as qualidades que eram mister ao guerreiro. Acostumados aos trabalhos, privações e soffrimentos de dôr physica,á luta e ardis de guerra incessante e impiedosa, por meio dos quaes chegavam á nomeada de guerreiros atrevidos e chefes ardilosos.

Fortes e duros como os seus arcos, a força européa, impotente sobre elles, carecia para os curvar de geito e boa vontade, e sobretudo de esperar com paciencia que a experiencia e bons officios os tornassem faceis de manejar e tratar, antes de rompêl-os brutalmente como arma inutil e sem prestimo. Era preciso reformar os seus costumes, começando pela educação unil-os em vez de os separar, acostumal-os a uma vida pacifica e agricola ou industrial, em vez de os corroborar nos sentimentos e propenções guerreiras, oppondo-os, para defesa propria, uns aos outros ; e por esta fórma aniquilando-os reciprocamente.

Qualquer porém que fosse o systema que para com elles se adoptasse, era de indiclinavel necessidade que fosse baseado sobre o principio de bem entendida liberdade. Só d'essa fórma se poderia carear a vontade d'esses homens, acostumados a uma vida liberrima, e cujo caracter, como d'elles acho escripto e elles o confirmam todos os dias, era em ultimo gráo insoffridos da escravidão. *Neutiquam jugum servitutis tolerantes.*

CAPITULO VI

CARACTERES MORAES

Religião e culto

Nos primeiros tempos da descoberta da America, era como costume negar-se aos povos selvagens todo o conhecimento da divindade. À esta idéa erronea juntaram os escriptores portuguezes uma coincidencia que lhes parecia fatal, ao menos isso é o que se deduz do modo por que elles se exprimiam. Os *Brazis* não tinham na sua linguagem nenhuma das tres letras F. L. R. (127), e d'aqui concluiam que não tinham nem fé, nem lei, nem rei. Ora, é inexacto que elles não tivessem normas pelas quaes nos casos de maior momento se regulassem, ou chefes que os dirigissem; e por outro lado, se examinarmos a mythologia dos povos americanos, acharemos uma tal abundancia de crenças e tradi ções, que é difficil combinal-as entre si. Nos *Tupys*, além d'isso, admiraremos um tal qual desenvolvimento metaphysico, que parece caracterisal-as.

E' verdade que d'Orbigny (128) não considera haver em toda a America Meridional mais do que uma religião propriamente dita, mas essa complicada, poetica, cheia de ritos, e, como todas em que de principio divino o poder temporal está unido ao espiritual, dominada pelo espirito de proselitismo.E' esta a religião dos *Quixuas* (129). « *Pacha-*

(127) Pronunciava-se : sem *fé*, sem *lé*, sem *ré*.

(128) Orb. L' Homme Américain. T. 1. p. 232.

(129) Robertson sem fundamento algum não reconhece entre os Incas senão o culto do sol, esquecido de sua principal entidade *Pachacanac*. A proposito da religião dos Incas (T. 1 pag. 242) estabelece um genero de comparação-o da temperatura do lugar com o systema

canac (130), deus invisivel, creador de todos as cousas, tinha o poder supremo, imperava sobre o sol e a lua, sua mulher; pois que ambos se acham sujeitos a uma marcha regular e invariavel; mas, como não conhecessem a fórma do Deus creador, adoravam-o em pleno ar sem jámais quererem figural-o; emquanto o sol, sua creação visivel, tinha templos espaçosos, paramentados de preciosidades e riquezas, virgens que lhes eram consagradas; e por sacerdotes, por interpretes sobre a terra os *Incas*, seus filhos, aos quaes o povo podia recorrer em seus males para remedio de suas necessidades. Offereciam ao sol, fecundador da terra, os fructos amadurecidos pelo seu calor; sacrificavam-lhe alguns pacificos *llamas*, e o festejavam no equinoxio de Setembro, na grande reunião do *Raimi*. O mais proximo parente do *Inca* era o seu primeiro sacerdote; os outros membros da familia imperial administravam os numerosos templos espalhados por todo o reino. »

As pequenas tribus *tapuyas* tinham uma religião tão pouco complicada, que não é muito para admirar que autores de nota, e mesmo viajantes que entre elles moraram e os observaram de perto, chegassem a desconhecêl-a; mas

religioso dos que o habitavam: « Le culte du soleil aurait-il pu naître sous la zone torride, dont les feux devorants contraignent incessament l'homme à chercher l'ombre? sous la zone torride où le matin et le soir sont les seules instants de vie pour la nature? Mais n'etait il pas tout naturel que ce culte devint un besoin pour les peuples habitants des plateaux elevés, n'ayant de chaleur qu'alors que l'astre les eclaire, la nature se glaçant autour d'eux dès qu'il se cache; aussi trouve t'on les mêmes principes religieux sur le plateau du Perou et sur celui de Cundinamarca (V. Pierra Hita. Conquesta, p. 17.—Herrera. Dec VI. L. V. cap VI) placés dans les mêmes conditions, tandis que rien chez lespeuples des regions chaudes, n'annonce le culte du soleil. »

(130) Orbigny. L' Homme Américain. Tomo. 1.º pag. 232.

negar-lhes toda e qualquer noção de um ente superior (131) é principio a que repugna a philosophia, e que em relação aos *Tupys* se acha sobejamente desmentido.

Lery diz positivamente, e por mais de uma vez, que, entre os *Tamoyos*, *tupan* não tinha significação alguma religiosa (132). « Uma vez, diz elle, prégando-lhes a excellencia de um ser supremo, creador de todas as cousas, empregámos para o designar a palavra *tupan*,que quer dizer trovão, de que elles se mostram em extremo medrosos. » E' isso o mesmo que escreveu Barlœus (133).« Accommodando-nos á sua rudeza,prosegue Lery,tomavámos d'aqui motivo para lhes dizer que era esse Deus do qual lhes fallavamos, e que para mostrar o seu poder e grandeza assim fazia tremer o céo e a terra. Respondiam a isto que, pois os espantava por tal fórma, era um Deus que para nada prestava. »

Outros autores porém, e n'este particular mais acreditaveis, são de diverso parecer. A Noticia do Brasil escreve dos *Carijós* do mar ou dos Patos : « Não adoram certos deoses, nem reconhecem certas divindades mais do que em geral e em confuso um estrondo espantoso que assombra os homens. » Stadt (cap. 22) porém, observador de uma minuciosa e escrupulosa exactidão, o que diz é, que elles não conheciam *a existencia do verdadeiro Deus*. Orbigny accrescenta : « A sua fé (dos *Tupys*) tinha por principio de um lado a esperança do bem e do outro o temor do mal ; mas este systema suppunha uma associação de idéas, de reflexões, que não teria exigido o culto de um objecto

(131) *Azara*. Voyage dans l'Amérique Meridional. — *Paw*. Recherches sur les Américains. — *Robertson*. History of America.

(132) Lery. p. 233.

(133) Numina nulla, deos nullos colunt, nisi tonitrua forte aut fulmina; quorum magna animos incessit veneratio.

visivel para todos, e de abstracções que consideramos como superiores á capacidade intellectual dos americanos, que se reputava muito inferior a do resto da humanidade.

Tupan não significava o trovão, mas uma excellencia superior como traduzindo Laet lhe chamou o padre Vasconcellos. No Pará e Maranhão onde se encontram mais puros vestigios da lingua geral, e até entre tribus que a outros respeitos differem muito entre si, é esse o sentido que se dá áquella palavra. Pelo *Tupana* ! é um modo de jurar por gracejo que se ouve a muitos de nossos compatriotas. O vocabulo que entre elles serviria para designar aquelle phenomeno seria *Tupacanunga*, a voz de Deus; (*Exodo* cap. 20 v. 19,) o som que elle produz quando quer ser escutado pelos homens. Que elles não consideravam o trovão como divindade ; mas antes como manifestação d'ella, é o que nos assegura Laet, quando escreveu : « Trovão é a voz ou o som da suprema excellencia » (134).

(134) Ind Occ. L 15 c.2.° e 11, annotando Marcgraff L. 8. c. 11, escreveu o mesmo autor : « Brasilienses Barbari nullum pene habent religionis sensum..... Neque deum aliquem noverunt, neque proprie adorant quicquam, unde nec illud nomen in iprorum idiomate reperire est quod deum exprimat : nisi forte *Tupa*, quo excellentiam aliquam supremam denotant : unde touitru vocant. *Tupacunanga*, id est strepitum factum a suprema excellentia a verbo *acunung* strepere. Fulgur autem *Tupaberaba*, id est splendorem excellentiæ a verbo *aberab* resplendere.

Sobre a etymologia da palavra *Tupan* não se contentaram os autores de lhe ir procurar a origem no grego To Pan, que se traduziria em latim—verbum totum—exprimiria o que é tudo, o que resume tudo, o « todo » por excellencia. O padre Antonio Rodrigues e Dobrizoffer acharam outra.

Padre Antonio Rodriguez, *Conquista espiritual del Paraguay* (ou Relacion del Paraguay) diz que *Tupan* ou *Tupá*, que é a mesma cousa, é o *nome proprio* de Deus : « Conoscieron que avia dios, y aun en cierto modo su unidad, y se colige del nombre que le dieron, que es

Era pois *Tupan* uma divindade grande, magestosa, tremenda; porém nunca malefica: a religião dos *Tupys* collocava no apice dos seus mythos um ser necessariamente bom; a sua essencia era o bem; fazia-o, porque o queria; queria-o, porque era isso de sua natureza, como é da natureza das arvores produzir flôres e fructos, e do sol dar a luz e calor. Não carecia de preces para inclinar-se á compaixão, nem o sangue mancharia os seus altares, quando os tivesse, ainda que se manifestasse aos homens pelos roncos do trovão, que era a sua voz, e pelo fuzilar do relampago, que era a luz de seus olhos, o clarão divino. Se o bem constituia o seu fundo, a sua essencia, não era mister supplicas, nem preces para que elle o produzisse. Se algum culto lhe tributavam, era sómente o interno.

Comtudo, reconhecendo a existencia de um ser grande e poderoso embora tremendo, não escaparam os indigenas á tendencia que têm todos os povos barbaros de votarem cultos á divindade terrivel e malefica; mas que as dadivas e offerendas tinham o condão de amolgar. E' o *Anhangá* do Diccionario da lingua geral, o *Aignan* de Lery, o *Ingange* de Hans Stadt, o *Aignen* de Thevet; mas fóra d'estes ha ainda outros espiritos, cujas funcções na mythologia dos indigenas não podemos bem descriminar. Chamam ao diabo, diz Marcgraff (135), *Anhanga*, *Jurupari*, *Curupari*, *Taguaiba*,

Tupâ, la primera palabra *tu*, és admiracion: la segunda *pa*, es interrogacion; y assi corresponde al vocablo hebreo *manhú*, qui est hoc? en singular » Dobrizoffer escreveu (T. 2. p 77) Tupá. « Hoc vocabulum è duabus particulis componitur. *Tu* enim admirantis, *pa* interrogantis vox est. Cœlo tonanti, metu perculsi—*Tupá*—exclamare solebant .... quid est hoc? »

Os povos das Antilhas, diz Rochefort que se occultavam nas cabanas timidos e medrosos, quando roncava o trovão (Vid. tambem Lafitau. Mœurs des sauvages américains. T. 1. p. 125.

(135) L. 8. c. 11.

Tenoti, *Taubimana*, aos quaes Laet (136) accrescenta *Curipira*, *Macachora*, *Marangigona*.

E' aqui de notar-se a singular contradicção em que cahem os escriptores do seculo 16, e principios do 17, quando, reconhecendo nos indigenas do Brasil o conhecimento de um poder malefico, lhes quizeram negar qualquer noção de um ente bemfazejo. E' certo que em todo o selvagem se nota a tendencia, e como que a predilecção para o culto de um ser ou dos seres maleficos, mas isso não implica com a noção de um ente bemfasejo. Sem essa noção, o mundo se converteria em um horroroso pandemonio, absolutamente incompativel com a idêa de um mundo subsequente e feliz, onde a virtude, ou pelo menos o valor, esperava encontrar as recompensas devidas áquelles que se houvessem tornado distinctos por actos de heroicidade e bravura.

Anhangá, entidade inteiramente espiritual, sem idolos que o representassem e que o tornassem visivel, affligia os guerreiros com males inauditos, atacava-os com alienações mentaes, com terrores e sonhos amedrontadores; e descendo muitas vezes ao emprego de meios physicos, flagellava-os de modo lastimavel, quando os encontrava a sós e fóra de horas. As desgraças individuaes, as derrotas nas batalhas, os males que a suas tabas sobrevinham lhes eram attribuidas.

O homem acommettido de uma enfermidade, o menino que era encontrado agonisante junto á fonte ou á beira do caminho, a mulher que abortava de susto, o caçador mordido por uma serpente ou devorado pelas feras, eram as victimas de suas malvadezas. E tão forte era a sua credulidade, tanto se lhes exaltava a imaginação n'este ponto, que esses homens fortes, e ainda mesmo os asalvajados *Aymorés*

(136) Annot. ad Marcgraff. ob. lib. et c. cit.

acostumados a uma vida toda de privações, ás rudes iniciações da vida guerreira, aos soffrimentos de todos os generos, sentiam-se como que acommettidos de uma sazão de terror, recordando-se das vexações soffridas por culpa de *Anhangá* (137).

Anhangá ou Mbai ayba, lêmos no diccionario *tupy*, quer dizer cousa má. Parece porém que por inexacta apreciação se introduziu entre os primeiros escriptores o erro de suppôr-se que tal designação exprimia a divindade malefica. O verdadeiro nome do genio do mal não seria *anhangá*, mas *Jeropary*, sendo aquelle como o primeiro ministro, o principal executor das vontades do ultimo. Segundo o padre Ives d'Evreux, obra de que não se suppõe existir mais do que o exemplar que se conserva na bibliotheca de Santa Genoveva de Paris (138), os seus sacerdotes nunca haviam fallado a *Tupan*, mas aos companheiros de *Jeropary* (139), que é o servidor de Deus. Por esta phrase se quiz entender, como é effectivamente, terem os indios conhecimento dos genios secundarios dos bons e máos espiritos, chamados aquelles segundo o padre Vasconcellos

(137) V. entre outros Lery, pag. 236 : « Cependant pour monstrer que ce qu'ils endurent n'est pas jeu d'enfant, comme on dit, je leur ai souvent veu tellement apprhendre certe furie infernale, que quand ils se ressouviennent de ce qu'ils avaient souffert le passé, frapans des mains sur leurs cuisses, voire de detrèsse, la sueur leur venant au front, en se conplaignas à moi, ou à autre de nostre compagnie, ils disoyent : « Maiz atuassap acequeiey aygnham atupanê » ; c'est à dire : « François, mon ami, ou mon parfait allié, je crains le diable. »

(138) Deve-se o conhecimento da existencia d'este exemplar á diligencia do Sr. F. Denis, a quem tanto deve o Brasil.

(139) Tambem se escreve « *Geropary* ». Afastando-me do padre d'Evreux, tive em vista a opinião de Laet. L. 8. c 11 ad Marcgraff *Juripari* et *anhanga* significant simpliciter diabolum ».

Apoiacienê, e estes *Ouiaoupia* (140). Os espiritos favoraveis faziam descer a chuva em tempo opportuno, e pareciam destinados a regularem a temperatura, a serem mensageiros diligentes, subindo incessantemente da terra ao céo. Os demonios, sujeitos a *Jeropary*, habitantes das aldêas abandonadas, se oppunham pelo contrario a que a chuva cahisse na estação propria, que as flôres fructificassem, que os fructos sazonassem, e maltratavam de mil modos a quantos encontravam.

Macachera era o espirito que acompanhava e precedia o guerreiro nos suas marchas (141). *Curipira* presidia aos enganos e mentiras (142). *Curupira*, vagando solto no espaço era o genio do pensamento (143). Outros, sob fórmas visiveis, habitavam as florestas e os rios; são os *Caaporas* e Mãis d'agua (144). O *caapora* (vulgarmente *caipora*) veste as feições de um indio, anão de estatura, com armas proporcionadas ao seu tamanho; habita o tronco das arvores carcomidas, para onde attrahe os meninos que apanha desgarrados nas florestas. Outras vezes divagam sobre um *tapyr*, ou governam uma vara de infinitos *caitetus* cavalgando o maior d'elles. Os vagalumes são os seus batedores, e tão forte o

(140) Estas duas palavras parecem escriptas com orthographia franceza.

(141) Laet. Annot. ad. M. L. 8. c. 11: « Numen viarum, viatores precedent.

(142) Ob. cit. numen *mentium* — mentira ou pensamento ?

(143) Padre Vasconcellos.

(144) A mãi d'agua será talvez de origem africana, sendo presumivel não ser dos indios, em cujo idioma não encontramos termo para a exprimir. *Caapora* poderia bem ser invenção dos padres para os chamarem á vida social, ou dos colonos para explicarem o desapparecimento de meninos, que elles talvez tivessem roubado.

seu condão, que o indio que por desgraça o avistasse, era mal succedido em todos os seus passos. D'aqui vem chamar-se *caip ra* ao homem a quem tudo sahe ao revez. A mãi-d'agua, graciosa creação de phantasia intertropical, habita o fundo dos rios: bella, cheia de attractivos, de encantos, de seducções irresistiveis, symbolisa o amor que têm a agua os habitantes dos climas ardentes.

Temos pois dois seres superiores, contrarios e independentes, os dois principios dos persas, o bem e o mal, ambos poderosos, ambos deificados, *Tupan* e *Jeropary*; além d'estes os espiritos que compoem a côrte de cada um d'estes, os bons e os máos espiritos; assim como o Deus bom era opposto ao Deus máo; os espiritos que serviam a cada um d'elles se contrapunham tambem entre si. Ao espirito do pensamento se oppunha o da mentira, ao das jornadas o *Caapora*, que o extraviava, ao dos acontecimentos felizes o da morte desastrada.

Estabelecidos os elos que prendiam o céo á terra, o desejo, natural ao homem, do desconhecido, ou antes as aspirações do infinito, lhes fez adveinhar a immortalidade da alma, que parece a revelação intima de um sentido desconhecido. *Anga* se chamava a alma, emquanto unida ao corpo: depois da sua separação ião umas para a companhia dos bons, outras para a dos máos espiritos. Aquellas deleitadas com a vida dos seus elysios, beneficas e amigas, parece que nunca mais voltavam á terra dos viventes, ou sómente o faziam para prognosticar algum successo á sua familia e descendentes, ou tribu, no canto melancolico da *Acauan*. As outras, pelo contrario, vagavam terriveis nas florestas, amedrontando os vivos com apparições estupendas, e então chamavam-se *Mbaê ayba*, que litteralmente corresponde ao portuguez cousa má, empregadas no mesmo sentido: *Angoera* ou *Kaagerre* lhes chamavam

outros (145). Quando porém annunciavam a morte, e provavelmente desastrada ou deshonrosa, tomavam outra designação. « *Marangigona*, diz Laet (ad Marcg.), não significa Deus, mas a alma separada do corpo, ou uma cousa, que os *Brazis* não conhecem bem, ainda que a temam sobre-modo, que lhes annuncia um fim proximo. »

Independente d'estes deoses e d'estes espiritos, a alma d'estes homens rudes levantava-se algumas vezes á contemplação dos astros brilhantes da noite. Povos que principiavam a cultivar a agricultura,e por isso melhores observadores dos phenomenos da natureza; outros que passavam a vida no descampado ou á sombra copada das florestas, tributavam culto a certas estrellas e constellações, que constantemente os alumiavam, e dirigiam em suas nocturnas expedições, e pelas quaes muitos d'elles numeravam os seus annos de vida (146). Barlœus (pag. 225,) falla de uma tribu a que chama *tapuya* ; mas que sendo, como elle pretende, agricola, não podia deixar de pertencer ás da familia *tupy*, na qual era venerada a ursa maior. Recordavam-se ainda do tempo em que todos viviam felizes sem cultivar a terra sob a influencia do seu astro protector, cujo amor elles sentiam ter perdido (147).

Comtudo estes elementos espirituaes da sua religião es-

(145) Affligés de ce malin esprit qu'ils nomment autrement *Kaagerre*. Esta palavra é composta de *Cáa* mato, e guerra, isto é *guara*, habitante : o mesmo que *Caapora*.

(146) Annos suos numerant ab exortu Heliaco Pleiadum, quos *ceicu* vocant, atque ides annum eodem nomine denotant. *Marcg.* L. 8 c. 5.

(147) Barlœus. Numinis loco ursam majorem venerantur. Fabulantur et nugantur de vulpe, quœ in odium ipsos apud deum suum, ursam majorem adduxerit, tantique numinis favorem à gente sua averterit : olim optimam se, facillimamque vitam vexisse, cum pascerentur ultro.

tavam abafados por grande numero de superstições : tinham os seus feitiços, que as mais das vezes não passavam do osso de algum animal carnivoro, de uma aranha deseccada, dos membros do sapo, ou mesmo de alguma producção mineral ou vegetal sem prestimo como sem virtude. Alguns d'estes tomavam o caracter de *manitós*, que eram como outros tantos deoses lares ou privados, quer trazidos ao pescoço como os feitiços protegessem o individuo, quer pendurados á entrada das tabas, asseguravam de sorpresa de inimigos. Por outra parte, attendiam muito ao encontro casual de certos animaes, ao grito de certas aves, principalmente da *acauan*, por cujo canto até fingiam conhecer a chegada de um hospede e o tempo que se demoravam na jornada. Os sonhos tambem, como entre os romanos, eram objecto de grande importancia, a caça, a pesca, as excursões, as festas, as mudanças de tabas, as declarações de guerra, bem como muitos actos individuaes eram determinados pelos sonhos.

Com estas busões, ainda que a sua imperfeita religião tivesse por base principios espirituaes, mas sem um symbolo que os representasse, estavam estes principios tanto em risco de desapparecerem das intelligencias, que no descobrimento da America muitos viajantes os desconheceram. Como além d'isso não julgavam que ao espirito do bem importasse outra adoração que não fosse desfructar os beneficios que elle espalhava por toda a natureza; o seu culto, ao menos o externo, era todo e exclusivamente dedicado ao espirito do mal : para estes os rogos, as offerendas, os sacerdotes. Mas em um governo sem chefes, senão temporarios, onde só havia de persistente os sacerdotes, o poder theocratico se mantinha por meio de mysterios e superstições absurdas, fazendo acreditar que alguns segredos dos simplices ou da natureza, que possuiam, eram revelações

da divindade, com a qual se communicavam. As superstições portanto tomavam o lugar da religião, e os sacerdotes o lugar da divindade. A imaginação illudida fantasiava protectores ou deoses nos mais insignificantes objectos ; mas o que é de admirar, o que prova a boa indole dos indigenas e o alegre colorido de sua imaginação, é que o proprio culto do terror nunca entre elles chegou a ponto de os fazer derramar sangue em seus altares em honra de suas divindades.

Os feitiços e o culto dos *manitós* tinha quebrado o ultimo élo que os prendia uns aos outros, tinha acabado de destruir a religião que só poderia unir tribus contrarias, ainda que descendentes da mesma raça. Sem communhão de interesses, sem communhão de principios, os feitiços *manitós*, deoses privativos de cada taba, de cada familia, de cada individuo, tendiam a separal-os cada vez mais uns dos outros; e a fé que podia ter cada um no seu idolo, arrefecia por não ser aviventada no grande fóco da religião de todos, e porque se não referia ao mesmo objecto.

Sem chefes senão temporarios, sem deoses senão o que cada um phantasiava para si, a sociedade não podia prosperar nem ainda subsistir por muito tempo; mas apressemo-nos a notar que esses mesmos factos, tornando mais azada a conquista, facilitavam a propagação da fé catholica. A conquista encontrou tribus espalhadas e hostis, e a fé não teve de combater dogmas profundamente enraizados; mas superstições mal cridas ; e os individuos que as alimentavam não formavam uma carta privilegiada, nem um corpo respeitado.

Tendo reconhecido a grande verdade da immortalidade da alma, o espiritualismo, admiravel nos indigenas, lhe haviam dado tal importancia, que elles a não julgavam indigna de communicar com a divindade. Esta não se lhe

communicava immediatamente senão por intermedio dos espiritos, quer fosse que as suas palavras carecessem de interpretes para caberem na intelligencia humana, quer as emanações da sua omnipotencia fossem fortes de mais para serem percebidas sem damno por um simples mortal. Os sonhos eram os seus dictames, e por meio d'elles sabiam os homens o que melhor lhes convinha fazer na vida; mas quando em contacto com uma potencia superior, o espirito se perturbava, as idéas confundiam-se; era então preciso que houvesse um intermedio entre o céo e a terra, entre Deus e os homens, que decifrasse o sentido occulto de um sonho, ou separasse d'elle o que poderia ter sido inspiração de um espirito maligno. Estes seres intermedios entre Deus e as creaturas eram os sacerdotes, os *Piagas* ou *Pagés* e os *Caraibas*. Por esta maneira se effectuava a correspondencia: Deus transmittia avisos por intermedio dos espiritos, e os homens os comprehendiam por intermedio dos sacerdotes; e o elo mysterioso que atava os dois fragmentos d'esta cadêa era, segundo as circumstancias, qualquer phenomeno da natureza, onde a credulidade descortinava prognosticos, os eclipses, a chuva, a tempestade, o canto de certas aves, o encontro de certos animaes, e sobretudo e mais que todos os sonhos.

Não conheciam talvez o dogma da macula original; mas, apezar d'isso, pareceu-lhes que os sacerdotes careciam d'uma iniciação longa e penosa, durante a qual se purificassem e se tornassem dignos da divindade, a que serviam.

Fugindo d'essa tal qual sociedade que tinham, retiravam-se a cabanas afastadas e obscuras, ao ôco das arvores, a lapa dos rochedos, ou a cavernas tenebrosas, onde nenhum guerreiro entrava, e de cuja vizinhança se abstinham: alli impondo-se privações, padecendo tormentos da necessidade, em um viver austero e mysterioso,

e durante longas noites passadas no silencio apenas interrompido pelo borborinho confuso das matas ; dados á meditação, á maceração, ao jejum, tornavam-se excessivamente nervosos e d'uma sensibilidade exquisita. O respeito que inspiravam aos demais fazia com que ainda mais se respeitassem, e a consideração em que eram tidos redobrava aquella em que se tinham a si proprios. Os segredos que possuiam, obtidos pela observação e experiencia, ou herdados de seus antecessores, eram como o sello da sua autoridade, e o caracteristico do seu valimento para com Deus. Estranhava-se a sua vida, o seu isolamento, a austeridade de seus costumes e quanto empregavam para grangearem prestigio. Suppunha-se d'elles, como na idade média dos que se clausuravam, que um guerreiro não deixava as suas tabas, o seu modo de viver, as suas festas, os seus jogos, as suas guerras, senão por uma vocação forte, por um chamado providencial.

Eram portanto reputados entes superiores, e em falta de amor inspiravam um respeito cego e temor incrivel. Conhecendo particularmente a toxicologia americana, o menos incompleto dos seus conhecimentos, e a virtude de certas folhas, plantas e raizes, facil lhes era produzir a morte, a loucura, ou provocar uma enfermidade artificial. Com a reputação que tinham, não lhes era tambem muito difficil attribuirem-se todos os acontecimentos, favoraveis ou desfavoraveis, sobrevindos a um guerreiro ou a uma tribu, conforme lhes fosse amiga ou inimiga. Tal era o seu prestigio que julgava-se serem elles os que inspiravam aos guerreiros o espirito da força, e que d'elles dependia o bom exito dos empregos, pelo que eram seguidos os seus conselhos, respeitadas as suas ordens e infalliveis os seus anathemas. Se vaticinavam a morte a alguem, nenhuma salvação havia para este, que, levado pela imaginação e pre-

juizos, se deixava vencer do desanimo; de modo que o terror e a convicção da fatalidade imminente paralysava-lhe o giro do sangue e o curso da vida. Pelo contrario, tambem conhecendo elles quão grande era a influencia do moral sobre o physico, bastava que com algumas ceremonias grotescas assegurassem a vida a qualquer enfermo para que este, em certos casos, se restabelecesse.

Eram pois não só os sacerdotes, mas os augures, os interpretes dos sonhos, o guarda vivo das suas tradições religiosas. Ainda mais : diz Humboldt que o nome de *Caraibas*, que aos *Pagés* se dava (148), indicaria que entre estes povos selvagens uma nação privilegiada teria renovado o antigo uso dos chaldêos, que preenchiam as funcções de magos ou adevinhos entre os povos das circumvizinhanças. A supposição do illustre viajante basêa-se de alguma fórma em asserções dos viajantes anteriores a elle, obrigado pela similitude dos factos e pela identidade das denominações. *Caraiba* era a nação que a todas as outras subministrava sacerdotes, e d'aqui todos os sacerdotes eram conhecidos por aquella nacionalidade. As provas por que aqui e alli passavam, indicam-lhes uma origem commum, como que uma só cabeça; ou todas as cabeças de um só povo houvessem reconhecido ao mesmo tempo a necessidade da purificação em homens que se ião dar a tão sublime mister, e combinado os meios para chegar a tal resultado. Achamos tambem que um dos ramos dos incolas,os que,segundo penso, deveram ter sido os ultimos a destacar-se dos *Caraibas*, os *Carijós* eram os que, como sacerdotes, gozavam de mais alta reputação. « E' toda a nação dada a feiticeiros, escreveu o padre Vasconcellos (pag. ou n. 124) e pouco depois accrescenta « tem e reverencia entre si feiticeiros ; os

(148) Diremos abaixo que distincção nos parece deve-se fazer entre *Pagés* e *Caraibas*.

mais em numero, e os mais famosos que ha entre todas as mais nações do Brasil. »

Passando a classifical-os, diz o mesmo autor que havia uns que curavam chupando, e a estes chamavam *pagés angaibas* ; outros, propriamente os *pagés*, que matavam com feitiços ; e por fim os sacerdotes verdadeiros, a que davam o nome de *Caraibebês*, palavra que, segundo o mesmo autor, quer dizer *anjos*. Estes passavam de aldêa em aldêa sem que em nenhuma d'ellas fixassem a sua residencia ; como verdadeiros missionarios, eram estes os que communicavam com os espiritos, os interpretes da divindade, os ministros de *Tupan*, os que podiam transmittir a força a quem lhes aprouvesse, tornar os guerreiros intrepidos, a terra fertil das raizes e fructos, que eram o principal alimento dos *Tupys*, e verdadeiros os mesmos *maracás*. Nem faça duvida encontrar-se escripto no padre Vasconcellos *Caraibebê*, quando Lery e outros os appellidam simplesmente *Caraibas*. Os mesmos Jesuitas em outra obra, a Chronica da Companhia no Brasil, dizem que os indios deram este appellido ao padre Anchieta, admirados da rapidez de súas viagens. A palavra assim composta parece indicar homem que vôa, volante ou ambulante, o que está de accordo com os costumes dos sacerdotes *caraibas*. Como porém, em virtude da sua vida ambulante, não podessem estar presentes onde houvesse necessidade d'elles, não é de admirar que os *pagés* muitas vezes se arrojassem attribuições e funcções, que só áquelles competiam; de modo que com o tempo e enraizamento do costume os estrangeiros poderam confundir estas duas entidades.

Temos então os *pagés* medicos, os *pagés* feiticeiros, sendo de ordinario feiticeiros e medicos ao mesmo tempo, e os *Caraibas* sacerdotes : os dois primeiros aggregados ás tribus e seguindo-as nas suas emigrações ; o ultimo essencial-

mente ambulante (149). Mas nem sempre as curas eram felizes, nem sempre passava impune o sortilegio : os parentes do paciente pretenderiam tomar vingança da morte ou da offensa, pelo que ver-se-iam os *pagés* obrigados a lançar a culpa de um ou de outro acontecimento sobre alguma pessoa ou tribu vizinha. Originava-se então a guerra ; mas guerra implacavel e rancorosa, de que o vencido procuraria vingar-se, e em que o triumpho do vencedor era como um desafio lançado aos amigos e parentes do sacrificado. Este estado era favorabilissimo á conquista, e para elle, como se vê, contribuiam os *pagés*. Eram homens mais temidos que respeitados, por isso que uns d'elles, os feiticeiros, personificando o genio do mal, tinham o poder de damnificar os que quizessem, emquanto outros, os medicos, não podiam n'esta sciencia lutar com os jesuitas. Contentavam-se porém de queimar sal e pimenta por onde aquelles tinham de passar, e tratavam de persuadir aos seus da influencia maligna dos padres, aos quaes attribuiam as pestes, as mortes e as derrotas.

Os *Caraibas* tambem fugiam do contacto d'esses homens e dos indigenas que os rodeavam, ou porque temessem que os seus embustes fossem descobertos, ou porque reputassem que aquelles seus conterraneos, contaminados da praga estrangeira, nem eram dignos de terem *maracás* abençoados, nem de receberem por seus esconjurios o espirito da força. Não tendo na sua religião o principio do

(149) Il faut savoir qu'ils ont entre eux certains faux prophètes, qu'ils nomment *Caraibes...allans et venans de village en village*, comme les porteurs des rogations en la papauté. Lery. Hist de l'Am. p. 270.

Hans Stadt. p. 284 : « Il y a parmi eux des espèces de prophètes qu'ils nomment *paygi*. Ceux-ci parcourrent le pays une fois par an, entrent dans les cabanes, et pretendent qu'un esprit venant d'une contrée eloignée les a doués de la faculté de parler à tous les *tamarakas*.

proselytismo, tambem não se julgavam adstrictos, segundo a phrase catholica, a reduzirem ao rebanho da fé as ovelhas desgarradas. Em parte alguma appareceram os *Caraibas* oppondo á religião christã os embaraços que encontrou algures, onde castas hereditarias se perpetuavam no sacerdocio, e tinham interesse em defenderem e pugnarem pela religião, se não por amor d'ella, ao menos pelo da propria conservação.

O vulgo com uma crença fraca e degenerada, sem templos, sem os seus principaes sacerdotes, foram abraçando o christianismo por conveniencia, quando não por fé. Os jesuitas eram melhores amigos, melhores medicos e mais seguros protectores do que os seus *pagés*.

CAPITULO VII

CRENÇAS

(Theogonia de Thevet)

O que no capitulo antecedente deixei escripto sobre a religião dos indigenas foi tirado dos autores mais dignos de credito que escreveram ácerca do Brasil : estudei-os, confrontei-os, escolhi aquillo em que todos ou a maior parte assentavam, e o que me pareceu mais proximo da verdade, buscando por minha parte dar alguma ordem a idéas que devem formar um só todo.

Ha porém um autor, raro na Europa, como vão sendo todos os que tratam da America, que não se encontra nas nossas bibliothecas, e que sobre este ponto, como sobre muitos outros é bem merecedor de ser consultado. Fallo de Thevet. O Sr. Ferdinand Denis o cita no folheto com

que se sahiu á luz ha algum tempo, contendo a descripção de uma festa brasileira, dada ou representada em Ruão pelos nossos indios no tempo em que os normandos faziam largo commercio com as tribus do litoral do Brasil. Aproveito-me do trecho citado pelo Sr. Ferdinand Denis, que aqui dou traduzido, com as notas oppostas por aquelle benemerito das nossas letras, e algumas explanações que julguei dever fazer.

Sei que Lery, escriptor exacto, censura a falta de consciencia de Thevet, e o acoima de vicios e defeitos que completamente o desabonariam; mas não haveria no huguenote algum prejuizo contra o catholico? Não haveria alguma inimizade de partido religioso ou politico; e o que mallogrou a expedição de Villegaignon não é o que se manifesta nas diatribes d'estes dois autores, e na acrimonia com que reciprocamente se tratam? Como quer que seja, procurando a verdade onde quer que a encontre, se não reputo muito exacta a theogonia de Thevet; mas o que se não pode deixar de reconhecer no extracto do Sr. Ferdinand Denis é que a côr local como hoje se diz, foi fielmente observada nas lendas do autor francez: a indole dos *Tupys*, o caracter das poucas tradições que d'elles nos restam, e a que estas se prendem, a composição e significação dos vocabulos n'ellas empregados, desafiam e desculpam a credulidade.

Fallando d'esta maneira, peço desculpa para mim proprio, que me acho inclinado a dar lhe alguma importancia. Se Thevet pôde ter improvisado a sua theogonia, convirá dar-lhe o fôro de um eminente improvisador. Deixemol-o explicar-se.

A primeira noção que têm os selvagens do que excede á physica é de um ente que elles chamam *Monan* (150) ao

(150) *Monan*, construir, edificar, Diccionario de Montoya. *Monhang* no Dicc. Brasiliano (1796) tem a mesma significação.

qual suppoem as mesmas perfeições, que nós attribuimos a Deus, dizendo que é sem fim e sem principio; que creou o céo e a terra e tudo o que n'elles existe, sem comtudo fazerem menção do mar, nem de *aman atuppane* (151), que são as nuvens d'agua em sua lingua. Dizem que o mar foi feito por um transtorno sobrevindo á terra, que d'antes era chã e chata, sem montanhas quaesquer, e produzindo todas as cousas necessarias á vida do homem. Assim explicam a formação do mar.

Os homens viviam em paz e no gozo do que produzia a terra, regada e refrescada com o orvalho do céo; aconteceu porém que, fatigando-se da sua beatitude, começassem a viver desordenadamente. Cahiram em tal e tão grande loucura que principiaram a desprezar a *Monan*, que ainda então vivia entre elles e familiarmente os frequentava. *Monan*, vendo a ingratidão dos homens, a sua malvadeza, o desprezo em que o tinham a elle que os havia aditado, retirou-se de suas creaturas; e depois fez descer *tatá*, que é o fogo do céo, o qual queimou e consumiu tudo quanto existia sobre a face da terra.

Trabalhou o fogo com tanta violencia que alteou a terra de um lado, e abaixou-a de outro, tomando a fórma que agora lhe vemos, isto é, de valles, montanhas, collinas e de chapadas de bellas planicies. De todos os homens salvou-se um apenas. Foi *Irin Magé*, que *Monan* havia transportado ao céo, ou a outro lugar, afim de que podesse escapar ao furor d'esse fogo devorador.

Irin Magé, vendo tudo consumido, levantou a voz, e dirigindo-se a *Monan* disse-lhe entre lagrimas e soluços: « Queres destruir tambem os céos e os seus ornamentos?

(151) *Ama*-Nube d'aguas. Montoya. *Amana* no Dicc. Brasiliano quer dizer *chuva*.

Onde será agora a nossa morada, e de que me servirá viver não tendo alguem que me seja semelhante ? »

Monan sentiu-se commovido, e, querendo remediar o mal que tinha feito á terra por causa dos peccados dos homens, fez chover sobre ella em tanta abundancia, que o fogo se extinguiu ; e as aguas não podendo parar nas alturas foram correndo ajuntar-se nas planicies de todos os lados. Esta accumulação de aguas foi chamada por elles *Paranan*, que quer dizer amargura. E quanto a este amargor explicam que, estando a terra reduzida a um montão de cinzas, a agua que depois correu sobre ellas deixou-lhes o gosto do sal.

Monan viu a terra restituida á primitiva belleza, e o mar, que ainda mais bella a tornava, cercando-a de todas as partes, e pareceu-lhe mal que tantas maravilhas ficassem sem alguem que as cultivasse. Chamou pois a *Irin Magé*, deu-lhe uma mulher, e mandou que ambos viessem povoar de novo a terra.

De *Irin Magé* dizem elles ter descendido um grande *Caraiba* que reputam o seu propheta, e ao qual, por causa de suas obras prodigiosas,chamavam *Mair Monan*. *Mair* (152) significa —transformador—, dando-se-lhe este nome por ser elle muito habil em transformar e metamorphosear umas cousas em outras : e *Monan* o mesmo que—velho— ; mas applicado a este grande *Caraiba* tanto importa como dizer-se — immortal —. Este *Mair Monan* ordenava todas as cousas a seu geito, e depois as convertia e transformava de diversas maneiras em feras, aves, peixes, e no que melhor lhe parecia.

Os homens indignaram-se por fim contra *Mair Monan* e

(152) *Mair* chamavam os *Tupinambás* do Maranhão e *Tamoyos* aos francezes. *Mair Monan* significaria o estrangeiro creador por excellencia — o feiticeiro.

o convidaram a vir em visita a uma aldêa. Armaram-lhe tres fogueiras no caminho, e chegando em frente d'ellas lhe disseram que, se elle as passasse sem queimar-se, os seus hospedes o teriam pelo grande *Caraiba!* Passou a primeira, a segunda; mas, chegando á ultima e maior d'ellas, converteu-se logo em fogo e chammas, rompendo-se-lhe a cabeça com um horrendo estrondo, que chegou até ao céo e a *Tupan* (153). D'aqui dizem que se originaram os trovões, e que os relampagos que os precedem é a significação do fogo em que elle ardêra. Por morte d'este seguiu-se a ruina da terra por meio do diluvio.

Eis o caso: *Somé* (154), descendente d'aquelle que os selvagens haviam queimado, teve dois filhos, um chamado *Tamendonare* e o outro *Aricute* (155), homens de indoles differentes e que se odiavam de morte. *Tamendonare*, bom pai de familia, vivia com sua mulher e filhos, aprazendo-se de cultivar a terra. *Aricute* pelo contrario dava-se á guerra, e nada desejava tanto como subjugar todas as nações vizinhas, e igualmente a seus irmãos. Aconteceu um dia que voltando *Aricute* da guerra, trouxe a seu irmão *Tamendonare* o braço de um inimigo, dizendo-lhe com grande altivez e arrogancia: « Tu és fraco e medroso. Eu porém subjugarei tua mulher e teus filhos, que não tens força

(153) *Tupan-ita*, raio: *Tupan-beraba*, relampago Knivet diz que as serras dos Orgãos eram antigamente conhecidas pelo nome de *Tupan boyera*: « Ce mot, qui est facile à decomposer n'indique t'il pas l'existence de quelque antique sanctuaire, où la divinité redoutable des *Tupys* recevait le culte des Piayes ? » *F. Denis.*

(154) Thevet escreve Sommay

(155) Figueira. *Grammatica, Brasilica* diz que *Tamendonare* equivale a « elle se lembra. » *Aricute*, segundo Montoya, vem de *ara* dia e *cute* agitado. Ferdinand Denis .*Obs.—Tamendonare* não será o mesmo que *Tamendaré* ? Na Gram. de Figueira, elle se lembra, diz-se : *Y-maendüar, T-maendüar*, elle se lembre.

para os defender » — Se fôras tão valente como dizes, tornou-lhe o outro, trarias vivo, e não morto o teu inimigo.

Aricute indignado lançou o tal braço contra a porta da casa de seu irmão; mas no mesmo instante toda a aldêa em que estavam subiu ao céo e elles ficaram em terra. *Tamendonare*, vendo isto, ou de admiração ou de desrespeito, bateu na terra com tanta força que d'ella rebentou uma grande fonte. A agua foi subindo, subindo, e em pouco tempo cobriu as collinas e montes, de modo que parecia exceder a altura das nuvens.

Os dois irmãos com suas familias subiram ás arvores mais altas que acharam: *Tamendonare* em uma palmeira, *Aricute* em um genipapeiro (156). Todos os homens e animaes pereceram, excepto os dois irmãos e suas mulheres, dos quaes sahiram dois povos differentes, os *Tupinambás* e os *Tomimis*.

Não é menos curiosa a mythologia e metamorphoses de diversos seres que, tendo principio divino, participaram de todas as fraquezas e miserias dos homens.

E' um d'elles *Maire Monan*, que sob as graciosas feições de um menino, brincando com outros da sua idade, faz presente á terra do *ytic, avati e comàndá*, a batata, a mandioca e a fava.

E' outro, *Maire Poxi*, ente colerico, detestavel e máo: todavia, era o enviado do deos creador.

Tendo fecundado uma virgem com o presente de um veneno mysterioso, levou-a a ella e seu filho para um

(156) Vasconcellos falla da tradicção de dois irmãos que se inimizaram, e separaram indo um para o norte, outro para o sul do Rio

O costume que tinham os indigenas de se pintarem com tinta de genipapo nas suas festas guerreiras não traria origem da tradicção de haver esta arvore servido de asilo ao irmão inclinado á guerra?

lugar maravilhosamente fertil, onde se operam as mais admiraveis metamorphoses. *Poxi* mesmo se transforma, e, deixando o seu hediondo involucro, tornou-se o mais bello dos homens, antes de subir ao céo.

Este filho do bem querido de Deus teve outras aventuras, de que Thevet não trata; mas só do presente que em sua colera fez a um guerreiro, que parecia desconhecer a sua origem.

Foi um brilhante diadema de plumas, que se converteu em chammas, dadiva tão funesta como a da tunica de Nesso.

Maire-Atá, o deus viajante seguiu-se áquelle que puniu o orgulhoso. Ligou o seu destino ao de uma mulher, e a tomou comsigo, para que lhe fosse companheira nas suas terrestres peregrinações, a qual todavia abandonou. A esposa abandonada e gravida é victima de um guerreiro, cuja hospitalidade reclamára, e de quem concebe outro filho. Outra vez abandonada, vai a pobre injuriada pedir hospedagem a um chefe cruel que tem o nome do tygre indiano. *Jaguar* a recebe para a converter em iguaria de um horrivel festim. As entranhas da victima são lançadas a alguma distancia da aldêa: uma india que o acaso conduz áquelle lugar acha os dois gemeos, sorrindo á mãi adoptiva que a fortuna lhes enviára. Leva-os comsigo, agasalha-os, ampara-os, e desde então a abundancia começa a reinar na cabana hospitaleira. Dentro d'essa habitação se accumulam todos os fructos da terra, graças ao filho immortal de *Maire-Atá*. Crescem os dois gemeos em forças, mas não ha de commum entre elles senão o seu amor fraterno. Um herdou todos os attributos quasi divinos de seu pai, o outro está sujeito a todas as fraquezas da humanidade. Unem-se, todavia, no mesmo pensamento de vingança; e n'este particular se patentêa em toda a sua

energia o caracter rancoroso do indio. Sob pretexto de conduzirem os habitantes da aldêa que outr'ora haviam acolhido e assassinado sua mãi a um valle delicioso, onde cresciam fructos varios e abundantes, arrastam toda a população inimiga,e *Jaguar*, seu chefe, a uma ilha fertil: depois sublevam as ondas, e submergem sem piedade toda a multidão. Apezar d'isso, o filho de *Atá* transforma em animaes das florestas a todos estes miseraveis, para que debaixo de nova fórma continuem a servir de incentivo e pasto á novas vinganças.

Os dois irmãos, vendo-se em uma profunda solidão, resolvem-se a procurar vestigios do heróe que seduzira sua mãi. Caminham, caminham, até que chegam ao promontorio que depois se chamou Cabo-Frio. Alli ouvem fallar de um velho maravilhoso, dotado do dom da prophecia: é um ancião temeroso, que ninguem ousa perturbar no seu mysterioso retiro. Persuadidos de haverem encontrado o objecto de suas pesquizas, apresentam-se hardidamente perante o ancião.

« O que vos traz aqui? Perguntou-lhes o propheta com voz irritada.— A esperança, — responde-lhe o mais corajoso dos dois, a esperança de aqui encontrar *Mair-Atá;* e pois que o encontrámos havemos de servil-o como a nosso pai. Então os dois jovens viajantes narram-lhe a historia das desgraças de sua mãi, e da vingança que tiraram de sua morte.

Uma só cousa lhes é occulta: a origem bastarda de um dos dois irmãos. *Mair-Atá* os crê seus filhos, mas quer experimenta-los. Os jovens guerreiros atiram com o arco, e as frechas ficam suspensas no ar. Já é este o indicio de uma origem divina; mas ainda lhe não basta. *Ita irapiyribi*, o que quer dizer meio de respiração, pedra abafadiça, que se abre e fecha alternadamente com os dois

movimentos encontrados dos pulmões da creatura, deve ser atravessada por elles. Elles o fazem; mas o irmão mais novo, espedaçado entre as duas porções da rocha, não tornaria mais a ver a luz, se o outro seu irmão lhe não houvesse ajuntado piedosamente os membros esparsos, e o não restituisse á vida.

Proximo a reconhecêl-os por seus filhos, *Mair-Atá* impõe-lhes uma terceira prova.

Elles deverão ir ao lugar terrivel em que *Aignen (Anhangá)* atormenta as almas, e lhes tirarão a isca prodigiosa com que elle engoda o peixe *alan*. Aqui dá-se novamente a dedicação do heróe immortal por seu irmão. *Mair-Atá* não se póde furtar á evidencia: seus filhos desceram ao fundo do abysmo, pois que lhe trazem um enorme quarto de Tapyr, de que *Aignen* se serve para pescar o peixe gigantesco. O propheta solitario os recebe com alegria, e os recompensa, diz a lenda, preparando-os para novas emprezas.

CAPITULO VIII

CARACTERES MORAES

Festas e danças

Entre estes singelos filhos da natureza a posse do que podia satisfazer os seus appetites, lisongear o seu orgulho, ou redundar em gloria do chefe ou da tribu a que pertencessem, era motivo de regosijo em que todos tomavam parte. Uma pescaria abundante, uma caçada feliz, uma boa colheita de fructos e legumes, ou sómente de generos proprios para o fabrico do seu cauim; assim como a victoria sobre os seus inimigos ou a tomadia de um prisioneiro, eram

occasião de festejo solemne, para o qual eram convidadas as tribus alliadas da circumvizinhança. Eram estas festas de duas naturezas, civis ou religiosas ; porém a sua indole e educação guerreira faziam com que todas em ultimo resultado não tivessem outro fim, que não fosse despertar os sentimentos briosos ou antes ferozes de cada tribu e de cada individuo.

A mais importante de todas, ao menos segundo as noticias que nos restam, era a grande festividade religiosa que se celebrava de tres em tres annos, e na qual os guerreiros recebendo o espirito da força habilitavam-se para renderem os seus contrarios : uma como benção do céo se derramava sobre a taba, sobre as casas, sobre as familias, e sobre cada um dos guerreiros. Os *Caraibas*, que corriam todas as tribus amigas para benzerem os *maracás* e receberem presentes e offertas, reuniam-se n'essas épocas em numero de doze ou de mais, e partiam não se sabe d'onde para esta religiosa peregrinação. Enriquecidos com os benesses recebidos, que consistiam em ornatos de pennas, em pedras para o rosto, e chocalhos para os pulsos e pernas, vinham, com a ostentação d'estes dons, despertar e estimular a vaidade dos outros guerreiros, que se não queriam mostrar pobres, nem menos industriosos, nem fazerem aos seus sacerdotes offerendas de menos valor.

Muito antes da sua chegada corria a fama da sua vinda e todos se punham em movimento para hospedar e obsequiar dignamente os ministros de *Tupan*. Reuniam-se os guerreiros da tribu, limpava-se e preparava-se a taba : uma cabana era reservada para as mulheres,outra para os meninos, outra para os guerreiros. Chegavam emfim os sacerdotes e recolhidos todos nos seus respectivos alojamentos, dos quaes os meninos e mulheres não podiam sahir senão por ordem dos *Caraibas*, começava a ceremonia.

Quinhentos ou mil ou mais guerreiros, ou quantos eram de que a taba se compunha, reuniam-se com os *Caraibas* no lugar que a estes estava reservado. Todos adornados com as suas melhores preciosidades, com os mais bizarros ornatos que tinham, graves e cheios de temor religioso, postavam-se em circulo todos em pé, bem juntos uns dos outros, mas sem se darem as mãos e sem mudarem de lugar. Curvados para diante, movendo apenas o pé e a perna direita, e com a mão d'esse lado sobre os rins, e o braço e a mão esquerda pendentes, dansavam e cantavam ao mesmo tempo. Como o circulo seria demasiadamente extenso, a compôr-se de todos os guerreiros presentes, formavam tres ou mais circulos, e no centro de cada um se collocavam tres ou quatro dos *Caraibas* com os seus vestidos, cocares e braceletes, de pennas ricas e côres variadas, com um *maracá* em cada mão.

Começavam com voz lenta e quasi sumida, como aquelles que entre nós rezassem conjunctamente uma oração pelos mortos : recordavam-se de seus antepassados, de seus triumphos, da valentia e virtudes que na vida os adornaram e tambem da occasião da sua morte. Regosijavam-se porém com a idéa que lá estavam aguardando os seus netos, os herdeiros da sua coragem, nas deliciosas florestas que ficam além das altas montanhas, e d'onde em todas as festas se alegravam com elles. Ao passo em que do canto de saudades passavam a um canto de esperanças, a voz se ia levantando pouco a pouco, e cada vez mais forte, até que rompiam todos a uma com a exclamação pela qual mutuamente se animavam *he ! he ! he ! he !*

De outro lado as mulheres possuidas no mais alto gráo da solemnidade d'aquelles mysterios, e cheias de temor indizivel, apertavam-se umas contra as outras, e com voz timida e tremula repetiam a mesma interjeição *he ! he ! he !*

he! Succediam-se depois os gritos e os saltos como de pessoas possessas, e com tanta violencia que muitas chegavam a cahir sem accordo. O mesmo acontecia com os meninos.

Emquanto progredia este immenso tumultuar na cabana das mulheres, os *Caraibas*, que, assim como os guerreiros circumstantes, não se conservavam firmes n'um só lugar, ião avançando ou recuando a compasso e tomando um comprido cachimbo (de quatro a cinco pés, segundo Lery) cheio da herva *petum* ou tabaco, tomavam algumas fumaças, e, lançando-as pela boca e narizes, com ella baforavam os outros selvagens, repetindo a cada um d'elles : « Recebe o espirito da força, para que possas subjugar os teus inimigos. »

Os guerreiros, continuando no seu canto depois d'esta ceremonia, soltavam terriveis imprecações e ameaças contra os seus inimigos, emquanto os *Caraibas* como que os incitavam á luta, promettendo-lhes os despojos da victoria, os deleites do triumpho e a satisfação da vingança.

Concluiam os *Caraibas* com as memorias da tradição religiosa, de que eram elles os depositarios, e relatavam o diluvio com todas as suas circumstancias ; como as aguas, elevando-se a uma altura prodigiosa e sahindo do seu leito, haviam extravasado sobre a terra ; como *Tamendaré*, o velho justo, se havia refugiado no alto de uma palmeira, e d'alli contemplára o mais grandioso e tremendo espectaculo que a natureza tinha jámais offerecido aos olhos dos homens, até que, renovada a terra e outra vez enxuta, elle com a sua familia descêra da arvore protectora para a repovoar. No fim de cada estrophe, cantavam todos este estribilho prolongando a voz—*heu! heuaure! heurá! heuraure! heurá! heurá! uhe!*

Cessando o canto, todos os guerreiros batiam com o pé no chão com mais força do que das outras vezes ; e tendo

cada um d'elles cuspido diante de si, todos com voz rouca pronunciavam uma ou duas vezes—*he ! hua ! hua ! hua !*

E não julguemos que eram estes cantos destituidos de harmonia : todas aquellas vozes chegavam a concertar-se de modo que produziam uma toada agradavel, e tal que não era de esperar d'elles. D'Abeville o attesta, e mais particularmente Lery, testemunha ocular de um d'estes actos. « Ouvindo-os, diz elle, senti-me todo transportado de alegria ; e ainda agora quando d'isso me lembro, sobresalta-se-me o coração, e me parece que tenho a sua musica nos ouvidos. »

Depois d'esta festa, com a recordação das injurias recebidas, dos combates mallogrados, e mais que tudo porque confiavam nas promessas dos *Caraibas*, sentiam reviver os antigos odios, e procuravam os contrarios para apagarem a lembrança das offensas. Assim que entre elles a propria religião, os proprios sacerdotes, de accordo com os seus costumes, contribuiam para fortificar os principios e os habitos guerreiros.

Depois da batalha a turma victoriosa collocava os seus prisioneiros no centro junto dos que os haviam captivado, e na companhia dos mais robustos e valentes, mais para cortejo da victoria do que para guarda do captivo. Se durante a jornada tinham de atravessar alguma aldêa conhecida e alliada, sahiam todos os habitantes d'esta a encontrar os (157), dançando, saltando, batendo palmas, cobrindo os vencedores de extraordinarios elogios e felicitando-os pelo seu triumpho.

Ao entrar na sua propria aldêa, os velhos, as crianças, as mulheres appareciam para os saudar e receber, e o preso, bom ou máo grado, era forçado a clamar-lhes : « Eis que

(157) Lery e Hans Stadt.

vos chega o vosso alimento (158). » Entregue depois ás mulheres, estas o rodeavam e conduziam entre si,« cantando o mote,que tem por costume cantar aos prisioneiros quando tencionam devoral-o.» Outras vezes os batiam e maltratavam, dizendo-lhes em sua lingua : « Eu te maltrato em nome de meu amigo e parente que foi morto pelos teus. »

Tomando depois precauções para que elle não fugisse, davam-lhe uma mulher que o guardasse e vivesse em sua companhia, até que a morte e por maravilha a fuga o libertasse do captiveiro.Seguimos a relação de Hans Stadt (159), quando dizemos que se tomavam providencias para que o prisioneiro se não evadisse ; mas acreditamos que esta medida só teria sido adoptada para os europêos,e depois que a experiencia lhes tivesse feito ver como estes nenhuma difficuldade tinham em romperem as prisões de guerra.Nos seus costumes,e quando o prisioneiro era indio,dava-se-lhe toda a liberdade, durante largos mezes e até annos, nem temiam que elle procurasse salvar a vida com a fuga, ainda que a todos os instantes tivesse opportunidade para isso. Se o fizesse, considerava-se que o infeliz se deshonrava a si, aos seus, á sua nação, e, repellido por todos com o terrivel stygma de cobarde,nem merecia ser escravo. Os seus proprios o assassinavam cobrindo-o de improperios e máos tratos. Sabiam elles d'isso, e não hesitavam entre morrer com gloria, ou acabar com ignominia (160).

(158) E' o que aconteceu a Hans Stadt. Vid. p. 100.

(159) H. Stadt. p. 300.

(160) Et bien que estant desliéz et libres comme ils sont,ils puissent fuir et se sauver, si est ce qu' ils ne le font jamais encore qu'ils soient assurez d'èztre tirez et mangez au bout de quelque temps. Car si quelqu'un des prisonniers s'estait eschappé pour retourner en son pays, non seulement il seroit tenu pour un *couäue eum*, c'est à dire, poltron et lasche de courage : mais aussi ceux de sa nation mesme ne

Approxima-se o sacrificio, preparam o *cauim*, e fabricam uma especie de vaso destinado especialmente para conter as côres com que deverá ser pintado o prisioneiro para maior solemnidade ; no cabo da maça que lhes serve para matar os captivos fixam uma borla de pennas, a que dão o nome de *atarabêbê* (161), e tecem uma corda comprida a que chamam *massarana*, com a qual os atam. Quando tudo está disposto, convidam os seus amigos e alliados, e enchem todos os vasos de *cauim*. Os hospedes chegam com alguma antecedencia, e o chefe que sahe a recebêl-os os saúda, dizendo : « Vinde ajudar-nos a devorar o nosso inimigo ! »

Durava esta festa pelo menos dois dias, e de ordinario tres. No primeiro atam ao pescoço do prisioneiro a *massarana*, que é feita de algodão ou de embira, e pintam a maça *tangapema* como escrevem alguns, ou *iverapeme* como escrevem outros, com a qual deverá ser sacrificado. Untam-na com certa materia viscosa, e reduzindo a pó as cascas dos ovos de macuco(162), que são de um pardo muito escuro, salpicam a maça com esta poeira. Vem depois uma mulher que limpa parte d'ella em ordem a formar alguns desenhos

manqueroient de le tuer avec mille reproches de ce qu'il n'auroit pas eu le courage d'endurer la mort parmi ses ennemis, comme si ses parents et tous ses semblables n'estoient assez puissants pour vanger sa mort. Le diable a tellement gravé le point d'honneur dedans le cœur de ces pauvres sauvages.... qu'ils ayment mieux mourir par les mains de leurs ennemis et estre mangez par après que fuir de s'eschapper, comme ils peuvent facilement. — *Abeville* pag. 290.

(161) *Garniture* qu'ils appellent *Aterabêbê* faicte de plusieurs sortes de plumages entreliez et accommodez fort joliment. — *Abeville*. p. 292. v.

Atar ornato, *bébé* que vôa, isto é, solto, pendente : dever-se-ha escrever *atarabebé*.

(162) H. Stadt. escreve *Mackukawa*.

grosseiros; e emquanto ella se dá a este trabalho, as outras vão cantando ao redor d'ella. Pintada a *tangapema* e ornada de plumas, suspendem-na em uma cabana inhabitada, e continuam a cantar durante toda a noite. Tambem ás mulheres incumbe pintar o rosto e o corpo ao prisioneiro, emquanto outras proseguem em suas cantilenas, lembrando-lhe o fim que o espera, e motejando-o de se ter deixado prender.

Ainda n'este dia construem no terreiro da taba a casa onde deve dormir o prisioneiro, e na antemanhã do seguinte destinado para consumo total do *cauim*, começam de novo a dançar em roda da maça que tem de servir no sacrificio, e nascendo o sol vão buscar o prisioneiro, demolindo a sua cabana e desobstruindo a praça.

Começa a festa do *cauim*, e o prisioneiro sentado entre os mais prisioneiros conversa, bebe, e longe de se mostrar triste e affligido, comquanto saiba o fim que o espera, procurará mostrar-se o mais alegre d'entre todos.

Outras vezes prolongava-se a festa por toda a noite até o dia do sacrificio ; porém geralmente depois de terem pulado e cantado por espaço de seis a sete horas, desciam a corda do pescoço á cinta do prisioneiro : dois dos mais robustos pegavam em cada uma das extremidades da corda, e a victima, sem offerecer resistencia alguma, bem que lhe deixassem os braços livres, era assim conduzido em triumpho por toda a aldêa. Mas antes d'este passeio triumphal acontecia tambem que o soltassem, dizendo-lhe que fugisse. O prisioneiro largava a correr, os outros seguiam-lhe no encalce, e aquelle que lhe lançava a mão ajuntava mais um nome aos que já tinha.

Novamente preso e atado, blasonavam-se com incrivel audacia e petulancia de suas passadas proezas, dizendo aos que o prendiam : « Eu sou um homem forte e destemido !

Agarrei e garrotei vossos amigos e parentes antes que m'o fizesseis a mim.» E exaltando-se cada vez mais ao som das proprias palavras, voltava-se para um e outro lado, e dizia a este : « Matei a teu pai ! » e a outro : « Apanhei e assei teus irmãos e amigos. » e em geral concluia : « Devorei tantos dos vossos, tomados e captivados por mim, que já lhes perdi a conta. Estou no vosso poder e cahirei aos vossos golpes, como um guerreiro que vos despreza e não se acobarda de feroz. Comtudo, não duvideis que para vingar a minha morte, os da nação a que eu pertenço não tomem e captivem e comam dos vossos tantos quanto apanhem. »

Então amontoados juntos d'elle páos, pedras e projectis de todo o genero, os dois que o seguram esticam a corda de um lado e d'outro em distancia de quasi tres braças e cobrem-se com uma rodella, á semelhança de escudo, feita de pelle de *tapyr*, e dizem-lhe : « Vinga-te antes que morras ! » Elle começa a arremeçar como um furioso tudo quanto acha á mão ; e como a multidão, diz Lery, sobe ás vezes de quatro mil pessoas, ficam alguns bem maltratados. Hans Stadt diz que são as mulheres as que volteam em roda do prisioneiro, ameaçando devoral-o, e que a estas é que o prisioneiro faz pontaria.

Terminado isto, já a dois passos da victima se deverá ter accendido a fogueira e preparado o *moquem*. Uma mulher se approxima mostrando-lhe a maça voltada com as pennas para cima. Um guerreiro, de ordinario um ancião, a toma das mãos da mulher e a mostra igualmente ao prisioneiro. Então em uma comitiva de doze a quinze pessoas, o executor que se terá deixado pintar de pardo com cinza, caminha no meio dos seus para a praça, onde aquelle que tem a maça lh'a entrega (163). Feliz d'aquelle que tem de

(163) Lery diz que o executor, sahindo da cabana, onde por todo o

succumbir ás mãos de um guerreiro afamado; porque n'aquelle momento só teme, e só lhe doerá como um insulto ser reservado para illustrar a vida de um guerreiro sem nome.

O executor approximava-se da victima, dando saltos e pulos, e brandindo a arma, emquanto o prisioneiro tentava arrebatar-lh'a das mãos; mas detido pela corda com que o cingiam cada vez mais estreitamente, tinha por fim de se conservar tranquillo. Então lhe dizia o executor: « Eis-me aqui para te matar, pois que tu e os teus devoraram muitos dos nossos. » Ou então: « Não pertences tu a tal ou tal nação, nossa irreconciliavel inimiga? E tu mesmo não tens morto e comido a muitos de nossos amigos e parentes? » Aquelle, mais impavido e arrogante que nunca, responde: Sim, eu o sou! Pertenço a tal nação de homens corajosos e destemidos, e eu mesmo sou um valente entre elles. Matei comi dos vossos: assolei e destrui tudo! Oh! que de astucias desenvolvi! Que de ciladas armei! De quanta energia, de quanta coragem não dei prova! E quantos dos vossos não cahiram miseravelmente aos golpes do meu tacape, aos tiros da minha frecha (164)! Agora vinde, e reuni-vos todos: vinde comer a carne de vossos pais e avós que me serviram de alimento. Estes musculos, estas veias, estas carnes tudo isto é vosso! Pobres loucos, que não percebeis como em mim reside a substancia dos vossos antepassados: saboreai-a bem, que na minha carne achareis o gosto da vossa propria carne. »

« Eis a causa lhe tornava o executor. E pois que estás em nosso poder, serás morto, moqueado e devorado por nós. » « Seja, responde o outro, vaidoso de morrer pela gloria dos seus: os meus amigos me vingarão! »

tempo anterior se terá conservado, apparece já com a maça e se dirige com ella ao prisioneiro.

(164) Montaigne, *Essais*, L. 1 c. 30.

E n'este dialogo quando estão ainda um fallando e o outro respondendo, o sacrificador levantando a maça com ambas as mãos, dá com a rodella tão forte pancada na cabeça do prisioneiro, que não carece de repetir o golpe (165). Então as mulheres tomam o cadaver, limpam-no, esfregam-no bem, e depois um homem decepa-lhe os braços e as pernas. Quatro mulheres, pegando cada uma em um d'estes membros largam a correr em roda das cabanas perseguidas umas pelas outras, o que é uma grande festa.

Muitos pais, ao revez do que acontece entre povos civilisados, quando homens e mulheres de classe inferior assistem ao supplicio de algum criminoso, tingem com o sangue da victima os corpos dos filhos como para inspirar-lhes o gosto d'estas festas barbaras.

A mulher do prisioneiro depois de o ter chorado, será a primeira, se lhe é possivel, a comer d'elle. Se d'este coito se torna gravida educam o filho até certa idade, e em alguma occasião de festa, em falta de outro, o matam com as mesmas ceremonias não obstante pugnarem em favor d'elle as circumstancias do nascimento, da convivencia e da educação; porque eram sempre reputados o sangue e a carne dos inimigos. Eram estas festas chamadas « *Cunhã-membira* » (166) que equivale a dizer-se, o filho de um inimigo, ou da mulher, que, segundo as suas opiniões, valia a mesma cousa.

Segundo as suas opiniões, dizemos, porque elles tinham para si que o filho recebia da mãi o nascimento e nada mais,

(165) Stadt diz que depois do golpe o executor deita-se em sua rede, que se lhe dá um arco e frecha pequenos afim de que elle se entretenha, e cobre forças, para que a violencia do golpe que deu lhe não torne a mão incerta.

(166) Southey. *History of Brazil*. T. 1. 218. *Not. do Brasil*. 2—6.

e procedia inteiramente do pai (167). Prova-se isto com os cuidados que o pae tinha para comsigo, como se o parto o devesse affectar em alguma cousa, emquanto a mulher se applicava como de ordinario aos seus trabalhos usuaes ; mas esta idéa se acha curiosamente desenvolvida na sua linguagem. O pai chamava ao filho *taira* e á filha *tagîra* ; a mãi chamava a ambos *membira*. Segundo o vocabulario, que com auxilio de Manoel de Moraes nos deu Marcgraff é esta a segnificação d'aquelles vocabulos.

Taguì, significa sangue, e *membirara* dar á luz, lançar fóra de si : assim, a palavra empregada pelo pai exprimiria a filha, ou fiho do meu sangue ; e aquella usada pela mãi, o menino que dei á luz, que lancei fóra de mim.

A mãi porém é sempre mãi em todos os tempos e em todos os lugares ; a natureza as aconselha divinamente e n'ellas desperta a indole caroavel, que nem a maldade dos tempos em que vivem, nem a educação que receberam póde perverter completamente. Se estas mulheres (o que conseguiam dos portuguezes) não podiam acabar com os prisioneiros indigenas que fugissem ; por que era isso deshonroso entre elles, sabiam ás vezes defender os filhos resolutamente e dar-lhes escapula para a tribu do seu progenitor (168).

Voltando ao nosso assumpto, aquella primeira festa religiosa era um incentivo de guerra : commemorando-se as glorias de cada tribu e os seus revezes, vinha a idéa associada dos seus inimigos e das suas injurias. Ora, lembrar a um selvagem o seu desar, é excital-o á vingança. Vinham pois as guerras após as guerras, os prisioneiros, e após os

(167) Comer os filhos do prisioneiro, diz Garcilasso, que se viu out'ora em muitas provincias do Perú. L. 1 c. 12.

(168) Herrera. 4, 3, 2.—*Noticias*. 2, 69.

prisioneiros as represalias das outras tribus, e assim por diante. Os mesmos sacrificios dos prisioneiros nem sempre eram isentos de perigo, já porque estes vendessem caro a vida, já principalmente porque, reunidas as tribus amigas e começando o brodio, cantava cada qual as suas façanhas nos termos mais emphaticos que podia ; de modo que, originando-se rivalidades e ciumes, appareceriam desavenças entre tribus até alli amigas.

Longe estava de serem estas as unicas recreações que tinham ; cantos e danças se succediam, e tribus havia afamadas pelo dote do canto. Bons cantores eram todos os *Tupys*, e tão inclinados á musica, tanta impressão lhes fazia, que só com ella pareceu a um jesuita poder chamal-os a outra norma de vida.

Quanto á dança (169), dizia Vasconcellos, copiando

(169) « Dancing among savages, when not a religious ceremony, is, as among children, mere sport ; among corrupted people it becomes a mode of vice. Southey, *History of Brazil* t. 1° p. 654.

Estas reflexões foram suggeridas ao escriptor inglez pelo seguinte trecho de Abeville, pag. 299.

La danse est le premier et principal exercice des *Maragnans*, qui sont à mon advis les plus grands danseurs qu'on trouve soubs le ciel. Car il ne se passe jour qu'ils ne s'assemblent en leurs villages pour ce sujet ; mais les danses ne sont si dissolués entre ces barbares comme elles sont entre les chrestiens, d'autant que les filles et les femmes ne dansent jamais avec les hommes, si ce n'est quelquefois en *caouinnant* ou beuvant, mais encore se gardent-ils bien alors de beaucoup de folies, d'attraicts et deshõnetetéz par trop ordinaires és danses de par deçà ; car les femmes ne mettent que la main sur les espaules de leurs maris qui dansent : aussi ne voit-on tant d'scandales et de mal-huers qui arrivent icy par les danses et balets pleins de lubricitez et dissolutions. »

Virey H. N du G. H. T. 3, pag. 421: « Oú la chasse, image de la guerre, devient habituelle ; la danse n'est plus qu'un tableau de la guerre ou des representations de la chasse.... Ces danses sont très

Marcgraff (170) : « São mui dados a saltar e a dançar de muitos modos, a que chamam *gudu* em geral. » Uma d'estas danças era dos meninos, outras das mulheres, outras emfim exclusivas dos guerreiros : tinham tambem differentes nomes, *urucapi*, que nem Vasconcellos nem Marcgraff diz o que era : *curupirara*, dos de menor idade : *guaibipayé*, a dos pagés: *guaibiabuçú*, a dos chefes e valentes guerreiros.

« Um d'estes generos de dança, escreve o padre Vasconcellos, é mui solemne entre elles, e vem a ser que andam n'elle todos em roda sem nunca mudarem do lugar onde começaram : cantam no mesmo tom arengas de suas valentias e feitos de guerra, com taes assobios, palmadas e pateadas que atroam os valles. E para que não desfalleçam em acção tão heroica, assistem alli ministros destros que dão de beber aos dançantes, continuamente de dia e de noite ; até que vão embebedando-se e cahindo ora um, ora outro, e finalmente quasi todos. »

Essas mesmas danças porém não eram mero exercicio de forças ou simples distração do espirito. Os guerreiros não se ajuntavam com as mulheres, as mulheres não se confundiam com os meninos. Para os ultimos seria talvez a dança um divertimento ; mas para os guerreiros era mais do que gymnastica, mais do que pantomima : procuravam representar uma idéa, e nunca despertar a sensualidade ; fim unico a que mira a dança moderna, como a de todos os povos civilisados ; por isso nunca se confundiam os sexos. Simulavam nos passos choregraphicos, já o caçador avançando cautelosamente sem arruido em procura da presa : erguiam-se de repente em attitude viril e ameaçadora, como se corpo a corpo lutassem com uma féra; e todas as phases,

graves et serieuses, car elles peignent des actions forts et des traits de valeur.

(170) *Noticias coriosas*, pag. 141. — Marcgraff.

todas as peripecias da luta, se desenhavam nas posturas, d'onde ressumbrava o hardimento e a força. Já, mais energicos, imitavam combates de homem contra homem, em que se succediam as palavras aos golpes, as exclamações aos gemidos, e o grito da victoria se misturava aos ais do moribundo. Logo, eram todos os guerreiros, imitando um assedio, avançando e recuando entre gritos e pocemas, fazendo voar milhares de setas, trepando estacadas, precipitando-se d'ellas, correndo, fugindo e voltando.

Outras vezes porém symbolisavam a paz e alliança entre todos os guerreiros da mesma aldêa. Com uma das mãos na cintura, e o braço direito sobre o hombro esquerdo do seguinte, com um pé firme, e o outro marcando o compasso, formavam um grande circulo, como que todos juntos representavam uma unidade, e sobre todos se derramasse aquelle sentimento de amizade e dedicação, de que, ainda mal, se acham os melhores exemplos n'estes homens a que nos apraz de chamar selvagens.

« E' costume d'este povo da natureza, diz Chateaubriand (171), escolher cada homem um amigo : uma vez formado o laço, torna-se indissoluvel a alliança, e resiste á desgraça, assim como á prosperidade. Torna-se duplice cada homem, e vive com duas almas. Se um dos dois amigos perece, o outro não tarda a desapparecer tambem. »

Este trecho de Chateaubriand recorda outro de Gall (172): « Onde nos podem correr mais tranquillamente os dias do que com um povo para o qual a amizade é uma virtude de pratica jornaleira? Nos banquetes, nas reuniões, em toda a parte, achamos amigos, e em todos os lugares o coração se dilata.

(171) Natchez.

(172) Fonctions du cerveau.

CAPITULO IX

CARACTERES MORAES

Governo, indole, paixões

Um escriptor que já citámos em outro lugar, disse que os indigenas do Brasil não tinham nem fé, nem lei, nem rei; e que por esse motivo, como era sabido, faltavam-lhe na sua lingua as tres letras F. L. R. (173) Basta a mais ligeira reflexão para mostrar que valor se deve dar a tão extravagante opinião; como se os *Tupys* devessem ter palavras portuguezas, ou que os vocabulos dos dois idiomas correspondentes áquellas idéas, devessem de necessidade começar pelas mesmas iniciaes, ou que emfim podessem existir homens sem religião, sociedade sem leis e guerreiros sem chefes. Acabamos de ver que não só tinham religião, mas bem complicada: cabe-nos demonstrar agora como os seus costumes eram leis, e que sua sociedade tão imperfeita como era, não só tinha chefe como uma hierarchia d'elles.

O traço distinctivo do caracter do selvagem é o seu amor á independencia, e o tedio a todo e qualquer constrangimento. Liberdade e espaço eis a sua vida. Com ella nenhum despotismo era possivel, nem o militar nem o theocratico; porque os vinculos que o prendiam á sociedade eram facilimos de romperem-se; o despotismo seria para elles a autoridade, cuja alçada se fizesse sentir com alguma energia. Sujeitavam-se, mas não queriam sentir a sujeição.

Não quereriam pois acurvar-se a um chefe senão tanto quanto lhes fosse isso aconselhado pela experiencia ou

(173) Em religião e costumes são por extremo barbaros; porque não têm nem fé, nem lei, nem rei, motivo por que é sabido lhe faltam em sua lingua estas tres letras F. L. R. — *Vida do padre João de Almeida*, cap. 75 n. 7.

pela necessidade, nem ás leis ou aos costumes senão quanto bastasse para que se não desorganisasse inteiramente a sua associação. Assim, poderiamos sem erro, personificando as qualidades que os selvagens respeitavam chamar seus chefes « a experiencia e a coragem: » o mais velho era o mais ouvido (174), o mais corajoso o melhor obedecido (175). Mas a experiencia é de todos os tempos, emquanto que a coragem não sendo durante a paz senão um instrumento de desordens, uma occasião de rixas,não merecia de ser respeitada senão na guerra, e quando voltada contra o inimigo commum: d'aqui vinha terem os velhos uma autoridade constante e os chefes guerreiros um poder temporario; mas ainda assim eram igualmente respeitados um e outro, o velho pelo costume e o chefe pelo temor. Distendido o arco, deposta a maça do combate, o primeiro dos guerreiros no campo da batalha era ainda o mais glorioso, o mais respeitado no ocio da paz.

A origem d'estes dois poderes differentes e que na vida policiada tantas vezes são oppostos, traziam notavel differença na denominação por que eram conhecidos, e explicam porque não tinham nenhum vocabulo para exprimir a idéa de rei. O velho devia a sua autoridade ao

(174) E' entre elles costume que os rapazes obedeçam aos velhos—H. Stadt, c. 12.

Ils ont neanmoins vn chef ou vn qui est le principal en chacun de leurs villages. Et celuy qui est le plus *vaillant capitain* et le *plus experimenté vieillard*... ordinairement il est le chef et le principal entre les autres.—Abbeville, p. 328 v.

(175) F. Cardim, p.36. Em cada *oca* d'estas, ha sempre um principal, a que tem alguma maneira de obrar.... Este os exhorta... e lhe tem em tudo respeito.

Entre estes seus principaes ou prégadores ha alguns velhos antigos de grande nome e autoridade entre elles, que têm fama por todo o sertão.

correr dos annos, e ainda que d'ella percebessem todas as vantagens, não podiam tirar d'ahi motivo de vangloria. Eram respeitados porque eram velhos; e assim como tinham um termo para indicar a velhice do homem, tomaram outro para significar a maior velhice relativa entre os homens da mesma tribu. *Peoreru* e *Picheh* (176), eram os velhos respeitados pela experiencia do passado, o ancião consultado pelos guerreiros. O chefe guerreiro porém tomava novos appellidos por cada nova façanha : devia a si o que era, e o seu nome proprio era tambem o seu maior brasão, pois que entre os da sua tribu soava tanto como o de guerreiro por excellencia.

Se pois o seu nome revelava ao mesmo tempo que explicava a sua autoridade, qualquer titulo que lhe dessem, além de escusado seria menos significativo.

Havia outras autoridades. A aldêa ou *taba* dos indios compunha-se de grandes cabanas ou *ocas* capazes de admitir muitas familias : e, como a taba tinha o *Peoreru Picheh*, a *oca* tinha o seu maioral, o mais idoso, que compunha as desavenças, fazia reinar a tranquillidade nas horas de descanço (177), hospedava os estrangeiros, e era chamado *Mussacat.* Cada familia das diversas divisões da *oca* tinha por chefe o guerreiro que a alimentava. De modo que a *oca*, representação da aldêa, compunha-se dos mesmos elementos que ella, mas travados entre si e subordinados uns aos outros. A filha dependia da mulher, a mulher e os filhos do guerreiro, este do *Mussacat*, o *Mussacat* do *Peo-*

(176) Lery, 5ª *edição* p. 231.

(177) Não tem propriamente governo, mas cada cabana obedece a um chefe.—H. Stadt, c. 12. « Em cada aldêa um principal que seguem na guerra, outro em cada casa, a que têm respeito os que vivem na mesma casa.— » *Tratado da terra do Brasil*, c.157. (*Not. para a H. e Geogr.*)

reru Picheh, e superior a todos estava o *conselho da nação, o Carbé* (178).

Assim constituido o seu governo, pareceram querer combinar a duração com a extensão do poder. O *Peoreru Picheh* por toda a vida, o chefe guerreiro durante a guerra, o *Mussacat* durante a noite. Ficava de fóra o *conselho da nação*, que a representa e reproduz-se com ella e só com ella se acaba, e o pai de familia, que só com a morte deixa de o ser.

Este governo de extrema simplicidade era accommodado á tempera dos *Tupys*, pois que sendo tantas as tribus da nação, e tão separadas umas das outras, em parte alguma se rebellaram contra elle ; mas por outro lado tinha o grave inconveniente de concentrar-se todo no presente, não sahindo das tradições do passado,não lançando as vistas sobre o futuro, nem procurando mais perfeito estado social. Havia por certo degenerado ou se tinha desviado dos seus principios aquella sociedade,de cujos membros se procurava exclusivamente fazer guerreiros ; e não seguiam o principio da conquista, o que unicamente lhes havia dado a posse do litoral, e que aliás seria a consequencia logica da sua educação.

Mas, se quanto ao governo não podiam ser comparados aos *Mexicanos* e *Peruanos*, quanto aos caracteres geraes, indole e costumes, nem só se assemelhavam aos selvagens

(178).....estant en leur *carbet*, qu'ils tiennent tous le soirs emmy la place entourée de leurs loges. Après qu'ils ont fait là du bon feu, dont ils se seruent au lieu de chandelle et pour *petuner*, ils y portent leurs licts de cotton,qu'ils suspendent en l'air à des pieux fichez en terre; et estant tous couchez, chacun en sont lict à part, auec un *petunnoir* en la main, ils discourent de ce qui s'est passé le jour et aduisent de ce qui est pour l'aduenir, ou pour la paix, ou pour la guerre, ou pour receuoir leurs amis,ou bien pour aller contre leurs ennemis et pour toute autre affaire vrgente telle qu'elle soit.... *Abbeville*, p. 329.

de todas as partes do globo, como tambem havia entre todos os americanos um como parentesco facil de estabelecer para aquelles viajantes que de perto os observaram. Algumas differenças que serviam para distinguir um grupo do outro, e muitas vezes as tribus entre si, eram tão leves, tão melindrosas, tão pouco sensiveis, que mais serviam para confirmar a hypothese que alguns autores formaram, que, se não tinham todos a mesma raça, tinham ao menos convivido longamente a ponto de se tornarem como participantes da mesma origem.

O indio era indolente e preguiçoso, porque a natureza, como mãi pouco providente que á força de extremos e caricias mal educa os seus filhos, tinha sido excessivamente prodiga para com elles. Carecia de pouco para viver, e esse pouco a benignidade do clima, a fertilidade do terreno, lhes asseguravam em todos os tempos e em todos os lugares: tinham abundancia de caça, de pesca, de differentes fructos segundo as quadras do anno, de modo que, fazendo plantações, não carecia de reservar colheita para alguma occurrencia imprevista. Que lhes importava pois o futuro? Viveriam seus filhos como elles. Confiados na providencia ou no destino, consideravam a maior de todas as loucuras consumir o homem os dias e os annos em inquietações, correr trabalhos e perigos, suar, lidar e cançar-se, não para gozar; mas para deixar uma herança, que outros houvessem de dissipar depois de sua morte. Desfructando o presente, entregava-se com delicias á ociosidade, e passava horas esquecidas n'um estado quasi de torpor e somnolencia no *far niente* dos lazzaronis, que tambem são chamados os selvagens da civilisação. Não era comtudo que fosse tão extrema essa indolencia como nol-a querem pintar os seus detractores: n'esses homens meridionaes, o que mais admirava era a passagem rapida e por assim dizer instan-

tanea de um extremo a outro, o contraste da preguiça no seu auge, e logo transformada em infatigavel actividade.

Era rancoroso e vingativo, porque lhe doia o labéo de fraco e covarde : demais esses vicios eram irmãos gemeos de duas virtudes, os que mais sabem odiar são os que mais sabem amar, e aquelles que não perdoam injuria alguma são, por outro lado, os que mais difficilmente se esquecem de um beneficio. Vingativo em extremo, nem sabia perdoar offensa alguma, nem guardar medida na satisfação que d'ella tomava, de modo que eram bem felizes os que não soffriam senão a pena de talião. A sua colera era rapida e terrivel como a do tigre ferido por um caçador imprudente : comtudo com o grande imperio que em certos casos sabia ter sobre si demoravam-se ás vezes ; disfarçavam, dissimulavam as suas intenções,até que se lhes offerecesse occasião propicia de patentear o seu resentimento. Então não conhecia freio ; nada respeitava, nada os commovia, nem lagrimas, nem rogos, nem a velhice caduca, nem a infancia recem-nascida : os proprios objectos insensiveis não escapavam ao seu furor, parecendo-lhes que tantos mais elogios mereceriam , com quanta maior barbaridade e crueza se vingassem.

Improvidente e supersticioso como crianças ; credulo e confiado como ellas ; nem pensava no dia subsequente, nem conhecia limites ás suas desenfreadas paixões, se tinha possibilidade de as satisfazer. Desconfiado com os estranhos, principalmente quando n'elles percebia deslealdade ; uma palavra, um indicio, um vislumbre da intenção sinistra, bastava muitas vezes para o tornar suspeitoso ; e da suspeita, sem mais exame, precipitava-se na traição.

Eis o lado máo do seu caracter ; mas de quantas boas qualidades, de quantas virtudes se não mostravam adornados ! Hospitaleiros para com os estranhos, os seus proprios

inimigos achavam acolhimento e agazalhado nas suas tabas, e as suas casas, cujas portas, quando as tinham, eram esteiras de pindoba, pareciam convidar a descanço os que passavam. Não fallamos dos cantores, porque esses, privilegiados entre elles, qualquer que fosse a tribu a que pertencessem, amiga ou inimiga, eram recebidos como em triumpho, acariciados, festejados, e raro se ausentavam sem presentes. Os seus prisioneiros, emquanto não chegava o dia do sacrificio, eram tratados com brandura desconhecida das nações civilisadas em circumstancias semelhantes. Não se diga que os tratavam bem para os cevar, porque ha exemplos que destroem esta hypothese. Tivesse o prisioneiro de ser sacrificado em outro lugar e por outra tribu, ainda assim recebiam o mesmo tratamento e agazalhado (179) : davam-lhe mulher para companheira, e não para terem raça de homens fortes ; porque, no caso contrario, nem as dariam aos fracos, nem sacrificariam os filhos d'essa passageira união.

Generosos e beneficentes entre si, a ponto de fazer inveja áquelles que se ufanam de seguir a religião da caridade, por instincto de coração, que não por dever, o selvagem offerece quanto tem ao seu companheiro necessitado ; não esmola, reparte ; e ha n'isto tanta sinceridade, que, comprazendo-se elles de obsequiar a todos, tomam por injuria a rejeição da offerta. Vem d'aqui haver-se-lhe negado toda idéa de propriedade, e tambem porque o furto, como outros crimes, e como muitas enfermidades, era-lhes desconhecido até de nome antes da chegada dos europêos. « Se lhes falta alguma cousa, lê-se na Historia das Antilhas (180),

(179) E' o caso de Hans Stadt, preso por uma tribu, e reservado para ser entregue a outra.

(180) *Histoire naturelle et m. des Anilles* : « Le larcin est tenu

os *Caraibas* dizem logo :—« Algum christão andou aqui ! »

Infatigaveis no proseguimento e execução do projecto para o qual os attrahisse ou a vaidade compromettida, ou os proprios habitos, seguiam a pista de animaes ou de inimigos dias e noites com admiravel paciencia e ainda mais admiravel astucia. A fome, a sêde, o cansaço, nenhuma impressão pareciam produzir sobre elles ; e jactanciosos como eram, ciosos de fama, cheios de orgulho, nem a morte os intimidava, nem os tormentos os abatiam. Offereciam o peito descoberto á setta hervada ; e quantos prisioneiros, semelhantes ao *Mexicano* deitado na grelha e consumido a fogo lento,com inabalavel constancia, levavam ao cumulo o assombro dos seus oppressores !

Onde porém estava a sua vida, o seu amor, a sua gloria, era nos combates. Era esta a maior e a mais energica das suas paixões, porque ia n'ella a vingança ; e entre tribus em estado de hostilidade permanente, qualquer leve occurrencia era pretexto de guerras encarniçadas. Uma offensa de tempos remotos, recebida de seus inimigos, a rivalidade das tribus alliadas, quando nas suas festas blasonavam as suas proezas, como em prejuizo uma das outras ; a invasão de territorio, porque elles tinham as raias naturaes demarcadas pelos rios e montanhas ; o pé de um vizinho impresso no solo, de que elles se houvessem apossado, ou uma fera morta dentro de suas coutadas, era uma injuria ; e a injuria, feita ou recebida, era sempre a guerra ; « porque (diziam elles) visto que os offendêmos, e elles jámais se esquecerão d'isso, melhor é que os ataquemos em quanto podemos leval-os de vencida. » Eram irreconciliaveis como inimigos,ao passo que facilmente rompiam as suas allianças: estes dois factos explicam o fraccionamento em que achamos

pour un grand crime parmi eux. Mais comme les chretiens haissent naturellement ce peché, aussi ne se voit-t-il point au milieu d'eux.

as differentes tribus, e demonstram que o seu estado social ia sendo cada vez mais desesperado.

Dada a offensa, os velhos no *carbé* discutiam os motivos da guerra, discorrendo por espaço de seis e mais horas, já sentados na rede e cercados de ouvintes, já passeando e gesticulando ao mesmo tempo. Lery nos dá o extracto de um d'estes discursos:

« E como (dirão elles, sem a minima interrupção nos seus discursos) nossos predecessores, os quaes não só tão valentemente combateram, mas tambem subjugaram, mataram, e comeram tantos inimigos, nos deixaram exemplo para que, como effeminados e cobardes, nos fiquemos sempre dentro de nossas casas? Será preciso que, para grande vergonha e confusão nossa, em vez de que no passado foi a nossa nação por tal fórma timida e respeitada de todas as outras, que não poderam subsistir diante d'ella, os nossos inimigos tenham presentemente a honra de nos vir buscar até em nossas casas? A nossa cobardia dará occasião aos *Margayas e Perosengaipa* (a estas duas nações alliadas) que nada valem, de nos virem desafiar dentro do nosso terreiro? Não (dirá o orador com gestos violentos) não, poderosos e fortes mancebos, não é isso o que nos convém fazer; antes, dispondonos para os irmos procurar, convém que nos façamos matar e comer, ou que tenhamos vingança dos nossos. »

Animavam-se, influiam-se os que o escutavam, e estava decidida a guerra; marcavam o prazo;e se tinham de vencer grande distancia até se encontrarem com os inimigos «esperavam a conjuncção da lua cheia para andarem a ultima jornada de noite pelo luar (181).» O mais atrevido d'entre elles, ou aquelle que procurava lucrar renome, cheio de audacia

(181) *Noticia do Brasil*, cap. 168.

e orgulho, avançava na direcção da tribu a que pretendiam offerecer combate, e lhes declarava guerra com feros e ameaças, exagerando o seu numero e força, e deprimindo os seus contrarios. Porém as mais das vezes contentavam-se de deixar no caminho ou atiravam dentro da aldêa que ameaçavam um arco entesado, e na frecha marcavam com o numero de entalhaduras quantos dias pretendiam combater. Este costume se conserva hoje em dia em algumas tribus do Mearim e Alto Amazonas. A materia de que era feito o arco, as dimensões, a ponta, o ornato da frecha, valiam como a assignatura de quem mandava o cartel.

Na vespera da partida, á noite, sahia o *principal*, o cabo da guerra « fazendo prégação, repetindo onde ião, e pondo-lhes diante a obrigação que tinham de tomarem vingança de seus contrarios, para pelejarem valorosamente, promettendo-lhes victoria de seus inimigos, e sem nenhum perigo de sua parte, de que ficaria d'elles memoria para os que atrás d'elles viessem cantarem os seus louvores (182). »

Deixamos aos curiosos o prazer de lerem no original francez a animada e pittoresca descripção que faz Lery (183) de um d'estes combates. Observamos sómente que os *Tupys*, ciosos da sua dignidade, não consentiam mulheres nas suas fileiras ; differentes n'isto dos *Tapuyas*, entre os quaes homens e mulheres combatiam promiscuamente. Todavia ellas acompanhavam os maridos á guerra, mas para conducção de viveres, redes e armas, e para apanharem e ministrarem frechas durante o combate.

Ardentes e impressionaveis, como eram, sabiam occultar os seus sentimentos, a ponto de parecerem indifferentes, quando não eram senão concentrados. Se algum mensa-

(182) *Noticia do Brasil*, cap. 167.

(183) Lery, 5.ª edição, p. 240.

geiro chegava com alguma noticia, por muito que lhes interessasse e a desejassem saber, não se alvoroçavam ao vêl-o: pelo contrario conservavam-se na mesma postura, com fingida indifferença, até que passado largo espaço lhe diziam : Chegaste ? « Sim, respondia o outro—» E calando-se novamente, só depois de largo espaço reatavam a conversação, como se se tratasse de algum negocio que em nada os affectasse. Se a mulher, o filho, o pai estava perigosamente enfermo, conservavam a mesma tranquillidade a que se julgavam obrigados se para os experimentar lhes cravassem uma setta no corpo ; mas isso era só na apparencia, porque interiormente a natureza sabia reivindicar os seus direitos. Esses homens, que, porque eram soffredores, foram chamados brutos e insensiveis, como por Paw e Robertson, davam exemplos dos mais delicados e extremosos sentimentos. Não, não acreditemos que a especie humana possa degenerar a ponto de desconhecer aquelles doces e santos laços, a que o proprio bruto não póde resistir : embora violentados, raras vezes perdem o seu poder ; e se alguns monstros apparecem que os desrespeitem, cá na sociedade é onde se encontram os maiores e mais injustificaveis criminosos. Podia a pobre mãi em tempos de penuria e de fome sacrificar os proprios filhos ; n'este caso a necessidade a desculpava ; mas um principio impio de honra social não ia afogar o embryão do homem no seio materno, não os expunha á caridade infamante de pessoas indifferentes, nem confiavam a mãos estranhas e mercenarias o innocente que lhes devia o ser. As facções politicas não collocavam em campos inimigos aquelles que na infancia penderam do mesmo seio, bebendo o mesmo leite ; nem as paixões vis do interesse e da cubiça machinavam contra a vida prolongada de um amigo ou de um parente. Não ; quanto mais nos approximamos da na-

tureza, mais resplandecem aquellas virtudes primitivas e por assim dizer innatas, que o homem ingenuo pratica em singeleza de coração, e de que tanto nos ufanamos no estado social.

Narram-se casos notaveis da exaltação a que póde chegar o indio que ama. Os historiadores que tratam do Paraguay são accordes em dizer, que o amor inspirado por uma hespanhola a um chefe selvagem foi a causa da ruina do forte do Espirito-Santo construido por Gaboto (184). Outro facto semelhante é referido por Lesson (185).

Vejamos entre os nossos indios a quanto podia chegar a sua dedicação ; pois que nos podem dizer que elles não sentiriam em tanto extremo senão aquella paixão, e só por uma estrangeira, e na impossibilidade de satisfazerem os seus violentos desejos. Trato de casos que as nossas historias relatam, ou que se conservam na memoria dos nossos contemporaneos.

Quando os hollandezes invadiram pela primeira vez a Bahia, os portuguezes,depois de fraca resistencia,retiraram-se precipitadamente para o Rio Vermelho, onde se acamparam. Jaguarary,seu alliado,os acompanhára ; mas,tendo-os deixado acampados e na segurança que os tempos permittiam, voltou á cidade, onde havia deixado a mulher e os filhos, para os resgatar, ou servir na companhia de sua familia, que só n'elle podiam pôr esperança. A este tempo já alguns portuguezes, por motivos infinitamente menos nobres, tinham pactuado com os invasores, passando-se para elles. Com a chegada de D. Fradique de Toledo, os

(184) Lozano. *Historia del Paraguay* T. 1 p. 29. Funes. *Ensayo de la Hist. civil del Parag.* T. 1 c. 2 p. 26. Techo. *Hist. Prov. Paraq.* L. 1.º

(185) Lesson. *Complement des œuvres de Buffon. Races humaines.* T. 2. p. 166.

hollandezes retiraram-se ; os portuguezes traidores ficaram impunes ; mas o indio, carregado de ferros, é arrastado até o Rio Grande do Norte, e alli encerrado no forte, talvez na *casa escura*, não lhe valendo para desculpa o amor que devia ter á sua gente.

Quando porém, mudadas as circumstancias, os hollandezes entraram no Rio Grande, não obstante os annos decorridos, ainda alli encontraram o indio preso, e cuidaram que o seu justo resentimento lhes assegurava um prestante alliado. Não lhe impoem condições para a soltura, quebram-lhe os ferros, e o indio é posto em liberdade. Ao ver a luz, a que já estava desacostumado, emmagrecido e curvado mais pelas correntes do que pelos annos, e em tempo em que as armas portuguezas cediam á fortuna do conde Mauricio, juntou gente e foi unir-se aos seus antigos alliados, como para mostrar-lhes que a lealdade de um selvagem ainda era maior que a ingratidão dos europêos.

Será este o segundo exemplo. Vivia no principio d'este seculo um homem, chamado Bartholomêo Gomes, cuja familia aindo hoje se conserva no Maranhão. Bartholomêo Gomes, o descobridor dos sertões do Mearim e Guajahu (186), corajoso cabo de guerra, que em pequenas igarités penetrava por todos os igapapés e confluentes d'aquelles dois rios, ás vezes com menos de uma duzia de companheiros. Mostrava-se porém tão pouco humano em todas as occasiões de suas entradas, que o seu nome era o terror d'aquellas florestas, onde ia a chamada civilisação acompanhada de inauditas barbaridades. Em uma das entradas que fez este homem ao rio Guajahu surprehendeu a um indio, que tirava mel com a mulher, e um filho de tenra idade. O indio na

(186) Diz-se por corrupção *Grajahu*, Guajá é o nome de uma tribu, e de uma planta. *U* é o mesmo que *y'* ou *y'g* rio. *Guajahu* quer dizer—rio dos indios *Guajás* ou da planta do mesmo nome.

altura em que estava, percebeu de longe os christãos, dá o grito do alarma e pôde evadir-se ; mas, ficando prisioneiros a mulher e o filho, movido pelo amor que lhes tinha, veiu resignadamente, não obstante o nome de Bartholomêo Gomes, offerecer-se á mesma sorte, a escravidão ou a morte.

O ultimo e mais notavel exemplo, tambem da mesma provincia e de bem recente data, é um chefe dos *Gamellas*, que se chamou emquanto vivo *Bertrotopama*. A sua aldêa, situada nas circumvizinhanças do Codó, estava em guerra com os fazendeiros da vizinhança, que não podiam ter descanço com elle. Um preto escravo desertou para esta aldêa com o consentimento do senhor,e pouco depois os indios, descobertos e atraiçoados pelo escravo, tiveram de render-se, mas a bom partido. Trouxeram-os para o Maranhão, onde por ordem do então presidente, O Sr. Moura Magalhães, foram humanamente tratados, mas distribuidos por differentes familias,que os hospedaram por compaixão, ou porque contassem tirar d'ahi algum proveito. A mudança de habitos e de alimentos occasionou-lhes enfermidades, de que vieram a morrer a maior parte, principalmente aquelles que tinham sido dados como refens em signal de alliança, e tiveram praça na marinha. O chefe selvagem os visitava um por um todos os dias, consolava-os, e alimentava-os com a esperança de que algum dia, ristituidos ás suas florestas, poderiam esquecer os seus males, e continuar n'aquella vida, precaria sim, mas livre, para elles feliz.

Os *Gamellas* porém não se podiam conservar tranquillos entre quatro paredes ; fugiam por distração, por genio erradio, e talvez para exercicio. Levaram-lhes isto a mal e para os intimidar deu-se ordem de prisão contra os que fossem encontrados sós nas ruas. Dois foram presos, e quiz a fatalidade que fossem conduzidos pela rua na qual morava

o chefe. Ao vêl-os passar entre soldados, *Bertrotopama* desce, ordena que os soltem aos soldados que o não entendem, e, como não fosse obedecido, lança-se nos braços de seus companheiros, quer livral-os á força, luta com os soldados, e quando o seu hospede veiu em seu auxilio, já o amarravam para o terem mais seguro. Conduzido para o seu alojamento, e persuadido de que se lhes tinha faltado á palavra, chorava de desespero, como alienado, sem attender ás lagrimas nem ás supplicas da mulher e filhos. Por fim, aproveitando-se de um ligeiro descuido, lançou-se da altura de um segundo andar á rua : e assim acábou com o sentimento da sua dignidade offendida o chefe *tapuya*, que se teria chamado Jagoarary ou Camarão a ter sido favorecido pelas circumstancias.

O indio pois estava bem longe moralmente dos affectos que tornam cara a vida domestica, e predispoem para o estado social. Amava a mulher, deixava-a inteiramente senhora de si, nas suas occupações domesticas ; e se o grande peso do incommodo da vida recahia sobre ella, não era comtudo mais digna de lastima do que o são em geral na Europa nas classes proletarias. Amava os filhos, dava-lhes toda a liberdade, não os castigava, não os ameaçava nem intimidava nunca : pelo contrario, os planos mais bem combinados eram pospostos, as mais commodas habitações abandonadas pelos caprichos de um menino (187). Ama-

(187) Laet (40): « Estimam mais o bem que se faz aos filhos do que a elles proprios, e eis porque procuram unicamente os padres da companhia, que instruem seus filhos nas artes liberaes e disciplina. »
Veja-se *Abbeville.*

F. Cardim, pag. 40. « Os pais não têm cousa que mais amem que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem, tem dos pais quanto quer. Nenhum genero de castigo tem para os filhos, nem ha pai nem mãi que em toda a vida castigue nem toque em filho, tanto os trazem nos olhos : em pequenos são obedientissimos a seus pais e mãis, e todos muito amaveis e aprazi*v*eis. »

vam a seus pais, tratavam d'elles com solicitude e carinho, até que a velhice os tornava, além de respeitaveis como pais, venerandos como bemquistos do seu Deus, como oraculos de sabedoria e prudencia.

CAPITULO X

NASCIMENTO, CASAMENTO, MORTE : CONDIÇÃO DAS MULHERES

Sigamos o indio desde o berço até a sepultura, que melhor os poderemos aquilatar moralmente em todas as phases da vida.

Durante a gravidez, a mulher, sem interromper de modo algum as suas occupações, continuava n'ellas até que as dôres da maternidade a surprenhendessem, muitas vezes longe do povoado, entre matas ou á beira de algum regato: alli dava á luz, lavava-se, e lavava o recemnascido n'agua corrente, para os fortalecer, costume dos habitantes do norte, que tambem os mergulhavam em agua fria, ou os estendiam sobre a neve. Taes eram os escossezes, os irlandezes, os antigos helvecios e germanos.

« *Durum é stirpe genus, natos ad flumina primum.*
Deferimus sœvoque gelu duramus et undis.

« Decendencia de geração robusta, nós em primeiro lugar levamos nossos filhos ao rio; e os fortalecemos com a crueza dos gelos e das ondas » (188).

O marido pelo contrario, que se reputava concorrer por si só para o nascimento com toda a porção de vida necessaria á reproducção, ou pelo habito, ou porque o prejuizo repercutido n'uma imaginação cheia de vivacidade lh'o per-

(188) Dizem que os islandezes e siberios ainda hoje o praticam. *Virey.*

suadisse, sentia-se fraco com as dôres, por que não tinha passado (189), e temendo que as suas imprudencias prejudicassem o recemnascido, deitava-se na rede, resguardava-se por espaço até de 15 dias, acalentando, e amimando os filhos, que pintavam de vermelho e preto (190).

Dava-lhe desde logo um pequeno arco e frechas, e quando se reuniam os amigos e parentes a darem-lhe as prolfaças do acontecido, o pai cantava a canção natalicia, ensinando-lhe como aquellas armas se fabricavam, como deveria usar d'ellas, como combater e vencer o inimigo ; e por fim diziam-lhe qual a consideração que mereciam os fortes ; como os homens, as feras, as aves, e os mesmos peixes os temiam, e qual era a fama do guerreiro, que, succumbindo aos golpes do inimigo, ainda assim os espantava com a sua constancia e longanimidade (191).

Por uma antithese philosophica, nas côres de que o pintavam no berço representavam a guerra e o luto ; e se na cova procuravam dar ao cadaver a posição que tinha o feto no utero, contrapondo a sepultura ao berço : assim tambem ao entrar na vida apontavam para o fim que os esperava, como se o grito balbuciente da criança, e o ultimo suspiro do moribundo formassem um só hiato, e fosse o primeiro ai da existencia, o primeiro passo para a morte.

Começava o menino a vingar, a crescer e a criar forças : educados em toda a liberdade, e em clima menos ardente que temperado desenvolviam-se rapidamente e exerciam-se na carreira, natação (192) e na luta, e sobretudo no

(189) V. *Tratado da terra do Brasil*. c. 154.

(190) Lery. cap. 17.

(191) Lery falla d'esta canção : 5ª edição p. 352.

(192) Os *Aymorés* tinham horror á agua ; mas é dos *Tupys* de quem agora nos occupamos.

manejo do arco seu fiel companheiro, que nem na sepultura os abandonava. Exercitados pelos velhos, pelos guerreiros, por seus pais, que sorriam aos seus jogos, applaudindo os mais destros e mais robustos, faziam rapidos e admiraveis progressos, pungidos pela emulação e desejo de louvor.

De oito annos tinha lugar o seu baptismo de sangue, a sua primeira iniciação no soffrimento ; furavam-lhe os labios e davam-lhe um nome. Se o menino chorava, se a força da dôr durante esta dolorosa operação lhe arrancava uma lagrima: « Não prestas para nada (dizia-lhe o pai com desgosto), has de ser fraco toda tua vida ! » Mas o que não consegue a educação fortalecida pelo exemplo? Abbeville diz que esta ceremonia tinha lugar aos quatro, cinco ou seis annos (193) ; que o menino se apresentava resolutamente sabendo que era para se tornar um valente guerreiro ; que nunca lhes acontecia gritar, mas que, pelo contrario, supportavam a dôr com grande constancia.

Ha indio que com uma braga ou grilhões aos pés nada duas ou tres leguas. Fer. Cardim. cit. pag. 41.

(193) O mesmo autor diz em outra parte que o filho de um *principal* do Maranhão, de 8 annos, não tinha ainda o labio furado. Refiro-me n'este trecho á seguinte passagem :... « ils font venir le petit enfant après lui avoir faict entendre que c'est pour lui percer la levre,à ce qu'il soit un jour fort, valeureux et grand guerrier, lequel tout encouragé pour telle raison, presente librement et hardiment sa levre avec une allegresse et grand contentement : et lors celuy qui est deputé la prend et la perce avec une petite corne ou quelque os bien pointu et y faict un grand trou ; que s'il advient que le petit enfant crie (ce qui n'arrive *guère*), ou qu'il jette quelque larme pour la douleur qu'il ressent, ils disent qu'il ne vaudra rien et qu'il ne sera jamais qu'un couard et homme sans courage. Que si au contraire il est ferme et constant (comme ordinairement ils sont) ils en tirent un bon augure et croient qu'en sa vie il sera grand, brave et vaillant guerrier. *Abbeville*, p. 268.

Entrando na puberdade, que,segundo alguns, é na America Meridional aos 12 annos (194), e segundo a observação de outros recahe sempre dos 13 aos 14, começa para o pubere uma época de martyrio ; porque antes de ser recebido no numero dos guerreiros é necessario que endureçam o corpo com a fadiga, e fortaleçam o espirito com o soffrimento. Repetiam-se entre elles os tratos que davam os *Caraibas* aos seus noveis guerreiros ; e senão tão rigorosos, ainda bastante aterradores. Jejuavam largos dias, maceravam-se e espancavam-se mutuamente, e não bastando isto, um velho, penetrando na habitação em que dormiam, rasgava-lhes as carnes (195) fazendo-lhes profundas incisões nas pernas com um dente de cotia, de paca ou mesmo de peixe, que era como a sua lanceta e escalpello. Se não derramavam uma lagrima, nem soltavam um ai ; mas antes, ufanos de sua coragem, provocavam novos soffrimentos, e cançavam a paciencia de seus ensaiadores ; se por maior ostentação se esburacavam o rosto e desenhavam todo o corpo com incisões, sobre as quaes derramavam tintas de diversas côres, eram reconhecidos guerreiros, e tinham adquirido o direito de combater pela sua tribu.

Todavia para tomar mulher outras provas se requeriam ; era necessario que o guerreiro podesse fazer um presente de noivado, que era como o preço da compra que se fazia ao pai do corpo da mulher; e, não obstante isso, os *Tupys*, segundo refere Vincent Leblanc, exigiam do nubente a captura de um prisioneiro, ou um feito d'armas que os

(194) Chappe d'Auteroche, *Voyage en Californie*, p. 25—Azara, *Voyage en Amer. Mérid.*—Lapeyrouse, *Voyages*, T. 4. pag. 43.

(195) J'ai vu un chef aller le matin dans toutes les cabanes et faire aux jeunes garçons une entaille à la jambe avec un dent de poisson très tranchant, afin de leur apprendre à souffrir sans se plaindre. H. Stadt. c. 19. Variamos um pouco d'este autor nos pormenores.

recommendasse (196). Alguns preferiam raptar a mulher de uma tribu vizinha, o que preenchia a condição social e os forrava do presente de noivado ; e em outras occasiões estabeleciam-se jogos para ver-se a quem caberia a moça que se houvesse tornado nubil (197). Um tôro de barrigudo com um cabo delgado e de facil prehensão, semelhante aos soquetes ou massetes de que ainda entre nós se usa em muitas partes para abater a terra das sepulturas, posto que mais ponderoso que este, ou um grande pedaço de tronco de palmeira era collocado no meio do terreiro. Vinha o guerreiro correndo, tomava o tronco, continuava a carreira, saltava fossos, subia elevações, arrojava-se ás vezes ao rio com elle, e quem chegava primeiro e levava mais longe a carga, esse ganhava a palma e a mulher que tinha de ser esposada. Explicou-se este costume, de que trata Barlœus, Marcgraff e outros, e que ainda conservam algumas tribus do Piauhy, pela necessidade que tinha o guerreiro de defender a mulher, e para que em occasião de perigo a podesse salvar fugindo. Era-lhes permittido, depois d'isso, tomar quantas mulheres podiam alimentar, o que reputavam grande honra ; mas tanta era a penuria dos meios de subsistencia, que de ordinario só os chefes tinham mais do que uma.

A mulher tornava-se desde então como escrava do marido; mas se este a sobrecarregava de trabalhos, não as maltratava muito. Se em solteiras se prostituiam facilmente, tornavam-

(196) « Os que mais se distinguem na guerra têm em premio a moça que escolhe. » *Diario da Viagem do O. Sampaio*—Nação *Passé* § 260. Ao captor do prisioneiro « dão a mais formosa e mais honrada moça, que são as virgens que mascam o *aypí*.» *Tratado da Terra do Brasil*. c. 7.° *Noticias*, etc., T. 4, c. 7. pag. 205.

(197) « A's vezes decide-se em combates parciaes presididos pelo maioral. » Sampaio, ob. cit. § 260.

se castas depois de casadas ; e os maridos contra o costume dos selvagens, eram ciosos, e vingavam o adulterio com máos tratos, e até com a morte. Por este motivo os parentes da mulher não se julgavam offendidos ; e Rochefort diz que dos *Caraibas* que o marido offendido e vingado apresentava-se ao pai da offensora, e lhe dizia : « Matei minha mulher, que me era traidora. —Fizeste bem, lhe tornava o sogro, e se tinha outra filha logo lh'a dava.»

Cahia doente : os seus medicamentos eram sangria, a dieta absoluta, quando o enfermo por si mesmo não podia procurar a sua subsistencia, e sudoriferos que promoviam, sotopondo pedras quentes ás redes ou giráos, em que estendiam os enfermos, e depois as borrifavam com agua, de modo que o vapor que se desenvolvia promovesse a transpiração. Os pagés, que tambem eram medicos e quasi tão sómente isso, que Abbeville os não chama senão *barbeiros* (198), se tratavam de algum envenenamento acertavam de ordinario com a cura ; porque eram muito conhecedores dos seus venenos e felicissimos na applicação dos antidotos; mas no geral, tendo adevinhado a influencia do moral sobre o physico, curavam os enfermos com a promessa de os curar, e tambem chupando a parte enferma (199) com algumas formalidades e ceremonias, a qual mais ridicula, fazendo ver, para mais lhes ferir a imaginação, algum corpo estranho que pretenderiam ter-lhes extrahido. Nos casos mais graves deitavam a culpa a alguma tribu inimiga ou a pessoa a que não fossem affeiçoados.

Os sãos mostravam-se indifferentes, por ser signal de

(198) Abbeville.

(199) Diz Lery : — Vasconcellos accrescenta que tinham pagés de chupar; isto é que não usavam de outro meio no tratamento de qualquer enfermidade.

cobardia mostrar-se o guerreiro acabrunhado por qualquer occurrencia; ás vezes comtudo, porém raramente, suppunham contagiosa a molestia, abandonavam o enfermo e a taba, e procuravam nova residencia.

Morriam: as mulheres se reuniam em torno do cadaver, lavavam-no, untavam-no com mel, pintavam-no e adornavam-no com as suas melhores pennas; deitavam-no na rede com os cocares, arco, frechas, e os objectos que mais tinham amado na vida; e durante meio-dia (200) o choravam acocoradas em torno d'elle e com os cabellos soltos sobre o rosto. Alguns, como o autor das noticias, (201) dizem que esta ceremonia se prolongava por muitos dias; porém Lery escreveu que elles não guardavam os seus mortos por mais de meio-dia. Seguimos a opinião d'este ultimo escriptor, porque o clima, então como agora, não permittiria conservar-se um cadaver incorrupto por largo espaço. Comtudo estas duas opiniões ainda que oppostas podem ser em parte verdadeiras; se o enterramento tinha lugar no dia do fallecimento, os ritos do funeral se espaçavam, como diremos, não só por dias, como por mezes.

Os homens, que não terão cessado de pular, dançar e cantar em roda do enfermo, apenas sobrevem a morte, principalmente se era o morto algum bom pai de familia convertiam a festa em prantos e lamentações. São comtudo as mulheres as que fazem maiores demonstrações de magoa. « Morreu, dirão ellas, morreu aquelle que era tão valente, e que tantos prisioneiros captivou! »

Outra accrescenta: « Que excellente caçador, que forte

(200) Estas ceremonias duram meio-dia, porque não guardam mais tempo os seus mortos. Lery, c. 19.

(201) Noticias c. 172 — « o que faziam muitos dias. » F. Cardim. Lisboa, 1847. p. 40. mortos — « os quaes choram dias e noites inteiras com abundancia de lagrimas. » V. Abbeville.

lidador que era ! O valente destruidor das nações inimigas, das quaes nos vingou tantas vezes. » E assim umas após outras ião repetindo tudo quanto elle houvesse dito e feito, e a cada estrophe respondiam todas em côro « Morreu ! Morreu aquelle que nos cobre de luto e dôr, aquelle que choramos agora. » Assim é (respondiam os guerreiros) não o tornaremos a vêr senão além das montanhas, onde elle nos espera, e onde iremos dançar e folgar com elle. »

« Na casa e no lanço em que vivia,(202) abrem uma cova muito funda e grande com estacada, para que não caia terra, armam a rêde de modo que não toque no chão, mettem-no na rêde assim enfeitado com seu arco e frechas e espada, e fogo ao longo da rêde para se aquentar, comer em um alguidar, agua em uma cabaça, e a cangoeira na mão. Correm estacas transversaes de modo que não toquem na rêde, ramas sobre as estacas, e terra sobre as ramas. Sobre a qual sepultura vive a mulher como d'antes. »

As mais das vezes não os enterravam com a rêde, mas faziam grandes talhas de barro cozido (203), em que depositavam o morto, amarrando-lhe os braços e pernas, de fórma que ficasse em uma posição acocorada, como o feto no ventre materno (204). Era este o costume geralmente

(202) *Noticia do Brasil*, c. 172.

(203) Lery, c 19 diz que assim se praticava com algum bom velho. Semelhantes talhas foram achadas em algumas partes : «Enterravam os ossos em grandes talhas, que trasladavam para outras mais pequenas com grandes ritos e festas.» *Diario da Viagem*, etc. O. Sampaio § 260.

(204) Lafitau. *Mœurs des sauvages américains* « Os *Caraibas*, os *Iroquezes* e os *Brasileiros* collocavam o cadaver no seio da terra, nossa mãi commum, como estava em embryão no seio materno. » Redditur enim terræ corpus (dizia Cicero) et ita locatum ac situm, quasi operimento matris obducitur.

observado pelos *Tupys* (205) bem que a talha (a que chamavam *kiçaba*) (206) não fosse essencial á ceremonia. O que era tudo, era a posição do cadaver, e que a cova não fosse comprida, mas redonda e profunda, de modo que por nenhum lado encostsase a terra ao corpo. Os *Guajajaras* e *Pomecrans* têm as mesmas sepulturas ; mas os *Gamellas* ou *Timbiras*, como a maior parte dos *Tapuyas*, fazem covas sobre o comprido, e arredondadas nas extremidades : enterram o corpo ao comprido tambem, e com as costas voltadas para o nascer do sol (207).

Os vinhos e a comida eram postos sobre as sepulturas,e sobre ella accendiam fogo ; dever sagrado para o qual vinham todos os dias até de muito longe, emquanto senão tivesse passado tempo bastante para que o cadaver estivesse em completa putrefacção. Este costume, de que os *linguas normandos* (*truchments*) tiravam todo o partido, consumindo os alimentos offertados, e illudindo a credulidade do selvagem, não era observado com o fim de sustentar o cadaver. Attenta a virtude que suppunham no fogo, de afastar os espiritos máos, queremos acreditar com Lery e com o proprio Neuwied (208), que os *Tupys*, offerecendo um pasto facil a *anhangá*, tentavam por esta fórma impe-

(205) Este costume e a crença de que o seu paraiso ficava além de umas altas montanhas, não indicará haver entre os *Brasis* tribus descidas dos Andes ?

(206) Na *Vida do padre João de Almeida* lê-se *Igaçaba*, que era o nome que davam ao pote.

(207) Neuwied diz (t. 3, p. 156) que os *Camcans* os punham dentro d'ellas. De outros lê-se o mesmo em varios autores. *Cronica* de Cièca de Leon c. 28. Sagard. *Voyage au pays des Hurons*, p. 288. Cruxii, *Historia Canadiensis*,p. 91.Rochefort.—*Histoire des Antilles*,p. 68. Biet, *France Equinoxiale*, pag. 391.

(208) P. 297.

dil-o de devorar o cadaver. O fogo, e os alimentos deviam pois ser collocados fóra, e não dentro da sepultura (209).

A duração do luto e o modo de o manifestar differia entre as differentes nações americanas. Os *Peruanos* e *Yaracarês* fugiam do lugar da morte, o que talvez acontecesse entre os *Tupys*, e de certo algumas vezes com os *Tapuyas*. Os *Araucanos*, *Patagões* e *Puelches* o demonstravam usando de ornatos lugubres, e pintando o corpo com tintas negras: os *Charrúas*, obrigando os parentes do morto aos mais severos jejuns: estes cobriam-se de feridas em signal de magoa, e as mulheres, por morte de cada proximo parente, cortavam uma articulação do dedo.

Entre os *Tupys*, depois de o terem chorado, homens e mulheres, cantando as suas façanhas por algum tempo ou, como quer o autor das *Noticias*, por alguns dias; as mulheres cortavam por dó o cabello, e os homens pelo mesmo motivo o deixavam crescer todo (210), tingiam-se de genipapo, e faziam consistir toda a sua piedade em os não deixar carecer nem de fogo nem de alimentos (211).

Faziam festas para tirar o luto, o que talvez indicasse a persuasão de se achar a alma do fallecido além das altas montanhas, que suppomos ser os Andes, e onde elles collocavam o seu paraiso (212).

Crendo na immortalidade da alma, julgavam que ellas tomavam a fórma e o caracter dos espiritos máos para vir

(209) Põe-lhe de comer *em cima* da cova. *Tratado 2° da terra do Brasil*, c. 7. *Noticias para a H. e G.*, etc.

(210) As mulheres usam do cabello comprido, excepto por luto, ou quando os maridos estão em viagem; os homens pelo contrario só o deixam crescer por colera. Laet antes do n. 20

(211) *Noticia do Brasil*, c. 176.

(212) Vid. Lery p. 302. *Abbeville*, pag. 323.

castigar aquelles que houvessem maltratado o seu corpo. Consideravam pois deshonroso, e talvez mesmo julgassem funesto deixar o cadaver de um dos seus sem as honras da sepultura (213) : para que tal não acontecesse preferiam enfraquecer as suas fileiras mesmo durante a refrega, estabelecendo como dever do combatente levar para longe do campo os que cahiam mortos a seu lado (214). Qualquer fim porém que tivesse o guerreiro, não se podia offender mais profundamente os seus amigos e parentes do que re-

(213) Não me parece ter fundamento o que se lê na *Vida do padre João de Almeida*, que elles devoravam os cadaveres dos seus.

« Outros melhoram a sepultura porque os mettem em suas mesmas entranhas, com as ceremonias seguintes. Tiram o corpo do defunto a um campo, acompanhado de todos os parentes e alli lhes tiram as entranhas os feiticeiros e agoureiros mais prezados, e logo o vão repartindo em partes, a cada qual aquella que lhe cabe, conforme são mais ou menos chegados no parentesco. Estas partes torram no fogo certas velhas a quem pertence por officio : torradas ellas cada um come aquella que lhe cabe com grande sentimento ; e tem para si que é o signal de maior amor que podem ostentar n'esta vida aos que se ausentaram para outra, dar-lhe sepultura em seus ventres e encorporal-os em suas mesmas entranhas. Porém com esta differença que os corpos dos que são principaes só os comem outros principaes como elles ; e repartem os ossos pelos demais parentes,os quaes os guardam para o tempo de suas grandes festas, como de vodas e outras semelhantes,onde partidos por miudo ao modo de confeitos,os vão comendo pouco e pouco ; e emquanto todos aquelles ossos d'esta maneira não são consumidos,andam de luto que é entre elles cortar o cabello,como entre nós deixal-os crescer » C. 5. n. 10.

O autor copiou, paraphraseou e accrescentou as palavras da *Viagem de Baro*, quando diz que os *Tapuyas* durante o luto comiam os ossos dos seus mortos pulverisados com farinha e mel.

Os *Tupys* em suas festas comiam os ossos dos prisioneiros, que guardavam para esse fim, assim como reservavam os ossos maiores para flautas.

(214) Era tambem esse o costume dos *Caraibas*. *H. n. et m. des Antilles*, p. 455.

petindo-se-lhes o nome do morto. Só por grande necessidade o lembravam ; mas usando de algumas phrases correspondentes ás que para o mesmo effeito empregavam os latinos *fuit*, *vixit*, diziam por um circumloquio : o grande guerreiro que perdêmos ! O capitão que choramos (215).

Assim pois tudo nos *Tupys* respirava guerra ; o nascimento, a educação, o casamento e a morte; os seus habitos, as suas idéas e a sua religião. Se a mãi chorava com as dôres da maternidade, aquellas lagrimas podiam cahir sobre o coração do menino, e tornal-o cobarde : convinha portanto matal-o (216). Apenas nascidos eram pintados com as côres da guerra, o urucú e o genipapo, como se o negro e o vermelho d'aquellas tintas symbolisassem o sangue e o luto; a seu lado depositavam um arco e frechas, que os acompanhariam meninos, jovens, adultos, guerreiros, e depois de velhos e depois de mortos. Apenas sahidos da infancia um baptismo de sangue os esperava ; furavam-lhes os labios e os lobulos das orelhas, e davam-lhes um nome que com aquella provança mereciam (217). Cresciam no meio de exercicios physicos que lhes desenvolviam todas as forças do corpo ; tornavam-se homens no meio de fadigas, e só eram recebidos guerreiros á força de martyrios : para o casamento era preciso conquistar uma mulher, fazer um prisioneiro, ou levar a palma aos outros em força e agilidade : na morte só os fortes iriam para além das altas montanhas, onde os seus maiores amigos e parentes os esperavam na deliciosa beatitude do ocio entremeada dos prazeres da

(215) Lafitau. *Mœurs des Sauv.* T. 2 p. 420.

(216) Laet, *Ind. Occ.* L. 17 c. 15.

(217) *Relation du voyage de Roulox Baro.* Trad. de Morau, p. 233. C'est une forme de baptesme parmi eux, donnant en cette rencontre le nom à l'enfant.

caça e da pesca. Um cantico de guerra os acompanhava do berço á sepultura, e fabricavam as suas armas ao som de cantigas que narravam os aggravos recebidos pelos seus em tempos anteriores ; e como todos aquelles que presam em primeiro lugar as forças physicas e a coragem, sendo altamente sensiveis á injuria, era o seu maior deleite a vingança. Não admira que fossem guerreiros, o que admira é, como já observámos, que, tendo a sua educação a guerra por objecto, a sua sociedade não tivesse a conquista por missão.

Resta-me agora tratar do que em todas as partes constitue a melhor porção do genero humano, a que Deus creou em ultimo lugar para que fossem as mais perfeitas das suas creaturas. Fallo da mulher. Se nações cuja origem como que se perde na noite dos tempos (e sirvam os chins de exemplo) a têm quasi em eterno captiveiro ; se entre povos que consideramos no apogêo da civilisação as vemos sujeitas ao dominio de um senhor violento e cruel ; se homens illustrados e doutos theologos (218) chegaram a duvidar da sua natureza, não é muito que pobres selvagens, na sua rudeza primitiva, desconhecessem tambem a sua origem divina, ou não tivessem a arte de encobrir com flores as correntes tão pesadas que lhes roxeam os pulsos (219).

(218) Segundo Gregorio de Tours, foi discutida em um concilio de Macon a dissertação de Acidaleus—«Mulieres homines non esse. Virey *H. n. da g. h.* Lyserus. *Poligamia triumfatrix*, p. 123.» Cum inter tosanctos patres episcopos (*concilii matirconensis*) concilio quidam stat tueret non posse nec deberi mulieres vocari homines: timore dei publice ibi ventilaretur ; et tandem post multas vexatœ hujus questionis disceptaciones; concluderetur mulieres sint homines.

(219) Laet *Ind. Occ.* (40): « Estes selvagens amam assás as mulheres..... não as batem nem fazem mal por pouco. » Vid. Walknäer. *Essais sur l'histoire de l'espèce humaine*, 1798 p. 79, caracterisando a condição da mulher do caçador selvagem.

Nasciam : e, como o seu nascimento podia affectar a saude do pai de quem, como se suppunha, exclusivamente recebiam a vida, este se deitava e resguardava da mesma fórma que se lhe tivesse nascido um filho : cantava tambem, porque toda a sua vida era poesia, dizia-lhe como se batia o *tocum* para se lhe extrahirem as fibras, como d'elle se faziam cordas e tecidos, como se preparava e fiava o algodão, como se teciam as rêdes, como se pintavam os guerreiros ; e que, emfim, a mulher era semelhante áquellas trepadeiras, que nasceram e se emmaranharam por um tronco robusto, destinadas a ornal-os de flores, e ás vezes tambem a amparal-os.

Crescia, e em vez da ampla liberdade de que seus irmãos gozavam, ajudavam a mãi na penosa tarefa do arranjo domestico, carregavam agua da fonte, apanhavam lenha e vigiavam a comida. O trabalho as recebia ao sahir do berço para só as abandonar na beira do sepulchro.

Tornavam-se moças, e precisavam de uma especie de purificação (220) : os jejuns succediam-se ás abluções ; pintavam uma parte do rosto ou dos braços e soffriam pro-

Virey T. 3 p. 357 (Paris 1824) Dans l'état d'extrème barbarie, le sexe feminin n'est pas toujours, opprimé autant qu'on le pourrait, croire, parce qu'il devient necessaire comme le centre de la famille et l'espoir de la nation.... plus la barbarie est extrême, plus la femme semble obtenir d'ascendant. »

D'Orbigny. cit. t. 1° p. 176 : « A condição da mulher quanto á trabalho é penivel o mais que é possivel ; mas não soffre nunca censura pela maneira porque governa a sua casa : o americano o mais barbaro não a bate ; trata-a sempre com a maior doçura. Assim que, apezar dos seus trabalhos, as mulheres d'estes homens chamados selvagens, são menos desgraçadas do que muitas d'aquellas das nossas classes industriaes da Europa, tão maltratadas muitas vezes por seus maridos. »

(220) D'Orbigny, *L'Homme américain*. Thevet trata tambem das terriveis purificações impostas ás adultas, quando se tornam mulheres.

fundas incisões no peito e pernas, para testemunhar a passagem da infancia esteril á idade da fecundidade.

Atavam um fio de algodão pintado em cada braço, em signal de virgindade (221). Rompiam porém o fio quando a perdiam, e nem isso lhes prejudicava a reputação, nem lhes era levado a mal. O seu pudor revelava-se na honestidade dos gestos e maneira ; e no mais consistia em não mostrarem nunca signaes de menstruo, que ou não tinham pelo frequente uso de banhos, peles jejuns e incisões que soffriam em entrando na idade da puberdade, ou porque, segundo alguns autores, reputadas immundas n'essa quadra, fugiam dos olhos de todos, o que me não parece muito exacto (222).

Casavam-se e tornavam-se escravas dos maridos, a quem seguiam por toda a parte : todos os trabalhos domesticos recabiam sobre ellas, na guerra os acompanhavam carregando armas e mantimentos, e nas mudanças de residencia todos os seus haveres, e os filhos que não podessem supportar a marcha.

Punham-se a caminho : ia o marido adiante só com o arco e frecha na mão para as defender de inimigo ou de feras em caso de ataque, e ellas atrás com o *potigua*, (caixa) *igaçaba*, (pote),cabaça, cuia, réde e filhos, e com tudo mais que era preciso para a jornada ou para a nova habitação que escolhiam. Quando faziam alto,o marido deitava-se negligentemente, emquanto a mulher accendia fogo, preparava a caça, ajuntava lenha, carregava agua, até que lhe fosse tambem permittido entregar-se ao descanço.

(221) As donzellas trazem á cinta um fio de algodão, e em cada buxo dos braços outro ; em casando,rompe-os para mostrar que já é dona, e ainda mesmo solteiras o fazem apenas desfloradas, e ninguem lhes quer mal por isso. *Tratado da terra do Brasil*, cap. 152 ou 162.

(222) V. Virey, Ob. cit. T. 1, p. 135 nota.Lafitau é do mesmo penar. *Mœurs des Sauvages*, t. 1, p. 262.

Eram mãis; amavam extremosamente os filhos ainda que se não excedessem em demonstrações de ternura (223); criavam-nos com a mais desvelada solicitude, e amamentavam-nos por largo periodo (224). Não os assassinavam nunca por defeito physico, ainda que fossem extremamente raros os defeituosos entre elles, facto que Robertson e outros, sem fundamento explicam com o infanticidio (225). A causa d'isso seria outra, seria a actividade e exercicio da mulher durante a gestação, a liberdade physica em que viviam, não usando atilhos que podessem embaraçar o perfeito desenvolvimento do feto, nem torturando e contrafazendo a criança com fachas e cintas.

Com tudo, se era sina sua servir sempre, podiam ao menos mudar de senhor quando o que tinham lhes não agradava, ou as maltratava de mais.

« Não te quero mais por marido, dizia ella, vou procurar outro. — *Ecoaen*, lhe respondia o marido » Vai-te para onde quizeres. D'esde esse momento a mulher era livre, e podia escolher a quem lhe aprouvesse servir (226).

Eram viuvas, e lagrimas de piedade regavam a sepultura de seus tyrannos; os accentos de sua dôr os seguiam na ultima jornada; e apezar de todos os incommodos satis-

(223) Lafitau, ob. c. p. 585 «Elles aiment leurs enfants avec une extrême passion.... leur tendresse n'est pas moins reelle, moins solide et moins constante.

Virey nota que, onde ha a polygamia as mãis amam com excesso.

(224) Tres e quatro annos, dizem alguns.

(225) Gumilla. *Orinoco illustrado*, T. 2.—Vide Piso, l. 1, p. 6; e o Padre Techo. Parece porém que dos gemeos abandonavam um, *Lett edif.* 510 p 200 Os do Perú o faziam por o considerarem de máo agouro. Ariaga. *Extirp. de la idolatria del Perù*, p. 32, 33.

(226) Abbeville cit. p. 279 v.

faziam os deveres que a sua religião lhes impunha para com os mortos.

Um prestigio de tal ou qual consideração as rodeava no seu estado de virgindade, porque só ás virgens era permittido mastigar mandioca para o fabrico do *cauin* (227): na velhice, achavam força na energia da sua dedicação para sacrificarem-se por um estado social, que mal as protegia, e offerecendo-se a uma morte tão voluntaria como certa, elaboravam o veneno com que se hervassem as settas. Algumas vezes tambem divagavam pelos campos floridos da illusão e os seus labios, mudos para os queixumes se abriam para soltar cantos modulados pela ternura e enthusiasmo (228); e em nome da imaginação, da intelligencia, da poesia, protestavam contra a abjecção em que lhes era força viver, e contra a qual depunha a natureza, bafejando-as com uma faisca do fogo creador.

---

(227) Dobrizhoffer, tratando do *chicha*, que é uma especie de *cauin* parece indicar que só as velhas o fabricavam. T. 1. p. 465, cit por Southey, t. 1. p. 234. « fœminas juniores, quod impuris humoribus scatere videantur, honorifico *mais* grana dentibus terendi munere barbarica cludunt.

« As raparigas, moças, mascam o aypi » H. Stadt. c. 12.

No *Trat.* 2°. *da terra do B.* c. 7 cit. lê-se que davam ao captor do prisioneiro « a mais formosa e mais honrada moça, que são as virgens que mascam o *aypi.* »

Lery. cit. p. 110 « os homens julgam que isso lhes faria mal, e o reputam indigno do seu sexo. »

(228) O autor da *N. do B.* c. 162—depois de ter dito que os musico faziam *motes de improviso* accrescenta, tratando das mulheres : « Entre as quaes ha tambem grandes musicas, e por isso muito estimadas »

F. Cardim. *Narrativa epistolar de uma viagem e missão.* Lisboa, 1847. diz de uma tribu *tupy* «Estas trovas fazem de repente, e as mulheres são *insignes trovadoras.*» Pag 35.

CAPITULO XI

CARACTERES INTELLECTUAES

Mais do proprio interesse do que de fraqueza de entendimento nascem os nossos erros: o vulgo os aceita como verdades, a sociedade como taes os admitte, e consolida-se um prejuizo, que só o tempo e a civilisação poderá destruir talvez com o auxilio de novos erros e com a opposição de interesses encontrados.

Veio a fé trazida á America nas azas da cubiça; e, como a religião era não pequeno obstaculo á escravidão de entes humanos, o egoismo contra a humanidade tratou de propalar o principio de que não eram verdadeiros homens os que povoavam a America antes da sua descoberta; emquanto por outro lado a politica sustentava que estas, então novas colonias, não poderiam progredir, nem mesmo sustentar-se sem escravos.

Perpetraram-se horrores de fazer tremer a humanidade, e para justificar, quanto era possivel, o comportamento barbaro dos aventureiros intrepidos, principalmente hespanhóes, que conquistaram as terras do novo mundo, foi preciso qualificar os indigenas como entes destituidos de toda a racionalidade. Antonio Ulloa, ou com aquelle fim, ou porque não quiz ou não pôde descer até aos indigenas americanos afim de os comprehender, o disse em primeiro lugar (229). Outros o repetiram depois d'elle e

(229) *Noticias Americanas*, Madrid, 1772, p. 321, os compara aos brutos: pag. 322: diz que não pensam. « En la raza de los indios es necessario destinguir los atos y operaciones del intendimento de los que son de pura manipulacion de industria.... En los primeros son totalmente negados y sin discernimiento ni comprehension. »

sob a sua fé (230), sem consultar as fontes primitivas mais dignas de credito, por serem mais desprevinidas. Paw, detractor gratuito dos primitivos americanos, Paw (diz d'Orbigny (231), levou n'este ponto, tão longe quanto pôde, a má fe e a exageração, pois que estendeu o seu systema dos homens ás plantas e emfim ao solo americano. Considera os indigenas como sendo todos um; e tomando sempre nos autores e de cada tribu os pormenores que melhor faziam ao seu proposito, acaba por dar como retrato dos americanos a mais monstruosa reunião dos vicios e defeitos da barbaria. Robertson bebeu alli as suas idéas, que, partindo de tal fonte, não admira que sejam tão afastadas da verdade ; de modo que com menos exageração e mais erudição só chegou a identicos resultados.« Assim (conclue d'Orbigny) estes dois autores, que não conheceram os americanos por observação propria, ou que não tomaram das obras por elles consultadas senão o que combinava com as suas idéas e preconceitos, despojaram pouco e pouco os habitantes do novo mundo de todos os dotes da natureza, até fazerem d'elles creaturas fracas, degeneradas no physico como no moral, e dotadas, quando muito, dos instinctos dos animaes do antigo continente. »

Os hespanhóes os consideraram como animaes de classe inferior á especie humana (232), e Paw na mesma obra citada

(230) Bourgner. *Voyage au Peru*, 1749 p. 102.

La Condamine, *Relation abregée d'un voyage.*— V. Garcilasso de la Vega. —Padre Costa, etc.

(231) D'Orbigny, *L'Homme Américain.* T. 3,p. 105. Paw,*Recherches sur les Ameriquains.*

(232) Herrera, Dec. 2. liv. 2, cap. 5. Torquemada, *Monarchia Indiana.* T. 2, p. 571.

(233) diz haver-se sustentado nas universidades da Europa que os habitantes da America não eram verdadeiros homens, mas verdadeiros ourang-outangos. E não só os seculares, como os religiosos, homens tão respeitaveis pela sua erudição no tempo, como pelo elevado da posição social em que se achavam, ou por um lugar eminente na hierarchia ecclesiastica, empregavam todos os recursos da eloquencia, todas as armas da dialectica para defender uma these que assegurava o interesse de tantos, capeado com o pretexto da publica conveniencia e do bem das almas. Dóe-nos hoje ver que de erudição se consumia, que de textos das sagradas escripturas, dos doutores da igreja, e dos autores profanos eram trazidos a cada palavra para justificar a barbaridade, de que eram victimas os miseraveis indios.

Principiaram os autores hespanhóes (234) a defender a conquista, dizendo que estas terras, ainda que occupadas, podiam ser accrescentadas ás de Hespanha ; porque eram os seus possuidores tão barbaros, incultos e agrestes, que apenas mereciam o nome de homens ; e necessitavam de quem, tomando a seu cargo o governo, amparo e ensino d'elles, os reduzisse á vida humana, social e politica, para que com isto se tornassem capazes de receber a religião de Christo.

E, passando da terra aos possuidores, achavam tambem que não convinha deixal-os em a sua liberdade, por carecerem de razão e discurso bastante para bem usar d'ella : e cita a este proposito— Acosta— *De procuranda indorum salute*. L. 1, c. 2°—Ped. Martyr, Dec. 1ª—Oviedo, L. 1. c. 6.

(233) T. 2, secc. 2, p. 38— Londres, 1771.— Vid. Virey, *H. N. de l'H.* T. 3, pag. 450.

(234) Sepulveda, na *Apologia contra o bispo de Chiapa.*—Solorzano, *De jure indiarum*, L. 1, c. 7.

— Reconheciam que se lhes fazia injuria; mas contra a regra de direito (235) diziam que era injuria pela qual se ficava em divida, quando os sabios e os prudentes se encarregavam de mandar, governar e corrigir os ignorantes, como explicando o lugar dos proverbios I v. 10 e 26 o ensinam os sagrados doutores Agostinho, Ambrosio, etc. (Seguem-se as citações.) « Porque, escrevia Solorzano, los que llegan a ser tan brutos y barbaros son temidos por bestias, mas que por hombres, y entre ellas se contan en las sagradas escripturas, y otros autores; y en otras partes son comparados a los teños y a las piedras. » E assim (accrescenta elle) segundo a opinião de Aristoteles (236) recebida por muitos, são servos e escravos por natureza, e podem ser forçados a obedecer aos mais prudentes; e é justa a guerra que sobre isto se lhes faz. — Mais ainda: Celio Calcagnino, commentando o mesmo Aristoteles, accrescenta que se podem caçar como feras, se os que *nasceram para obedecer* se recusam e perseveram contumazes em não quererem admittir costumes humanos.

« Y no parece que va lexos de esto S. Agostiño (De civit. dei c. 21) quando enseña que és licita la guerra que se encamina a bien y provecho de los mismos contra quien se haze, y se les quita la libertad en que peligrarian no siendo domados (237). »

Fundado em Aristoteles, que ainda interpretado, commentado e falseado era n'aquelles tempos autoridade irrecusavel, D. Fr. Thomaz Ortis nas suas repetidas e porfiadas disputas com o bispo de Chiapa, em presença de Carlos V. (238),

(235) Invito non datur beneficium.

(236) *Politica*, c. 1 et seqq. D. Fr. Thomaz Ortis parece ter sido o primeiro a argumentar com esta citação.

(237) Solorz. cit. L. 1, c. 7.º

(238) Herrera, Dec. 2, L. 4. c. 39.

se atreveu a dizer e affirmar que eram servos de natureza ; contando d'elles tantos vicios e torpezas, que parece persuadiam se lhes fazia beneficio em querêl-os domar, tomar e ter por escravos.

Para convencer os que os tinham por tão barbaros e brutos que até os reputavam indignos do nome de homens racionaes, e n'isto fundavam a sua escravidão, o bispo de Tlascala na Nova Hespanha, D. Fr. João Garcez, da ordem dos Prégadores (239), escreveu em 1536 uma longa carta, douta e não mal limada, a Paulo III, na qual com razões concludentes e exemplos frisantes mostrou quanto se illudiam os que semeavam tão má doutrina.

Com esta informação expediu o mesmo pontifice a bulla particular de 1537 (4 n. Junii) (240) *Veritas ipsa quæ nec falli nec fallere potest*— declarando que era malicioso e procedido de cubiça infernal e diabolica o pretexto que se tinha querido tomar para molestar e despojar os indios, e fazêl-os escravos, dizendo-se que eram como animaes, brutos e incapazes de serem reduzidos ao gremio e fé da igreja catholica ; e que elle por autoridade apostolica, depois de bem informado, dizia e declarava o contrario ; e mandava que assim os já descobertos como os que para o adiante se descobrissem fossem tidos por verdadeiros homens, capazes da fé e religião christã, e que por bons e brandos meios fossem trazidos a ella, sem que se lhes fizessem molestia, aggravos, nem vexames, nem fossem postos em servidão, nem privados do livre e licito uso de seus bens e fazenda, sob pena de excommunhão *latæ sententiæ ipso facto incurrenda*, e reservada a absolvição d'ella á santa séde aos que o contrario fizessem.

(239) Solorz. L. 2, cap. 1.

(240) F. Denis, *Relation d'une fête bresilienne*, etc., diz ser esta bulla de 9 de Junho de 1536.

Foi movido pelos mesmos sentimentos de caridade e amor do proximo, mas como fazendo excepção d'aquelles para os quaes não tivesse ainda resplandecido a luz da fé, que o pontifice Clemente VIII dizia « querer e mandar que os fieis de Christo d'estas partes fossem, quaes tenros pimpolhos, regados com o suave rocio da mansidão. *Ac Christi fideles illarum partium, tanquam teneros novæ plantationis palmites, suavi mansuetudinis imbre irrigare volentes.....*

Hespanha, que tinha sido a primeira a dar o exemplo da injustiça (241), foi tambem a primeira a adoptar mais philantropicos sentimentos. Uma lei de 1542 diz em um dos seus paragraphos :

« Item ordenamos y mandamos que de aqui adelante por ninguna causa de guerra, ni otra alguna, aunque sea so titulo de rebelion, ni por resgate, ni de otra manera, no se pueda hazer esclavo indio alguno. Y mandamos que sean tratados como vassalos nuestros de la corona de Castilla, pues lo son. »

Outras leis hespanholas de 1550 e 1570 prohibiram nas Indias de Castella « tener por esclavos los indios, *que los portugueses traian a vender em ellas*, cogidos e sacados para este effecto del Brasil. » (242)

Não obstante estas leis e muitas outras (243) e adverten-

(241) A escravatura foi legalmente autorisada, primeiro pela Hespanha no tempo do cardeal Ximenes, e Carlos V, no pontificado de Leão X ; depois por Isabel de Inglaterra e Luiz XIII de França. Virey, Ob. cit. T. 2, p. 98.

(242) Vê-se, pois, que o trafico de escravos começou a ser exercido pelos portuguezes.

(243) Apezar da bulla que citamos, de Paulo III, pôz-se ainda em duvida no Concilio de Lima, se os indios tinham sufficiente intelli gencia para participar dos sacramentos da igreja.

cias das audiencias do Mexico e de Lima, os *Chilenos* por serem os mais guerreiros foram excluidos d'esta regra. Uma lei de Filippe III, dada em Ventosilla a 13 de Abril de 1608, determinou que se lhes podesse fazer, e se lhes fizesse guerra aberta, e se tomassem por escravos todos os maiores de dez annos. Esta medida suspendeu-se pelas razões do jesuita Luiz de Valdivia, que aconselhou como preferiveis os meios brandos e a guerra defensiva. Porém, diz Solorzano, havendo estes morto alguns religiosos e feito muitos damnos, deu-se a lei de 13 de Abril de 1625 de Filippe IV, precedendo muitas e graves juntas e consultas, que se lhes fizesse de novo guerra crua por todos os modos, e se tomassem por escravos os que n'ella fossem presos, cedendo-se as presas aos soldados, que as poderiam ferrar e vender dentro do reino e fóra d'elle.

Hoje não é possivel discutir-se seriamente a questão, se os indigenas da America são racionaes, ou se a natureza creou homens fatalmente sujeitos á escravidão ; comtudo convirá saber-se quaes foram as deducções que se tiraram de tal principio.

Solorzano argumenta : —Se se podia fazer-lhes guerra e matar, tambem podiam ser escravisados : e sendo escravos legitimos o mesmo direito introduziu o costume de os poder ferrar no corpo e na cara, á vontade de seus donos, ou para os castigar de seus excessos, ou para os ter mais seguros de não fugirem. E para legitimar este costume cita o mesmo autor a opinião do douto padre Luiz Rabello, da companhia, que diz : « Imo etiam caracteres servitutis in faciem ejus insurere dominus poterit eis qui veri servi sunt (244) »

Por outra parte, os livres eram preguiçosos : convinha portanto que fossem obrigados ao trabalho ; sendo vaga-

(244) De obligat. justitiæ. L.1 quest. 2ª. in princip.

bundos,era preciso que se não podessem retirar dos lugares em que os quizessem estabelecer.

Como tambem eram pessoas miseraveis, porque, segundo a definição do illustre Menochio, miseraveis se chamam e reputam aquellas pessoas de quem naturalmente nos compadecemos por seu estado, qualidade e trabalhos, circumscreveram o seu direito de propriedade, como já o tinham feito com a liberdade, mesmo para os que eram tidos, bem que não tratados como livres.

Sendo declarados todos pessoas de pouca firmeza e estabilidade, não se lhes tome juramento, e se se lhes tomar seja em casos graves, advertindo-os primeiro, como mandava o terceiro concilio de Lima, que não perjurem, e se perjurarem sejam castigados com açoites ou tratos (245). E assim como que se justifica a ordenança do vice-rei do Perú D. Francisco de Toledo, observada em outras partes, que nunca se ouça menos de seis indios, e a estes ainda contestes, não se deva dar mais credito, que se, se houvera examinado a um só idoneo. O resultado quasi infallivel era que nem mesmo o direito de queixa tinham os indios contra os hespanhóes, nem podiam obter reparação de qualquer aggravo que estes lhes fizessem.

Appareceram as *Encommendas*, especie de tutela civil e politica, pois que se tratava de preguiçosos, vagabundos e miseraveis na phrase do direito, como são os menores, os idiotas, os mentecaptos, que nem sabiam dispôr de seus bens, nem usar da liberdade. Ou antes foi devida esta instituição aos primeiros conquistadores, que representaram precisar d'esta gente, tomando pretexto de que as terras não se podiam povoar, nem conservar de outra sorte. Deu-lhes exemplo D. Christovão, e depois Nicoláo Ovando;

(245) O' trasquilandolos, que és el castigo que entre ellos se tiene por más infame.

exemplo que foi seguido por Cortez, conquistada a Nova Hespanha, e pelo adelantado Francisco Montijo no Yucatan.

Foram abolidas as *Encommendas* em 1518, e depois em 1523, graças aos esforços de las Casas (246), o qual sustentava que, tendo Deus creado os indios livres, não podiam ser *encommendados*, nem d'elles fazerem-se repartimentos. Os colonos comtudo não se deram por vencidos; tanto machinaram que se sobresteve na execução d'aquellas ordens; até que por fim achou-se melhor marcar-se um *tributo de certo numero de indios*, que eram dados aos benemeritos, que desfructavam as *Encommendas* e as transmittiam por herança a seus filhos, como premio do trabalho de os tratar e doutrinar. D'este modo acontecia que do proprio principio de protecção á liberdade se originava a escravidão.

Reataremos este assumpto quando nos for preciso tratar das leis portuguezas, relativas á liberdade ou escravidão dos indigenas. Agora nos occupamos de aquilatar a capacidade intellectual dos indigenas, e ainda que, como Warden, não tenhamos materia para dilatar um longo capitulo do que chama aquelle autor, artes de recreio entre os selvagens, ainda que tambem o que eram os selvagens quando foram descorbertos, não seja medida certa para conjecturarmos o que elles poderiam ser collocados em melhores circumstancias; este estudo não é todavia nem fóra de proposito, nem destituido de interesse para os que se applicam a reconstruir de alguma fórma o viver natural dos indigenas americanos, antes que affastados pelos europêos dos seus habitos fossem lançados em um estado verdadeiramente excepcional na historia de uma época que nos apraz chamar de illustração e de progresso.

246) Solorz. cit. L. 3 c. 1.°

Os indios mostravam grande discernimento na escolha dos lugares em que assentavam as suas habitações; e os jesuitas, que souberam n'este ponto ganhar a fama de entendidos, não fizeram as mais das vezes senão acompanhal-os na escolha já feita por elles. As nossas principaes cidades estão assentadas sobre antigas aldêas ou taperas, motivo por que tiveram, ou têm, denominações tiradas da lingua geral; sómente as necessidades do commercio, que os indios não conheciam, obrigaram depois os primeiros povoadores a removerem-se para algum lugar proximo; o que era outras vezes resultado de guerras entre os indigenas e colonos. Assim foi que Alcantara, *Tapuy-tapera* ou aldêa abandonada das *Tapuyas*, teve de ceder a primazia ao Maranhão, Olinda a antiga *Mari*, a Pernambuco e *Nitheroy* ao Rio de Janeiro.

Nas suas povoações não tinham templos, nem edificios; não usavam de instrumentos com que podessem lavrar a pedra; mas, se a sua architectura estava em embryão, emquanto os *tapuyas* se aninhavam perto de um tronco de arvore cahida, ou cobriam de folhas um tugurio miseravel que mal os resguardava das injurias do tempo (*Baro*); aquelles sabiam construir aldêas vastas e fortifical-as de modo que resistissem á sorpresa dos contrarios, ou a um ataque demorado (247). Deixavam apenas um caminho por onde se podia chegar á entrada da taba; mas esse mesmo estava minado de covas e fojos, estrepes e espinhos, que desanimavam os mais atrevidos, ou os punham fóra de acção antes de entrarem em combate. Corriam depois uma paliçada com estacas de páo a pique, e ainda

(247) « Algumas aldêas, fronteiras aos inimigos, são fortificadas; plantam estacas de palmeiras de 5 a 6 pés de alto, e nos caminhos abrem covas com estrepes e espinhos. Lery. p. 195. »

outra mais junta e cerrada com seteiras e entradas falsas, nas quaes penduravam de costume os seus barbaros trophéos, e no centro collocavam a taba (248): eram casas, capazes de muitas familias dispostas em dois ou mais parallelogrammos, deixando-se no centro um terreiro para as festas e sacrificios. Viviam á beira do oceano, e, querendo talvez symbolisar o contraste da vida á beira-mar com a do sertão, as suas casas apresentavam a imagem de uma *iyara* ou canôa investida (249).

Sobrevindo a luta com os europêos, dispersaram-se as tabas, e os guerreiros não confiando senão de si a propria salvação isolaram-se; as cabanas resumiram-se e estreitaram-se até tomarem a fórma das dos *Tapuyas*, á semelhança dos *tejupás*(250), que nas marchas de guerra se levantavam á pressa para abrigo de um dia. A sua vida tornára-se

(248) « Moravam os indios, antes da sua conversão, em aldêas, em umas *ocas* ou casas muito compridas de 200, 300 ou 400 palmos, e 50 em largo pouco mais ou menos, fundadas sobre grandes esteios de madeiras, com as paredes de palha ou de taipa de mão cobertas de pindoba....e duram 3 ou 4 annos: cada casa d'estas tem dois ou tres buracos sem portas nem fecho. Dentro n'ellas vivem logo 100 ou 200 pessoas, cada casal em seu rancho sem repartimento nenhum, e moram de uma parte e outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficam como em communidade e entrando na casa se vê quanto n'ella está, porque estão todos á vista uns dos outros sem repartimento nem divisão.... porém é tanto a conformidade entre elles que em todo o anno não ha uma peleja; e com não terem nada fechado não ha furtos; se fôra outra qualquer nação, não poderiam viver da maneira que vivem, sem muitos queixumes, desgostos e ainda mortes, o que se não acha entre elles. Cardim cit. p. 36. »

(249) Sub eodem tecto ad inversæ modum carinæ prœlongo palmis que instracto, multæ simul familiæ digunt. Barlœus.

(250) Chámam *ajupás* os alojamentos feitos á pressa na guerra. *H. N. des Antilles*, p. 455. Não só era usado na guerra; *ajupá* é o alojamento temporario, feito no despovoado, e para poucas pessoas.

mais precaria, e mais instaveis as suas habitações: era já a barraca engenhada e com precipitação construida, durante a fuga, para uma hora de descanso. Affectavam nos arraiaes a fórma circular, e as suas cabanas arredondavam-se tambem, não já á semelhança de uma *ygara*, mas á de uma arvore frondosa, cujas ramas topetando com o chão lhes prestassem abrigo. Era que elles se haviam retirado do mar para as florestas, e que a sua sociedade, desmoronando-se, se resumia na familia quando não era no individuo, a unidade de que o circulo é o emblema.

Derrubavam os mais grossos troncos, que vegetavam á beira do mar ou dos rios, excavavam-os com o fogo, alisavam-os com instrumentos de pedra, e os lançavam no mar ou nos rios com o nome de *ygaras* (251), e faziam-as voar sobre a face tranquilla do oceano com quarenta remos por banda: *ygarussús* eram as maiores, *ygarités* as mais pequenas, *ygaratins* aquellas em que ião os chefes, e que se differençavam das outras, em terem um *maracá* na prôa. A's vezes as fabricavam de pelles de animaes, da palha de *periperi*, para a pesca, ou passagem de algum rio, quando não derrubavam sobre elle alguma arvore colossal, fazendo as vezes de pontes, conhecidas hoje com o nome de pinguelas nas provincias do interior.

Pouco eram, como se vê, em architectura e construcções; pouco mais valiam em outras industrias. Tribus havia comtudo, que primavam em certos ramos; taes eram os *Maués* (252) na composição do *guaraná*; outros como os *Tecunas* (253), na dissecação e preparação de passaros e

(251) D'onde chamaram aos riachos *ygarapés*, caminho de canôa.

(252) « Assim chamados do rio que habitavam. « Ouvidor Sampaio, ob. cit. §.

(253) Sampaio cit. § 213. « Têm porém os *Tecunas* a singular arte de prepararem as aves e passarinhos, que matam com a *esgaravatana*,

animaes; outros no fabrico das redes e tecidos de algodão, como eram os *Umacias*, *Omaguas* e *Combebas* (254). Admirou-se em muitos a variedade das tintas que sabiam extrahir dos vegetaes, e até a viveza do colorido; as mulheres *Tupys* eram excellentes oleiras, e os homens dotados da faculdade da poesia, do canto e do improviso; mas em que todos geralmente se esmeravam era na confecção das armas, em que todos punham o seu orgulho, dos ornatos de plumas, e dos instrumentos musicos ou de guerra.

As suas armas (255) eram o *tacape* feito de madeira negra ou vermelha de cinco ou seis pés de comprimento, com uma rodella ou maça na extremidade, da grossura de uma pollegada no meio, aguçada na ponta, e cortante como um machado (256); a *tangapema* ou espada que servia no sacrificio; a *tamarana* ou páo faceado, de quatro lados, oppostos e iguaes, porém mais grosso em uma das extremidades, a que punham franjas de algodão e outros ornatos; a *esgaravatana* (257) ou espingarda de ar de diversas grandezas, mas que dizem alguns chegar a quinze palmos, em cujo instrumento introduzem frechas hervadas ou balas de barro; as lanças ou *murucús*, que fazem muito aper-

de tal sorte que ficam inteiros.... enchendo a pelle de algodão ou *sumaúma*, que mandam á Europa. »

(254) Suas mulheres fabricam tecidos de algodão com admiravel arte, Sampaio, § 228. — Combeba é corrupção de *acanja peba* cabeça chata.

(255) Segundo as discripções de Barrère (*Relation de la Guyane*) as armas e ornatos dos indios de Cayena eram semelhantes aos dos *Tupys*.

(256) Lery. c. 19. Vasconcellos descreve diversamente. — *Not. c. e neces.* n. 126 « tem mais uma maça ou clava de páo regissimo, e pesado como ferro, com que investem uns aos outros. »

(257) Chamam tambem bodoque á *esgaravatana*. Para estas tres ultimas armas, v. *Diario* cit. de Sampaio, § 162.

feiçoadas de qualquer madeira pesada, mas golpeando-as, de modo que ao entranhar-se se quebrem na ferida.

Fazem os arcos (*uira para*) da mesma madeira que os *tacapes*; trabalham-os com esmero cobrindo-os de lavores e desenhos, que é difficil de comprehender-se como sahiram de taes mãos: as cordas tiradas do *tocum* ou da *sapucaya* (258) são delgadas, mas fortissimas: as frechas (*uy'ba*), maiores que a altura ordinaria de um homem, compoem-se de tres peças; o meio de *canarana* ou *voragica*, a extremidade superior de páo preto, a inferior de taquara ou de osso; embotadas ou aguçadas, hervadas ou farpoadas.

Os escudos ou broqueis, que faziam da pelle de *tapir* ou de *anta*, eram largos, chatos, redondos ou ellipticos, e difficilmente penetraveis ás frechas: para o mesmo effeito empregavam peitoraes de escamas de *jacaré*.

Por ornatos usavam trazer cocares ou corôas de pennas, que, á semelhança de uma copa de palmeira, lhes cingiam a cabeça: dava-se-lhes o nome de *acangatar*, *acang-getar ou kannitar*: o primeiro é o mais exacto; usavam tambem frontaes de varias côres, a que chamavam *yempenambi*, a *arasoya* ou fraldão de plumas (259), o *enduape*, que parece ser o manto inteiriço de que falla Laet; crescentes de ossos brancos, que trazem ao pescoço, e aos quaes, pela forma lunar deram o nome de *jacy*, o *boii-re*, feito de conchas; brincos (260) e collares, aos quaes davam o nome generico de *ajuacora* (261).

(258) De que materias fabricavam as cordas?

(259) Diz Laet que o chamam *assuyare*, pag. 518.

(260) Hans Stadt chama *nambi beya* aos brincos que as mulheres usavam.

(261) Laet cit. p. 518.

Por instrumentos tinham o *maracá* (262) ou o fructo da coloquintida cheio de buzios, conchas, ou pedrinhas, com um hastil, ornado de plumas : tinham flautas feitas de ossos de finados, a que o padre Vasconcellos (263) chama *cangoera*, e Morisot, o annotador de Roloux Baro « *Tibiœ canguaca* ; outras flautas feitas de conchas *membi* (264), as maiores, *membi guassú* ; as de canna, *membi apara* ; *urucá* feita de certa concha ; o *muremuré*, assim chamado pelo som que soltava ; o *boré*, feito de páo oco ; a *janubia* ou *inubia* (265), que era a sua trompa de guerra ; os *trocanos*, que eram como tambores ou timbales. « Cavam interiormente um grosso tronco, tapam-lhe as extremidades, e abrindo no meio duas bocas tocam com massa conglutinada de gomma elastica (266). Sendo tão forte este instrumento que se ouvia na distancia de duas ou tres leguas, usavam d'elle para darem aviso e rebate ás povoações distantes. Entrando em contacto com os europêos chamaram *itanembi* aos instrumentos de arame ; *guararape* aos de percussão (267) ; e *itamaracá* aos sinos, ou porque o reputassem um instrumento por excellencia, ou pela idéa religiosa que, como os europêos, lhes ligassem.

Eram habeis em certos tecidos ; fabricavam redes de algodão, a que, segundo uns, chamavam *ini* (268), e segundo

(262) *Maracá*.

(263) *Noticias curiosas e necessarias*, n. 141. (Vide Marcgraff.)

(264) *Membi* (diz Sampaio) instrumento de folego forte e sonoro. § 281. Morisot escreve *numbi*.

(265) Formée de la cuirasse du tatou, qui prend assez facilement la forme qu'on veut lui donner. F Denis, *Relation*, etc., p. 64.

(266) *Diario da viagem*, etc., § 251.

(267) *Guararapes* (lê-se no Castrioto) na lingua do gentio, é o mesmo que estrondo ou estrepito, que causam os instrumentos de golpe, como sino, tambor, atabale e outros. L. 11 n. 6.

(268) Laet. 518, e outros.

outros *kiçaba* (269), as de *tocum* ou *maquiras*; *matirizes* ou saccos de diversas fórmas e tamanhos, em que transportavam os seus haveres ; cobertas ou *tapiciranas* (270) ; e outros tecidos de pindoba, que nos legaram, taes como as *çabas*, meias içabas ou esteiras, *panacús* ou paneiros, e alguns mais.

Os *Tupys*, como os *Guaranis*, sabiam fabricar differentes especies de vasos, notaveis pelas suas dimensões e regularidade ; tinham as *igaçabas* ou urnas, em que enterravam os seus mortos, e talhas enormes, em que depositavam e fermentavam o vinho (271). Hans Stadt falla tambem de um vaso especial em que moiam as tintas, com que pintavam os prisioneiros, quando iam ser sacrificados: tinham tambem pratos, e escudellas, em que ainda hoje são insignes os *Cariris*, comquanto preferissem, como mais commodas e menos trabalhosas, as cuias e cuiambucas, que entalham delicadamente ou envernizam com côres finissimas, e desenhos agradaveis, posto que grosseiros. « Depois de passados tantos annos, escreve um viajante moderno (272), em alguns lugares onde aliás se não encontra o minimo vestigio de qualquer monumento, no meio das mais densas florestas e das mais vastas planicies, acham-se fragmentos de vasos. »

Sabiam fazer muitas qualidades de vinhos, e n'isto se mostraram tão engenhosos, que alguns contam trinta e duas

(269) Ferd. Denis. *Relation d'une fête*: *ini* ou *kiçaba*, pag. 64.

(270) Dez. Samp. ob. cit. p. 200 e 228.

(271) « As velhas são as que os fazem (potes), alguns tamanhos que levam tanto como uma pipa : fazem tambem panellas, pucaros e alguidares. »

Not. para a Hist. e Geogr., etc., T. 3º. *Memoias para a Hist. da Cap. do Maranhão*. c. 158.

(272) D'Orbigny. *L'Homme Américain.*

especies d'elles ; pelo que, admirado de tanta variedade, parecia ao padre Vasconcellos poder fantasiar que algum Deus Bacho passára entre elles, para n'este particular lhes ter ensinado tanto (273).

Tratando dos seus modos de caçar, lembra o mesmo autor (274), copiando Marcgraff, o *patacu*, o *mondé aratacá*, o *mondé guassú* e o *mondé guaia* : para as aves, diversos instrumentos, dos quaes, além da *arapuca*, são os principaes, *juçana bibiyara*, que caça pelos pés ; *juçana juripiyara* pelo pescoço, e *juçana pitereba* pelo meio do corpo.

Para a pesca tinham o *giqui*, mas para esse effeito serviam-se destramente da frecha (275);pescavam, escreveram tambem alguns, á mão e de mergulho. » Em certas circumstancias porém empregavam varias castas de plantas, que conheciam com a virtude de embebedar os peixes; aes eram os cipós *tingui*, *timbó* e *teniviri*, assim como as folhas do *japicahi*, o fructo do *cururuapé*, a raiz do mangue, a cortiça do *andá*, e certa especie de covos a que chamavam *uruguy boandipiá*.

Vê-se d'este rapido esboço que os indigenas do Brasil, quando comparados aos homens da raça branca das outras partes do mundo, acharam-se em um estado muito e muito inferior quanto ao desenvolvimento das faculdades intellectuaes ; mas esta inferioridade,patente e innegavel, como

(273) *Noticias curiosas e necessarias*.n. 142. Outro autor diz : « dados a vinhos, e só n'esta parte esmerados, porque os faziam de castas innumeraveis. »

(274) A mesma obra, n. 117.

(275) *Vida do padre João de Almeida*. c. 5 n. 6: « E n'este (arco) são tão destros, que parece que obedecem ás suas frechas não sómente as feras da terra, mas os peixes da agua ; e com ellas caçam e juntamente pescam.

é, dependeu em grande parte de não terem achado junto a si nenhum d'aquelles animaes domesticos, sobre os quaes pesam os mais duros encargos da vida do homem, ou que em todas as circumstancias lhes asseguram a subsistencia : o boi, o cavallo, o asno, o camello, o elephante, não vieram compartilhar os seus trabalhos ; nem mesmo o llano ou alpaco desceu dos Andes, trazendo comsigo a semente donde brotára a civilisação dos *Incas*. Era-lhes inutil o gallinheiro e o pombal ; nem pastoravam a ovelha, a cabra, nem o porco. O que pois poderiam sujeitar ao seu dominio ? A familia numerosa dos papagaios (276), do que só alguma distracção lhes resultava.

Aquelles portanto que taxam os indigenas americanos de ineptos e de incapazes, por não haverem domado animal algum, não consideraram que era esse um beneficio que a natureza lhes negára ; esqueceram-se de penetrar, ao travez dos seculos, até a origem das sociedades ; porque alli, ao par de uma semente nutritiva, encontrariam sempre um animal paciente e laborioso. Se o fizessem, ou, se, tendo-o feito, por má fé, o não calassem, reconheceriam na adoração que os egypcios prestavam ao boi Apis a acção de graças que aquella sociedade rendia á natureza pela sua existencia, como os gregos divinisaram o trigo e a agricultura sob os nomes de Ceres e Cybele.

Muito fizeram elles, chegando de sobresalto á vida agricola, sem terem sido pastores : estava muito em principio a sua agricultura ; mas, fosse qual fosse, conservou-se por muito tempo no Brasil com bem poucos ou nenhuns melhoramentos : tinham a derruba, a queima, depois, sem

(276) Ils se plaisent à nourir et aprivoiser grand nombre de perroquets et de petits perriques ou arats, aux quelles ils apprenent à parler. *H. N. des Antilles* p. 454. *Historiadores primitivos de las Indias*. Barcia —*Commentarios* de Cabeza de Vaca— Schmidel, *voyage*.

outro amanho, abriam com um páo aguçado covas no chão, nas quaes depositavam o milho, a mandioca, e as differentes especies de raizes e batatas, que a natureza lhes prodigalisára. A fertilidade do terreno suppria a imperfeição do processo, porque bastavam alguns dias de trabalho para procurar a abundancia de muitas familias. Ao contrario dos *Tapuyas*, que viviam quasi exclusivamente da caça e pesca, e só muito depois começaram a plantar roças de milho de algumas braças quadradas, cuja colheita devoram em um só dia; as tribus do litoral, os *Tupys*, faziam plantações taes, que onde quer que chegaram os primeiros descobridores encontraram abundancia de alimentos. Nos *Commentarios* de Cabeza de Vaca lemos que os *Guaranis* eram lavradores, e refere a cada pagina da sua obra ter encontrado provisões onde ião chegando. Schmidel diz o mesmo dos *Cariós* (277); e Jaboatam escreveu ácerca dos *Potiguares*: « São grandes lavradores dos seus mantimentos, de que sempre estão mui providos: » o que coincide litteralmente com o que dizem outros dos *Tamoyos* e *Tupinikins*.

Deixei para ultimo lugar as considerações que offerece o estudo da lingua geral, apezar de estar persuadido que, com preferencia a qualquer outra cousa, é a linguagem de qualquer povo o que nos dá melhor o quilate da rudeza em

(277) Edic. de Ternaux Compans, T. 5 p. 85 c. 20. Schmidel chama *Carios* aos *Carijós*. Na pronunciação estes dois vocabulos como que se confundem; mas a sua identidade fica fóra de duvida por esta passagem de Laet: « Ha outra nação que occupa o paiz desde S. Vicente até ao Rio da Prata, margem e interior, quasi em numero infinito. » Vasconcellos escreveu ácerca dos homens que habitavam n'estes limites: « Plantam mandioca como os *Tamoyos* e *Tupinikins*. »

Jaboatam: Preambulo 7.º Na *Noticia do Brasil*, lêm-se as mesmas palavras.

que se acha, ou do progresso que tenha feito :« Creio, diz Humboldt (278), que, se fossem bem estudados os idiomas dos selvagens, achar-se-hia n'elles mais riqueza, e gradações mais delicadas do que se devêra esperar do estado inculto dos que os fallavam. »

D'Orbigny (279) com oito annos de estudos e trabalhos pensava ter bem pouco a dizer ácerca d'esta materia, depois das sabias investigações do barão Alexandre Humboldt sobre as linguas americanas ; e principalmente depois das pesquizas mais geraes de Water (280), e G. Humboldt sobre a monographia das linguas americanas : eu portanto, se me não houvesse de aproveitar d'esses mesmos trabalhos, teria de reduzir-me ao silencio, tratando de uma lingua pouco e mal conhecida, e da qual bem poucos escriptos nos restam.

« Tem-se (281) supposto, que quasi todas as linguas americanas eram pouco extensas, grosseiras, e que careciam absolutamente de termos para exprimir um pensamento, uma idéa delicada, ou mesmo a paixão. Mesmo entre povos isolados no meio de florestas bravias, ou lançados no meio de planuras sem limites, não acreditemos que os agricultores, caçadores ou guerreiros estivessem privados de fórmas elegantes de linguagem, de figuras ricas e variadas. De que se haveriam de compôr entre os *Guarayos* esses hymnos religiosos e allegoricos tão ricos de figuras ? Quanto mais penetramos no genio das linguas, escreveu o mesmo autor, tanto mais nos convencemos e reconhecemos que ellas são em geral extremamente ricas e

(278) *Voy. aux Régions Equinoxiales du nouveau Continent.* T. 3 p. 302.

(279) *L'Homme Américain.* T. 1 p. 145.

(280) Mithridates e *Bevolkerung von America.*

(281) Orb. *L'Homme Américain.*

abundantes. Se se podesse, concluia elle, estudar a fundo o *Guarani*, o *Quichua*,o *Chiquito*,como estudamos o grego e o latim,nos poderiamos convencer d'este facto. Julgamos muitas vezes de uma nação por alguns individuos que d'ella fazem parte, reduzidos, submettidos, quasi escravos, nas missões ; individuos nos quaes o espirito nacional cede á influencia da servilidade. »

Não podemos conhecer cabalmente a lingua geral pela que hoje se falla, por estar em grande parte viciada, nem pelos Diccionarios dos padres Anchieta e Figueira por serem extremamente resumidos. D'ella só podemos fazer uma idéa approximada pelo dizer d'aquelles que a estudaram entre os homens que as fallavam, quando o captiveiro e o temor não eram obstaculos da livre manifestação do pensamento (282). « Lingua suave,sim, e elegante (escrevia o padre Figueira (283) na dedicatoria da sua arte da lingua geral), mas estranha e copiosa. » E' facil, copiosa e não sem suavidade, escrevia Laet (284). O padre Vasconcellos (285) admira-se da perfeição da sua grammatica, em que não davam vantagem aos gregos e latinos ; e o historiador das Antilhas, tratando da lingua dos *Caraibas*, que é a mesma dos *Tupys* e *Guaranis*,encarece a doçura da sua pronunciação, e a graça que davam ás suas palavras; de modo que os seus discursos eram agradabilissimos de ouvir-se (286).Du

(282) Il règne dans celles même des peuples le plus grossiers un ordre et une economie qu'ils n'ont jamais eté en état d'introduire d'eux meme par art et par principes, et qu'ils ont encore aujourd'hui sans etre en état de les bien comprehendre.Lafitau. *Mœurs des sauvages*. T. 2,p. 458

(283) Tenho a 4ª ed. d'esta arte,mas falta-lhe a dedicatoria a qué se refere o autor anonymo do *Diccionario Brasiliano.*

(284) *N. orb.* c. 3 p. 645.

(285) *Not. cur. e neces.* p. 69 col. 2.ª

(286) C. 10 *Hist. N. et M. des Antilles*: «Leur langage est extrémement doux et se prononce presque tout des levres, quelque peu des

Montel o confirma, dizendo o prazer que tinha de os escutar, quando estava entre elles, e não se cançando de repetir qual a graça, a fluidez e a doçura das suas expressões, sempre acompanhadas de um sorriso benevolo e sympathico. Esse riso e essa graça no fallar tive eu occasião de observar em tribus mais barbaras do que as *tupys*. Em taes casos elles procuram captivar os ouvintes, amigos ou alliados, não só com palavras lisongeiras, mas tambem com a amenidade da voz e da physionomia, Parece que este predicado era levado a mais alto gráo pelos *Tupys*, e principalmente pelas mulheres, porque não é raro elogiarem os antigos viajantes a conversação das mulheres, e como ellas fallavam com a voz cheia de lisonjas e caricias (287).

Aos *Tupys* podemos com todo o fundamento applicar o que dos homens primitivos diz Virey (288) : « A primeira linguagem do homem antes foi cantos do que discursos : os selvagens cantam, isto é, modulam fallando a sua linguagem com uma multidão de accentos inarticulados : mais exprimem sentimentos do que idéas, e dirigem-se mais ao coração do que ao espirito ; como têm mais sensações do que noções, são obrigados a servirem-se de objectos physicos para exprimirem quasi todas as abstrações do espirito ; eis o motivo por que fazem tão

dents, et presque point du gosier. Car bien que les mots.... semblent rudes sur le papier, neanmoins lors qu'ils les prononcent ils y font des élisions de certaines lettres et y donnent un certain air qui rend leur discours fort agréable.

(287) Tiendront plusieurs gros propos d'applaudissements et de caresses. Lery. 263—e das mulheres diz elle « avec leur façon de parler pleine de flatterie, dont elles usent ordinairement : p. 110. — « Têm muita graça quando fallam, maiormente as mulheres, que são mui compendiosas na fórma da linguagem, e muito copiosas no seu orar. » *Noticia do Brasil*, c. 150.

(288) *Hist. natural du G. H. T.* 3, p. 91.

grande uso das metaphoras, dos emblemas, das allegorias; eis o motivo por que elles personificam os objectos inanimados, e empregam os tropos os mais energicos para se fazerem comprehender, o que dá aos seus discursos um caracter muito poetico. » E logo após accrescenta : — « é entre os selvagens que havemos de buscar a verdadeira eloquencia e alta poesia. » (289)

E de facto entre os *Tupys* era tudo musica e poesia ; o nascimento e a morte ; a guerra e as festas ; o amor e a religião ; a linguagem e a vida; tudo era poesia. Eram prezados por bons cantores, as mulheres mesmo sabiam improvisar, e as aguas da *Carioca* passavam por ter o condão de dar a maviosidade ao canto dos *Tamoyos*. Emquanto os *Tapuyas* arrancavam sons duros da garganta, semelhantes ao regougar dos *Guaribas*, asperos como o roçar dos leques pelos troncos escabrosos da palmeira; os *Tupys* bebiam na solidão do mar e á entrada das florestas os sons mais doces da natureza. Na sua linguagem harmoniosa e quasi toda labial, travada e intercalada de vogaes, imitavam o ciciar da brisa a correr sobre as ondas espalhadas do oceano ; a agitar levemente a *ygara* derivando á tona d'agua, a enredar-se pelas folhas dos bosques que aromatisavam o litoral.

Valiam-se de comparações para exprimir o pensamento, e dos gestos para o rematar. Fallavam cantando, porque a poesia e a musica andavam intimamente ligadas na sua linguagem onomatopica : o cahir da fructa, o estalar dos ramos, o correr das fontes, o peneirar da chuva, eram sons imitados da natureza ; e elevando-se a regiões mais altas, no trovão, no raio, no relampago ouviam a voz, viam o olhar, sentiam os effeitos da ira de *Tupan*; expressões fe-

(289) Ob. c. p. 94.

lizes que admiramos, imitadas do hebraico em um poeta allemão cantando a grandeza de Deus (290).

Para os homens escolhiam nomes que exprimissem a força, a robustez e a coragem: era a anta, o tigre, o ipé, a palmeira, a frecha e o arco; para as mulheres os dos objectos mais brandos, mais doces, mais delicados, das aves, das fructas e das flôres: era o romper d'alva, o cipó flexivel, a junça do brejo: e com o sentimento do bello que não era muito de esperar n'elles, tomando o nome da flôr do manacá, designavam com elle a moça mais bella de uma tribu.

Contavam os annos pela florificação do cajú; as suas quadras pelos fructos então amadurecidos, pelo cahir das folhas, pelo desovar das tartarugas, dos peixes ou das aves.

Calculavam o espaço pelo alcance dos tiros da frecha, pelos sóes da jornada: contavam até 5, e d'ahi passavam a 10 e a 20, bem que Paw e Robertson lhes negue o computo além de 3. De vinte em diante serviam-se de comparações; tantos, como taes aves em taes margens, como certos animaes em certos lugares, como os troncos nas florestas, como os cabellos da cabeça, como as folhas das arvores, como as estrellas do céo, como as arêas do mar.

E havemos de crer que taes homens, atilados em seus negocios, bem conversados e amigos de saber (291), prendados com o dom da eloquencia e da poesia (292); que fallavam seis horas e mais (293) sem nenhuma interrupção, captivando por tão longo espaço o seu auditorio; sabendo

(290) Kleist.

(291) Ils sont grands discourseurs et poursuivent un propos jusqu'au bout. Lery.

(292) Cardim diz « ter ouvido improvisações apaixonadas, e de tal fórma acentuadas, que n'ellas se reconhecia um rithmo real.

(293) Arengas dos velhos, que duram mais de 6 horas. Lery, 195, em outra parte disséra: « sem se interromperem de uma palavra. »

suscitar todas as paixões e persuadir-lhes todas as vontades, fossem privados de altas faculdades intellectuaes? Havemos duvidar do que affirmam os escriptores que de perto os observaram e estudaram ; que eram facillimos de admittirem a civilisação, e aptos para todas as industrias? Não. Concordamos com o padre Vasconcellos, eram homens que só com a musica e o canto podiam ser chamados á vida civilisada ; homens que, segundo a Noticia do Brasil (294), « eram engenhosos para tomarem quanto lhes ensinavam os brancos... e que para carpinteiros de machado, serradores, oleiros, carreiros, e para todos os officios de engenho, tinham grande destino; » homens que, segundo o ouvidor Sampaio (295), não só no canto, mas em qualquer outra arte, recebem com muita facilidade as instrucções que se lhes dão.

E para não sermos injustos com alguns, concluiremos em geral com d'Orbigny:

« Tivemos occasião de julgar (diz este autor (296) da extrema aptidão que os americanos, mesmo aquelles de espirito mais inculto, mostram para aprender tudo o que se lhes ensina. A sua percepção é muito prompta, e não raro encontram-se entre elles individuos fallando tres e quatro linguas tão distinctas entre si como o francez e o allemão.

« Em resumo (conclue elle), sem querer comparar o desenvolvimento das faculdades intellectuaes dos americanos ao dos habitantes da Europa, nós os julgamos dos mais aptos para formarem um povo esclarecido; e nenhuma duvida temos que cedo ou tarde a marcha da civilisação demonstre o que avançamos em consequencia dos factos estabelecidos e das nossas proprias observações. »

(294) *Noticias para a Historia e Geographia, etc. T.* 3.
(295) *Roteiro.*
(296) *L'Hommé Américain.*

Continúa

LIMITES DO BRASIL

(1493 a 1851)

Memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 22 de Novembro de 1866

POR

ANTONIO PEREIRA PINTO

Socio effectivo do mesmo Instituto

Collocai dois homens no Universo, dizia o eminente autor do *Espirito das Leis*, e em breve tempo elles se acharão em luta por causa de suas *respectivas fronteiras!* Este asserto não é um paradoxo, assenta ao contrario no facto constante das graves dissidencias entre as nações do globo por motivo da demarcação de seus limites.

A ambição dos conquistadores desde a antiga Roma até nossos dias, o intento de conseguir as divisas que se chamam *naturaes*, o principio do *equilibrio* territorial, a acquisição de um ponto considerado estrategico, e as exigencias do commercio e das industrias em paizes circumscriptos á estreitas áreas, são, pela maior parte das vezes, as origens das longas desavenças por questões de fronteiras.

O descobrimento do Novo Mundo gerou sérias, e prolongadas discordias entre as corôas de Hespanha, e Portugal, por aquelle motivo. Para serenar essa desharmonia o Papa Alexandre VI promulgou a famosa Bulla de 4 de Maio de 1493, estatuindo que *cem* leguas ao occidente da Ilha dos Açores, ou de Cabo-Verde se imaginasse uma linha de pólo á pólo, pertencendo quanto d'essa linha ficasse para o oriente ás conquistas de Portugal, e para o poente ás de Hespanha.

Tomando esse alvitre, ou como arbitramento que lhe fosse deferido, ou como um direito que lhe era attribuido pela opinião d'aquelles tempos, sobre os paizes considerados pagãos, e sem soberanos, o Pontifice Romano teve sem duvida na mente a boa intenção de suffocar a nascente querella entre povos catholicos, e que n'essa época eram os unicos que se aventuravam aos azares das descobertas longinquas (1).

Todavia esta demarcação não agradou ao governo portuguez, e o rei D. João II contra ella reclamou, pelo que no anno seguinte celebrou-se entre os monarchas de Hespanha, e Portugal, em Tordesillas, o tratado de 7 de Junho de 1494, no qual se estipulou que a *linha alexandrina* se supporia lançada *trezentas e setenta* leguas para o poente das Ilhas de Cabo-Verde, ampliando-se d'esse modo, a favor de Portugal, a anterior designação das cem leguas; e mais se concordou que os hespanhóes não poderiam navegar para a parte do sul da costa d'Africa.

O descobrimento das Molucas (ilhas tambem chamadas da *Especiaria*) pelos portuguezes veio reavivar a disputa sobre a linha pactuada em Tordesillas, pretendendo a Hespanha, fundada no roteiro de Fernando de Magalhães

(1) Alguns autores portuguezes faziam derivar os dominios de seu paiz á totalidade das conquistas ultramarinas que ficassem dos cabos do *Bojador*, e de *Non* para o sul, tanto da parte d'aquem, como da parte d'além d'Africa, e Guiné, bem como as suas ilhas, exceptuadas sómente as Canarias, de diversas Bullas anteriores á do Papa Alexandre VI, e notavelmente das dos annos de 1454, 1456, 1481, expedidas, a primeira por Nicoláo V, a segunda por Calisto III, e a terceira por Xisto IV. Vid. o importante manuscripto com o titulo de *Limites do Brasil*, offerecido por Sua Magestade o Imperador ao Instituto Historico, e publicado no tomo 24 de sua *Revista*.

que se havia passado a seu serviço (2), chamar a si o dominio das ditas ilhas. Para pôr termo ás hostilidades que as duas nações por tal motivo se moviam, accordaram D João III e Carlos V em firmar a escriptura de Saragossa datada de 22 de Abril de 1529, pela qual foram cedidas á Portugal as Molucas mediante a retribuição de trezentos e cincoenta mil ducados de ouro, sendo-lhe tambem vendido pela Hespanha tudo o que por qualquer via, ou direito lhe pertencesse ao occidente de outra linha meridiana imaginada pelas Ilhas das Velas, situadas no mar do sul a dezesete gráos de distancia das Molucas, com declaração que, se não fosse impedida a navegação da dita linha para o poente, se consideraria extincto aquelle pacto; e mais se estipulou que quando alguns vassallos hespanhóes por ignorancia, ou por necessidade, entrassem dentro d'ella, e descobrissem algumas terras ou ilhas, ficasse tudo pertencendo á Portugal (3).

Os navegadores hespanhóes porém pouca importancia deram a este ajuste, e passando o traçado meridiano foram, poucos annos depois, estabelecer-se nas Ilhas Philipinas, não indo por diante a controversia que, por essa razão, principiava a surgir entre as duas corôas, porque foi por esse tempo que Portugal cahiu sob o poder da Hespanha, após a morte do Rei Cardeal (4).

(2) Vid. Resposta importantissima de Alexandre de Gusmão ácerca do tratado de limites de 1750. *Revista do Instituto Historico*, tomo 1°, pag. 334.

(3) A Bulla do Papa Alexandre VI, o tratado de Tordesillas, e a escriptura de Saragossa foram modernamente publicados (1856) na *Collecção de Tratados Portuguezes*, organisada por José Ferreira Borges de Castro.

(4) Acerca d'esta questão deve lêr-se a *Memoria historica, e geographica sobre o meridiano da demarcação entre os dominios*

Durante o dominio de Castella teve pausa a questão de territorios, mas os portuguezes continuaram a alargar-se nos extremos norte, e sul do Brasil (5), convindo aqui notar que já antes d'aquelle acontecimento politico Martim Affonso de Sousa havia explorado a sua costa austral, demarcando-a, e erigindo em uma, e outra margem do Rio da Prata padrões com as quinas lusitanas, que attestassem a posse que tomava em nome de seu soberano (6).

Tal era o estado das cousas quando occorreu a restauração de Portugal pelo triumpho da revolução de 1640, que levou ao throno o duque de Bragança.

Então o governo portuguez, já escarmentado pelas constantes, e exageradas pretenções da Hespanha á posse de descobrimentos que demoravam fóra de sua demarcação, já prevenido pelas anteriores invasões de seus navegadores

de Hespanha, e de Portugal, e bem assim a *Resposta de Portugal á referida Memoria;* publicadas no tomo 1° da recente *Collecção de Tratados* de Carlos Calvo.

(5) O empenho com que Portugal procurava fixar no septentrião, e na parte meridional de sua vasta colonia *barreiras naturaes*, é metaphorica mas acertadamente desenhado pelo padre Vasconcellos nas *Noticias do Brasil*, com as seguintes expressões: « Estes dois rios, o do Amazonas, e o do Prata, principio, e fim da costa brasilica, são dois portentos da natureza, são como duas chaves de prata, ou de ouro, que fecham a terra do Brasil; ou são como duas columnas de liquido crystal, que a demarcam entre nós, e Castella, não só por parte do maritimo, mas tambem do terreno; podem tambem chamar-se dois gigantes que a defendem, e dividem-se em comprimento, e circuito. »

(6) O Visconde de S. Leopoldo (*Annaes*) segue a opinião do autor das *Noticias do Brasil*, que assevera ter sido Martim Affonso, e não Christovão Jacques quem assentára os ditos marcos; o ultimo dos quaes, com as armas de Portugal, ainda tempos depois foi visto na bahia de S. Mathias, 170 leguas ao oeste do Rio da Prata.

no Rio da Prata (7), e finalmente dando mais apreço aos negocios do Brasil, que até então tinham sido malbaratados, e preteridos pelos da India Oriental, tomou a resolução de mandar estabelecer á margem septentrional d'aquelle rio, onde jámais se haviam fundado estabelecimentos hespanhóes, um posto que servisse de sentinella ás intrusões do cubiçoso visinho. E pois ao 1° de Janeiro de 1680 D. Manoel Lobo, mandado como governador do Rio de Janeiro pelo principe regente D. Pedro, lançou os alicerces da *Colonia* que denominou do *Sacramento*, no ponto mais meridional dos dominios portuguezes.

Mal vista por D. José Gorro, governador de Buenos-Ayres, essa fortificação, e levado por proprio conselho, ou obedecendo ás inspirações de sua côrte, deu-lhe formal assalto a 6 de Agosto do mesmo anno, e só depois de tenaz luta logrou apoderar-se da praça, e arrasou-a (8).

D'este acontecimento datam as não interrompidas, e se-

(7) Alguns historiadores dizem que Solis, e Gaboto foram precedidos na entrada do Rio da Prata por Americo Vespucio, que nas expedições immediatas á de Pedro Alvares Cabral executára a exploração da costa do Brasil ao serviço do governo portuguez, como cosmographo. Assim é que Southey affirma (tomo 1°) que Vespucio assignára para o *sul* até *cincoenta e dois gráos;* Frei Gaspar da Madre de Deos nas *Memorias da Capitania de S. Vicente* faz identica referencia (livro 1° n. 2); Varnhagen, *Historia Geral do Brasil*, secção 2ª, pag. 26, parece inclinar-se a igual opinião; e Claudio Bartholomeu no *Orbis Maritimus* assim se exprime: « Hunc argenteum fluvium *primus* Americus Vespucius intravit anno 1501, invenitque in eo insulas innumerabiles. »

Não occultaremos, porém, que estes pareceres são redarguidos por outros autores.

(8) D. Manoel Lobo, o fundador da Colonia do Sacramento, foi levado como prisioneiro a Lima (Pizarro, e Calvo dizem a Buenos-Ayres), onde morreu em florida idade. Era official distincto por seu

culares complicações, guerras, e intrigas, entre os governos de Hespanha, e Portugal á proposito de suas fronteiras pelo Rio da Prata.

O soberano portuguez dirigiu instantes, e energicas reclamações ao de Hespanha pelo attentado de D. José Gorro, e mandando Carlos II, junto ao principe regente D. Pedro, o duque de Giovenazzo como embaixador, afim de offerecer-lhe condigna satisfação, foi celebrado o tratado provisional de 7 de Maio de 1681, pelo qual restituiu-se a *posse* da Colonia a Portugal, com a reparação dos damnos causados, reservando-se a discussão de *propriedade* do terreno para ulteriores conferencias (9). Estas conferencias foram effectivamente encetadas em Badajoz, pelos respectivos geographos, mas sem resultado proficuo (10).

Entretanto, tendo sido a praça, nos termos accordados, entregue a Duarte Teixeira Chaves, que em seguida a devolveu a Sebastião da Veiga Cabral, nomeado seu governador, foi-nos ella definitivamente cedida pelo art. 14 da convenção de alliança firmada entre as corôas portugueza e hespanhola em 18 de Junho de 1701, renun-

merecimento, e coragem, havia exercido honrosamente diversas funcções, entre outras a de commissario geral da cavallaria do Alemtejo, o que lhe valeu no fim da guerra a nomeação de governador do Rio de Janeiro.—*Rocha Pita*, livro 7.°

(9) Citada Collecção de Borges de Castro.

(10 Vid. *Noticia da Justificação do titulo e boa fé com que se obrou a nova Colonia do Sacramento, nas terras da capitania de S. Vicente, no sitio chamado S. Gabriel, e nas margens do Rio da Prata.* A dita *Noticia* junta aos *Tratados de pazes de Portugal com os soberanos de Europa* colligidos por Diogo Barbosa Machado, e mandados guardar na Bibliotheca Publica d'esta côrte, propôz-se a demonstrar os inauferiveis direitos de Portugal á margem septentrional do Rio da Prata.

ciando além d'isso a Hespanha a qualquer direito que pudesse ter ás terras de que rezava o tratado provisional de 1681 (11). E esta clausula teve ainda expansão no art. 2º (dos secretos) do tratado de alliança offensiva, e defensiva entre o monarcha de Portugal, o imperador da Austria, a rainha Anna de Inglaterra, e os Estados Geraes dos Paizes Baixos de 16 de Maio de 1703, em que se estipulou por parte da corôa hespanhola a cessão dos direitos que teria, ou poderia ter tido ás terras situadas na margem septentrional do Rio da Prata, que *servirá de limites* aos dominios respectivos na America (12).

A politica portugueza subscrevendo estes dois ultimos tratados transluz pela sua sensatez, e previsão; paiz fraco, e não podendo dominar nos congressos, procurava tirar proveito das emergencias entre as outras nações para consolidar o seu direito. No de 1701 tratava com Filippe V

(11) Art. 14. E para se conservar a firme amizade e alliança que se procura conseguir com este tratado, e se tirarem todos os motivos que podem ser contrarios a esse effeito, Sua Magestade Catholica cede e renuncia a qualquer direito que possa ter nas terras sobre que se fez o tratado provisional entre ambas as corôas, em os sete dias do mez de Maio do anno de 1681, e em que se acha situada a Colonia do Sacramento: o qual tratado ficará sem effeito, e o dominio da dita Colonia, e uso da campanha na corôa de Portugal, como ao presente o tem. *Collecção* referida.

(12) Art. 2º (*secreto*). Além d'isso, do mesmo modo, e ao mesmo tempo o serenissimo archiduque será obrigado de ceder e largar á sua Sagrada Magestade El-Rei de Portugal, e á corôa d'esses reinos para sempre, todos, e cada um dos direitos que teria ou poderia ter tido ás terras situadas na margem septentrional do Rio da Prata, que servirá de limites aos dominios de ambas as corôas em America: e de tal modo que Sua Magestade Portugueza as possua e guarneça, como seu legitimo soberano, da mesma fórma que todas as mais terras de seus dominios, não obstante qualquer tratado provisional ou decisivo feito com a dita corôa de Hespanha. Citada *Collecção*.

sob o ascendente do poderoso Luiz XIV, seu avô; no de 1703 achegára-se ao archiduque Carlos, cujas probabilidades de triumpho ao throno hespanhol pareciam liquidas por causa da formidavel liga que o amparava; e por outro lado preparava o terreno para que nos futuros conchavos internacionaes tivesse por si o apoio das grandes potencias com quem então se alliára; como effectivamente realizou-se, ainda que de uma maneira inferior aos seus sacrificios, em Utrecht.

Sempre que se batalhava na Europa, accendiam-se tambem as hostilidades na America; assim foi que durante a guerra da successão, a Colonia do Sacramento foi novamente assaltada, com forças numerosas, pelo governador de Buenos-Ayres D. Affonso Valdez, sendo a guarnição obrigada a retirar-se para o Rio de Janeiro, em 1705, depois de longo sitio, a que seu commandante Sebastião da Veiga Cabral oppôz desesperada, e corajosa defesa.

Veio posteriormente o tratado de Utrecht de 6 de Fevereiro de 1715, no qual (arts. 6° e 7°) a Hespanha cedeu a Portugal o territorio, e Colonia do Sacramento, situados sobre a margem septentrional do Rio da Prata; inserindo-se tambem n'elle a clausula de que por este motivo ficava abolido o tratado provisional de 1681 (13).

(13) Art. 6.° Sua Magestade Catholica não sómente restituirá o territorio, e Colonia do Sacramento, sita na margem septentrional do Rio da Prata a Sua Magestade Portugueza, mas cederá, assim em seu nome, como de todos os seus descendentes, successores, e herdeiros, de toda a acção e direito, que pretendia ter ao dito territorio, e Colonia, fazendo a desistencia pelos termos mais fortes, e mais authenticos, e com todas as clausulas que se requerem, como se ellas aqui fossem declaradas, para que o dito territorio, e Colonia, fiquem comprehendidos nos dominios da corôa de Portugal, e pertencendo á Sua Magestade Portugueza, seus descendentes, successores, e herdeiros,

Quando porém no anno seguinte se teve de levar a effectividade a estipulação referida, o governador de Buenos-Ayres, entregando a Colonia do Sacramento ao mestre de campo Manoel Gomes Barbosa, lhe assignou por territorio unicamente aquelle a que alcançasse *um tiro de canhão*, por ser tal o costume admittido na restituição das praças

como parte dos seus Estados, com todos os direitos de soberania, poder absoluto, e inteiro dominio, com que Sua Magestade Catholica, seus descendentes, successores, e herdeiros intentem jámais perturbar a dita posse á Sua Magestade Portugueza, seus descendentes, successores, e herdeiros; e em virtude d'esta cessão ficará sem effeito, ou vigor o tratado provisional, que se celebrou entre as duas corôas aos sete dias do mez de Maio de 1681: mas Sua Magestade Portugueza se obriga a não consentir que alguma nação da Europa, que não seja a portugueza, se possa estabelecer, ou commerciar na dita Colonia directa, nem indirectamente, por qualquer pretexto que fôr, e muito menos dar mão, e ajuda a qualquer nação estrangeira, para que possa introduzir commercio algum nos dominios que pertencem á corôa de Hespanha; o que tambem está prohibido aos mesmos vassallos de Sua Magestade Portugueza.

Art. 7.° Ainda que Sua Magestade Catholica cede desde logo á Sua Magestade Portugueza o dito territorio, e Colonia do Sacramento na forma do precedente artigo, comtudo poderá offerecer um equivalente pela dita Colonia, o qual seja da satisfação, e agrado de Sua Magestade Portugueza; e para esta offerta se limita o terreno de anno e meio desde o dia da ratificação d'este tratado; com declaração que se o dito equivalente fôr approvado por Sua Magestade Portugueza ficará o dito territorio, e Colonia pertencendo á Sua Magestade Catholica, como se a não houvéra restituido, e cedido E se Sua Magestade Portugueza não aceitar o dito equivalente, ficará possuindo o referido territorio, e Colonia, como no artigo precedente se declara. — *Collecção* de Borges de Castro.

N. B. O *equivalente* referido n'este artigo foi offerecido pela Hespanha, mas na America; Portugal recusou-o, porque queria-o na Europa, por lhe sobrarem territorios n'aquella região. E não sendo *obrigatoria* a clausula do dito artigo, nada se ajustou a esse respeito entre os dois paizes.

quando não se especificava o termo, espaço, e medida do terreno que lhe ficava pertencendo (14)!

Por amor da brevidade, e por ser esta questão um pouco estranha do principal assumpto de nosso estudo, não nos demoraremos em confutar aquella excentrica opinião, que mal escondia os designios infieis dos negociadores hespanhóes do tratado de Utrecht, contra as justas pretenções da corôa lusitana. Essa reluctancia no cumprimento leal de tão solemne pacto deu aso ás energicas e habilissimas reclamações do enviado portuguez em Madrid D. Luiz da Cunha, dirigidas ao ministerio hespanhol, o qual, com requintado sophisma sustentou a cerebrina interpretação que, por aquelle feitio, se dava ao art. 6° do tratado de Utrecht. Dest'arte, quando por aquelle ajuste deveram as terras do Brasil continuar até a referida Colonia, foi-nos largado um presidio remoto, e bloqueado pelas usurpações hespanholas (15)!

(14) Na *Resposta* do marquez de Grimaldi á *Memoria* sobre limites de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, impressa no tomo 3° da *Collecção de Tratados* de Carlos Calvo, vem annexa a real cedula hespanhola de 27 de Janeiro de 1720, na qual se lê o seguinte periodo: « Os ordeno a si mismo envieis un official de vuestra satisfacion que reconozca que la pieza con que se dispare sea de 24 y de las ordinarias, sen refuerzo particular, que no se le dé suas cargas que la que correspondiese a su calibre, ni permita se sirvan de otra polvora que la ordinaria con que se acostumbra servir el canon, y que el tiro se dispare de punto en blanco, y no por elevacion. » Desta guisa apertava-se em uma estreita facha o territorio da Colonia, dando-se ao artigo do tratado de Utrecht um sentido repugnante á essencia da questão, e á natureza das reclamações que faziam o objecto da referida clausula.

(15) O Visconde de S. Leopoldo (*Annaes*) indica como recommendavel para o estudo das questões da praça do Sacramento a leitura dos dois volumes encadernados, existentes na Bibliotheca Publica d'esta côrte com o titulo de: « Papeis que El-Rei me mandou guardar

Entretanto, estribado nas disposições d'aquella convenção, e quando constou ao gabinete portuguez que, com autorisação dos respectivos governos, se preparavam expedições francezas em Saint-Malò, e outras capitaneadas por subditos britannicos para estabelecerem feitorias na enseada de Montevidéo, mandou-se ordens para o Rio de Janeiro afim de ser occupado aquelle importante posto, e assim foi praticado em Novembro de 1723 pelo mestre de campo Manoel de Freitas da Fonseca com uma força de duzentos homens (16). Contra a fé dos tratados dispôz-se a desalojal-o o governador de Buenos-Ayres D. Bruno Mauricio de Zavala, o que facilmente conseguiu em Janeiro seguinte, ainda antes de ataca-lo, pela retirada e abandono que o mesmo Freitas precipitadamente fez da colonia montevideana (17).

sobre a Colonia », nota que é attribuida a Ignacio Barbosa Machado, autor dos *Factos politicos, e militares da antiga e nova Luzitania.*

(16) Monsenhor Pizarro nas *Memorias Historicas do Rio de Janeiro*, cap. 6°, tomo 9°, e Abrêo Lima na *Synopsis dos factos notaveis do Brasil*, affirmam que já em 1701, depois do tratado de 18 de Junho, a côrte portugueza expedira uma carta régia no mez de Outubro para que se fundasse uma colonia em Montevidéo ; vindo porém contra ordem em outra carta régia de 15 de Março de 1702, na qual se mandou applicar tudo quanto era disposto ácerca do projectado estabelecimento a bem do augmento e segurança do do Sacramento.

Tambem é certo que em 1718 um membro do Conselho Ultramarino suggerira a idéa de crear-se uma colonia em Montevidéo, sendo que em 30 de Junho de 1719 o rei de Portugal escrevia a D. Luiz da Cunha : « que por então se não faria a fortificação n'aquelle ponto. » —*Revista do Instituto*, tomo 16, pag. 490.

(17) Veja-se a este respeito o interessante *Diario* do governador Zavala, inserto no tomo 1° da *Bibliotheca do Commercio do Prata;* no final de cujo *Diario* ha uma nota escripta pelo filho do dito governador, na qual, referindo-se á empreza de seu pai sobre Montevidéo, diz: « *lo que ejecuto por la orden que tenia en la real instrucion fecha en*

Retirando-se os portuguezes, Zavala tomou conta de Montevidéo, fortificou a povoação, e deixou-lhe forças para repellir as aggressões que porventura fossem contra ella tentadas (18).

O governo portuguez tratando então de levar a bom caminho essas pendencias com a Hespanha pela intervenção da França, e da Inglaterra fez-se desentendido relativamente ao negocio de Montevidéo, recommendando prudencia ás suas autoridades d'America (19).

Buen Retiro a 12 *de Octubre de* 1716. *Y en virtud de esta misma instrucion desde luego pobló, y fortificó la ciudad de Montevidèo.* »

D'este quilate era a fidelidade com que a Hespanha desempenhava o tratado de Utrecht!

(18) Que os proprios hespanhóes consideraram, ao menos nos primeiros tempos, o sitio de Montevidéo *dentro* dos limites portuguezes, prova o facto que vem narrado por Southey, tomo 5°, pag. 85 da edição, traduzida, de 1862, nos seguintes termos: « Comtudo ao espalhar-se o estranho boato de disporem-se os dinamarquezes a estabelecerem-se á força no Prata, convidou elle (D Manoel del Prado, governador de Buenos-Ayres) o governador portuguez a cooperar para a resistencia, *fortificando com estas vistas a posição de Montevidéo*, circumstancia tão notavel a outros respeitos como pela causa singular do rebate; vê-se d'aqui quão bem dispostas, apezar das suas frequentes contestações, e amarga inimizade, estavam ambas as nações a obrar de commum accordo por seu proprio interesse contra todos os entrelopos, e tambem *ter-se então reputado dentro da demarcação portugueza a situação de Montevidèo.* »

(19) Todavia o secretario de Estado Diogo de Mendonça Corte Real, escrevendo em Março de 1725 ao marquez de Capiciolatro, embaixador hespanhol, explicando os motivos da occupação de Montevidéo pela expedição portugueza, que não foram outros que o cumprimento das ordens geraes para que se não consentisse que nação alguma da Europa se estabelecesse em suas costas, concluia expressando a esperança de que Sua Magestade Catholica mandasse expedir ordem ao governador de Buenos-Ayres: « *para que faça demolir a fortificação que estiver construida em Montevidéo, para que não haja innovação alguma*

Para recuperar o estabelecimento enviaram os Portuguezes posteriormente as expedições ao mando de Manoel Gomes Barbosa, governador de Santos, e do brigadeiro José da Silva Paes, e coronel d'artilheria André Ribeiro Coutinho, em 1763; a nenhum d'elles porém sorriu a fortuna, e a formosa praça de Montevidéo ficou desde então, sob o dominio de Castella (20).

Depois da paz d'Utrecht, a Colonia do Sacramento desfructou longos dias de quietação, e tranquillidade, até que volvendo o anno de 1735 o governador de Buenos-Ayres D. Miguel Salcedo, ou por ciumes da prosperidade em que caminhava o estabelecimento, ou por insinuações que tivesse de seu governo para que rompesse as hostilidades na America a pretexto do passageiro estremecimento de relações que se déra na Europa entre as corôas de Hespanha e Portugal á proposito dos desacatos havidos contra a embaixada portugueza em Madrid, e contra a hespanhola, como represalia, em Lisboa, investiu ainda uma vez (no mez de Novembro) a Colonia do Sacramento, á frente de tropas hespanholas a que se reuniram seis mil guaranis, das reducções jesuiticas.

A intrepidez de seu então governador o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, recusando capitular, invalidou completamente as vistas conquistadoras de Salcedo, e deu mais uma amostra de quanto a consciencia do dever, e o

n'aquelle territorio, emquanto se não compoem as controversias que sobre elle ha.» — Vid. *Manuscriptos* indicados na nota 13.

(20) Logo depois da occupação de Montevidéo Filippe V em carta régia datada de Aranjuez aos 16 de Abril de 1725, louvando a conducta e zelo de Zavala por aquelle motivo, ordenou-lhe que mantivesse os estabelecimentos de Maldonado, e de Montevidéo, mandou-lhe tropas de guarnição, e cincoenta familias gallegas e canarias, para nucleo de população.—*Bibliotheca do Commercio do Prata*, citado tomo.

amor das glorias da patria estimulam os leaes servidores do paiz na defensa de seus direitos, e prerogativas. Separada da metropole pela vastidão do Atlantico, longe do centro de seu governo americano, estabelecida nos confins meridionaes do Brasil, lutando com as aggressões de um lado de Buenos-Ayres, de outro de Montevidéo e pelo interior das povoações hespanholas da campanha, a Colonia do Sacramento repelliu galharda o ataque do ousado estrangeiro, que ambicionava essa posse.

Reforçados com os auxilios vindos do Rio de Janeiro, e de outras provincias os habitantes da Colonia não só rechassavam os hespanhóes, como tomando então a offensiva os desbarataram nos combates terrestres, e maritimos. As perdas hespanholas n'essa campanha orçaram por dois mil, e oitocentos homens entre mortos e feridos, sendo as dos portuguezes insignificantes em vidas, mas pesadas em fazendas, pois que o governador Salcedo em sua passagem talou os campos, e destruiu as plantações e propriedades.

Entretanto haviam chegado á America as communicações dos arranjos feitos pelo convenio de 16 de Março de 1737 entre Portugal, e Hespanha, por mediação da França, Inglaterra, e Hollanda, para a cessação das differenças por causa da questão das embaixadas, em o qual igualmente incluiu-se uma estipulação relativa ás ultimas occurrencias da Colonia do Sacramento (21); sendo que á vista de tal noticia o governador Salcedo abriu mão de suas aggressões contra o territorio portuguez.

Depois d'este acontecimento novas *tregoas* foram conce-

(21) Art. 3.º Que ao mesmo tempo expediriam ordens ambos os governos para que cessassem as hostilidades na America.

Art. 4.º Que os negocios permaneceriam alli no mesmo estado em que estivessem á chegada das ordens.—Vid. a mencionada *collecção* de Borges de Castro.

didas pelos hespanhóes á Colonia do Sacramento, e a final meditando seriamente os soberanos de Hespanha, e de Portugal D. João V e Fernando VI sobre a urgente necessidade de pôr um paradeiro ás continuas, e tão repetidas desavenças entre seus subditos americanos por causa da questão de limites, resolveram firmar entre si uma solemne convenção que assignalasse suas respectivas raias na America, e n'essas vistas celebraram em Madrid o tratado de 13 de Janeiro de 1750 (22).

Por esse tratado, em cuja feitura teve distincta participação o illustrado brasileiro Alexandre de Gusmão (23), o governo portuguez cedeu ao hespanhol a Colonia do Sacramento, e por sua parte a Hespanha cedeu a Portugal os *sete povos* das Missões Orientaes do Uruguay (24).

(22) Está publicado na *Collecção Historica dos Tratados do Brasil*, tomo 3°, collecção organisada pelo autor da presente *Memoria*.

(23) Alexandre de Gusmão era natural da hoje cidade de Santos, provincia de S. Paulo. Seus serviços relevantes na diplomacia, e outros ramos de administração, durante o reinado de D. João V, são notorios. Era irmão do celebre Bartholomêo de Gusmão, por antonomasia o *Voador* por ter descoberto os aerostatos. Nos *Varões Illustres* de Pereira da Silva, e em um folheto do visconde de S. Leopoldo com o titulo de *Vida e feitos de Alexandre, e Bartholomêo de Gusmão*, mandado imprimir pelo Instituto Historico, se encontram as biographias d'esses illustres brasileiros.

(24) A linha da fronteira estabeleceu-se do seguinte modo: « Principiava na barra que na costa do mar fórma o regato de Castilhos Grandes. D'ahi corria em linha recta pelos cimos dos montes, que separam as vertentes da Lagôa Merim das que dão para o Prata, até a origem principal, e cabeceiras do Rio Negro, continuando por cima d'ellas até a origem principal do rio Ibicuhy, cujas aguas seguiria como divisa até desembocar na margem oriental do Uruguay; subindo depois desde a boca do Ibicuhy pelo Uruguay até encontrar o Pepery, que desagua na margem occidental do Uruguay, continuando pelo Pepery acima até sua origem principal; d'esta proseguiria pelo alto dos

Este tratado de que foram plenipotenciarios por parte de Portugal o visconde de Villa Nova da Cerveira D. Thomaz da Silva Telles e pela da Hespanha o secretario de Estado D. José de Carvajal e Lancastre, invigorando todas as pretenções anteriores sobre as fronteiras que derivassem sua origem da *linha alexandrina*, do tratado de Tordesillas, da escriptura de Saragossa e das convenções de Lisboa, e de Utrecht, tomou uma nova base para as reciprocas concesseõs que aliás eram estipuladas, não por via de equivalentes, porém como meio de cimentar a harmonia entre as duas corôas.

montes até a cabeceira principal do rio mais vizinho que desembocasse no Iguassú. Pelo alveo do dito rio mais vizinho da origem do Pepery, e depois pelo Iguassú continuaria a raia até onde o mesmo Iguassú se lançasse no Paraná, e por este acima até onde se lhe ajuntasse o Igurey, subindo pelo Igurey até encontrar sua origem principal, e d'alli buscando em linha recta pelo mais alto do terreno a do rio mais vizinho, que desaguasse no Paraguay. Seguia como raia o Paraguay até a foz do seu affluente o Jaurú, d'onde iria buscar em linha recta a margem austral do Guaporé, defronte da boca do rio Sararé, deixando-se porém ahi faculdade aos commissarios para mudarem a linha se achassem direcções mais apropriadas. Desde o lugar que na margem austral do Guaporé fosse assignalado para termo da raia, baixaria a fronteira por todo o curso do rio Guaporé até mais abaixo da sua união com o rio Mamoré, formando juntos o rio chamado Madeira, que entra no Amazonas. Baixaria depois a linha pelas aguas d'estes dois rios, Guaporé e Mamoré, já unidos com o nome de Madeira, até a paragem situada em igual distancia do rio Amazonas e da boca do dito Mamoré, e d'aquella paragem continuaria por uma linha léste oéste até o Javary. Baixando pelo alveo do mesmo Javary até onde desembocasse no Amazonas, proseguiria aguas abaixo d'este rio até a boca mais occidental do Japurá. Continuava a fronteira pelo meio do rio Japurá, e pelos mais rios que a elle se ajuntassem, e que mais se chegassem ao rumo do norte até encontrar o alto da cordilheira de montes que medeiam entre o rio Orinoco e o do Amazonas, e proseguiria pelo cume d'esses montes para o oriente até onde se estendesse o dominio das duas monarchias. »

A despeito d'estas tendencias o tratado de 1750 encontrou repugnancia entre os portuguezes, e bem assim entre os hespanhóes: os primeiros tendo como ponto de honra a conservação da Colonia do Sacramento, e como antiga pretenção a posse da margem septentrional do Rio da Prata, não o aceitaram contentes; os segundos vendo-se despojados de grande extenção de territorio que effectivamente occupavam como as Missões Orientaes do Uruguay, e de outros á cujo dominio se julgavam com legitimo direito, o encaravam com olhos vesgos, attribuindo sua realização ás inspirações, e predilecções nacionaes da Rainha Catholica.

Para augmentar o descontentamento em Portugal veio a publicação de uma *Memoria* do brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, aquelle mesmo que com tanto denodo salvára a Colonia do Sacramento do sitio que lhe fôra posto pelo governador Salcedo, na qual censurava energicamente a devolução á Hespanha da dita Colonia, sendo mister para desvanecer a impressão feita pela referida *Memoria*, que o erudito Alexandre de Gusmão lhe oppuzesse a bem deduzida *Impugnação* a que alludimos na nota 2ª em a qual completamente pulverisou os argumentos d'aquelle official general, que mais como militar que como politico apreciára a questão.

Cumpre porém consignar que o tratado de 1750 annullando os effeitos das linhas imaginarias, quaes as por que até então se haviam regulado as divisas, estatuindo (art. 21) a conservação da paz em seus dominios americanos, ainda quando os dois monarchas pelejassem na Europa, e pondo fim á velha, e renhida disputa entre os respectivos paizes pela designação de raias certas, e determinadas, déra penhor das vistas rectas dos soberanos que o ajustaram; *os quaes*, no pensar de Southey, *adiantaram-se* ao seu

seculo, e procederam *com uma lealdade, que quasi pode considerar-se cousa nova na diplomacia* (25).

Na verdade de que valor era a mantença da Colonia do Sacramento, situada nos confins do Brasil, encravada no centro de dominios hespanhóes, exposta ás continuadas irrupções d'este povo, e constante pomo de discordias entre as duas nações, comparativamente á acquisição das Missões do Uruguay, á das margens orientaes do Guaporé, á do vasto territorio entre os rios Paraná, e Paraguay, e á do *uti possidetis* portuguez na provincia do Mato-Grosso, e pelo lado do Amazonas ?

Pretender-se que além d'estas vantagens fosse tambem reservada á Portugal a posse da Colonia, era exigir um contracto leonino, em o qual todas as conveniencias pertencessem exclusivamente a uma das partes, e que por esse mesmo motivo traria em si os elementos de dissolução ; e o certo é, que foram justamente esses os argumentos com que em Hespanha se atacou o tratado, a despeito da cessão da Colonia do Sacramento (26).

Sob impressões tão esquerdas como as que acabamos de enumerar começou-se a dar execução ao tratado de 1750.

Nomeado commissario hespanhol da demarcação o marquez de Val de Lirios, e portuguez o capitão general do

(25) Tomo 6°, pag. 8.— *Historia do Brasil.*

(26) Não faltaram tambem accusações ao tratado de 1750, mordendo-se até em seus creditos. D'estas murmurações nem escapou o integro Alexandre de Gusmão, sendo que ainda nos tempos modernos o erudito litterato conselheiro Costa e Sá, analysando a *Memoria sobre limites* do visconde de S. Leopoldo, reproduziu aquellas insinuações contra tão distincto brasileiro, as quaes porém foram com grande vigor refutadas pelo mesmo visconde na sua *Resposta* á dita *Analyse.* —Vid. actas do Instituto Historico de Fevereiro de 1839 e Janeiro de 1843.

Rio de Janeiro Gomes Freire de Andrade, encontraram-se no anno de 1752 em *Castilhos Grandes*, lugar aprazado para as primeiras conferencias, e n'esse sitio collocaram o primeiro marco de marmore com as competentes inscripções, e armas ; seguiu-se o assentamento de outros dois marcos no lugar da *India Morta*, e em uma das serras de Maldonado, d'onde se expediram as partidas continuadoras de demarcação até á foz do Ibicuhy. Estavam aquellas partidas a alcançar os postos avançados das Missões, quando encontraram forte resistencia dos indios que n'ellas habitavam sob o mando do famoso José Tyorayú, mais conhecido pelo appellido *Sepé*, pelo que resolveram os demarcadores retroceder. Esta opposição,que agora manifestava-se pelas armas, fôra anteriormente promovida, ante a côrte de Madrid, pelos jesuitas por meio de representações suas, das de Audiencia de Charcas, e das dos bispos, e governadores hespanhóes.

Inteirados d'aquelle facto, o marquez de Val de Lirios e Gomes Freire combinaram, na ilha de Martim Garcia, nos meios de debellar a revolta. O general portuguez foi presto em seguir para a campanha ; não assim procedeu o de Hespanha, fazendo d'esse módo nascer desconfianças contra a lealdade de sua côrte na questão de demarcação de limites (27). A essa tergiversação da parte do marquez de Val de Lirios deve attribuir-se o nenhum fructo das hostilidades do pequeno exercito portuguez contra os jesuitas das Missões no anno de 1754, cujas hostilidades afinal cessaram em Novembro d'aquelle anno, assignando-se uma

(27) O proprio marquez de Pombal em carta secreta de 27 de Março de 1755 escripta a seu irmão o governador do Pará, e inserta no fim do tomo 9° das *Memorias Historicas* de Monsenhor Pizarro, manifesta as mesmas suspeitas.

tregoa com os rebeldes (28), desde que Gomes Freire teve conhecimento, que as tropas hespanholas retrogradavam.

(28) *Convenção celebrada entre Gomes Freire de Andrade e os caciques para suspensão de armas:*

« A los quatorze dias del mes de Noviembre de mil sietecientos cincoenta y quatro, en este campo del rio Jacui, en donde está campado el Ilustrisimo y Excelentisimo Senor Gomes Freire de Andrade, gobernador y capitan general de la capitania del Rio de Enero y Minas Generales, con las tropas de S. M. F. para auxiliar las de S. M. C. a fim de evacuar los siete Pueblos de la margen oriental del Uruguay que se cedeu a nuestra corona en virtud del tratado de limites de las conquistas, venieron a la presencia del dicho Excelentisimo Senor General, D. Francisco Antonio, cacique del Pueblo de S. Angel, D. Christoval Acatu, y D. Bartholo Candici, caciques del Pueblo de S. Luiz, y D. Francisco Guacú, corrigidor, que acabó em dicho Pueblo de S. Luiz, y por ellos fué dicho le permitiese el dicho senor que ellos se retirasem á sus Pueblos en paz sin haserlos dano, ni tan poco seguirlos, ni aprisionarlos, y a sus mugeres y hijos, pues ellos nó querian guerra con los portuguéses; y respondiendole el dicho Senor general, y mas officiales abaxo firmados, que ellos se hallavan en este ejercito por ordem de su soberano, aguardando, que la caballada y boyada del ejercito, de que es general el senor D. Joseph de Andanaigue, fuese en estado de bolver a seguir el camino, que por falta de pastos fué obligado a retroceder, y que enteniendo orden de dicho Senor general como mandante, que era de todo, se avançarian, por lo que nó determinavan retirar-se, antes si fortificarse en el paso en que estaban; lo que oydo por los dichos caciques, y demas indios, que presientes estaban, pedieron por Dios les concediese tiempo, para su recurso, y aguardavan que S. M. C. mas bien informado de su miserable estado y vida aplicase su real piedad con tal remedio, que serviese de alivio a su miseria; y que caso S. M. C. y su general no oyesen sus ruegos, y se metiese otra vez en campana, quedavan ciertos que los portuguezes los seguian en cumplimiento de las reales ordenes de su soberano; lo que oydo por el dicho Senor general respondió nó determinava perder un paso, de lo en que se hallava su ejercito; pero queriendo tener con ellos la piedad, que le rogavan, les permitia de tregoas el tiempo que mediase hasta que el ejercito de S. M. C. nuevamente marchase a la canpana, siendo con las clausulas

Aberta a campanha de 1755 sob melhores inspirações, e mais bem concertado plano, e depois das victorias do exercito federado em Caybaté, Monte Grande, e Churieby, e da morte do valente indio *Tyorayú*, lograram os generaes portuguez, e hespanhol dominar as Missões (29).

seguientes: — Que se retirarian luego los caciques con los officiales y soldados a sus Pueblos, y el ejercito portugués sin haserlos dano ó hostilidad alguna pasaria el Rio Pardo, conservando-se de una parte y otra en entera paz, hasta determinacion de los dos soberanos, Fidelissimo y Catholico, ó bien hasta que el ejercito espanol salga a campana, por que en saliendo, el ejercito portugués precisamente ha de seguir las ordens del general de Buenos-Ayres; y para que se no sucite duda alguna, se declara es la division interna del rio de Viaman, por el Guayba arriba hasta adonde le entra el Jacui, que es este en que nos allamos campados, seguiendole hasta su nascimiento por el braço que corre de sudueste. A lo que en esta division de rios queda a la parte del norte nó pasará ganado, ó indio alguno, y siendo encontrados se podrá tomar el ganado por perdido, y castigar los indios que fueren hallados; y de la parte del sul no pasará portugués y siendo hallado alguno será castigado por los caciques, y demas justicias de dichos Pueblos en la misma forma, excepto los que fueren mandados con cartas de una ó otra parte, porque estos seran tratados con toda fidelidad. Y de como asi lo prometieron ejecutar tanto el dicho Excelentisimo Senor general por su parte, como los referidos caciques por la suya, lo firmaron todos, e juraron a los Santos Evangelios, en que pusieron sus manos derechas en mano del Reverendo Padre Thomas Clarque, y yó *Manoel da Silva Neves*, secretario de la expedicion, que lo escrevi.— *Gomes Freire de Andrade. — D. Martin Joseph de Echaure.— D. Miguel Angelo de Blasco.— Francisco Antonio Cardoso de Menezes e Sousa. — Thomaz Luiz Osorio. — D. Christoval Acatú. — Bartolo Candiú. — Francisco Antonio.— Fabian Neguaen.—Santiago Pindo.* »

(29) Que os jesuitas foram os promotores de toda esta desordem não soffre hoje duvida, apezar da opinião adversa do illustrado historiador Southey. No tomo 4° (1ª serie) da *Revista do Instituto Historico* depara-se com uma excellente memoria documentada e demonstrativa d'aquelle asserto; seu titulo é: « *Relação abreviada da republica que*

Continuando depois d'isso a demarcação, novas, e graves duvidas se elevaram entre os commissarios José Custodio de Sá e Faria, e D. João de Echevarria sobre o *verdadeiro Ibicuhy*; e prolongando-se taes discussões por quasi dois annos, patenteando-se de parte a parte pouca soffreguidão em concluir a referida demarcação, veio afinal a morte de Fernando VI pôr-lhe termo pela ascensão ao throno de Carlos III, que deu-se pressa em annullar o tratado de 1750, subscrevendo para esse effeito com o rei de Portugal D. José I, no Pardo, o de 12 de Fevereiro de 1761 (30).

os religiosos jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultramarinos das duas monarchias, e da guerra que n'ellas tem movido, e sustentado contra os exercitos hespanhóes, e portuguezes.»

(30) Art. 1.º O sobredito tratado de limites da Asia e da America, celebrado em Madrid a 13 de Janeiro de 1750 com todos os outros tratados ou convenções que em consequencia d'elle se foram celebrando depois para regular as instrucções dos respectivos commissarios, que até agora se empregaram nas demarcações dos referidos limites, e tudo o que em virtude d'ellas foi autuado, se estipula agora que ficam, e se dão, em virtude do presente tratado, por cancellados, cassados, e annullados, como se nunca houvessem existido, nem houvessem sido executados; de sorte que todas as cousas pertencentes aos limites da America, e Asia se restituem aos termos dos tratados, pactos, e convenções que haviam sido celebradas entre as duas corôas contratantes, antes do referido anno de 1750; em fórma que só estes tratados, pactos, e convenções celebrados antes do anno de 1750 ficam d'aqui em diante em sua força e vigor.

Art. 2.º Logo que este tratado fôr ratificado, farão os sobreditos serenissimos reis expedir cópias d'elle authenticas aos seus respectivos commissarios e governadores nos limites da America, declarando-lhes por cancellado, cassado e annullado o referido tratado de limites, assignado em 13 de Janeiro de 1750, com todas as convenções que d'elle e a elle se seguiram; e ordenando-lhes que, dando por nullas, e fazendo cessar todas as operações e actos respectivos á sua execução, derribem os monumentos, ou padrões, que foram erigidos em conse-

O celebre *pacto de familia* firmado no mesmo anno de 1761 pelo convenio de 15 de Agosto entre os Reis de França, de Hespanha, e de Napoles, com o fim de abater a preponderancia da Grã-Bretanha, e ao qual Portugal recusou adherir pelo principio de lealdade a seu antigo alliado, fez reapparecer a guerra entre as corôas luzitana, e hespanhola. D. Pedro de Cevallos, militar intrepido, intelligente, mas de espirito cruel, e figadal inimigo dos portuguezes, governando então Buenos-Ayres, tivéra antecedente, e secreta sciencia dos movimentos de sua côrte, pelo que foi com precedencia dispondo seus meios de aggressão contra a Colonia do Sacramento; de seu lado o conde de Bobadella não se descuidára tambem de preparar-se para a defensiva no caso de qualquer ataque; e afim de não desviar-se das passagens mais ameaçadas pela guerra adiou para mais tarde o tomar posse, na Bahia, do cargo de vice-rei, que lhe havia sido conferido como justo premio de seus serviços.

Declarado o rompimento na Europa, Cevallos á testa de seis mil homens, e uma pequena esquadrilha, começou, no mez de Outubro de 1762, o assedio contra a Colonia,

quencia d'elle, e evacuem immediatamente os terrenos que foram occupados á titulo da mesma execução, ou com o motivo do referido tratado, demolindo as habitações, casas, ou fortalezas que em consideração do sobredito tratado abolido se houverem feito, ou levantado, por uma e outra parte: e declarando-lhes que desde o mesmo dia da ratificação do presente tratado em diante só lhes ficarão servindo de regras, para se dirigirem, os outros tratados, pactos e convenções que haviam sido estipulados entre as duas corôas antes do referido anno de 1750; porque todos e todas se acham instaurados e restituidos á sua primitiva, e devida força, como se o referido tratado de 13 de Janeiro de 1750 com os mais que d'elle se seguiram nunca houvessem existido; e estas ordens se entregarão por duplicados de uma a outra côrte, para sua direcção, e para o mais prompto cumprimento d'ellas.

emtanto que o governador da praça, o brigadeiro Vicente da Silva da Fonseca, sem medir suas forças com as do general hespanhol, tendo cópia de munições de guerra, e de boca, e sem mirar-se na heroica valentia com que seus antecessores haviam sempre defendido a Colonia contra os acommettimentos de Buenos-Ayres, capitulou vergonhosamente a 29 d'aquelle mesmo mez (31). Mal era a gente hespanhola empossada d'aquella praça, quando surgiram novos soccorros mandados por Gomes Freire em uma esquadra de oito velas com tropas de desembarque, e tentado não obstante o bombardeio da Colonia, parecia esta prestes a cahir em poder dos assaltantes, quando o incendio da náo capitânia, dispersando os outros vasos, deu de novo a victoria ao inimigo. A' noticia de taes desastres abateu-se o animo varonil do conde de Bobadella, e excessivamente mortificado o patriotismo do brioso general, cortou-lhe a morte os passos da vida, quando novos triumphos o esperavam no campo dos combates.

Ancho de tão facil victoria, trilhou Cevallos caminho da provincia do Rio Grande, e apossando-se da fortaleza de Santa Theresa pelo cobarde abandono que d'ella lhe fez seu governador o coronel Thomaz Luiz Osorio (32), e bem

(31) O visconde de S. Leopoldo abona a conducta de Vicente da Fonseca, e Varnhagen censura-a acremente. Inclinamo-nos á opinião d'este ultimo escriptor, porque, sendo ambos accordes em affirmar que Gomes Freire tivéra communicações do seu governo sobre a imminente crise com a Hespanha, não é possivel, zeloso como sempre se ostentára no serviço do paiz, que commettesse a imprudencia de deixar a Colonia indefesa.

O dito Vicente da Fonseca, diz Monsenhor Pizarro (tomo 9°, pag. 407), acabou seus dias na prisão do Limoeiro, em Lisboa.

(32) Este official soffreu morte affrontosa em Portugal, depois de passar por uma devassa.

assim da de S. Miguel por igual condescendencia, e fraqueza de seu commandante, plantou suas bandeiras no dia 12 de Maio de 1763 na villa do Rio Grande, que tambem havia sido abandonada desde o anterior mez pelas respectivas autoridades (33).

Seguindo ainda avante para o norte, resolveu-se então Cevallos a communicar ao governador do Rio-Grande, coronel Ignacio Eloy de Madureira, o armisticio (que retivéra em si até terminar a invasão) accordado na Europa (em Fontainebleau, a 3 de Novembro de 1762) entre as côrtes belligerantes, exigindo em seu arrogante officio, que aquelle governador expedisse um official com quem concertasse ácerca dos limites entre ambos os acampamentos : acquiesceu Madureira ao proposto alvitre, e firmou-se o accordo de 6 de Agosto do dito anno de 1763 (34).

(33) Ainda hoje são tradicionaes o susto, e consternação de que apoderaram-se os povos aos approches das forças hespanholas; largaram casas e effeitos, e espavoridas fugiram as familias ou a pé na direcção de Santa Catharina, ou embarcando-se precipitadamente em pequenos navios, que emigraram para o Rio de Janeiro.

A crueldade do capitão D. José de Molina, a testa da vanguarda das tropas de Hespanha, mandando atirar nos fugitivos quando açodados procuravam as ribas do rio, ou já embarcados em frageis saveiros demandavam a opposta margem, e a fama do caracter duro e vingativo de Cevallos, foram outros tantos incentivos de tão horrivel panico.

(34) *Convenção.*— « Nós outros Antonio Pinto Carneiro, capitão de dragões ao serviço de Sua Magestade Fidelissima, em virtude dos poderes que me tem conferido meu governador o Sr. coronel Ignacio Eloy de Madureira, e D. José de Molina, capitão de infantaria ao serviço de Sua Magestade Catholica, em virtude dos poderes que meu general o Exm. Sr. D. Pedro Ceballos me ha dado :

« Havendo-nos ajuntado em consequencia da suspensão de armas, accordada por Suas Magestades Fidelissima e Catholica em Novembro do anno passado para conferir e declarar o termo de uma e outra parte n'esta fronteira, entretanto que nossas respectivas côrtes, intei-

Havendo Portugal declarado sua accessão á paz de Pariz de dez de Fevereiro d'aquelle anno, estabeleceu se pelo art. 21 do respectivo tratado que, relativamente ao Brasil, tudo seria reposto como *ante bellum*, e na fórma dos anteriores tratados(35). Entretanto, comquanto depois d'isso fosse

radas d'este convenio, não dispuzerem outra cousa, afim de evitar todo o motivo de discordia entre as duas nações temos convindo, em nome e com approvação de nossos chefes, nos artigos seguintes:

« 1.° Que não se praticará hostilidade alguma de uma e outra parte, e se observará a boa correspondencia, que é regular entre nações amigas.

« 2.° Debaixo de qualquer motivo ou pretexto, não se permittirá que os ladrões ou gente vagamunda, que fizerem roubos de gados na jurisdicção de uma nação, encontrem na outra asylo ou refugio, antes serão entregues á parte prejudicada que os requerer, para que a justiça possa castigal-os conforme seus delictos.

« 3.° A Estancia, que chamam da Tratada, situada a quatro leguas da do Thesoureiro, do lado do norte d'este rio, será o termo além do qual não poderão passar os hespanhóes, devendo conservarem-se por parte d'estes os postos e estancias na boca do rio, e suas margens de um e outro lado, até a citada, que chamam do Thesoureiro, inclusive, onde tem guarda; e por parte dos portuguezes a que estabeleceram no Poste da Tratada, da qual só poderão passar suas patrulhas meia legua até a expressada estancia do Thesoureiro.

« 4.° Ainda que sendo, como é, este porto do Rio-Grande privativo de dominio de Hespanha, não póde outra nação commerciar n'elle, nem entrar ou sahir, sem permissão do governador hespanhol, embarcação alguma; comtudo, como se acham rio acima, desde antes do armisticio, duas sumacas portuguezas, se lhes permittirá, sem que sirva de exemplo, sahirem do rio para seus destinos.

« 5.° Em fé do que se observará inviolavelmente por uma e outra parte a presente convenção. Os dois referidos capitães, em virtude dos poderes de nossos respectivos chefes, firmamos dois do mesmo teor no povo do Rio-Grande, a 6 de Agosto de 1763.— *Antonio Pinto Carneiro.— D. José de Molina.* »

(35) Art. 21 As tropas hespanholas e francezas evacuarão todos os territorios, campos, cidades, praças e castellos de Sua Magestade

entregue aos commissarios portuguezes a Colonia do Sacramento (36), não assim aconteceu relativamente ao ter-

Fidelissima sitos na Europa, que houverem sido conquistados pelos exercitos de França e de Hespanha, sem reserva alguma; e os restituirão no mesmo estado em que estavam quando a conquista foi feita, e com a mesma artilheria e munições de guerra que n'elles se achavam; e a respeito das colonias portuguezas na America, Africa, ou nas Indias Orientaes, se houvesse acontecido qualquer mudança, todas as cousas se tornavam a pôr no mesmo pé em que estavam, e na conformidade dos tratados precedentes que subsistiam entre as côrtes de Hespanha, de França e de Portugal antes da presente guerra.

(36). *Termo de Entrega.*— « D. Pedro de Ceballos, comendador de Sagra y senet en la orden de Santiago, gentil hombre de camara de Su Magestad con entrada, teniente general de los reales ejercitos, gobernador, y capitan general de las Provincias del Rio de la Plata y ciudad de Buenos-Aires.

« En cumplimiento de la real cedula espedida em Aranjuez a nueve de Junio de este ano, por la cual el rey mi senor, en consecuencia de haber se firmado en Paris el tratado definitivo de pás con el-rey Fidelisimo, el dia diez de Febrere de este ano, me manda entregar esta plaza de la Colonia del Sacramento al general ó oficial que Su Magestad Fidelisima destinare para recibirla, y hallandose nombrado para esta comision el senor coronel D. Pedro Joseph Soraes de Figueredo e Sarmento, caballero del habito de Cristo y gobernador electo por Su Magestad Fidelisima de esta plaza, como parece de los poderes que me ha presentado, al mismo tiempo que el senor D. Joseph Fernandes Pinto Alpoim, caballero del habito de Cristo y brigadier de sus reales ejercitos, puso en mis manos la citada real cedula con una carta del Escmo, senor conde da Cunha, virrey del Brasil, de veinte y trez de Noviembre del ano proximo pasado, hago al espresado senor coronel entrega de esta plaza de la Colonia del Sacramento con las obras de fortificacion en el estado en que estaban al tiempo que la ocuparon las armas de Su Magestad, y varios de elos como la del tren y otras con algunas mejoras de la artilleria y municiones que habian en ela, y de todo su territorio, como tambien de la Isla de San Gabriel con su artilleria y municiones, quedando de esta suerte las cosas en el pié en que estaban, antes de la ultima guerra, y conforme a los tratados anteriores entre Espana, e Portugal.

ritorio rio-grandense occupado pelos hespanhóes, a cuja devolução recusou-se Cevallos sob allegação de frivolos motivos, e até invocando o accordo citado, que pretendia houvesse de passar por um tratado de limites entre as duas corôas!

Abundando o celebre ministro hespanhol marquez de Grimaldi no mesmo parecer de Cevallos, e permanecendo o Rio-Grande como paiz conquistado, seus habitantes julgaram de seus brios dever reagir contra esse estado de cousas, e achando apoio no então governador José Custodio de Sá e Faria tomaram a offensiva, e assenhorearam-se da Villa de S. José do Norte, tencionando continuar n'essa vereda em tempo que chegavam insinuações da côrte portugueza ao referido governador para não proseguir avante visto a cordialidade que começava a despontar nas relações entre as duas corôas.

Intercalado porém não grande intervallo, o novo governador de Buenos-Ayres Vertiz, sob os mais especiosos pre-

« Y yo el espresado coronel D. Pedro Joseph Soares de Figueredo e Sarmento, en virtud de los citados poderes que para el effecto tengo, he recibido la referida plaza con todo lo demas, y en la misma forma que arriba queda espresado.

« En fé do lo cual, asi el que entrega como el que recibe, firmamos dos de este tenor, y los sellamos com el sello de nuestras armas, y para mayor solemnidad de este acto, las firmaron tambien el senor brigadier D. Joseph Fernandez Pinto Alpoim; el senor D. Joseph Nieto, teniente coronel y comandante de la infanteria de la provincia de Buenos Aires; el senor D. Carlos Morphy, teniente coronel y Mayor general que ha sido del ejercito, e el senor D. Vicente de Reyna, teniente coronel y comandante de la artilleria de dicha provincia.

Colonia del Sacramento, 27 de Deciembre de 1763. (L. S.) *D. Pedro de Ceballos.*— (L. S) *Pedro Joseph Soares de Figueiredo e Sarmento.*— (L. S.) *Joseph Fernandes Pinto Alpoim.—Joseph Nieto.—Carlos Morphy.* — *Vicente de Reyna Vasques.*

textos, invadiu de novo a provincia do Rio-Grande, por cuja campanha caminhou sem maior tropeço até encontrar o forte do Rio-Pardo, onde presentindo as convenientes disposições para rechassal-o devidamente, simulou que apenas entrára á provincia no fito de *visitar o territorio pertencente a El-Rei seu amo*, feito o que se retirava como effectivamente o praticou!

A' vista porém de tão insolita aggressão, e desilludido o governo portuguez da improficuidade de seus esforços para levar ao cabo pacificamente com a Hespanha as questões relativas á entrega da provincia do Rio-Grande, e da pouca efficacia se não tibieza com que a Inglaterra intervinha em taes negocios, tratou de mandar forças para o Brasil afim de recuperar a referida provincia nos pontos occupados pelos hespanhóes, e deu o commando d'essas forças ao general Bohm, que fôra da escola militar do conde de Lippe, nomeando outrosim para engenheiro do exercito ao distincto official Fuuchz, que servira sob as ordens do marechal de Saxe; á testa da esquadra foi collocado o chefe Roberto Mac-Douall.

Não pertence ao nosso proposito esboçar os incidentes da campanha terrestre, e maritima que nos restituiu a posse do Rio-Grande; basta-nos consignar que, depois de varias acções as armas portuguezas alcançaram o triumpho, entrando a 2 de Abril de 1776 o general Bohm a villa d'aquelle nome, da qual se haviam os contrarios precipitadamente retirado, largando abundante despojo. Pelo mesmo tempo cahiam em nosso poder o forte de Santa Tecla, e a trincheira de S. Martinho, que foram incontinente arrasados pelo chefe d'essas expedições o valente sargento-mór Raphael Pinto Bandeira (37).

(37) Emquanto que a Hespanha dobremente retinha em si, depois

A' noticia d'estes importantes successos pôz-se em alvoroço a côrte hespanhola ; dirigiu aos gabinetes de Londres, e Paris amargas queixas contra Portugal (38), a quem figurava de invasor, e deu ordens para aprestar-se uma formidavel esquadra, composta de cem vasos, contendo 9,000 praças de desembarque (39), e cujo commando foi outorgado ao mesmo D. Pedro de Cevallos, que tão odiosas recordações deixára na provincia do Rio Grande no tempo da primeira invasão ; ao mesmo Cevallos conferiu-se igualmente a nomeação de vice-rei dos Estados hespanhóes do Rio da Prata.

Velejando para as costas do Brasil, sarpou a esquadra de Cevallos no porto de Santa Catharina em o mez de Fevereiro de 1777 ; o general Antonio Carlos Furtado de Mendonça governava esse capitania, e estava ella provida de toda a sorte de munições, ao menos para a resistencia.

Entretanto, se a principio se mostrava aquelle general disposto a repellir o inimigo, tão desconcertados foram os pareceres, e alvitres propostos pelos diversos chefes militares, tal o panico que se apoderou d'esses cabos de guerra (40), que o governador Furtado de Mendonça sem

do tratado de 1763, o territorio do Rio-Grande, occupavam os paulistas as cabeceiras do Iguatemy, onde posteriormente fundou-se a praça da Senhora dos Prazeres ; expediam-se ordens para fortificar o Fecho dos Morros no Paraguay, tomando-se erradamente por essa paragem a em que se construiu a fortaleza de Nova Coimbra, e edificava-se no Guaporé o forte do Principe da Beira.

(38) Vid. no Archivo Publico officio do ministro Pombal ao marquez de Lavradio de 15 de Janeiro de 1776, tratando d'este assumpto.

(39) Assim o asseveram o visconde de S. Leopoldo e Southey. Varnhagen, porém, pensa com o autor dos *Annaes do Rio de Janeiro*, que a força de desembarque orçava por vinte e um mil homens.

(40) Entre estes se achava o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, sobre cuja memoria pairam suspeitas de infidelidade pelo seu pro-

disparar um tiro abandonou pusillanimemente a ilha, passando-se para a terra firme, onde afinal teve de render-se á discrição. O referido governador e officiaes da guarnição foram por Cevallos enviados ao Rio de Janeiro, os soldados remetteram-se e dispersaram-se pelos dominios do vice-reinado de Buenos-Ayres (41).

De pose de Santa Catharina, singrou Cevallos a esteira do sul, ou para acommetter o Rio-Grande, ou para por via da enseada de Castillos levar socorros a Vertiz, que devêra achar-se no forte de Santa Theresa ; ventos contrarios porém o conduziram a Montevidéo, d'onde resolveu atacar a Colonia do Sacramento, á qual com effeito pôz apertado cerco no mez de Maio do dito anno á testa de cinco mil homens. Seu governador, o coronel Francisco José da Rocha, desprovido dos necessarios meios de resistencia, dispondo apenas de um troço de oitocentos homens, offereceu capitular, mas o vice-rei hespanhol negou-se a tal proposta, compellindo-o a entregar-se á discrição, e enviando como em Santa Catharina os soldados para as outras das provincias hespanholas, e os officiaes para o Rio de Janeiro (42). Em seguida procurou Cevallos arrasar a heroica

cedimento no ataque da ilha de Santa Catharina. O visconde de S. Leopoldo, porém, nos seus *Annaes* manifesta uma convicção oppolas, repugnando-lhe crêr que aquelle mesmo distincto official que com tanto patriotismo desempenhára as funcções de demarcador no tratado de 1750, que com galharda valentia expulsára os hespanhóes da Villa do Norte do Rio-Grande, não mancharia seu nome concorrendo para o vergonhoso rendimento da ilha de Santa Catharina.

(41) Annos depois o general Antonio Carlos soffreu baixa do posto, como infame.

(42) Varnhagen diz que o governador Rocha se portára com fraqueza ; Southey, porém, e o visconde de S. Leopoldo não são d'esse pensar, affirmando que os reforços de gente, munições e viveres pedidos pelo mesmo governador, e que lhe eram enviados do Rio de

fortaleza, testemunha de actos de tanta bravura de nossos maiores, e de obstruir o porto da Colonia, mal pensando o deshumano vice-rei que esse baluarte ia passar finalmente ás mãos do governo de sua patria !

N'este entrementes, quando o exercito hespanhol, e portuguez se preparavam, um a investir o Rio-Grande, e o outro a sustentar suas posições, chegavam da Europa as ordens para a suspensão das hostilidades, na America (43).

A morte de D. José I e a quéda do eminente estadista o Marquez de Pombal operaram uma completa transformação nos negocios politicos do reino portuguez ; pensou-se então em reatar as boas relações com a Hespanha, pondo fim ás desavenças de limites. N'este intuito a rainha D. Marianna Victoria, mãi de D. Maria I, que havia succedido a seu pai no throno, dirigiu-se a Madrid, e em breve tempo celebrou-se o tratado de 1º de Outubro de 1777, em Santo Ildefonso, sendo plenipotenciarios, do lado de Portugal D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, e do de Hespanha o conde de Florida Blanca (44).

Janeiro, foram tomados pelos cruzadores inimigos, que além d'isso pela interceptação da correspondencia do citado Rocha tinham conhecimento de seus apuros. Entretanto, affirma monsenhor Pizarro, o referido governador foi remettido preso para Lisboa, ahi teve sentença de morte; commutando-lhe, porém, a rainha D. Maria I essa pena na de degredo para Angola, onde falleceu.

(43) As ordens d'esta suspensão, ou porque fossem demoradas de proposito relativamente a Mato-Grosso, ou porque na verdade chegassem tarde a essas paragens, deram causa a que o governador do Paraguay Agostinho Fernando de Pinedo fizesse render o presidio dos Prazeres, situado nas cabeceiras do Igualemy, como é antes dito.

(44) Existe no Archivo Publico a cópia authentica d'este tratado, e a sua ratificação em 10 de Outubro, remettida ao vice-rei do Estado do Brasil marquez de Lavradio com officio do ministro Martinho de Mello e Castro datado de 30 do dito mez.

O tratado de Outubro de 1777, mais que todos *capcioso e leonino*, na discreta phrase do illustrado visconde de S. Leopoldo, defraudou ao Brasil da Colonia do Sacramento, das Missões Orientaes do Uruguay, do territorio ao norte de Castilhos Grandes até a Lagôa Merim, e as vertentes d'esta, recuando-se suas fronteiras para o rio Piratinim, e vedando-se-lhe o transito fluvial pelos rios da Prata, e do Uruguay!

Era assim que depois de vinte sete annos da celebração do tratado de 1750, quando os sitios da disputa eram mais conhecidos, quando as condições topographicas do terreno podiam ser melhor avaliadas, e quando finalmente mais sinceros estimulos de paz deviam animar os dois governos, que formulava-se um pacto sem reciprocidade, e que trazia no seio os infalliveis germens de inexecução!

Pactuada a convenção, trataram as côrtes portugueza e hespanhola de realizar a demarcação, nomeando quatro divisões de commissarios.

A primeira divisão, que foi a que se occupou com os limites propriamente do Estado Oriental, era composta do governador do Rio-Grande Sebastião Xavier da Veiga Cabral, do coronel d'Engenheiros Francisco João Roscio, dos mathematicos capitão Alexandre Eloy Portelli, e ajudante Francisco dos Chagas Santos, dos astronomos Joaquim Felix da Fonseca Manso, e Dr. José de Saldanha; o commissario hespanhol era D. José Varella, e Ulloa.

Ao chefe d'esta commissão deu o vice-rei Luiz de Vasconcellos miudas, e bem elaboradas *instrucções* publicas e *secretissimas*, tendo estas a data de 20 de Dezembro de 1782, e aquellas a de 7 de Janeiro de 1783 (45).

(45) Umas e outras existem no Archivo Publico do Imperio juntas á importante correspondencia d'aquelle vice-rei, formando onze volumes encadernados, de 1779 a 1789.

Maravilha não se encontrar a citação d'essas instrucções, nem nos

Do contexto d'essas instrucções ressumbra todo o leal desejo de concluir a demarcação com perfeita cordialidade, mas nem por isso foram escassos, nos ultimos, os prudentes conselhos sobre a direcção das linhas do Chuy ao Pepiriguassú, d'este rio ao Iguassú, e d'ahi pelo Paraná ao Igurey até topar o Paraguay; insinuando-se aos commissarios portuguezes, que na adopção dos respectivos traços se attendesse muito aos meios legitimos, e razoaveis de mitigar os damnos que o tratado trazia á Portugal, não se poupando o menor cuidado, ainda nos pontos que parecessem indifferentes, para explorar o terreno, rios e outras localidades que tinham de servir de balizas.

A despeito porém de todas as vantagens que o tratado concedia á Hespanha, suas exigencias avultaram por occasião da demarcação, e constantes duvidas foram por ella agitadas no decurso de taes trabalhos.

Primeiramente pretendeu o vice-rei de Buenos-Ayres que as partidas demarcadoras se juntassem no Rio-Grande para d'ahi seguirem unidas ao rio Ibicuy-guassú, e d'este lugar se separarem em duas subdivisões que tomassem os rumos, e paragens assignaladas em um plano que remetteu ao vice-rei do Brasil (46): tendo porém as duas côrtes combinado que o arroio ou guarda do Chuy fosse o ponto da reunião dos commissarios, assim se sustentou e effectivamente n'esse lugar abriram-se as conferencias entre elles em 5 de Fevereiro de 1784, collocando-se a 11 de Março o marco hespanhol na margem septentrional do dito arroio do Chuy, e o marco portuguez na foz do Tahim, ficando neutral o espaço intermediario.

debates internacionaes, nem nos historiadores das cousas do Brasil. Entretanto a sua leitura é mui recommendada a quem se propuzer escrever a historia d'essa demarcação.

(46) Citadas instrucções secretissimas.

Em seguida outras complicações surgiram; tentaram os hespanhóes substituir o rio Piratinim por outro arroio; reclamaram como dentro de sua divisão o forte de Santa Tecla, levantaram questão sobre a linha que devêra dirigir-se pelos terrenos comprehendidos entre o Monte-Grande, e o rio Pepiry-guassú; negaram a existencia do Igurey, substituindo-o pelo Iguatemy (47); e afinal conceberam o projecto do substituir o rio Pepiry-guassú, já reconhecido, por outro mais caudaloso, e mais proximo ás cabeceiras do rio Santo Antonio (48).

Eis em que parou, diz o visconde de S. Leopoldo, esta longa, e dispendiosa demarcação, parte pela má fé, e anticipada indisposição dos hespanhóes, parte pelas ambiguidades inherentes ao mesmo tratado (49).

Como complemento ao tratado de Outubro de 1777 foi firmado o de amizade de 11 de Março de 1778 (50), em que a Hespanha, ganhando as ilhas de Anno Bom, e Fernando Pó, se propunha, como era n'elle consignado, a cimentar

(47) Nas referidas instrucções secretissimas déra o vice-rei Vasconcellos os mais completos esclarecimentos sobre a existencia do rio Igurey; entretanto o commissario portuguez, coronel Roscio, por indolencia ou acabrunhado por aspera enfermidade, não contestou devidamente as pretenções do demarcador hespanhol D. Diego de Alvear, que se encaminhavam a dar o Iguatemy por substituto ao Igurey. Sobre o Igurey deve accrescentar-se que na correspondencia da côrte do anno de 1783 encontra-se o seu reconhecimento feito pelo sargento mór Candido Xavier de Almeida e Sousa.

(48) Vid. o Relatorio do vice-rei Vasconcellos a seu successor, impresso no tomo 4° da *Revista do Instituto*.

(49) Pelo art. 23 do tratado de 1777 se estipulou a restituição da ilha de Santa Catharina, a qual foi evacuada em 30 de Julho de 1778 e entregue ao governador para ella nomeado, o coronel Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara.

(50) *Collecção* de Borges de Castro.

as bases de uma alliança com Portugal, para reciproca garantia de seus dominios na America, estabelecendo outrosim a mais intima união entre as duas corôas; alliança que no anterior reinado não fôra um dos dogmas de sua politica (51).

Marchava pois morosamente e pejada de controversias, como é dito a demarcação do tratado de 1777, quando de novo soou na Europa o grito de guerra; e colligando-se a Hespanha á França contra Portugal (52), apezar de todas as boas palavras do convenio de 1778, saltaram suas faiscas para a America.

O previdente governador do Rio-Grande do Sul Sebastião Xavier da Veiga Cabral tomou immediatamente suas medidas de precaução, agglomerando sobre as raias os necessarios contingentes. Bastou este sensato expediente para que as guardas hespanholas, abandonando suas posições, se retirassem para Serro Largo. Declaradas porém formalmente as hostilidades entre as duas nações no mez de Maio de 1801, e desde que ao Brasil aportaram as noticias d'esse acontecimento, o general Veiga Cabral investiu o paiz inimigo, logrando a columna ao mando do coronel Manoel Marques de Sousa apoderar-se do forte do Serro Largo no dia 30 de Outubro d'aquelle anno (53). Nas fronteiras do

(51) Vid. *Cartas apologeticas da administração do marquez de Pombal* e o *Juizo analytico* ácerca das mesmas cartas pelo dito marquez. Possuimos uma collecção manuscripta d'essas cartas e do referido juizo analytico, tudo publicado em 1777.

(52) Pelo tratado de 29 de Janeiro de 1801 *Collecção* de Borges de Castro.

(53) *Capitulação do Serro Largo.*— Art. 1.º Se entregará la Guardia del Cerro Largo, perteneciente en la actualidad a S. M. C. al comandante de las tropas lusitanas, siendo desalojada en el termino de veinte y quatro horas, que se deberan contar desde el punto, que se presenten las capitulaciones.

Rio-Pardo iguaes vantagens alcançaram os portuguezes, occupando os pontos desamparados de Batovi, e Taquarembó e arrasando a fortaleza de Santa Tecla.

Pelo lado das Missões o paisano Manoel dos Santos Pedroso, e um desertor do regimento de dragões José Borges do Couto (54) varriam a campanha das partidas hespanholas e guaranis á frente de pequenas forças ; conseguindo alfim, depois de inauditas façanhas, apoderarem-se de todas as reducções orientaes, que desde então ficaram reunidas ao Imperio.

Accordada a paz em Badajoz pelo tratado de 6 de Junho de 1801 (55) entre Portugal e a Hespanha, foi igualmente posto o cravo á luta em seus dominios americanos. Por esse facto pretendeu o governador de Buenos-Ayres que

Sahirão as tropas de S M. C. ao romper do dia 31 de Outubro, obrigando-se tanto os officiaes como os soldados pagos a não pegar em armas na presente guerra contra Portugal.

Art. 2.° Saldran las tropas espanolas con todos sus armas, tambor batiente, banderas desplegadas, y los demas honores, que corresponden, otorgando para la marcha de cada individuo dos caballos para retirar-se.

Pelo que pertence aos cavallos sahiram unicamente montados.

Art. 3.° Se le concedera los equipages de los officiales y tropa.

Negado.

Art. 4.° Se concederan dos carretas para levar los petrechos d'el-rei ; e los heridos, que se hallan en el hospital, seran curados por cuenta del erario espanol.

Os feridos sahirão tambem em duas carretas.

Echo en el Cerro Largo a 30 de Octubre de 1801.— (Assignado) *Manoel Marques de Sousa.*— (Assignado) *D. Joseph Bolanos.*

(54) Pelos seus relevantes serviços foi-lhe tirada a nota de desertor, e teve nomeação de capitão de milicias. « Pobre e mesquinha recompensa, diz com razão Varnhagen, a um homem que reuniu ao Brasil um territorio que por si só póde constituir uma provincia. »

(55) *Collecção* já referida.

os portuguezes abrissem mão dos postos conquistados durante a guerra, repondo-se as cousas no estado anterior a ella, e de accordo com os limites do tratado de 1777.

O então governador do Rio-Grande brigadeiro Roscio sensatamente contestou essa excentrica exigencia, ponderando que com a declaração da guerra entre as duas nações haviam caducado, na fórma da jurisprudencia internacional, os tratados anteriores, salvo clausula expressa na convenção posterior; quanto mais que na paz de Badajoz fallando-se com individuação das fronteiras pelo norte do Brasil, nada se estipulára relativamente ás do sul, do que evidentemente se concluia que devêra ser respeitado o *uti possidetis* obtido pelas armas portuguezas (56).

Os effeitos da paz de Badajoz depressa esvaeceram-se; as intrigas que lavravam na côrte hespanhola, as dissidencias domesticas em que a mesma côrte ardia, e a sordida ambição do principe da Paz, haviam constituido a França em uma especie de suzerania sobre a Hespanha; astuciosamente aproveitando-se d'essas circumstancias o imperador Napoleão, ao mesmo tempo que acalentava as esperanças de Portugal pela continuação de uma politica cordata, firmava os tratados de Fontainebleau (27 de Outubro de 1807), em que se decretava a desmembração do Reino Unido em proveito da França, e no de Carlos IV, que por seu turno em 1808 foi, juntamente com Fernando VII,

(56) Corroborando esta intelligencia, deve ler-se o *Memorandum* do conselheiro Miguel Maria Lisboa (inserto no tomo 2° da segunda serie da *Revista do Instituto*, pag. 436), com o fim de rectificar uma proposição do visconde de Santarem no seu *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, da qual podia inferir-se que o tratado de Badajoz havia renovado as estipulações *sobre limites* das convenções rotas pela guerra. O mesmo visconde retrucou ao alludido *Memorandum*, como foi publicado n'aquella *Revista*, tomo 3° da mencionada serie, pag. 414.

desalojado do throno hespanhol para n'elle assentar-se um membro da familia Bonaparte.

A' noticia de taes machinações o Principe de Portugal D. João, depois de maduro conselho, resolveu transportar-se com sua augusta familia para o Brasil, ou devia por então ficar estabelecida a séde da monarchia (57), e para este effeito celebrou com a Grã-Bretanha a convenção secreta de 22 de Outubro de 1807 (58).

Os diversos incidentes da estada do Senhor D. João VI no Brasil, relativamente aos negocios das Provincias Unidas do Rio da Prata; as tentativas da princeza D. Carlota a assumir a regencia d'aquellas provincias, tentativas aliás favoneadas por Belgrano, Pena, Castelli, Puyrredon, e outros patriotas argentinos; o armisticio Rademaker; e as campanhas de 1811, 1812 e 1816 até a occupação de Montevidéo; comquanto sejam episodios notaveis da historia

(57) Não era nova a idéa de transferir a séde da monarchia portugueza para o Brasil. Filippe II a suggerira ao duque de Bragança, cedendo este de seus direitos á corôa luzitana; um esforçado portuguez, D. Pedro da Cunha, partidario do prior do Crato, aconselhava-o a transmigrar para os dominios americanos, onde deveria tomar o titulo de rei de Portugal; D. Luiz da Cunha, o celebre estadista, propendia para o mesmo pensamento, e considerava sua realização util a seu paiz; Aranda, embaixador hespanhol em Paris, no tempo da insurreição mineira, fôra avante n'essas idéas, aconselhando a independencia do Brasil, levando suas raias até as beiras do Pacifico com a annexação do Chile e Perú sob o dominio da casa de Bragança, que largaria Portugal á Hespanha; este mesmo plano, relativamente á partilha da America Meridional em duas grandes nações, foi attribuido a Bolivar (vid. *Historia de Venesuela* de Ramon Dias, Paris 1841), o qual o offerecêra ao Senhor D. Pedro I. Coube, porém, a lord Strangford, ou antes á Inglaterra, a fortuna de fazer executar aquelle projecto, que, se a ella trouxe avultados interesses commerciaes, não menos aproveitou ao Imperio no ponto de vista das mesmas vantagens e das concernentes á sua mais accelerada emancipação politica.

(58) *Collecção* de Borges de Castro.

d'esses tempos, são alheios da presente memoria, e assim limitar-nos-hemos a consignar que os importantes corollarios d'esses successos, com relação á questão de limites, foram determinados pela convenção de 30 de Janeiro de 1819 entre o cabildo de Montevidéo, e o general Lecór, e pelo acto de incorporação do Estado Oriental ao Imperio de 31 de Julho de 1821 sob a denominação de Provincia Cisplatina (59).

A linha da primeira dava-nos os territorios situados entre o Arapehy, e o Quarahim, e a do segundo demarcava como nossa fronteira o mesmo traço do tratado de 12 de Outubro de 1851, que pôz termo a essa antiga, e complicadissima disputa, com melhores vantagens.

Sobrevindo porém a invasão de Lavallega na Provincia Cisplatina em 1825, e a guerra subsequente, por esse motivo com Buenos-Ayres, que fomentára a dita rebellião, ficou retardada a questão dos limites; e quando em 1828 se fez a paz pela convenção preliminar de 27 de Agosto (60) nada se innovou sobre essa pendencia, aguardando-se ainda a celebração do tratado definitivo, a que se reportava o art. 17 da mesma convenção.

O governo argentino porém não obstante as continuas requisições do gabinete imperial evitou constantemente a celebração d'esse pacto internacional, sendo que os successos do anno de 1851 vieram por fim fornecer ao Brasil o ensejo de dar um desenlace a semelhante pleito, firmando-se entre os dois paizes o já citado tratado de Outubro de 1851 (61).

(59) A convenção de 1819 e o acto de incorporação de 1821 estão publicados no 1° tomo de nossa *Collecção Historica dos Tratados do Brasil.*

(60) Vid. *Collecção* citada na nota anterior, tomo 2.°

(61) Vid. *Collecção* supra mencionada.

O *uti possidetis* foi o principio adoptado para deslindar o secular debate sobre os limites do Imperio com a Banda Oriental, e se essa doutrina não pode, ou não deve por motivos obvios ser considerada sempre, e em todas as hypotheses como base inalteravel para a solução de pendencias d'essa ordem, no caso especial do Brasil era talvez a unica capaz de sanar as difficuldades da questão, tendo ainda por si o precedente das estipulações do tratado de 1750 que com pequenas variantes fixára os mesmos traços de demarcação.

E' certo que a convenção de 1819 dilatando as fronteiras do Imperio desde a Angustura de Castilhos em direcção ao Arapehy, ficando-nos os territorios entre este rio e o Quarahim, satisfazia melhor as aspirações do paiz, e seria, como pensa o visconde de S. Leopoldo (62) as mais naturaes e as de maior conveniencia; todavia, desde que existiam tão desencontradas e antigas reclamações de parte a parte relativas á fixação dos limites, aconselhava a prudencia e a razão de Estado que se buscasse o meio conciliatorio e equitativo para levar ao cabo uma obra de tantos annos; foi o que se conseguiu pelo tratado de 12 de Outubro de 1851, cedendo cada um dos contrahentes de suas pretenções mais avançadas.

Sustentava o governo oriental a validade do tratado de 1777 que nos sequestrára de uma grande área do territorio rio-grandense; entendia que estavamos de posse das Missões do Uruguay, e dos campos neutraes entre o Chuy e o Tahim por titulo violento, e apenas concedia-nos, como prova de benevolencia, as fronteiras pelo Ibicuhy. Do lado do Brasil suas maiores aspirações limitavam-se á linha assignalada pela convenção de 1819.

(62) Memoria intitulada: « *Quaes são os limites naturaes pactuados, e necessarios do Imperio do Brasil?* Mandada imprimir pelo Instituto Historico, 1839. »

Para contrariar essas aspirações allegava a republica do Uruguay, que a referida convenção pactuada pelo cabildo de Montevidéo, que usufruia apenas de attribuições municipaes, com o general Lecór, que ocupava militarmente aquella cidade, e não ratificada pelos poderes soberanos, nenhum valor podia merecer como contracto internacional.

Allegava ainda que, concedido que esse convenio tivesse procedencia e vigor, havia elle sido annullado pelo acto de incorporação da Cisplatina ao Imperio em 1821, no qual outras divisas foram estabelecidas, acto que foi reconhecido pelos poderes supremos brasileiros (63).

Accrescentava que os limites de 1821 haviam sido sanccionados pelo tratado de Agosto de 1828, que não os alterou, e pelos commissarios brasileiros revisores da constituição do Estado Oriental, que nenhuma objecção oppuzeram ao art. 1° da mesma constituição, o qual encerrava a circumscripção territorial do dito Estado dentro dos seus *nove* departamentos *actuaes*, departamentos que eram os mesmos do tratado da incorporação.

Discutido assim o assumpto, convinha apreciar a materia das reciprocas concessões para chegar a um resultado que, sem nos ser lesivo, não fizesse levantar fundados clamores da parte adversa.

Pelo nosso lado cediamos do direito, direito aliás controvertido, que derivavamos da convenção de 1819. A Republica Oriental porém reconhecia invalido o tratado de 1777, cedia-nos os campos neutraes (cuja posse definitiva ficára illiquida no proprio tratado de incorporação), os territorios que haviamos conquistado, e abandonava a linha do Ibicuhy; por outro reconhecia a legitimidade de todas as nossas posses e de todas as nossas conquistas.

(63) Vid. *Manifesto* de 10 de Dezembro de 1825, pelo qual o Senhor D. Pedro I declarou a guerra a Buenos-Ayres.

Restabelecendo a linha de limites do tratado de incorporação de 1821, com o accrescimo a favor do Imperio do reconhecimento de seu dominio aos campos neutraes (64), abraçando o principio do *uti possidetis* para terminar nossas differenças com a Banda Oriental relativamente á questão das fronteiras, o governo imperial obteve um esplendido triumpho, e prestou ao paiz assignalado serviço (65).

Essas, e outras magnificas victorias, alcançadas no anno de 1851 pela politica internacional brasileira, revelaram ao paiz que as novas negociações diplomaticas se ião enterrei-

(64) Releva observar que em 1845 o Estado Oriental, vendo-se em grandes apuros financeiros, nos propuzéra a cessão dos campos medidos pela somma de *um milhão e duzentos mil pesos;* o tratado de 12 de Outubro porém resolveu essa questão pelo principio do *uti possidetis.*

(65) O conselho de estado já havia em 1847 indicado como aceitavel a mesma linha do tratado de 12 de Outubro. Eis o contexto da respectiva consulta:

« Senhor, foi V. M. Imperial servido ordenar ás secções dos negocios da guerra, estrangeiros e imperio do conselho de Estado que consultassem quaes sejam as divisas entre o Imperio, e o Estado Oriental, ou quaes convinha admittir, para serem fortificadas de maneira que embargassem ou diminuissem as frequentes invasões dos orientaes e argentinos na provincia do Rio-Grande do Sul. E as secções depois de terem consultado os documentos constantes da tabella junta a esta consulta, e reflectido com a attenção que a gravidade do assumpto exigia, entenderam que preenchiam a honrosa tarefa de que foram incumbidas com o seguinte parecer: —Considerando as secções as seguintes razões: 1°,como o tratado do 1° de Outubro de 1777 que estabeleceu os ditos limites nunca teve plena execução; 2°, como durante a guerra que se seguiu em 1801 entre as corôas de Portugal e Hespanha foi pelos portuguezes conquistado o territorio entre a Coxilha geral e o Uruguay, e desde o Quarahim até a entrada no Uruguay do rio Pepiry-guassú; 3°, como pelo tratado de Badajoz de 6 de Junho de 1801 não foi renovado o de 1777, nem se estipulou a restituição do mencionado territorio conquistado; 4°, como a convenção de 1819, que dilatou as fronteiras do Imperio desde

rar em senda diversa da que até então havia sido trilhada.

Nos primeiros tempos de nossa organisação social dominou na celebração dos pactos internacionaes o pensamento de que era prudente achegar-se o imperio ás velhas nações monarchicas da Europa, procurando em sua alliança talvez um ponto de apoio para futuras emergencias ; monarchia nova, mas oriunda de fonte popular, parecêra aos homens

Castilhos Grandes até o Arapehy, bem que tivesse plena execução, foi alterada ou renovada pela segunda condição do acto de incorporação que fica transcripto ; 5º, como este acto de incorporação foi aceito pelo governo imperial, e pelo mesmo Estado como um titulo do Imperio á provincia Cisplatina, tanto na correspondencia entre o commissario argentino Valentim Gomes e o ministro dos negocios estrangeiros do Brasil, em a nota de Fevereiro de 1824, como no manifesto de declaração de guerra do governo imperial ás Provincias Unidas do Rio da Prata de 10 de Dezembro de 1825 ; 6º, como erigiu em republica do Uruguay a provincia Cisplatina, e esta tinha os limites que lhe foram assignados no referido acto de incorporação ; 7º, e finalmente como este acto de incorporação é produzido pelo governo oriental para mostrar que as divisas do Imperio não principiam em Castilhos Grandes, e vão têr ao Arapehy, mas sim em Chuy, Jaguarão, Coxilha de Santa Anna e Quarahim, embora o governador de Buenos-Ayres taxe a incorporação de nulla, attribuindo-a á violencia e coacção das baionetas do visconde de Laguna : Parece ás secções que o tratado de 1777 deixou de ter vigor desde 1801, e que as divisas entre o Imperio e a Republica Oriental são as marcadas no acto de incorporação. E se em algum tempo o governo de Montevidéo se retractar d'estas divisas, que tem authenticamente reconhecido, aproveitará o Imperio no *uti possidetis* de 1810, que não offerece a questão dos campos medidos, ou melhor ainda a convenção de 1819.

« Paço, em 18 de Março de 1847.—*José Joaquim de Lima e Silva.— Visconde de Olinda.— Bernardo Pereira de Vasconcellos.— Visconde de Mont'Alegre. — Honorio Hermeto Carneiro Leão. — Francisco Cordeiro da Silva Torres.— Caetano Maria Lopes Gama.* »

Consultado o conselho d'Estado pleno, pela resolução imperial de 12 de Maio, foi do mesmo voto.

notaveis d'aquelle periodo que lhe era indispensavel filiar-se na grande familia dos Estados europêos regidos por identica instituição. E' certo que esse erro de apreciação teve logo fatal desangano na guerra que o imperio houve de sustentar contra a republica de Buenos-Ayres entre os annos de 1825 a 1828, sendo que foi da parte da Inglaterra, da França e dos Estados-Unidos que lhe vieram os maiores estorvos ás suas operações maritimas, mas nem por isso as mesmas convenções deixaram de ter realidade sob o aspecto mais deploravel para os interesses do paiz.

Esses funestos precedentes produziram uma reacção, reacção aliás exagerada, durante a maioridade relativamente á celebração de novos contractos internacionaes ; foram todos então fulminados pelo governo, e pelas camaras, indo de envolta n'essa hecatombe o que havia sido accordado com o Chile em 1838 mediante clausulas equitativas, de toda a reciprocidade, e conducentes a estabelecer uma alliança intima entre o Imperio, e aquella republica.

Depois da declaração da maioridade a solução das questões internacionaes desenha-se por uma physionomia nova, mais energica e mais cultivada. Os principios sobre bloqueios tendentes a dar todas as garantias ao commercio dos neutros, e a regular os requisitos de sua effectividade que haviam sido consagrados no art. de 21 de Agosto de 1828 addicional ao tratado de 8 de Janeiro de 1826 com a França, na convenção de 12 de Dezembro d'aquelle anno com a União Americana, e em outros despachos do governo imperial durante a citada guerra de 1825 com a Republica Argentina, foram mais expansivamente consagrados nos tratados d'essa épocha. A livre navegação dos rios para os Estados ribeirinhos, ou para os não ribeirinhos, mediante ajustes especiaes, doutrina esta heterodoxa da opinião dos antigos publicistas, e da pratica das grandes

nações da Europa ainda depois das estipulações do congresso de Vienna, tiveram tambem seu lugar no direito publico brasileiro do mesmo tempo. A abolição do corso de accordo com os preceitos do congresso de Pariz, e a adopção do *uti possidetis* como meio conciliatorio de deslindar as velhas e emmaranhadas questões de limites, mesmo com qualquer detrimento de nossos direitos, foram assignalados triumphos d'essa politica sensata e esclarecida. A opportuna e indispensavel intervenção nas questões do Rio da Prata quando perigava talvez a integridade do Imperio por aquella raia, e quando era urgente sustentar contraa ambição de Rosas a autonomia d'aquelles Estados pela fórma por que se achavam constituidos, são tradições gloriosas de que o Imperio com razão se ufana, porque com essa intervenção abatemos o colossal poder do mesmo dictador, e démos ás referidas republicas evidentes penhores de nossa lealdade e vistas altamente desinteressadas, pelo procedimento nobre e generoso com que zelámos o desenlace d'esse acto.

Em referencia á França e á Inglaterra pautaram as nossas relações pela norma da mais franca cordialidade. Adherindo á inoccupação do *Amapá* com prejuizo da posse immemorial em que estavamos d'esse territorio, e posteriormente enviando a Paris um distincto estadista com a missão de resolver a questão do Oyapoc sob as bases as mais generosas, exhibimos perante o governo francez plena prova de nossas intenções amigaveis para que se puzesse fim a essa antiga pendencia sobre limites.

De igual modo nos houvemos relativamente á Grã-Bretanha; tambem concordámos na inoccupação do *Pirára* a despeito do nosso bom direito ao uso d'essa zona, e no mesmo momento em que suas esquadras praticavam, a pretexto da repressão do trafego de escravos, inauditas violencias em nossos portos, e em nosso litoral, jámais nos escusámos

a tratar sobre esse objecto uma vez que se nos offerecessem clausulas condignas de nossa soberania, e sympathicas á segurança e interesses da navegação brasileira.

Nem por motivo d'essas arbitrariedades, que profundamente feriam o pundonor nacional, procedêmos a qualquer retaliação no commercio, ou nas pessoas dos subditos britannicos, os quaes, seja dito em honra do paiz, continuaram tranquillamente no manejo de suas transacções, e no pleno gozo de todas as garantias sociaes, emquanto que o cruzeiro da sua nação infestava nossas costas, e o parlamento inglez promulgava o famoso *Bill Aberdeen!*

Pondo assim em relevo os importantes triumphos conseguidos pela sensata politica a que alludimos, é justo, além d'isso, consignar, com relação especialmente aos Estados do Prata e aos tratados de 1851, que não foram elles faceis, nem isentos de perigos.

As condições do paiz n'essa épocha eram bastante graves; a questão do trafego de escravos preoccupava os espiritos, as violencias britannicas com relação a esse objecto traziam em alarma o gabinete imperial, e os temores de uma crise agricola pela falta de braços não eram uma das menores contrariedades d'esse tempo.

Por outro lado Rosas havia zombado das intervenções européas, de suas esquadras e de seus soldados; tenaz na resistencia, se não lhe era dado vencêl-os pela força, subjugava-os pelas astucias de sua politica, pelas delongas, e pelas medidas de extorsão e arbitrariedade.

Dest'arte desembaraçava-se primeiro da Grã-Bretanha, e pouco depois da França. Cinco longos annos durou essa intervenção, e os tratados de 1849 e 1850 não foram por sem duvida despojos opimos de tão enormes sacrificios.

Era n'estas circumstancias que o Brasil fôra obrigado a intervir nos negocios do Rio da Prata; para esse fim dis-

puzeram-se com antecedencia nossos meios de ataque, desviou-se com firmeza os obices que a Inglaterra tentou oppôr-nos a titulo de mediadora do tratado de Agosto de 1828, logo que lubrigou os intentos do gabinete imperial, e finalmente no curto prazo de mezes, e sem abrir brecha nas finanças publicas, levámos nossas armas a Monte Caseros e abatemos na brilhante jornada de 3 de Fevereiro o poder colossal do dictador Rosas.

Os resultados d'essa intervenção foram a independencia da republica do Paraguay, a conservação da do Estado Oriental, o mallogro da projectada invasão da provincia de S. Pedro, a paz para todos os estrangeiros domiciliados nas regiões do Prata, a livre navegação dos rios, e a terminação da secular questão de nossos limites com o Estado Oriental.

E outorgámos todos esses beneficios aos Estados Platinos sem o sacrificio de uma pollegada de seu territorio, sem a minima quebra de seus direitos soberanos e autonomia. Aos homens politicos do Imperio que dirigiram e levaram a o cabo essa cruzada não faltarão os elogios da posteridade (66).

Nem ha parcialidade n'esta apreciação, porque as glorias nacionaes não são o apanagio das seitas politicas, pertencem ao paiz inteiro; e um dia, quando a historia as memorar, não ha de attribuil-as ao esforço dos partidos, mas dirá comnosco:

— Honra aos brasileiros que escreveram a mais bella pagina de nossas tradições internacionaes.

(66) O ministerio d'essa epocha era assim composto: presidente do conselho e ministro do imperio, visconde de Mont'Alegre; da justiça, Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara; de estrangeiros, Paulino José Soares de Sousa; da fazenda, Joaquim José Rodrignes Torres; da guerra, Manoel Felisardo de Sousa Mello; e da marinha, Manoel Vieira Tosta.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS DISTINCTOS POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

CONEGO LUIZ ANTONIO DA SILVA E SOUSA

Grande numero de biographos e chronistas do nosso tempo mais se comprazem em fazer graciosas cortezias aos coevos, ou aggredir apaixonadamente os contemporaneos, porque desdenham saudar os bustos venerandos dos que já não existem, e por demais enfadonho folhear no livro do passado!

Fallar do que já não é, occupar-se de quem não póde agradecer, esteril e improficua tarefa parecerá a muitos.

Não sei em que autor li eu, que referindo-se a um biographo de personagens contemporaneos, auferia por estas palavras o seu talento de lisongear:

« Uma das maiores e mais vergonhosas fraquezas do espirito humano consiste na bajulação, que faz render homenagem, nem sempre devida, aos homens que ainda vivem, ao passo que ficam deslembrados os sabios, e virtuosos varões a quem a morte roubou o triste espectaculo das miserias humanas! »

Solemne condemnação contra os aduladores, e contra os que dão mais valor ás horas que correm do seu relogio do que aos lustros e seculos, que se escoaram.

Não estou, graças a Deus, incurso n'esta sancção penal, porque venho fallar-vos de um morto.

Aqui estou, para lembrar-vos um nome que honrou as sciencias, que cultivou as letras, e que a modestia não

consentiu que sahisse da honesta e decente obscuridade a que se condemnou; porque o personagem de que vou fallar-vos, senhores, elevando-se muito por seu proprio merecimento, sempre desdenhou as frivolidades da vaidade humana.

Não é tambem a sua biographia que venho recitar-vos; porque apenas vos posso dar uma breve noticia do conego Luiz Antonio da Silva e Sousa; outro mais habil artista que desenhe e complete o retrato d'aquelle, que por sem duvida é merecedor de um lugar distincto na galeria dos nossos homens illustres.

Chronista, poeta, orador sagrado, e patriota, elle figurou tambem entre os membros honorarios da illustrada associação perante a qual tenho a honra de estar.

Perdoar-me-heis, se não posso prestar toda a homenagem devida a tão distincto cidadão.

O nascimento do conego Luiz Antonio nada teve de notavel; seus titulos honorificos e empregos foram, sem que cousa alguma solicitasse, todos quantos podia por seu merecimento alcançar em uma provincia remota do Imperio, onde sempre viveu, e a cujos interesses dedicou-se até sua morte com real saber e exemplar probidade

Para muitos é tudo, que o homem occupe na sociedade em que vive uma eminente posição; pouco vale que seja individualmente um sabio, um varão de exemplares virtudes, se elle não exhibe brasões e pergaminhos, se o ruido da fama não acompanha seu nome.

Apresentai alguem na sociedade, e logo vos perguntarão de quem é filho, qual a sua posição, qual a sua fortuna!

Não quero fazer violencia á sociedade; vejo-a, como ella é, e internamente faço votos para que seja melhor.

Luiz Antonio não é de origem fidalga e descendente de casa millionaria; seu pai Luiz Antonio da Silva e Sousa e

sua mãi Michaela Archangela da Silva não sentiram correr em suas veias sangue que não fosse plebêo : nasceu elle em 1764 no antigo arraial do Tijuco de Serro Frio, freguezia pertencente á comarca da Villa do Principe, do bispado de Mariana.

Na terra do seu nascimento cresceu e desenvolveu-se ao ar puro e animador d'essa natureza tão bella e magestosa, e ao espectaculo imponente das serranias do *Hiviturahy*.

Pouco sei contar dos seus primeiros annos ; seus pais ou foram mineiros ou agricultores: o que é certo, é que o menino Luiz Antonio, revelando todos os dotes de uma bella intelligencia, e denunciando natural pendor para o estudo, era o ai-Jesus da familia, e merecia todas as attenções.

E' facil de prever que recebeu esmerada educação ; não fallo da educação domestica, que esta seria mais severa e religiosa do que a dos nossos dias ; mas da educação litteraria, que n'aquelle bom tempo, porque tanta gente suspira, consistia na aprendizagem das primeiras letras e no estudo da grammatica latina.

Não eram a muitos permettidos os estudos superiores. Estes, como é sabido, consistiam em algumas aulas avulsas de rhetorica e philosophia, creadas de ordinario nas sédes das capitanias.

O regimen colonial não consentia que a intelligencia dos filhos do Brasil tivesse alimento mais succulento. Era pois forçoso conformarem-se com isso aquelles, que não podiam mandar seus filhos á metropole.

E' porém certo que n'esse tempo estudava-se latim, e seja dito de passagem, sem offensa do regimen liberal das nossas escolas, e sem injuria dos methodos de ensino moderno, ensinava-se, aprendia-se e sabia-se.

O joven Luiz Antonio fez tão rapidos progressos no estudo

dos classicos latinos que tornou-se, por assim dizer, o terror das sabbatinas e a delicia dos mestres.

O seu gosto pela lingua do Lacio muito concorreu, para que previamente fosse determinada no conselho da familia a carreira que elle devia professar.

Um moço intelligente que n'esse tempo sabia conviver com os Terencios, Horacios e Virgilios devia por força dos costumes de então ser sacerdote : parece que hoje, ao envez de então, com excepções honrosas, vejo succeder o contrario.

Em compensação, se o progresso intellectual e moral vai em decrescimento, o desenvolvimento material marcha triumphante e vai assumindo importancia e preferencia.

Não comparemos o espirito religioso dos outros tempos, com o que se vê hoje : o quadro é doloroso.

Outr'ora o claustro e o presbyterio tinham em pé fortes columnas, a fé religiosa ainda vivificava o coração do povo, o culto era uma verdade, porque havia apostolos, e os sacerdotes comprehendiam a sua missão divina.

Hoje os templos se derrocam, a casa de Deos está deserta de fieis, o tabernaculo é assaltado pelos mercadores, e os levitas trocam as glorias do céo pelos prazeres do mundo.

E' uma lastima dizêl-o para vergonha.... nem sei de quem, que tantos são os culpados.

O projecto de fazer sacerdote o joven latinista foi por todos bem visto e applaudido.

E elle, á força de ouvir fallar no seu futuro destino, tomou amor pela profissão ecclesiastica ; e de uma vez por todas ficou assentado na familia que Luiz Antonio seria padre.

Que gloria para elle, e para a familia! Quem era que não desejava então ter um filho seu no convento, ou no seminario?

Sonhando um futuro cheio de gloria para si, e para os seus, Luiz Antonio deu os primeiros passos para a sua ordenação: occorreram porém taes embaraços, que não conseguiu poder habilitar-se com as primeiras ordens.

De que natureza fossem esses embaraços, não consta precisamente; falla-se, que certo artigo *de vitæ et moribus* o denunciára como descendente do nosso primeiro pai por linha amaldiçoada.

Avalio a surpreza e desgostos, que teria Luiz Antonio, vendo indeferida sua pretenção á carreira do sacerdocio sob pretexto de ainda lhe correr nas veias um atomo de sangue de algum dos decendentes da filha amaldiçoada de Noé.

O desgosto cedeu naturalmente lugar á reflexão; a contrariedade assoberbou-lhe os desejos; elle queria, era dotado de resolução, lutou e venceu.

Seus pais resolveram, que Luiz Antonio fosse a Lisboa, e d'alli a Roma, a metropole do mundo catholico, a dispensadora das graças espirituaes.

Alli estava, quem podia revogar a iniqua sentença, que o punha fóra da communhão da sociedade christã, fazendo da carreira ecclesiastica uma questão de raça, um privilegio de côr.

Assim succedeu effectivamente.

Luiz Antonio foi canonicamente ordenado presbytero secular na curia romana com beneplacito regio, dado pelo ministro plenipotenciario de S. M. Fidelissima, que então estava acreditado junto á côrte romana.

Esta circumstancia é uma das mais memoraveis da sua vida.

Luiz Antonio fallava sempre com certo orgulho d'esse episodio, que commentava alegremente, e com o espirito satyrico, de que era dotado.

Presbytero secular do habito de S. Pedro, sua missão em Roma estava concluida: voltou pois a Portugal, afim de fazer alguns estudos, que ainda lhe faltavam.

Tempos depois d'alli chegado, soube que a capitania de Goyaz tinha sido dotada com uma cadeira de latim, e que esta achava-se em concurso.

Perto está Goyaz do seu paiz natal: approximando-se a epocha de regressar ao Brasil, convinha-lhe voltar empregado. O magisterio é uma profissão distincta e independente: razão sobeja, para que pretendesse ser provido na cadeira.

Varios candidatos disputavam o lugar; o padre Luiz Antonio inscreveu-se na pauta dos concurrentes, levando por unica recommendação o seu merecimento. Um candidato brasileiro era sempre objecto de estranhezas e commentos.

Por isto o concurrente poucos receios e cuidados inspirava aos que tinham por si os sabios conspicuos da Mesa da Consciencia e Ordens.

Tambem o nosso joven presbytero comprehendia bem a sua falsa posição, por ver quanto já n'esse tempo, senão em todos os tempos, podia o empenho, a caballa, e o espirito de nepotismo: sobretudo era colono, e a metropole sabia ser zelosa dos privilegios e prerogativas dos seus filhos legitimos.

Entretanto teve lugar o concurso.

O joven latinista surprehendeu a todos pelo seu profundo conhecimento da lingua, que lhe era tão familiar quanto a portugueza.

Não foi um simples concurso: foi um renhido certamen entre o candidato e os examinadores. Os outros concurrentes ficaram á margem desde as primeiras provas.

Se Luiz Antonio não fosse nomeado, seria não só injustiça como um grande escandalo.

Foi pois nomeado.

O professorado como todos os officios não tinha ainda provimento vitalicio: Luiz Antonio foi provido na cadeira por tres annos, e voltou ao Brasil.

Chegado que fosse a Goyaz dedicou-se todo aos interesses da capitania.

Alli, onde viveu até sua morte, occupou varios e importantes cargos, para os quaes era preferido pelo seu talento, saber, e virtudes.

Na hierarchia ecclesiastica chegou á posição de governador do bispado de Goyaz em *sede vacante*, como vos passo a contar.

A prelazia de Goyaz teve entre outros prelados a D. Antonio Rodrigo de Aguiar, bispo titular de Azoto, nomeado para substituir a D. Vicente Alexandre de Tovar, que em viagem para sua diocese falleceu em Piracatú em 1808. Porém aquelle prelado como todos os seus antecessores não chegou tambem a ver Goyaz, por ter findado seus dias em Iguassú quando em 1818 se recolhia á sua diocese.

Tendo tomado posse da prelazia por procuração em 1811, nomeára governador para ella ao reverendo padre Vicente de Azevedo Noronha e Camara, a quem deu plenos poderes até para delegar e resignar o poder em outras mãos, caso assim fosse necessario.

Fallecendo o padre Vicente de Azevedo, deixou no governo ao padre Luiz Antonio, o qual tomou posse em 12 de Novembro de 1818, e n'este cargo foi confirmado pelo bispo de Castoria, D. Francisco Ferreira de Azevedo, que succedendo a D. Antonio foi o primeiro que serviu effectivamente o pastoral officio.

O mesmo D. Francisco o nomeou depois provisor e vigario geral da prelazia.

Durante todo o tempo em que na qualidade de governador dirigiu os destinos da diocese houve-se com tanta prudencia, saber e caridade, que qualidades tão apreciaveis lhe grangearam geral consideração, respeito e estima.

Estes sentimentos se manifestaram na primeira e mais solemne occasião.

Em 1821, feita a eleição dos deputados ás côrtes constituintes de Lisboa, foi elle um dos eleitos conjunctamente com o ouvidor da comarca de S. João das Duas Barras, o desembargador Joaquim Theotonio Segurado.

E' sabido, que essa eleição, bem como a da constituinte brasileira, foram talvez as unicas eleições livres que se fizeram no paiz : e pois póde-se dizer, que os eleitos foram a expressão da livre vontade dos comicios eleitoraes,e assim para elles mais honroso o mandato.

Não pôde o padre Luiz Antonio tomar assento nas côrtes de Lisboa ; chegando tarde ao Rio de Janeiro, previu logo as consequencias do movimento politico, que por toda a parte se activava : julgou inutil seguir e mais acertado esperar.

Acclamada a independencia, voltou a Goyaz, onde continuou á viver sempre dedicado a causa publica, já na qualidade de professor de latim e depois de rhetorica, já exercendo outros cargos de confiança.

Por virtude da carta de lei de 20 de Outubro de 1823, foi nomeado membro do conselho da provincia, e no exercicio das funcções inherentes a tão importante cargo prestou com suas luzes relevantes serviços desde 1825 até 1832.

Em 1831 por occasião da abdicação do primeiro impe-

rador, e com a retirada do presidente, que então era o marechal Miguel Lino de Moraes, sendo vice-presidente do conselho assumiu as redeas da administração.

Em tão criticas conjuncturas, seu tino e o respeito que merecia muito concorreram para o restabelecimento da ordem, profundamente alterada na capital, sendo por isto o marechal Miguel Lino obrigado a pedir seus passaportes, e retirar-se para fóra da provincia.

Creadas as assembléas provinciaes para substituirem os conselhos de provincia, nunca deixou o padre Luiz Antonio de ter uma cadeira na representação provincial, e quasi sempre era escolhido para dirigir os seus trabalhos.

Teve as honras de conego da imperial capella, e por distincção de serviços o habito da ordem de Christo.

Prégador notavel, a sua voz sentenciosa e grave foi muitas vezes ouvida nas occasiões solemnes com applauso e veneração dos fieis ; escriptor publico, elle collaborou na *Matutina Meiapontense*, primeiro jornal que se publicou em Goyaz, e cuja fundação se deve ao zelo pela causa publica de que em todas as épochas da sua vida deram provas o coronel Joaquim Alves de Oliveira e o conego Luiz Gonzaga de Camargo Fleury.

N'esse jornal advogou elle com energia a causa dos interesses nacionaes e das liberdades publicas, na crise maior por que tiveram ellas de passar durante o ultimo periodo do primeiro reinado.

Grande numero de memorias e monographias foram por elle escriptas sobre diversos ramos do serviço publico : a catechese e civilisação dos indigenas, a navegação dos rios, a colonisação e desenvolvimento do commercio e da industria, a exploração das minas, a cultura das terras, foram os assumptos que, em relação a Goyaz, mais occuparam o seu cultivado engenho.

Consultado de ordinario pelos governadores e presidentes de seu tempo nas questões mais graves da administração, por confiarem na sua pratica dos negocios, no conhecimento que tinha dos homens e das cousas, seu voto era sempre considerado de qualidade.

Modesto do seu saber,nobre pelo seu caracter, estimado pelas suas virtudes, perfeitamente justo e caridoso, custava a tolerar as injustiças do seu tempo : os impulsos e sentimentos generosos do seu coração revoltavam-se contra as iniquidades que via praticar.

Sempre alegre e accessivel era as delicias da sociedade que frequentava, já pelos seus ditos espirituosos, já pela sua conversação abundante e amena.

Como poeta compôz numerosas obras. Querendo avalial-o no seu colloquio com as musas, procurei colleccionar suas composições.

Dispersas e truncadas andavam ellas pela memoria já fraca e cansada dos homens do seu tempo.

Nas minhas pesquizas poucos foram os originaes que pude colher : o poeta antes de fallecer, conhecendo que proximo estava o dia em que devia dar contas dos seus actos no tribunal da eterna justiça, reuniu todos os seus versos e condemnou-os a um auto de fé.

As chammas devoraram as melhores producções do seu fecundo engenho.

Sacerdote, receiava que a posteridade julgasse mal do seu caracter pela apaixonada convivencia em que esteve sempre com as nove irmãs, pelo caracter nimiamente profano de grande parte de suas producções poeticas.

Assim desappareceram quasi todos os originaes ; mas a memoria dos seus amigos e discipulos pôde conservar em parte o que as chammas haviam devorado.

Foi depois de muito tempo, e de verdadeiro empenho,

que pude conseguir collecccionar algumas poesias sagradas e profanas e com ellas formar um pequeno volume.

Para que possais ajuisar do seu talento poetico, permitti que aqui vos apresente alguns excerptos das suas composições.

No genero satyrico foi abundante ; mas apenas estou de posse de algumas peças truncadas de versos, que escreveu contra um celebre ouvidor Antonio de Liz, e um tradicional vigario da vara, especie de inquisidor-mór, iroso e fero, obeso e descommunal.

Fallando de Antonio de Liz, e congratulando-se pela sua demissão, depois de ter em outras composições anteriores açoitado-o com o latego da satyra, diz :

Graças dou ao céo contente;
Goyaz o grilhão sacode,
E resgatado já póde
Respirar alegremente:
Já chegou Mourão prudente,
Que promette doce paz,
E tu, Liz, como demo vaz....
Que foste além de tyranno
O ouvidor mais cigano,
Que já pisou em Goyaz.

. . . .

A toga, insignia honrada,
Por outros mui bem cingida,
Por ti, maroto, vestida,
Se vê vilipendiada,
E a côr muda : — quanto a mim
Com o teu ar de malsim
Ser mostras em seca e Meka
Um espantalho de beca,
Um ouvidor beleguim.

Em outra occasião commemorando, umas celebres correições :

Qual bruto bravo e sem freio
Giraste a capitania,
E sagaz em claro dia
De roubar achaste o meio ;
Sem temor, de vicio cheio,
Sem honra, sem Deos, sem lei,
Fizeste quanto bem sei,
Furtaste por modo novo,
Flagellaste este bom povo
Contra as intenções de el-rei.

Mestre de saber armar
Estratagemas felizes,
Usurpaste dos juizes
Quanto podeste usurpar ;
Com Abrêo e Bacellar
Assombraste os corações
Nas malditas correições,
Que foram contra a justiça
Ou conluio de cobiça,
Ou quadrilha de ladrões.

Contra o vigario da vara, que incorreu nas suas iras e da população pelos excessos que praticava, escreveu este soneto :

Um vigario da vara circumspecto
De costas largas e gargalo grosso,
Cuja barriga iguala com o pescoço,
Que de inchada bexiga tem o aspecto,

De Boróró e Guaycurú bisneto,
Nascido em Cuiabá, de inercio poço,
Pensou encontrar mina de caroço
Na vara que empalmou, inda que inepto.

Com ella investe a pobre clerezia
Com arrancos de bruto indiabrado,
Vibrando suspensões de noite e dia

Não para o mono de furor levado,
E se álgum padre a carne se arripia,
Está *ipso facto* excommungado.

Em um outro soneto, que não tenho completo, conclue elle o retrato do vigario da vara do seguinte modo :

Um dragão fero de sotaina e corôa,
Eis aqui por desgraça d'esta gente
O vigario da vara em Villa Bôa.

Em outros generos de poesia é Luiz Antonio superior.

Em honra ao governador Manoel Ignacio de Sampaio escreveu elle algumas odes de subido valor poetico. Compôz elogios dramaticos no gosto da epocha, e citarei particularmente o que se refere á acclamação do Sr. D. João VI, intitulado — *A Discordia Ajustada* — o qual foi impresso em 1819 na imprensa régia.

Escreveu um sem numero de poesias sagradas, algumas das quaes estão em meu poder e são de excellente quilate.

No improviso era feliz, e no genero lyrico, que pouco cultivou, póde concorrer com os poetas de maior valia.

Para concluir o que tinha a dizer do poeta, permitti que vos chame a attenção para algumas estrophes de uma ode que offereceu ao ultimo governador de Goyaz, que era sem duvida merecedor dos seus elogios.

Nem sempre pavorosos e enlutados
Estão os horizontes,
Os fogosos Ethontes
Tascando duros freios argentados,
Depois da noite tenebrosa e fria
Aos miseros mortaes trazem o dia.

Nem sempre ao grilhão preso da tristeza
Devo gemer afflicto,
Tambem hymnos repito,
Vendo que se remoça a natureza;
Que nasce a boa ordem que contemplo,
E que deve aos vindoros dar exemplo:

Oh que incentivo, que prazer celeste
O coração me inflamma!
A verdejante rama
Pel-os prados, e bosques se derama,
E noto em toda a parte n'este dia
Espalhado a encanto da alegria.

Tornemos a tocar a eburnea lyra,
Que nas mãos me puzéra
Na fresca primavera
De Admeto o Numen, que meu canto inspira:
Das cordas de ouro novos sons tiremos,
E versos, que amor dita, ao céo mandemos.

Mandemos de Sampaio o nome e a fama
Ao templo da memoria;
Nas paginas da historia
Seus factos immortaes, que o mundo acclama,
Gravemos em padrões, se nosso canto
Sem engenho e sem arte puder tanto.

Se herdar de altos avós honra e memoria
Já o faz respeitavel,
Inda é mais memoravel,
Inda mais digno de perpetua gloria
Quando, sem dependencia dos maiores,
Por si mesmo é credor de mil louvores.

Com grande lição dos poetas da lingua portugueza, e dos gregos e latinos, alguns dos quaes verteu para a lingua vernacula — escrevia e improvisava versos com summa facilidade.

Falla-se de uma traducção sua da *Jerusalem* de Tasso, e dos *Tristes* de Ovidio, as quaes se suppôem terem entrado no inventario dos papeis que foram entregues ás chammas, pouco antes da sua morte.

Dos seus trabalhos só existem impressos um trabalho estatistico sobre Goyaz, e a *Memoria* sobre o descobrimento, população, governo e cousas mais notaveis da capitania, que escreveu em 1812 a pedido da camara municipal da capital.

Este trabalho sem duvida muito interessante pela grande luz que derrama sobre a historia de Goyaz, foi copiado por Pizarro nas suas Memorias, impresso no jornal *Patriota*, que em 1813 e 1814 se publicou n'esta côrte, no *Jornal de Coimbra*, e finalmente transcripto na *Revista Trimensal* do Instituto Historico.

A estes importantes trabalhos deveu elle ser honrado em 1839 ou 1840 com o titulo de membro honorario d'esta associação, honra que sem duvida mereceu, porque foi um incansavel obreiro do progresso do seu paiz, e nunca pediu que lhe creassem uma reputação, porque fêl-a por si mesmo no serviço da patria: e mais avulta no meu conceito seu grande merecimento, por que foi modesto do seu saber e dos seus serviços.

Eis quanto, senhores, vos posso dizer do conego Luiz Antonio da Silva e Sousa, nosso illustre consocio, que falleceu na cidade de Goyaz em 30 de Setembro de 1840 na idade de 76 annos.

A provincia de Goyaz considera-o como seu natural, e lá homem algum deixou, baixando á sepultura, mais pungente saudade, memoria mais venerada.

Este é seu maior elogio, seu melhor titulo de gloria.

Côrte, 3 de Novembro de 1863.

J. M. Pereira de Alencastre.

TYP. DE PINHEIRO & COMP.— RUA SETE DE SETEMBRO N. 159.